

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Kátia Maria Pacheco Saraiva

**TEMPOS DE TESSITURAS INTERGERACIONAIS:
uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória"**

Belo Horizonte
2020

Kátia Maria Pacheco Saraiva

**TEMPOS DE TESSITURAS INTERGERACIONAIS:
uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória"**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira

Área de Concentração: Processos Psicossociais

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S242t	<p>Saraiva, Kátia Maria Pacheco</p> <p>Tempos de tessituras intergeracionais: uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória" / Kátia Maria Pacheco Saraiva. Belo Horizonte, 2020.</p> <p>176 f. : il.</p> <p>Orientadora: Jacqueline de Oliveira Moreira</p> <p>Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Psicologia</p> <p>1. Relações entre gerações. 2. Jovens. 3. Idosos. 4. Interação social. 5. Convivência. 6. Memória autobiográfica. 7. Memória coletiva. 8. Poços de Caldas (MG) - história. 9. Extensão universitária. I. Moreira, Jacqueline de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>CDU: 301</p>
-------	--

Kátia Maria Pacheco Saraiva

**TEMPOS DE TESSITURAS INTERGERACIONAIS:
uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória"**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Processos Psicossociais

Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas (orientadora)

Profa. Dra Luciana Kind do Nascimento – PUC Minas (Banca Examinadora)

Profa. Dra Maria Ignez Costa Moreira – PUC Minas (Banca Examinadora)

Profa. Dra Beltrina da Purificação da Côrte Pereira – PUC São Paulo (Banca Examinadora)

Profa. Dra Vera Maria Antonieta Tordino Brandão – PUC São Paulo (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 03 de abril de 2020

Aos meus amados pais Consuelo e Célio presença amorosa na minha vida e que sonharam este trabalho junto comigo. Aos meus avós que me ensinaram de forma afetuosa o valor da avosidade. Minha eterna gratidão a vocês por tantas coisas herdadas, sobretudo o Amor.

AGRADECIMENTOS

Como Cora Coralina, acredito que estamos no mundo para “criar a vida, sempre, sempre e dela fazer um poema” ou quem sabe fazer dela uma tese. Quando penso nos agradecimentos a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte deste momento de criação, lembro-me de uma frase da canção de Leoni: “Porque a gratidão é a memória do coração”. Então, o que posso dizer, neste momento, é que estou cheia de memórias do coração. Não tenho dúvidas de que o mais especial que tive ao longo desse processo foram os encontros com as pessoas, alguns foram breves, outros intensos e cheios de sentido, mas todos foram importantes para que esse percurso fosse cheio de vida, de colheita, de poesia, repleto de memórias do coração, enfim de gratidão.

Não poderia deixar de iniciar os agradecimentos por aqueles que estiveram junto a mim nessa viagem de “Sacudir a Memória”. Jovens e idosos(as), que são coautores desse trabalho que, desde o início, acreditaram, como eu, na potência dos encontros e se abriram para esse acontecimento. Obrigada aos idosos(as) por sua generosidade em compartilhar suas histórias de vida; vocês sempre me ensinam sobre o envelhe-ser. Obrigada aos jovens pela dedicação e por se permitirem viver essa rica experiência, essa outra forma de aprender; vocês me dão a esperança de ver uma vida melhor no futuro. Gratidão a todos e a todas pela parceria, pelos belos e ricos encontros, cheios de sentido e afeto. Vocês são memórias do coração.

À Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira, minha orientadora, pelo carinhoso apoio e palavras de incentivo. Suas orientações fizeram com que eu acreditasse mais em mim para que eu pudesse experimentar a liberdade de criar, que me permitiram vislumbrar caminhos impensáveis para este trabalho. Gratidão Jac, por esse nosso encontro potente e frutífero, que venham outros mais.

À Dra Luciana Kind do Nascimento e à Dra Maria Ignez Costa Moreira, por suas preciosas contribuições que enriqueceram ainda mais meu trabalho. Agradeço Luciana por suas aulas inspiradoras, Pitucha por precisas considerações e por compartilharem comigo esse momento especial de fechamento de um ciclo de trabalho para que outros possam se abrir.

À Dra. Beltrina da Purificação da Côrte Pereira, amiga, referência na área do envelhecimento, um presente tê-la na minha banca. Obrigada por seu apoio e por suas contribuições sempre valiosas e fundamentais. Gratidão por estarmos sempre nos alimentando com momentos especiais como esse.

À Dra. Vera Maria Antonieta Tordino Brandão, referência na área do envelhecimento, uma honra tê-la em minha banca. Gratidão pelo acolhimento e por sua generosidade em compartilhar saberes e apontar caminhos preciosos que pretendo seguir.

À Esther Cervini, amiga e parceira em tantos projetos de extensão. Sempre presente com seu apoio, carinho, competência profissional, com seu olhar de arquiteta sensível, que sempre me faz enxergar os espaços como lugares cheios de sentido.

À amiga Neyza Prochet, por toda amizade que construímos ao longo desses anos, por me acompanhar indiretamente, através de seus escritos, e diretamente nos poucos momentos que estivemos juntas, ao longo da elaboração desta tese. Suas contribuições foram precisas e iluminaram caminhos para criação efetiva deste trabalho.

À minha família, a qual sempre acreditou nas minhas escolhas, cada um a seu modo, mas com olhar de admiração, que me impulsionava a continuar, a despeito das minhas ausências necessárias para conclusão dessa jornada. Agradecimentos especiais as minhas primas-irmãs Rita, Ana Lúcia e Andrea. Às tias amadas Edileuza, Léa e Neide (in memoriam). Amo vocês!

Aos meus amigos e amigas de perto ou de longe, que sempre se fizeram presentes, e que, principalmente, compreenderam os vários momentos de ausências por vezes necessários para que essa jornada fosse concluída. Obrigada pela presença constante e carinho permanente, sou privilegiada em ter vocês.

Aos colegas e amigos (as) de trabalho do curso de Psicologia da PUC-Minas, campus Poços de Caldas, por me apoiarem e me incentivarem desde o início dessa jornada. Obrigada a vocês por toda a compreensão, carinho e cuidado.

À Carol, colega de classe e que vem se tornando uma amiga e parceira de aventuras. Gratidão por sua presença amiga na qualificação. Partiu para mais aventuras!

Ao Diego e Marcelo da secretaria da Pós-graduação, competentes, atenciosos e sempre dispostos a resolver, especialmente ao Diego que, por várias vezes, me ajudou com as papeladas do PPCD. Gratidão meninos!

À Pró-reitoria de Extensão da PUC-Minas (PROEX), que com seu apoio financeiro tornou viável a realização deste projeto. Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Minas por todo apoio para que realização desse trabalho fosse exitosa.

Aos cursos de Publicidade e Propaganda e Arquitetura e Urbanismo, muito obrigada pela parceria, que venham mais projetos para desenvolvermos juntos!

À Hadassa, pelos cuidados com a revisão da tese.

Ao Alex, por leituras atentas e por aquele help nas traduções.

Agradeço a Deus, porque é luz, fortaleza, proteção e sabedoria que dão sentido à vida.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que não de vir.

(Cora Coralina)

RESUMO

A questão da convivência entre gerações no contexto contemporâneo tem-se mostrado, cotidianamente, como um pertinente tema a ser investigado, pois estamos vivendo em um tempo em que os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de investimentos de tempo e esforço, têm-se tornado cada vez mais frágeis e temporários. Soma-se, a esse contexto, a questão do envelhecimento, pois estamos diante de uma sociedade cada dia mais longeva, o que irá ampliar a expectativa de convívio entre gerações, convocando-nos a inventar ou reinventar convívios intergeracionais. Diante desse panorama, surgiu a presente proposta de tese: “Tempos de Tessituras intergeracionais: uma reflexão sobre o projeto de extensão “Sacudindo a Memória”, cujo objetivo é compreender em que medida as experiências narrativas da memória autobiográfica da pessoa idosa funcionam como dispositivos relacionais entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos. A proposta de pesquisa nasceu a partir da prática de um projeto de extensão intergeracional e interdisciplinar que foi realizado, ao longo de dois anos, em uma cidade de médio porte no sul de Minas Gerais. Quanto ao público alvo, totalizamos vinte e dois jovens universitários, de ambos os sexos, compreendidos entre as faixas etárias de 19 e 36 anos, sendo dezessete alunos da graduação do curso de Psicologia, três alunos do curso de Publicidade e Propaganda e duas alunas do curso de arquitetura e urbanismo. Participaram também do projeto doze pessoas idosas ativas, com idades que variavam entre 65 e 92 anos, de ambos os sexos, de diferentes faixas de renda, de diversos setores da sociedade. Para produção dos dados, utilizamos as metodologias da observação participante, da história de vida, dos diários de campo e das entrevistas semiestruturadas. Trata-se, desse modo, de uma pesquisa qualitativa de orientação psicanalítica, cuja análise esteve orientada pela dimensão ética e pela busca da compreensão, não se bastando na mera explicação científica. Os resultados indicaram que a proposta socioeducativa extensionista intergeracional do “Sacudindo a Memória” diminuiu o preconceito etário de ambas as partes; criou um lugar confiável e comunicativo que favoreceu o convívio intergeracional; constituiu um importante canal de transmissão da “experiência cultural” dos idosos que se transformou em legado para as gerações; possibilitou mudanças não só em ações com relação ao envelhecimento e a velhice, mas, também, provocou a ressignificação das próprias experiências de vida, das práticas e do convívio; constituiu-se como uma prática educativa de formação mais humana e cidadã, promovendo a aprendizagem de “viver com o outro” e a possibilidade de refletir e de exercitar valores como cidadania e

solidariedade e, por fim, a proposta humanizou a cidade pensando-a como um espaço social aberto e potencialmente favorável ao convívio saudável, respeitoso e solidário entre as gerações.

Palavras-chaves: convívio intergeracional; espaço potencial; extensão e formação; cidade e memória.

ABSTRACT

The issue of coexistence between generations in the contemporary context has been shown, daily, as a pertinent topic to be investigated, as we are living in a time when inter-human ties, which previously wove a safety net worthy of time investments and efforts, have become increasingly fragile and temporary. Added to this context is the issue of aging, as we are facing a society that is increasingly long-lived, which will increase the expectation of coexistence between generations, calling us to invent or reinvent intergenerational relationships. In view of this panorama, the present thesis proposal arose: “Intergenerational Times and Texts: a reflection on the extension project “Shaking Memory”, whose objective is to understand the extent to which the narrative experiences of the elderly person's autobiographical memory function as relational devices between generations and their potential for reframing, transmitting, modifying and building intergenerational relationships between young and old. The research proposal was born from the practice of an intergenerational and interdisciplinary extension project that was carried out, over two years, in a medium-sized city in the south of Minas Gerais. As for the target audience, we total twenty-two university students, of both sexes, between the ages of 19 and 36 years old, being seventeen undergraduate students of the Psychology course, three students from the Advertising and Propaganda course and two students from the architecture and urbanism course. Twelve active elderly people, with ages ranging from 65 to 92 years old, of both sexes, from different income groups, from different sectors of society also participated in the project. To produce the data, we used the methodologies so called participant observation, life history, field diaries and semi-structured interviews. It is, therefore, a qualitative research with a psychoanalytic orientation, whose analysis was guided by the ethical dimension and the search for understanding, not being limited to the boundaries of scientific explanation. The results indicated that the intergenerational extensionist socio-educational proposal of “Shaking Memory” reduced the age negative preconception of both parties; created a reliable and communicative place that favored intergenerational interaction; it constituted an important channel for transmitting the elderly “cultural experience”, which has become a legacy for generations; it enabled changes not only in actions related to aging and old age, but also caused the resignification of life experiences, practices and living together; it was constituted as an educational practice of a more human and citizen formation, promoting the learning of “living with the other” and the possibility of reflecting and exercising values such as citizenship and solidarity and, finally, the proposal humanized the city thinking it as an

open and potentially favorable social space for healthy, respectful and supportive interaction between generations.

Keywords: intergenerational interaction; potential space; extension and formation; city and memory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jovens universitários que participaram do projeto.....	42
Quadro 2 - Idosos participantes do projeto	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 As primeiras histórias... Narrativas de si	14
1.2 Os primeiros tempos de criação e de construção de memórias.....	19
1.3 Trilhando caminhos investigativos.....	22
1.4 O caminho entre a extensão e a pesquisa... Percursos na construção e delimitação do objeto	23
1.5 Percursos metodológicos da pesquisa.....	26
2 A EXTENSÃO - Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações	38
2.1 O tema - O projeto intergeracional “Sacudindo a Memória”	40
2.2 Os personagens do projeto.....	40
2.3 O ambiente.....	43
2.4 Os Diversos Cenários	46
2.4.1 <i>O Cenário do Envelhecimento</i>	46
2.4.2 <i>Cenário Intergeracional</i>	47
2.4.3 <i>O cenário da Extensão Universitária</i>	50
2.5 O Projeto “Sacudindo a Memória” em movimento.....	52
3 A PESQUISA – Vidas e Histórias em movimento.....	72
3.1 Primeiro ato - a primeira entrevista a gente nunca esquece	83
3.2 Segundo ato – recicle sua mente... conte histórias e ressignifique memórias	95
3.3 Terceiro ato - Desenhando, redescobrimo, recriando a cidade viva da memória.....	115
4 EDUCAR PARA SER E ENVELHE-SER	134
5 Considerações Finais.....	155
Referências	162
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Idosos).....	173
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Extensionistas).....	175

1 INTRODUÇÃO

1.1 As primeiras histórias... Narrativas de si

Há histórias de todas as espécies. Algumas nascem ao serem contadas; suas substâncias são a linguagem e, antes que alguém as ponha em palavras, são apenas emoções. (Allende, 1991, p.189).

A escritora Isabel Allende tem razão ao dizer que contamos “histórias de todas as espécies”. Contamos histórias sobre a vida que vivemos, sobre lugares que conhecemos ou que ainda desejamos conhecer algum dia. Narramos histórias sobre as pessoas que encontramos ao longo da vida, as que amamos, as que perdemos e, sobretudo, as histórias que tratam das experiências que aprendemos com todas elas. Enfim, contamos histórias sobre saberes que aprendemos e os que pretendemos aprender. Sobre projetos de vida, de trabalho e de pesquisa que construímos ou que ainda pretendemos construir. Mas, por que contamos histórias?

Para a antropóloga francesa Michèle Petit (2009), a narrativa é uma necessidade antropológica, pois ao longo de nossa existência como humanos necessitamos contar, narrar e recontar para construir sentidos pessoais e coletivos. A autora cita Jerome Bruner (1990) para destacar essa necessidade de narrar: “parece que temos, desde o início da vida, uma espécie de predisposição para narrativa.” (PETIT, 2009, p.123).

Contar histórias é uma arte que nasce com o próprio homem pela necessidade de comunicação, de dar sentidos a sua vida e de construir um tempo humano que preserve conhecimentos adquiridos e que seja um importante meio de se relacionar com o outro. Independente da relação existente com o passado, toda história é uma narrativa organizada por alguém, que tem um autor ou autores que selecionam e articulam os registros da memória. Tem-se um conjunto de informações e lembranças particulares acumuladas por um indivíduo desde o seu nascimento, que possibilita a construção de um senso de identidade e continuidade, ou seja, um trabalho do tempo no tempo de uma vida. Mas, quando e como adquirimos a arte de contar histórias?

Essa pergunta me levou a pensar em três sentidos. Um primeiro sentido conduziu-me a revisitar minha trajetória de vida e tentar descobrir, no meio das minhas lembranças particulares, quando nasceu em mim o interesse por histórias, principalmente, por histórias de vida. O segundo sentido foi em direção a minha trajetória profissional, identificando experiências significativas, que forjaram o meu interesse por escutar histórias. E o terceiro foi

o de buscar, no meio acadêmico, um caminho teórico-metodológico que valorizasse e acolhesse essas narrativas. Encontrei, no campo das ciências humanas e sociais e nas pesquisas de base qualitativa, abordagens que se apoiam em relatos das histórias de vida lastreadas na memória. Nessa busca, deparei-me com o complexo desafio de articular e de entrelaçar esses sentidos através de uma escrita, que não só respeita a singularidade do autor, “uma escrita de si”, mas também que possa inter-relacionar saberes e práticas em direção à construção do conhecimento.

Penso que o trabalho de tese é uma “espécie de história”, que nasce da necessidade de narrar uma experiência investigativa e de contribuir para a construção de conhecimento sobre uma determinada temática. Penso que uma tese não pode ser reduzida ao ato de contar sobre o que foi armazenado, articulado e refutado por outros pesquisadores, pois não se trata de mera comprovação de uma dada teoria. Penso, sobretudo, que elaborar uma tese seja uma experiência narrativa criativa, pois os conceitos estão aí para serem redescobertos, reorganizados e recriados. Nesse sentido, concordo com o Winnicott (1989, p.136) quando diz: “Na área do processo intelectual de grau superior, é necessário encontrar uma alternativa para a verdade poética - é a isso que se dá o nome de pesquisa científica”. Mas como se constrói um caminho “alternativo para verdade poética”, ou seja, para pesquisa científica? Como conciliar um olhar e uma linguagem mais sistemática, pragmática e objetiva sobre o mundo, que é próprio da pesquisa científica, sem abrir mão do olhar e de uma linguagem mais criativa, subjetiva e repleta de significado e sentido sobre o mundo? Por onde começar a contar esta história?

Essa última pergunta me fez voltar ao começo da minha apresentação e, curiosamente, percebo que não foi por acaso que escolhi como epígrafe um pequeno recorte de conto da escritora e contadora de histórias Isabel Allende. Parei para reler e refletir sobre a origem de algumas das histórias quando Allende (1991, p.189) diz que as histórias “(...) nascem ao serem contadas; suas substâncias são a linguagem e, antes que alguém as ponha em palavras, são apenas emoções.” Nossa! Como essa frase faz sentido, pois as histórias que mais gosto de ouvir e de contar partem da vitalidade das experiências do cotidiano, das histórias de vida das pessoas e de experiências genuínas e repletas de emoção. E são justamente essas experiências que me instigam a buscar significados, que me despertam ideias e me motivam a construir projetos de investigação.

Penso que todo projeto de investigação científica parte tanto da necessidade que o homem tem de encontrar a verdade objetivamente percebida, que podemos chamar de verdade científica **sobre** a existência, quanto, também, da necessidade de encontrar a verdade

subjetivamente percebida, que é da poética **da** existência. Assim, ambas têm em comum a necessidade de apreender a realidade para poder transformá-la a fim de ter uma experiência criativa no mundo. Então, para começar a construir esse percurso narrativo, fui buscar inspiração tanto em Isabel Allende com sua verdade poética, quanto no psicanalista inglês D. W. Winnicott (1975), em seu artigo denominado: “A criatividade e suas origens”, em que ele diz:

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa - bebê, criança, adolescente, adulto ou velho - se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa (...). Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança (...), como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir (...) de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele. (WINNICOTT, 1975, p.100).

Na perspectiva “winnicottiana” a criatividade é algo intrínseco ao homem e ao viver, pois deixar sua marca pessoal é uma tarefa para toda a vida. Desse modo, o presente trabalho de tese partiu de um impulso criativo, de uma inspiração, que tomou a forma de um projeto de extensão e de pesquisa. Penso que o processo de elaboração de uma tese de doutorado pode ser uma oportunidade ímpar para vivenciar uma experiência intelectual criativa e deixar registrada uma marca pessoal no mundo. Mas por onde começar a escrever essa história?

Na passagem da narrativa oral para a escrita percebo o quanto mobiliza e faz emergir “(...) uma meta-reflexão que exige uma tomada de consciência em relação à narrativa oral (...)” (SOUZA, 2006, 142). Nesse momento de transição da narrativa, fiquei diante de várias interrogações que me conduziram aos três eixos da escrita apontados por Josso (2002, p.132): “(...) a escrita como arte da evocação, a escrita como construção de sentido e a escrita como investigação.” Percebi que esses eixos estão entrelaçados e não comportam fragmentações, pois foram tecidos juntos e compõe um enredo de vida. Aliás, representam experiências significativas, momentos chaves que determinaram escolhas, questionamentos sobre as aprendizagens e sobre padrões construídos ao longo do viver. Daí o trabalho de escrita ser tão desafiador, pois se assemelha a um trabalho artístico conforme a mesma autora diz: “(...) o artista sob os traços do contador, o autor sob os traços do biógrafo e o investigador sob os traços do intérprete (...)” (JOSSO, 2002, p.132). Diante desse complexo desafio narrativo, fiquei com várias questões: Quando nasceu meu interesse pelas histórias de vida? De onde vem meu interesse pela relação entre gerações? De onde vem minha inspiração para articular esses dois interesses? Em que e em quem me baseio para pensar da forma como penso? De onde vêm as ideias e em quem me apoio para fazer o que faço e da maneira como faço?

Diante de tantas perguntas e na tentativa de obter respostas, por meio de uma linguagem articulada, passei a evocar lembranças para estabelecer sentidos “(...) investigando recordações-referências como possibilidades de conhecimento e de formação ao longo da vida.” (SOUZA, 2006, p.143). Senti-me compelida a fazer uma viagem no tempo, ainda que de forma breve, revisitar minha história de vida, para descobrir como se originou o meu encantamento por histórias de vidas e pelas relações entre gerações. Voltei inevitavelmente ao lugar onde tudo começa - ao lugar de infância. Lá ouvi muitas histórias e as primeiras, geralmente, começavam com a seguinte frase:

- Era uma vez...

Essa frase lembra o tempo da infância, lembra o início e, geralmente, funcionava como ponto de partida para que uma história fosse contada. Ao ouvir essa frase, já criava uma expectativa para o que estava por vir. Assim, desde o início da minha vida fui apresentada ao mundo das histórias, principalmente dos contos de fadas. Entretanto, na medida em que crescia, as histórias que mais gostava de ouvir eram as histórias que começavam com:

- Naquele tempo...

Estas sim me pareciam mais interessantes, pois, geralmente, partiam das experiências de vida de pessoas reais, que vieram antes de nós, funcionavam como pistas deixadas por outros sobre caminhos percorridos e aprendizados vividos. Estas aguçavam meu senso de observação, despertavam a minha curiosidade e me encantavam. Assim, as histórias de vida e os acontecimentos da vida me foram apresentados em diversos lugares: no quintal à sombra da mangueira; na cozinha perfumada da minha avó Marita, nas cadeiras colocadas na calçada da rua em frente a casa dos meus avós. Ah! Lembro-me bem das férias escolares do meio do ano, nos meses de julho, no interior de Minas Gerais, quando reuníamos vários primos e primas na casa da tia Neide e do vovô Joaquim. Lá tive muita companhia para brincar e para ouvir histórias, principalmente, as da família. Estas eram contadas em diversos lugares: à beira do rio, na varanda da casa, no armazém do vovô, nas escadarias da porta da igreja tomando banho de sol. Nesses lugares escutei histórias de todas as espécies: sobre relações de amor, sobre acontecimentos e curiosidades da vida e sobre funcionamento e conhecimento das coisas. As histórias, na maioria das vezes, vinham quentinhas e saborosas, tinham gosto de bolinhos de chuva, de rosquinhas assadas no forno à lenha e sabores de frutas do quintal. Algumas delas foram contadas com tanto entusiasmo que me lembro até hoje. Ah! Quantas coisas aprendi por meio dessa transmissão intergeracional familiar. Compreendi, ao observar o álbum de fotografias de família, tanto o entrelaçamento de gerações e as minhas origens, quanto os tempos de muda ou de transição da vida: a adolescência, o casamento e o

nascimento de uma criança; aprendi sobre as estações do ano observando a natureza e saboreando as frutas da época; aprendi sobre pesos e medidas ajudando meu avô no armazém; aprendi sobre a alquimia dos temperos, cujo legado é o meu gosto de cozinhar, nascido da observação e ajuda à minha avó na cozinha. Nossa! Quanta vida, quantas histórias e quanto aprendido.

Sobre o valor dos relatos de vida concordo com Josso (2006) quando diz:

Todos os relatos de história de vida, sem exceção, apresentam-se como uma sucessão ou uma coabitação de buscas que valorizam aspectos particulares da existência: a felicidade, os conhecimentos sobre o mundo, o conhecimento de si e dos outros, a pesquisa de vínculos férteis, o sentido da vida, e finalmente, o desenvolvimento de uma melhor acuidade de nossa capacidade de observação ou dito de outro modo de nossa atenção consciente. (JOSSO, 2006, P.34-35).

Talvez, para alguns, essas histórias tenham só uma importância nostálgica do tempo da infância, mas para mim não. Hoje, ao revisitar e refletir sobre a infância, percebo que esse tempo sempre diz coisas sobre mim mesma. Hoje, quando penso nessa forma mais afetiva de apresentação do mundo, percebo como essas experiências foram fundamentais, pois forneceram uma espécie de referência cognitiva e afetiva para compreensão de mim mesma e do outro. Não busco aqui a recuperação de um passado tal como foi vivido, mas o realce de um ponto extremamente importante, que é a condição histórica de cada um de nós, apontando a memória como um importante representante psíquico. Hoje, compreendo que essas histórias de vida são baseadas em testemunhos e que estes fornecem um sentido de pertencimento e de continuidade em um tempo humano, que ao serem contadas constroem uma relação entre narrador-ouvinte. Mas, por que escutamos e contamos histórias?

Escutamos histórias como uma forma de buscar uma referência para compreensão e explicação da nossa existência. Escutamos histórias para nos fazer companhia, principalmente nos dias de inverno da alma. Contamos histórias para registrar nossas experiências, para expressar nossos desejos e necessidades. Acima de tudo, contamos e escutamos histórias para criar sentidos, não um sentido de verdade propriamente dito, mas um sentido pessoal acerca do vivido. Pode-se dizer que ao contar uma história vivenciamos uma espécie de ação criativa no mundo que surge a partir de experiências genuínas e repletas de emoção. Agora, percebo o quanto essas experiências influenciaram a minha escolha profissional pela área da psicologia e pela docência, tornando-me uma profissional “escutadora e contadora de histórias”.

Desde que me formei em psicologia em 1991, escutei histórias de todas as espécies. Algumas fantásticas e outras mais realistas; algumas engraçadas e outras mais tristes; algumas angustiantes e outras nem tanto. Algumas foram tão impactantes do ponto de vista emocional,

que me colocaram diante de um impasse entre a paralisação afetiva e a criação efetiva de um trabalho de elaboração. Escolhi a criação. E foi exatamente esse “impulso criativo”, mencionado por Winnicott, somado à necessidade de compreensão e de desejo de aprendizagem que me levou a construir um projeto de mestrado. Agora, revisitando a dissertação, dei-me conta de que meu impulso para implementar a passagem de uma narrativa oral para uma narrativa escrita partiu da escuta sensível das histórias de vida de mulheres enlutadas, que tiveram seus bebês natimortos. Diante dessa situação fiz algumas indagações: Como o começo da vida poderia, ao mesmo tempo, representar o fim da vida? Como colocar em palavras uma experiência tão inominável?

Penso que nós psicólogos, enquanto profissionais do cuidado, precisamos oferecer uma assistência que minimize ou cure o sofrimento do corpo e da alma. Cuidar é interessar-se por, é estar atento a tudo que pode por em risco a existência de alguém que esteja sob nossos cuidados. Então, ao oferecer uma escuta sensível, um espaço confiável, seguro e afetivo, em suma *holding*¹, cuidei dessas mulheres enlutadas, cuidei para que elas pudessem colocar em palavras uma experiência tão indizível. Descobri, por meio dessa experiência, a importância do contar e do compartilhar para simbolizar. Descobri que a força da narrativa está fundamentada no que diz Petit (2009) na “elaboração de uma história que desempenha um papel essencial na construção ou reconstrução de si mesmo, de uma narração sempre a retomar (...) mesmo para quem as palavras faltam (...)” (p.105). Descobri, com a experiência do mestrado, o desafio e a dificuldade de transformar uma narrativa oral cheia de emoção e de intensidade em uma escrita articulada, que atenda às exigências e aos rigores da linguagem acadêmica. Agora, no doutorado, estou novamente diante desse desafio criativo. Por onde começar o estudo?

1.2 Os primeiros tempos de criação e de construção de memórias

Comecei pela criação. A partir da criação de práticas extensionistas de lazer. Em 2006, executei uma primeira proposta intergeracional, que se chamou: Projeto de lazer intergeracional “Sacudindo a Memória”. Esse projeto surgiu da necessidade de criar uma estratégia de aproximação e troca entre gerações, por meio de atividades de lazer cultural, realizadas principalmente entre alunos de um curso de graduação em psicologia e idosos da

¹HOLDING: O conceito original de *holding*, na teoria winnicottiana, baseia-se na capacidade da mãe de se identificar com o bebê, e representa uma provisão de cuidados dispensados a ele no período de dependência absoluta. A mãe funciona como um ego auxiliar para a criança; o ambiente de *holding* significa criar amparo ambiental, um espaço seguro e confiável para que o ser humano possa se desenvolver plenamente.

comunidade local. Essa primeira versão já tinha um caráter eminentemente social, interdisciplinar e cultural, e visava atender aos objetivos das diretrizes curriculares do projeto pedagógico do curso de psicologia da PUC-Minas, *campus* Poços de Caldas, que tem como ênfases o lazer cultural e o envelhecimento. Assim, o projeto começou realizando eventos culturais que buscassem refletir a identidade cultural local, o resgate das tradições e questões de enraizamento. Para construção dessas práticas, parti do pressuposto de que as atividades de lazer cultural poderiam funcionar como uma estratégia para que a troca intergeracional fosse provocada, observada, testada e avaliada, além de promover o bem estar psicológico e social dos sujeitos envolvidos.

O primeiro tempo de criação, que teve início em 2006, estendeu-se por três anos consecutivos. Neste tempo, foram realizadas três festas juninas com idosos, jovens e crianças - os “Arraiás da Memória”; foram realizados três espetáculos teatrais: o primeiro denominado “Sacudindo a Memória” em 2006, o segundo “Uma Cidade, uma Vida e muitas lembranças” em 2007 e o terceiro “A Era dos Cassinos... retalhos da memória” em 2008. Em todas estas práticas extensionistas, o importante era o fazer com, o fazer junto e vivenciar todo o processo de elaboração dos eventos. Assim, todas as tarefas eram divididas, respeitando as habilidades dos participantes, não importando a faixa etária e tomando o cuidado para que em todas as tarefas, ou em todas as cenas do espetáculo, houvesse a presença de idosos e jovens trabalhando juntos. Esse fazer com, dentre tantas outras coisas, proporcionou: trocas de experiências; conflitos de ideias; cooperação; resgate de memórias; contrastes de culturas, costumes e crenças, prazer e descontração na realização das atividades e promoveu o desenvolvimento cultural e criativo, tanto dos idosos, quanto dos jovens por meio de um processo de educação recíproca. Nessa intensa experiência, pude observar que essas práticas extensionistas lúdicas em lazer cultural proporcionaram uma aproximação intergeracional saudável e respeitosa com bons encontros, uma desconstrução de barreiras etárias imaginárias e reais, funcionando como uma estratégia humanizadora de promoção de bem estar físico-mental, e se transformou em uma importante ferramenta de promoção de qualidade vida de todos os envolvidos.

Essas práticas extensionistas me levaram a procurar referências teóricas sobre a intergeracionalidade que pudessem sustentar minhas ações. Encontrei no programa desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) algo parecido, pois o mesmo trabalha com atividades socializadoras e de lazer intergeracionais. Descobri que em 2003 o SESC-SP havia realizado um evento inédito no Brasil denominado: “Congresso Internacional Coeducação de Gerações” quando fez o lançamento do programa

intergeracional: “SESC Gerações”. Tratava-se de um programa que realizou atividades nas áreas de arte, lazer, cultura, esportes, turismo e voluntariado com pessoas de todas as idades que tiveram a oportunidade do convívio intergeracional, que se espalhou pelas diversas unidades do SESC-SP, na capital e no interior. Então, em 2010, essa mesma instituição promoveu seu segundo seminário internacional: “Encontro de Gerações”. Neste segundo seminário, de acordo com a avaliação de Ferrigno (2011), constatou-se uma evolução do campo intergeracional no país, pois apareceram, durante o evento, várias iniciativas interessantes de diversas instituições. Dentre as iniciativas apresentadas já figurava uma primeira versão do que viria a ser mais tarde, em 2016, o Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”.

A minha participação nesse seminário foi fundamental para o que veio a seguir, pois não só conheci as diversas ações que estavam sendo realizadas em várias partes do país, mas, principalmente, me permitiu conhecer, pessoalmente, algumas das mais importantes referências teóricas nacionais e internacionais. Alguns destes profissionais conheceram e se encantaram pelo meu trabalho; perceberam que além de se tratar de um trabalho genuíno, vivo, criativo e apaixonado, havia, sobretudo, o meu grande interesse em buscar compreensão teórica sobre a minha prática. Voltei para casa abastecida de conhecimento, de trocas, com a confirmação de que estava fazendo um bom trabalho e que estava no caminho certo. Então, passados alguns poucos meses, em um dia comum do meu cotidiano recebo um telefonema que transformou o meu dia em um dos dias mais especiais da minha vida. Recebi um convite para integrar um grupo de 13 pessoas, que foram selecionadas tanto no Brasil quanto na Espanha para fazer um curso de especialização em gestão de programas intergeracionais na Universidade de Granada na Espanha. Então, no ano de 2011, o curso aconteceu e, junto com ele, tive várias experiências de conhecimento que guardo na memória com muito zelo. Por meio desse curso, aprendi muito sobre o tema da Intergeracionalidade. Trata-se de uma área de conhecimento que não tem um referencial teórico único. É uma área do saber que comporta uma polivocalidade, pois estabelece um diálogo da psicologia com outras áreas de conhecimento, principalmente com a sociologia, a antropologia, a gerontologia, a psicologia e a educação. Para Bernard e Ellis (2004), citados por Côrte e Ferrigno (2016), pode-se organizar didaticamente esse campo de estudo em torno de quatro grandes áreas: teorias, práticas, pesquisas e políticas. Ainda, segundo os autores, essas áreas se articulam e se retroalimentam de modo a potencializar a intergeracionalidade enquanto encontro e intercâmbio entre pessoas e grupos de distintas gerações e, como práticas, são entendidos como programas intergeracionais. (CÔRTE; FERRIGNO, 2016).

Além disso, construí muitas relações de amizade, conheci lugares e sabores novos e descobri que era esse o caminho que gostaria de trilhar no meu doutorado. E, assim, continuei alimentando as relações, as ideias e o desejo de empreender um projeto mais duradouro e significativo no campo da Intergeracionalidade. Passaram-se quatro anos, então, em 2015, decidi pela criação de projetos. Sim! De projetos no plural. Elaborei dois projetos diferentes: uma proposta de pesquisa para o ingresso no programa de doutorado e o outro de extensão universitária.

1.3 Trilhando caminhos investigativos

No final do ano de 2015, fui surpreendida com a feliz “coincidência” da aprovação dos dois projetos. Obtive aprovações tanto no doutorado - no programa de Pós-graduação em Psicologia para a área de Processos Psicossociais - quanto na obtenção do aceite de um projeto de extensão intergeracional, que havia sido submetido ao concorrido edital da Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX); ambos na mesma universidade. Fiquei, obviamente, muito feliz com as aprovações, mas, passada a emoção inicial, comecei a pensar como poderia percorrer esses dois grandes caminhos ao mesmo tempo.

Iniciei o ano de 2016 com as “coincidências” e com a noção de que teria um ano intenso e de muitas caminhadas. Comecei a pensar não no caminho em si, mas no processo da caminhada, na duração dos percursos e na disposição dos tempos. Parei para pensar na organização dos meus diversos tempos: do trabalho cotidiano como professora universitária e psicóloga clínica; de doutoranda e de coordenadora de um projeto de extensão. Tinha pela frente o desafio de percorrer dois trajetos e ambos, também, com tempos determinados: o trajeto do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória” com duração de um ano e o outro do processo do doutoramento com previsão de quatro anos. E, diante disso, comecei várias indagações: Como poderia realizar um bom trabalho em dois grandes projetos sem prejuízo para nenhum deles? Será que não haveria articulação possível entre os campos da extensão e da pesquisa? Seriam estas aprovações apenas “coincidências”? Ou já seriam as pistas de um caminho comum a ser trilhado?

Nesse momento, lembrei-me do que aprendi com Humberto Eco sobre existirem muitos caminhos para se elaborar uma tese, do que descobri com Guimarães Rosa (2005, p.80) sobre a importância da travessia, quando ele diz que: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” Do que estudei com Winnicott sobre o conceito de Espaço Potencial como uma “área disponível de manobra, em termos de

uma terceira maneira de viver (onde há experiência cultural ou brincar criativo).” Nessas recordações me dei conta de que o caminho é constantemente construído no percurso da caminhada e de que as aventuras do caminho é que constroem os sentidos da viagem. Além disso, na medida em que nos envolvemos com os caminhos, tudo que é vivenciado e apreendido se transforma em aprendizado e amplia o nosso repertório de histórias para contar. Resolvi, então, fazer a travessia, construir uma terceira via que pudesse conter o fazer e o investigar; que articulasse a extensão e a pesquisa e foi justamente aí que encontrei o caminho da minha tese.

Assim, as “coincidências” foram se aproximando, se conversando, se ajustando até que a proposta investigativa em nível de doutoramento foi sendo tecida junto às tarefas extensionistas. Nesta articulação de saberes entre a extensão e a pesquisa acabei desembocando no ensino, pois o envolvimento de alunos de graduação revela a terceira face da articulação, ou seja, o constante desafio de estabelecer uma relação dialógica entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Aliás, Sílveres (2013) fundamenta o valor da dimensão dialógica do processo ensino aprendizagem na prática extensionista, citando o educador Paulo Freire, ele diz:

O diálogo, segundo Freire (1992), não é a transferência de informações ou de conhecimentos, mas um encontro de sujeitos que exercitam a busca do significado das informações e dos conhecimentos. Os sujeitos se afirmam, assim, pela intersubjetividade e, na medida em que os significados se fortalecem, o diálogo torna-se o referencial do projeto educativo. (SÍLVERES, 2013, p.24).

1.4 O caminho entre a extensão e a pesquisa... Percursos na construção e delimitação do objeto

O conhecimento é sempre um diálogo, um devir constante. Conhecer não é meramente aprender uma informação preestabelecida, mas também um processo de construção, um ato de criação. Nesse sentido, tanto o conhecimento quanto a pessoa que conhece estão em contínuo processo de desenvolvimento, sendo recriados e ressignificados a todo o momento. A experiência criativa não ocorre somente no campo intrapsíquico, pois é criada num campo entre campos, num encontro entre duas ou mais subjetividades, ou seja, na intersubjetividade.

Assim nasceu a presente proposta investigativa, por meio de um diálogo entre campos, entre a extensão e a pesquisa. Nasceu da vontade de conectar e estabelecer um diálogo entre diferentes campos de saber, que mobilizam diferentes dimensões da existência humana, tais como: a Psicologia, a Gerontologia, a Educação, dentre outros; da necessidade de criar

espaços de encontro entre duas ou mais subjetividades, ou melhor, entre duas ou mais gerações; do anseio de ter uma experiência educativa criativa, um lugar para deixar uma marca pessoal, um lugar na cultura. Desse modo, ao longo desses anos de vida, descobri que minhas trajetórias de vida pessoal e profissional sempre foram uma busca no sentido de ter uma identidade, de poder construir uma narrativa singular, de me inserir na cultura; enfim, construir uma subjetividade que emergisse desse lugar que o psicanalista inglês Winnicott denominou de “espaço potencial”. Sobre esse conceito o autor diz:

(...) sugiro que a área disponível de manobra, em termos de uma terceira maneira de viver (onde há experiência cultural ou brincar criativo), é extremamente variável entre os indivíduos. Isso se deve ao fato de que esta terceira área é um produto das experiências da pessoa individual (bebê, criança, adolescente, adulto) no meio ambiente que predomina. (WINNICOTT, 1975, p.148).

Encontrei essa terceira área no campo intergeracional que, por envolver as relações intergeracionais, já se trata de um campo complexo que permite uma série de possibilidades de entrelaçamentos, de diálogos, de troca e compartilhamento com o outro. Nesse sentido, o Campo Intergeracional é, por excelência, um campo inter-relacional e de experiências compartilhadas, que se assemelha muito ao conceito de Espaço Potencial de Winnicott, pois, para o autor, o “Espaço Potencial” é o campo que torna possível reintegrar e rearticular experiências, que cria possibilidades de descobertas. É um lugar onde a vivência de tempo é paradoxal, pois abriga diversas temporalidades a um só tempo, ou seja, passado, presente e futuro se encontram conforme afirma Prochet (2000, p. 160) “não existe apenas um tempo no espaço potencial, mas tempos múltiplos, que se interconectam e coexistem simultaneamente. Não existe uma localização fixa, mas várias possibilidades (...)”.

Em síntese, o campo intergeracional é complexo e com muito potencial criativo. Além disso, trata-se de um campo relativamente novo que surge, a partir da década de 90, devido ao crescente aumento na expectativa de vida dos indivíduos, que significa, dentre outras coisas, que não só iremos viver mais tempo, mas, também, conviver por mais tempo com diferentes gerações, simultaneamente, tanto no ambiente intrafamiliar quanto fora dele. Diante desse cenário, surgem algumas indagações: Qual será a visão dos idosos, que já vivem mais anos que seus pais e avós viveram, a respeito das gerações mais novas? Qual será a visão das gerações mais novas a respeito dos idosos? Quais os tipos de relações que se estabelecem entre estas gerações, em um tempo em que vivemos uma revisão do curso de vida? Considerando que as interações sociais entre os diferentes grupos etários se modificam ao

longo do tempo e se diferenciam de cultura para cultura, como elas estão acontecendo no contexto atual, sobretudo, fora do ambiente familiar?

Pensando nessas e em outras possíveis questões a respeito das relações intergeracionais, e pesquisando a literatura produzida até o presente momento, foi possível constatar que as relações intergeracionais são mais estudadas dentro do ambiente familiar do que fora. Entretanto, com o aumento da expectativa de vida, com a crescente inserção social da população idosa, apoiados na construção de um novo papel do velho em distintos âmbitos sociais, como o lazer, o trabalho e a educação, torna-se fundamental estudar as relações intergeracionais fora do âmbito familiar.

A motivação para elaboração do projeto de extensão, portanto, foi o desafio de reinventar convívios possíveis entre gerações, principalmente entre jovens universitários e idosos fora do ambiente familiar. Diante desse desafio, foi elaborado um projeto de extensão universitária que se iniciou em 2016, com continuidade em 2017, denominado: Projeto intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações. O objetivo principal desse projeto foi o de criar espaços de convivência entre gerações como forma de promover a sensibilização, a conscientização e a desconstrução de estereótipos, além de promover uma compreensão mais positiva acerca do processo de envelhecimento, por meio da valorização das memórias autobiográficas contadas pelos idosos e sua relação com a história da cidade.

Iniciei o ano de 2016 com os objetivos, com “as pistas” traçadas do projeto de extensão. Era um desenho inicial do projeto e que servia para me orientar no caminho da execução deste. Restava, agora, fazer a travessia. Mas e a pesquisa? Como fazer a articulação entre a extensão e a pesquisa? Em que momento o caminho da pesquisa se cruzaria com o da extensão e vice versa? Encontrei o ponto de intersecção! O próprio projeto de extensão seria o campo de investigação. O primeiro passo havia sido dado, já sabia onde, mas isso não bastava para empreender um estudo. Era preciso fazer o desenho da pesquisa e estabelecer “as pistas”, ou melhor, traçar os objetivos da investigação. Então, na medida em que o projeto de extensão avançava, o caminho da pesquisa ia se delineando. Primeiramente, constituímos o objetivo geral: investigar em que medida as experiências narrativas da memória autobiográfica do sujeito idoso funcionam como dispositivo relacional entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, de modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos. Uma vez estabelecido o objetivo principal, logo em seguida foram elaborados outros três objetivos específicos, que foram: 1) Compreender em que medida o projeto de extensão, enquanto estratégia de aproximação intergeracional, pôde proporcionar a

ressignificação das trajetórias pessoais tanto dos idosos quanto dos jovens; 2) Compreender em que medida o projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória” contribuiu para a possível alteração da percepção dos jovens sobre o processo de envelhecimento e, também, para ressignificação do convívio intergeracional; 3) Investigar as articulações e entrecruzamentos possíveis entre as narrativas da memória autobiográfica dos sujeitos idosos no sentido da preservação de sua história como sujeito, como membro de uma comunidade, e seu legado para as futuras gerações.

Uma vez definido o lugar, o campo de investigação e a construção dos objetivos, comecei a travessia. Entretanto, sabia que precisaria colocar na bagagem uma caixa de ferramentas, ou seja, recursos teóricos e metodológicos para percorrer o caminho da pesquisa.

1.5 Percursos metodológicos da pesquisa

Comecei o percurso metodológico da pesquisa sabendo que se tratava de um campo de investigação bastante complexo e que teria que ter na bagagem uma caixa de ferramentas com vários recursos tanto metodológicos, quanto de conhecimentos advindos de diferentes áreas do saber. Isso se devia à própria natureza do campo intergeracional tanto por envolver relações entre gerações, quanto por ser marcado pela interdisciplinaridade, pois, como mencionado alhures neste texto, dialoga com diferentes campos do saber: a psicologia, a gerontologia, a educação, a sociologia, entre outras. Soma-se a esta complexidade inicial mais uma que diz respeito ao próprio campo da presente pesquisa, pois a mesma foi realizada na intersecção entre a extensão e a pesquisa.

A palavra complexidade me remeteu ao sentido empregado pelo sociólogo, filósofo e epistemólogo Edgar Morin (1921), em seu livro “Introdução ao Pensamento Complexo” (2001, p. 20), quando ele diz que “a complexidade é um tecido *complexus*: o que é tecido em conjunto”. Segundo Morin (2001), é preciso pensar a complexidade como um desafio a ser enfrentado, pois todo o conhecimento é incompleto, é incerto, sendo justamente isso que impõe a necessidade de interlocução de saberes, de articulação teórica, de um diálogo constante entre os mesmos. Ele diz: “Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a se enfrentar, o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a relevá-lo e, por vezes mesmo, a ultrapassá-lo.” (MORIN, 2001, p.11). Morin me ajudou a pensar a pesquisa como “um desafio a se enfrentar”, que estaria sendo “tecida junto” e em diálogo constante com o fazer do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”.

Sendo o objetivo principal da pesquisa, investigar em que medida as experiências narrativas das memórias autobiográficas dos sujeitos idosos funcionariam como dispositivo relacional entre gerações, seu potencial de ressignificação, de transmissão, de modificação e de construção de relações entre jovens e idosos, então, pensamos que se trata de um objeto de estudo que estaria em pleno movimento, pois estaria localizado no espaço relacional dos sujeitos numa espécie de espaço entre, “em uma área de manobra”, que demandaria um diálogo metodológico e a utilização de várias ferramentas de campos teóricos diferentes. Desse modo, pensamos que não seria possível ter uma abordagem metodológica única, um único olhar, mas seriam necessários diversos olhares sobre o objeto, o que exigiria a construção de uma espécie de mosaico metodológico composto com cuidado para construir uma figura. É sempre bom salientar que não se tratava de um ajuntamento de peças aleatórias, mas da composição de peças de campos diferentes para construir um método em que se consiga alcançar esse objeto complexo.

Cabe lembrar que, para começar a montar esse mosaico metodológico, sua base esteve assentada na experiência do Projeto de Extensão Intergeracional “Sacudindo a Memória: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações”. Assim, num primeiro momento, a investigação foi “tecida junto” com a intervenção psicossocial. Então, nesta etapa, utilizamos como método a investigação participante, que Neiva (2010) define como uma modalidade de intervenção de caráter psicossocial, associada tanto à busca de bem-estar psicossocial dos indivíduos, grupos e comunidades, quanto à busca da transformação, mudança, pesquisa e ação. É um tipo de investigação participante, uma espécie de investigação-ação com os sujeitos e não sobre os sujeitos. Neste momento, lembrei-me de Bleger (1984) ao mencionar a relação entre o pensar e o fazer, entre a pesquisa e a prática quando diz: “A prática não é uma derivação subalterna da ciência, mas sim seu núcleo ou centro vital; e a investigação científica não tem lugar acima ou fora da prática, mas sim dentro do curso da mesma.” (BLEGER, 1984, p. 17).

Assim, do ponto de vista metodológico, a pesquisa, desde o início, já se apresentava como uma experiência de “bricolagem”, ou seja, tanto como uma experiência de intervenção, quanto de investigação. Essa dimensão da prática do projeto “Sacudindo a Memória” é que traz a riqueza e o tom da originalidade exigido em uma proposta de tese. E, justamente no entrelaçamento entre o projeto de extensão e o projeto de pesquisa, é que foi construído o presente estudo. Cabe lembrar que este está em consonância com as ciências que investigam o social e que buscam novas formas de conhecer e compreender as tramas do real. Além disso, esse tipo de pesquisa se tornou ainda mais interessante na medida em que fez intersecção

entre a extensão, a pesquisa e o ensino. Assim, docentes e discentes tiveram uma experiência de aprendizagem que esteve atrelada ao processo, ao *modus operandi* do projeto de extensão.

E, por falar em processo, o que fica claro na presente pesquisa é que ela tem como proposta metodológica um estudo qualitativo. Os estudos qualitativos, diferentemente das abordagens positivistas e quantitativas, têm como alvo os processos de significação que os fenômenos sociais adquirem para os sujeitos que o vivenciam. Concordo com Bogdan e Biklen (1994), citados por Boaventura (2004), quando dizem que o estudo qualitativo é aquele no qual o investigador se interessa mais pelo processo que pelo resultado, examinando os dados de maneira indutiva e privilegiando o significado.

Segundo Gil (2010), o estudo qualitativo pressupõe a existência de uma relação entre o mundo, os fatos que acontecem nele e a maneira com que os indivíduos se apropriam desse mundo e desses fatos. E esta relação não pode ser compreendida por meio de técnicas ou métodos estatísticos, ou seja, não pode ser mensurada quantitativamente. Portanto, busquei, nesta pesquisa, compreender as relações, as vivências, os significados atribuídos pelos sujeitos em relação às suas experiências pessoais e sociais, conforme aponta Minayo, *et al* (2005) ao dizer que esse tipo de abordagem tem como objetivo:

Compreender as relações, as visões e o julgamento dos diferentes atores sobre a intervenção na qual participam, entendendo que suas vivências e reações fazem parte da construção da intervenção e de seus resultados. Ou seja, acredita-se que exista uma dinâmica inseparável entre o mundo real e a subjetividade dos participantes. (Minayo, *et al.*, 2005, p.82).

Diante da complexidade desta pesquisa qualitativa, foi necessária a triangulação de dados e métodos para tentar responder ao objetivo e enriquecer a proposta de pesquisa. Segundo Flick (2009), a principal articulação entre a triangulação e a pesquisa qualitativa é que a triangulação busca ampliar as atividades do pesquisador no processo de construção da pesquisa com a utilização de métodos diferenciados. E isso pode conferir mais qualidade para o estudo, pois permite formas complementares de informações que enriquecem conteúdos com dados importantes que, por sua vez, são conseguidos pelo emprego de vários métodos e/ou várias abordagens teóricas que contribuem para enriquecer o estudo. Assim, a triangulação de dados e métodos na presente pesquisa se fez necessária tendo em vista “a bricolagem” da pesquisa. Por trabalho de bricolagem, entendemos como aquele que é desenvolvido a partir de duas ou mais áreas de conhecimento e a partir de diferentes metodologias. Além disso, a pesquisa leva em consideração as diferentes narrativas: a dos alunos envolvidos no projeto de extensão, a dos idosos que narraram suas histórias/memórias de vida; a da própria pesquisadora e, por fim, as impressões que o projeto de extensão produziu na comunidade em geral.

Em pesquisa, quando falamos em processo de construção de material empírico, surgem várias perguntas, tais como: De que modo será feito? Quais os sujeitos da pesquisa? Quais as ferramentas que podemos utilizar para coleta do material? Qual o referencial teórico que embasa a proposta? Então, conforme já mencionado, a partir de uma experiência de “bricolagem”, tivemos uma combinação de estratégias de pesquisa para a coleta de material empírico. Sabemos que, de um modo geral, as pesquisas começam a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, entre outros, permitindo ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto. Entretanto, na presente investigação, partimos de dois pontos, simultaneamente, ou seja, do levantamento bibliográfico e do próprio processo de intervenção em curso.

Em relação às pessoas que participaram da pesquisa, foi um total de vinte e dois jovens universitários, de ambos os sexos, compreendidos entre as faixas etárias de 19 e 36 anos, sendo dezessete alunos da graduação do curso de Psicologia, três alunos do curso de Publicidade e Propaganda e duas alunas do curso de arquitetura e urbanismo. Participaram também do projeto doze pessoas idosas ativas, com idades que variavam entre 60 e 92 anos, de ambos os sexos, de diferentes faixas de renda, de diversos setores da sociedade, que representavam certo aspecto da cidade ou que eram consideradas representantes da identidade sociocultural e histórica da cidade, local em se realizou a pesquisa.

Do ponto de vista da dinâmica do projeto de extensão, utilizamos a sugestão de Neiva (2010) quando propõe os passos que uma intervenção de caráter psicossocial deve seguir, sendo eles: diagnóstico, delineamento da intervenção, desenvolvimento da intervenção, avaliação da intervenção, e por fim, devolução e divulgação dos resultados. E, exatamente esses passos, foram seguidos durante a execução do projeto de extensão ou, dito de outro modo, na etapa de intervenção da pesquisa. Para aproximação intergeracional, utilizamos como estratégia a escuta das narrativas das histórias de vida dos idosos, que foram organizadas didaticamente em três grandes etapas, que se entrelaçaram continuamente durante a execução do projeto: 1) construir as histórias; 2) organizar as histórias e 3) socializá-las. É importante salientar que, no âmbito das investigações de base qualitativa, as abordagens que partem dos relatos das histórias reais de vida das pessoas, e que têm como fio condutor a memória, são o método narrativo e a história de vida.

Antes de prosseguirmos, cabe recordar as ponderações que as autoras Spindola e Santos (2003) fizeram em relação à diferenciação de traduções do termo História de Vida traduzido de *historie* (em francês) e de *story* e *history* (em inglês), pois ambas possuem significados distintos. As autoras apontam que foi o sociólogo americano Denzin que propôs, em 1970, uma importante distinção das terminologias: *life story* (a história ou o relato de vida) de *life history* (ou estudo de caso clínico), sendo a *life story* a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nessa situação, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Diferentemente da *life history* que compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou de grupos de indivíduos. Nessa situação, o pesquisador inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados como, por exemplo, dossiês médicos, testes psicológicos, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito a fim de comprovar a veracidade das informações. Assim, no presente estudo, para coleta e registro das memórias dos idosos foi utilizado o método da *life story*, pois desde o início nos interessava saber a história contada pela pessoa que a vivenciou. Contudo, ao longo trabalho, optamos por utilizar história de vida, pois consideramos que as histórias contadas pelos idosos do projeto, não são somente verdadeiros testemunhos de uma existência singular, são também uma importante fonte de conhecimento a respeito de um determinado contexto histórico-cultural (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Ainda dentro da perspectiva da história de vida, utilizamos, no contexto da presente pesquisa, a metodologia da memória autobiográfica que compreende que a composição das lembranças “produz um sentido à vida passada e presente” (THOMSON 1997, *apud* BRANDÃO, 2008, p. 07). Concordamos com Greenberg e Rubin, citados por Frank e Landeira-Fernandez (2006), quando afirmam que a memória autobiográfica é uma evocação episódica de datas, eventos e incidentes pessoais através do tempo e da relação espacial e temporal entre eles, sendo mais do que uma mera evocação de fatos do passado, pois a pessoa que lembra tem consciência da evocação como uma experiência da sua história pessoal – trata-se de uma rememoração com a consciência de que o fato ocorreu anteriormente consigo próprio. Assim, de acordo com Gauer e Gomes (2008), a recordação de eventos pessoais vividos no passado constitui a memória autobiográfica, a síntese e a referência das histórias de vida e foi nesse sentido que compreendemos a recordação autobiográfica como uma aproximação intencional do sujeito com sua própria história de vida. Por meio dessa perspectiva, é possível conhecer e compreender os sujeitos e as suas identidades em construção.

A evocação da informação autobiográfica é um processamento significativo para a noção de auto-identidade. Lembramos os detalhes da nossa história pessoal com todo o seu colorido emocional associado a imagens com simbologia própria. Esse sistema permite também a permanência e continuidade do eu através do tempo e, principalmente, a adaptação da pessoa ao seu meio interior e exterior. O esquecimento, por outro lado, oferece ao indivíduo a oportunidade de selecionar e de adequar-se aos eventos que em determinado momento lhe são mais importantes. (FRANK; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2006, p. 36).

No projeto de extensão, promovemos o encontro entre jovens universitários e os idosos e utilizamos como ferramenta, como estratégia de aproximação, o ato de escutar as memórias autobiográficas dos idosos. Desse modo, o contar as histórias de vida entre diferentes gerações já configurava o início de um processo de construção de uma relação intergeracional. Assim, no decorrer da execução do projeto de extensão, na medida em que escutávamos as narrativas da memória autobiográfica dos sujeitos idosos, foi se evidenciando a vontade de investigar em que medida as mesmas funcionavam não só como estratégia de aproximação, mas como possibilidade de construção de relações intergeracionais e de aprendizado. Surgiu, também, a vontade de investigar em que medida o projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória” estava contribuindo para uma possível alteração da percepção dos jovens sobre o processo de envelhecimento e para a ressignificação do convívio intergeracional.

Interessava saber como os jovens extensionistas estavam vivenciando não só a escuta das histórias, mas também o processo do projeto de extensão como um todo. Para que esse objetivo fosse atendido e como uma forma de garantir o relato da experiência, principalmente, da narrativa dos estudantes participantes do projeto, utilizamos como uma das ferramentas de coleta de dados, ou melhor, para coleta das experiências - o diário de campo. Assim, após cada intervenção, os extensionistas eram incentivados a registrar as suas impressões, tanto do ambiente, como dos sujeitos, do grupo, as suas primeiras reflexões, comentários, indagações, etc. Desse modo, os apontamentos do diário de campo permitiram criar o hábito da reflexão sobre a prática e na prática. Os diários de campo podem ser considerados como relatos de experiências significativas. Nesse sentido, se assemelha muito à perspectiva do método fenomenológico, considerado por Moreira (2002) como adequado sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas.

Outra forma de coleta de informações, que aconteceu durante a execução do projeto, foram os espaços grupais de conversa após as atividades. A cada encontro esse espaço de conversa se transformava em um ambiente suficientemente aberto para se constituir em um espaço de fala e de intercâmbio com todos os participantes. Esse espaço grupal foi confiável e

comunicativo o suficiente para manter a livre circulação da palavra, conforme descreve Pereira (2012), como uma espécie de “associação livre coletivizada”, uma variável do princípio técnico da psicanálise da associação livre. O objetivo dessa ferramenta não foi apenas uma avaliação e análise da prática, mas foi também trazer a percepção dos participantes quanto às vivências e sentimentos relacionados à experiência.

Ao final do projeto, a outra ferramenta de coleta que utilizamos foi uma entrevista individual não diretiva para saber como todos os participantes experienciaram o projeto como um todo e se o mesmo havia produzido alguma espécie de legado e desconstruído estereótipos. A entrevista final pedia para cada participante responder livremente a seguinte pergunta norteadora: Fale sobre a sua experiência no projeto? Desse modo, essa entrevista serviu para a pesquisadora avaliar que tipo de significados o projeto havia produzido em cada um dos participantes. Importante destacar que a escolha da entrevista não diretiva, como ferramenta de coleta, se deve ao fato da mesma se configurar em uma técnica onde o entrevistado tem a liberdade para falar e abordar o tema na forma que ele quiser. Cabe ao entrevistador não formular perguntas pré-fixadas, ou seja, o mesmo deve apenas sugerir o tema geral em estudo, levando o entrevistado a refletir sobre tema com liberdade (RICHARDSON, 2012). Optamos por utilizar essa forma de entrevista por ser a mais adequada, pois permite que a linguagem oral seja a condutora principal da entrevista e, também, por ser fundamental quando se trata de um estudo que privilegia a narrativa. Nesse contexto, Rabelo (2011) coloca que “a oralidade é a fonte mais importante e, por isso, a entrevista narrativa é essencial, transformando-a em formato escrito através de transcrições. O seu resultado é uma história apresentada de várias maneiras.” (RABELO, 2011, p. 179).

Essa questão é bastante discutida pelos autores Jean Clandinin e Michael Connelly (2011) no livro, *Pesquisa Narrativa*, resumidamente aludida por Mariani e Mattos (2012):

São vidas e histórias em movimento, tanto dos participantes da pesquisa quanto do pesquisador, uma vez que a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a *relação* – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados. (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 665).

Essa citação veio ao encontro do que estava pensando, pois eram “vidas e histórias em movimento”. Tratava-se de uma pesquisa em movimento que privilegiava as relações intersubjetivas, intergeracionais e que tinha a presença implicada do pesquisador. Aliás, importante lembrar que uma boa relação entre pesquisador e os participantes é primordial nesse tipo de pesquisa. E as boas relações só ocorrem na presença de um vínculo de confiança

mútua que é construído ao longo de um processo. A questão da narrativa do pesquisador e da presença implicada do mesmo fica muito clara nesta colocação de Bastos e Biar (2015):

(...) os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única. (BASTOS; BIAR, 2015, p.101).

Bastos e Biar (2015) ao apontarem que o conhecimento é produzido por um pesquisador que é ator social, que produz conhecimento “pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais” abriu a possibilidade de análise utilizando como referencial a psicanálise, especialmente a “winnicottiana”, para pesquisar o fenômeno social. Aliás, entendemos que nossa modalidade de pesquisa está em consonância com que Laplanche (1992) denomina de psicanálise “extramuros”, que implica em um fazer psicanalítico fora do contexto da clínica tradicional de consultório, centrado no modelo privado curativo do indivíduo. Nesse sentido, a clínica não é igual ao consultório, mas uma prática que representa uma das clínicas possíveis, conforme descreve Figueiredo (1996), citado por Moreira; Romagnoli e Neves (2007), como sendo um tipo de fazer clínico que não se caracteriza pelo local em que se realiza - o consultório - mas pela qualidade da escuta e a acolhida. Assim, não importa em que lugar ou o espaço ela ocorra, pois este modelo de clínica social nasce como prática que pretende realizar de forma ampla e engajada a construção de uma prática ético-política e social. Para Moreira; Romagnoli e Neves (2007, p.620), “faz-se necessário compreender que a escuta clínica é uma postura ética e política diante do sujeito humano. Não é o local que define a clínica e sim a posição do profissional e os objetivos de libertação e potencialização dos sujeitos.” Além disso, as autoras propõem:

Um trabalho de intervenção psicológica, seja qual for a vertente teórica escolhida pelo profissional, que associe o sujeito psicológico ao sujeito político, pois acreditamos que, devido ao alto nível de subjetivismo, de atomização, de narcisismo, um trabalho que possa alcançar sucesso deve partir das mazelas íntimas desse sujeito para depois lançá-lo ao campo político, transformando-o em um sujeito histórico, no sentido de se envolver com sua história, com a comunidade, com a humanidade. (MOREIRA; ROMAGNOLI E NEVES, 2007, p. 619).

Tal proposta nos mostra a aplicabilidade da psicanálise “extraconsultório” em diversos contextos e, no nosso caso, utilizamos no contexto da pesquisa científica como uma proposta de análise, sobretudo, por ser um modelo investigativo que está orientado pela dimensão ética, pela busca da compreensão e não da explicação. Desse modo, para analisarmos o “Sacudindo

a Memória” tivemos uma sensibilidade ética de buscar escutar os sujeitos envolvidos: os idosos, os extensionistas e a própria pesquisadora, e, sobretudo, escutar os encontros, as interações.

Acreditamos que a psicanálise, enquanto uma prática clínica política e comprometida, pode analisar os laços sociais e inverter a direção das práticas de modo a permitir a todos a elaboração de seu lugar na cena social. Rosa e Domingues (2010) assinalam que os fundamentos teóricos, metodológicos e éticos da psicanálise mostram que a separação indivíduo e sociedade é ilusória, já que todo o sujeito é social, pois é “constituído a partir do desejo do outro, recriado a cada relação com o outro, e depende da modalidade de laço social.” (p.183). Ainda, segundo as autoras, na pesquisa que utiliza referencial psicanalítico, o pesquisador precisa ter uma escuta clínica, que significa fazer ouvir o sujeito em qualquer que seja a circunstância e isto acontece “a partir do diálogo comum, de entrevistas e depoimentos”. Cabe salientar que esses depoimentos e as entrevistas são atravessados pela dimensão ética da escuta, do desejo de saber, que estão intrinsecamente relacionados à outra dimensão - da alteridade - porque toda vez que investigamos as relações inter-humanas, como no nosso estudo, estamos adentrando no campo das relações intersubjetivas entre o eu e o outro e, conseqüentemente, esse reconhecimento do outro coloca em cena a questão da ética; e foi justamente isso que aconteceu durante toda a execução do projeto de extensão “Sacudindo a Memória”.

Portanto, a presente pesquisa parte das falas e não dos conceitos, busca na palavra viva dos participantes um direcionamento para compreensão da experiência, as palavras seriam tal qual uma bússola que dá uma orientação, uma direção a ser tomada. Nasce dentro de uma perspectiva relacional que valoriza a experiência de encontro inter-humano, a escuta, as interações sensíveis e as falas dos sujeitos. Dito isso, é fundamental a coleta das narrativas da experiência dos participantes do e no projeto, que permitirá uma melhor compreensão sobre as articulações entre a pesquisa e a extensão. Segundo Mello (2016), citado por Sales; Araujo e Carvalho (2019, p.105), na pesquisa de cunho narrativo, “mais relevante que dizer” “o que” é “como algo aconteceu”, é pensar e expressar como o pesquisador e participantes vivem, contam e interpretam suas próprias experiências e suas narrativas, além do como criam histórias de si.”

A princípio, não estava certa se deveria começar a apresentação deste trabalho de tese pela minha experiência, por uma narrativa tão pessoal. Entretanto, encontrei, no gênero acadêmico autobiográfico que é próprio do Memorial a confirmação de que seria um bom caminho a seguir. Através da leitura de vários autores (PINEAU, 2006; JOSSO 2006;

SOUZA, 2006; PASSEGI e CUNHA, 2013; ELORY-MONBERGER, 2006; BRANDÃO, 2015), pude constatar o valor das narrativas autobiográficas, pois elas permitem que a pessoa, ao narrar, tome consciência de si mesmo como ator, autor e agente social. Além disso, esse tipo de narrativa é uma maneira de elaborar um relato mais autêntico e reflexivo. Encontrei na escrita do memorial acadêmico de Brandão (2015) um trecho que fez todo sentido para mim e que impulsionou a minha escolha por este gênero narrativo. Ela diz:

Da apreensão/percepção (subjéitiva) formamos o que é nosso conhecimento/saber e a base para a ação (objéitiva), os fazeres. A construção do saber, sob esta perspectiva, é o processo que incorpora e articula as experiências e tempos internos, individuais, que se concretizam e rearticulam no tempo e espaço social, externo, dando as condições de seu uso e transmissão. (BRANDÃO, 2015, p. 18).

Portanto, escolhi começar a apresentação do presente trabalho de tese por uma narrativa de cunho mais pessoal, “uma narrativa de si” e, aos poucos, rearticulá-las com “tempo e espaço social, externo, dando as condições de seu uso e transmissão” que serão trabalhados nos demais capítulos da tese.

No primeiro capítulo apresentaremos todos os elementos do enredo da pesquisa de forma linear e descritiva, respeitando a sequência cronológica dos fatos. Dito de outro modo, neste capítulo de abertura, exibiremos todo o campo de investigação que foi o próprio projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações”. Desse modo, ofereceremos todos os elementos que compõem o processo de investigação: o tema, o ambiente e o tempo em que ocorreu a pesquisa, os sujeitos participantes e como foram sendo produzidos os dados. Enfim, trata-se de um capítulo em que apresentaremos a extensão em movimento.

No segundo capítulo apresentaremos a pesquisa em movimento. Trata-se de um capítulo que nos dedicaremos a fazer a travessia e a tessitura entre a extensão e a pesquisa. Percorreremos um caminho mais analítico de entrelaçamentos possíveis com diversos saberes, olhares e cenários. Procuraremos articular aspectos mais teóricos com a práxis da extensão de modo a compreender os efeitos produzidos pelo projeto, sobretudo, a partir das impressões dos participantes, em especial, das pessoas diretamente envolvidas com o projeto de extensão: os extensionistas; os idosos que narraram suas histórias/memórias de vida e da própria pesquisadora. Assim, este capítulo, diferentemente do primeiro, será apresentado de maneira mais dinâmica, menos descritiva e não linear em que o pesquisador terá a tarefa de buscar, no conjunto de materiais produzidos pelo projeto de extensão, aquilo que é relevante e significativo para compreensão da pesquisa.

Ademais, neste segundo capítulo, optaremos pela linguagem teatral, como linguagem figurada para nos ajudar a organizar didaticamente o mesmo. Desse modo, o “Sacudindo a Memória” passa a ser apresentado em “atos temáticos” e em cada ato destacaremos algumas “cenas” cujas falas e/ou depoimentos dos participantes/atores do projeto nos convocam ao diálogo e à reflexão. Para a escolha das cenas, utilizaremos o método da associação livre advindo da psicanálise, ou seja, deixaremos emergir livremente as cenas a serem analisadas. A perspectiva de análise será orientada muito mais pela dimensão ética, pela busca da compreensão e não da explicação científica positivista, mas que considera a relação intersubjetiva na construção da pesquisa. Aliás, entendemos que toda vez que investigamos as relações inter-humanas, como no nosso estudo, estamos adentrando no campo das relações intersubjetivas entre o eu e o outro, e é exatamente isso que queremos destacar na análise deste capítulo.

No terceiro e último capítulo destacaremos o valor educativo do “Sacudindo a Memória”, principalmente para quebra de estereótipos, promoção de convívio e solidariedade intergeracional e, nomeadamente, uma forma de educação para o envelhecimento. Destacaremos a questão da herança, do legado do projeto especialmente para formação pessoal e profissional nos jovens extensionistas. Nesse sentido, o “Sacudindo a Memória” acabou se transformando em um lugar de ensino e aprendizagem.

Antes de prosseguirmos para as considerações finais é importante dizer que parte do conteúdo da tese já deu origem há três artigos, que estão em anexo, e que foram apresentados como capítulos da tese, na ocasião do exame de qualificação. Assim, temos os seguintes artigos: 1) “Aproximando gerações: conexões e empatia de jovens com idosos no Projeto “Sacudindo a Memória””; 2) O projeto “Sacudindo a Memória”: uma experiência de encontro entre jovens e idosos em uma perspectiva Winnicottiana e 3) Projeto “Sacudindo a Memória”: construindo experiências significativas de aprendizagem por meio de encontros intergeracionais entre jovens e idosos”. Cabe salientar que os dois primeiros artigos já foram enviados para revistas conceituadas na área da Psicologia e estamos aguardando o parecer e o aceite desses periódicos. O terceiro artigo foi apresentado no III colóquio internacional de Ciências Sociais da Educação: Infância(s) e juventude(s) na Sociedade e Educação Contemporâneas, que foi realizado na Faculdade de Educação da Universidade do Minho, Portugal em fevereiro de 2018. Destacamos que todos os artigos apresentam discussões teóricas com resultados parciais da pesquisa.

Dito isso, passamos às considerações finais da presente tese. Trata-se de um trabalho que contempla as três especificidades do ensino superior: a extensão, a pesquisa e o ensino. Trabalho este que possibilitou um agir criativo, que é próprio da extensão universitária, um

pensar criativo, que é próprio da pesquisa e que acenou como uma proposta educativa intergeracional. Desse modo, o “Sacudindo a Memória” não só “sacudiu” as memórias das pessoas que participaram do projeto, mas provocou mudanças na maneira de olhar, de sentir, de conhecer, de agir, enfim na subjetividade de cada um. Outro grande valor do projeto foi justamente o fato de que todas essas histórias, memórias e a “experiência cultural” dos idosos tiveram um destino e se transformaram em legado para as gerações. Trouxe como contribuição uma proposta socioeducativa que promove encontros, trocas, diálogos, abertura para o outro e prepara, especialmente os jovens, para o conviver junto com os idosos diminuindo muito o preconceito etário de ambas as partes. Além disso, a proposta humanizou a cidade pensando-a como um espaço social aberto e potencialmente favorável ao convívio saudável, respeitoso e solidário entre as gerações.

**2 A EXTENSÃO - Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”:
recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações.**



O tema de abertura do presente capítulo não poderia ser outro que não a logomarca do projeto. Assim que vimos o “elefantinho azul”, no meio de algumas outras logomarcas criadas pela a empresa júnior do curso de Publicidade e Propaganda e parceira no projeto de extensão, foi encantamento à primeira vista. Logo que vimos já associamos à expressão idiomática - “memória de elefante”, que comumente utilizamos, na cultura popular, quando queremos nos referir às pessoas que possuem uma boa memória ou que não esquecem as coisas facilmente. E isso define bem o que aconteceu no projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”, ou seja, é um projeto do qual não se esquece facilmente, pois está guardado na memória de cada um dos participantes. Isso posto, começemos a contar a história do “Sacudindo a Memória”.

O contexto de uma sociedade globalizada vem provocando mudanças profundas nos parâmetros da condição humana. Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999), vivemos em uma época de liquidez e de fragilidade dos vínculos afetivos em consequência do aumento do individualismo e do enfraquecimento de atitudes solidárias. Por outro lado, é a globalização que também nos permite um maior contato com diferentes formas de cultura,

permitindo que troquemos experiências, ora sendo influenciados, ora influenciando novos comportamentos.

Abordar a questão da convivência entre gerações nos dias de hoje, em um contexto de sociedade capitalista, que tem como foco os interesses individuais e de consumo, mostra-se cada vez mais pertinente, pois segundo Bauman (2007) há um grande processo de “liquidez” que atinge os laços inter-humanos, pois se tornam cada vez mais frágeis e temporários. Acrescenta-se a esse desafio da convivência outro grande: o da longevidade humana, pois, devido ao crescente aumento na expectativa de vida dos indivíduos, significa que não só iremos viver mais tempo, mas, também, conviver por mais tempo com diferentes gerações o que nos convoca a inventar ou reinventar convívios intersubjetivos e intergeracionais.

O nosso primeiro grande desafio é o de voltarmos o olhar não só para nossa própria identidade, mas principalmente para a construção das identidades das outras pessoas ou grupos com os quais estabelecemos relações. E foi isso que impulsionou o presente trabalho, ou seja, essa busca pela (re)invenção de convívios e a possibilidade de construção de encontros significativos, criativos e de muito aprendizado entre gerações.

O ponto de partida para a investigação coincide com a prática de um projeto de extensão universitária denominado: *Projeto Intergeracional “Sacudindo a Memória”*: *recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações*, que teve como objetivo principal criar espaços de convivência entre gerações como forma de promover a sensibilização, a conscientização e a desconstrução de estereótipos, além de promover uma compreensão mais positiva acerca do processo de envelhecimento, por meio da valorização das memórias autobiográficas contadas pelos idosos e sua relação com a história da cidade.

Assim, o nosso objetivo no presente capítulo é de narrar a história desse projeto de extensão, que se transformou no campo de investigação, da forma mais descritiva possível para que o leitor possa não só conhecer os elementos que o compõem, mas, sobretudo, compreendê-lo em processo. Para começar a contar essa história, é preciso lembrar os principais elementos que estruturam uma narrativa, pois servirão de guia para a organização do capítulo. Sabe-se que toda narrativa é composta pelos seguintes elementos: a) o tema ou o assunto que é a matéria da narrativa; b) o espaço e o tempo - o espaço enquanto ambiente onde se passa a narrativa e o tempo que pode ser tanto linear ou cronológico, quanto não linear e subjetivo; c) os personagens - as pessoas que irão fazer parte da história; d) o narrador a pessoa responsável por contar a história e expor o enredo e, por fim, e) o enredo que é a história propriamente dita. Aliás, o enredo é o elemento fundamental da narrativa, pois traz o

tema, o espaço e o tempo no qual as ações e acontecimentos ocorreram, bem como os personagens e suas ações.

2.1 O tema - O projeto intergeracional “Sacudindo a Memória”

Uma vez apresentados os principais elementos que compõem uma narrativa, chegou a hora de começar a história. Começamos, então, pelo tema. O tema da presente narrativa, conforme já mencionado, será a descrição da trajetória do projeto de extensão universitária denominado: *Projeto Intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações*, que foi realizado por dois anos consecutivos, em 2016 e em 2017, e esteve ligado ao Núcleo de Direitos Humanos e Inclusão (NDHI) da Universidade, sendo aprovado por dois editais da Pró-Reitoria de Extensão da PUC-Minas (PROEX-075/2015 e 2016/10888-1S) e, também, passou pelo Comitê de ética de pesquisa da universidade (CEP) da PUC-Minas com número: 69371417.2.0000.5137.

O projeto nasceu no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) *campus* de Poços de Caldas e teve um caráter eminentemente psicossocial, sociocultural, educativo e interdisciplinar, pois teve como parceiros os cursos de Publicidade e Propaganda e de Arquitetura e Urbanismo. Em relação aos objetivos do projeto, estes foram: a) construir práticas que promovessem aproximação intergeracional e, conseqüentemente, a quebra de estereótipos sobre o processo de envelhecimento; b) valorizar a função social do idoso enquanto guardião da memória individual e social da cidade; c) confeccionar materiais audiovisuais, em mídia digital, sobre as memórias autobiográficas narradas pelos idosos da cidade (um vídeo documentário e *teasers*) para serem disponibilizados e divulgados na web (página de facebook e em um canal do *Youtube*) constituindo-se em um acervo a ser oferecido para a comunidade em geral, ajudando-a a conhecer e refletir sobre a identidade cultural local bem como o resgate das tradições; d) promover o bem estar físico-mental e a qualidade de vida de todos os envolvidos. Mas quais pessoas estariam envolvidas no projeto?

2.2 Os personagens do projeto

As pessoas que participaram diretamente da execução do projeto de extensão “Sacudindo a Memória” ao longo dos anos de 2016 e 2017 foram um total de vinte e dois jovens universitários, de ambos os sexos, compreendidos entre as faixas etárias de 19 e 36

anos, sendo dezessete alunos do curso de Psicologia, três alunos do curso de Publicidade e Propaganda e duas alunas do curso de arquitetura e urbanismo. No primeiro ano do projeto, em 2016, foram selecionados 10 jovens universitários, sendo oito do curso de Psicologia e dois do curso de Publicidade e Propaganda. No segundo ano do projeto, em 2017, tivemos um total de 14 pessoas que se interessaram em participar, sendo que duas delas já tinham participado no ano anterior e decidiram dar continuidade no primeiro semestre de 2017, dentre elas um aluno do curso de Psicologia e a outra, uma aluna do curso de Publicidade de Propaganda. Então, em 2017, no seu segundo ano, o projeto ganhou dez novos integrantes, sendo mais uma aluna do curso de Publicidade e Propaganda; mais seis alunas e um aluno do curso de Psicologia e mais duas alunas do curso de Arquitetura de Urbanismo. Vale ressaltar que o ingresso das estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo ocorreu apenas em 2017, pois o projeto só firmou parceria com esse curso no seu segundo ano. A seguir, para uma melhor visualização, elaboramos um quadro (1) que consta os nomes (fictícios) dos extensionistas, suas respectivas idades e cursos.

Quadro 1 - Jovens universitários que participaram do projeto

Nome	Idade	Curso
Adelita	30	Psicologia
Andréa	25	Psicologia
Bel	19	Psicologia
Bianca	21	Psicologia
Brício	22	Psicologia
Cida	27	Psicologia
Clara	21	Publicidade e Propaganda
Daniely	22	Psicologia
Fabio	26	Psicologia
Flaviana	24	Psicologia
Ingrid	21	Arquitetura e Urbanismo
Juliana	20	Psicologia
Karina	20	Psicologia
Lais	20	Publicidade e Propaganda
Leila	21	Psicologia
Leo	21	Publicidade e Propaganda
Natália	21	Arquitetura e Urbanismo
Tais	23	Psicologia
Valquiria	21	Psicologia
Victor	21	Psicologia
Yago	36	Psicologia
Yessica	24	Psicologia

Fonte: Dados da Pesquisa

Além dos jovens extensionistas, participaram do projeto doze pessoas idosas ativas, com idades que variavam entre 60 e 92 anos, de ambos os sexos, de diferentes faixas de renda, de diversos setores da sociedade, que representavam certo aspecto da cidade ou que eram considerados representantes da identidade sociocultural e histórica da cidade. No quadro (2), abaixo, temos a descrição dos nomes dos idosos (nomes fictícios), que participaram do projeto com suas respectivas idades, graus de escolaridade e áreas de atuação social.

Quadro 2 - Idosos participantes do projeto

Idosos	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão e /ou área de atuação
Antonio	81	Masculino	Analfabeto	Servidor Publico aposentado/ Coordenador do Grupo de Folia de Reis e Catireiro.
Branca	81	Feminino	Primário incompleto	Doceira e comerciante
Ethelvina	92	Feminino	Segundo grau completo.	Professora aposentada/ voluntária do centro de memória.
Ezio	76	Masculino	Primário incompleto	Aposentado/Catador de recicláveis
Gerson	76	Masculino	Analfabeto	Aposentado/Lavador de carro na praça.
Iracema	83	Feminino	Segundo grau completo	Freira/coordenadora de uma ILPI.
Lourdes	65	Feminino	Primário incompleto	Massagista das Thermas (Deficiente Visual)
Marcel	60	Masculino	Analfabeto	Funcionário Público/Jardineiro
Olivia	88	Feminino	Segundo grau completo	Diretora de escola aposentada/ voluntária do centro de memória.
Oscarina	89	Feminino	Analfabeta	Aposentada/ Benzedeira/ Capitã de Congada.
Veronica	73	Feminino	Superior completo	Professora e Radialista aposentada
Yagnes	87	Feminino	Superior completo	Assistente Social aposentada/ voluntária do centro de memória.

Fonte: Dados da Pesquisa

2.3 O ambiente

O lugar em que se desenvolveu o projeto foi na cidade de Poços de Caldas, cidade termal, de porte médio, localizada na região sul e sudoeste do estado de Minas Gerais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é considerada o 15º município mais populoso do estado, com uma população estimada em 166.111 habitantes

(IBGE, 2018)². É considerada uma cidade turística que, desde os primórdios de sua constituição, esteve associada a um lugar de cura; posteriormente, passou a ser uma estância balneária e, mais recentemente, está associada à cidade do bem estar. Segundo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)³, a cidade tem um alto IDH (0,779), sendo considerada a 6ª cidade do estado de Minas Gerais com maior percentual de qualidade de vida.

A história da cidade de Poços de Caldas começou a ser escrita a partir da descoberta das primeiras fontes e nascentes de águas termais e com poderes curativos no século XVII. Entretanto, só no final do século XIX o potencial curativo e científico das águas minerais despertou o interesse dos governantes e, também, da medicina brasileira, que tinha como referência os conceitos da educação médica europeia, que acreditava no termalismo, disciplina que era ensinada nas escolas médicas, como um instrumento eficaz para o tratamento de algumas doenças específicas, dentre elas o reumatismo e a sífilis. Além disso, associava-se o tratamento à paisagem agradável cercada de montanhas. Desse modo, o contato com a natureza e o distanciamento das cidades de origem representavam fabulosos coadjuvantes do processo de cura (MARRICHI, 2015).

Em 1886, foi inaugurado o primeiro balneário da cidade, o Pedro Botelho, no qual o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Tereza Cristina se banharam quando vieram à cidade para inaugurar o ramal de Caldas da Estrada de Ferro da Mogiana. Em 1896, inaugurou-se o segundo balneário, o dos Macacos, na Praça Dom Pedro II. E em 1919, a companhia Melhoramentos inaugurou o terceiro balneário chamado de *Thermas* que, mais tarde, daria lugar às obras do *Palace Hotel*, durante a remodelação de todo o complexo hidrotermal. Foi somente a partir de 1927 que o então governador do estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, concedeu à cidade um crédito para remodelação urbana de Poços de Caldas, a fim de transformá-la na primeira cidade balneária do Brasil. Então, em 1931, inaugura-se a *Thermas Antônio Carlos*, com uma grande infraestrutura, ou seja, teve a implantação de um grande jardim, o parque José Affonso Junqueira, a *Thermas Antônio*

²Fonte: IBGE- Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pocos-de-caldas/panorama>. Acesso 20 de julho de 2019.

³O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é um órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) trabalha em mais de 170 países e territórios auxiliando a erradicação da pobreza, a redução da desigualdade e a exclusão. É conhecido por elaborar o índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que é uma medida comparativa usada para classificar os países e ou as cidades pelo seu grau de desenvolvimento humano, que é medido pelos dados de expectativa de vida ao nascer, acesso à educação e índice do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, todos formam uma maneira padronizada de avaliação e medida da qualidade de vida de uma população.

Carlos e o Palace Cassino. A cidade ganhou fama, tornando-se a primeira cidade balneária da América Latina que fazia uso das águas termais (POZZER, 2001; MARRICHI, 2015).

Desse modo, no início do século XX, Poços de Caldas se tornou a mais importante estância hidromineral brasileira. Sua reputação acabou atraindo políticos, escritores, artistas famosos, a burguesia emergente, e a sua imagem sendo transformada numa cidade do jogo e do lazer. Durante os anos, 40 a cidade desfrutou de uma estabilização das atividades econômicas advinda do turismo e da prática dos jogos. Entretanto, em 1945, com a segunda guerra mundial, o termalismo passa a ser menos recomendado, perdendo terreno para a “medicina científica” desenvolvida nos EUA, com a descoberta da penicilina. Além disso, em 1946 o presidente Eurico Gaspar Dutra decreta o fim dos jogos de azar, determinando o fechamento de todos os cassinos no Brasil e a cidade de Poços de Caldas teve, por sua vez, sua economia abalada, passando um grande período de recessão. A partir da década de 50, a cidade vai ter nas atividades extrativas de minérios e na industrialização sua principal fonte de renda. Na década de 60, a cidade volta a ter um perfil econômico mais ligado ao turismo. Assim, com vistas à preservação do patrimônio histórico da cidade, foi decretado o tombamento do complexo hidrotermal de Poços de Caldas, em 1985, pela Diretoria do Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico Municipal (DPHTAM) (MARRICHI, 2015).

Hoje, a cidade, mesmo diante das várias transformações ocorridas durante os séculos XX e XXI, ainda preserva uma aura pitoresca e romântica. Ao caminhar pela área central da cidade, ou seja, pelo jardim da Praça Pedro Sanches e o Parque Affonso Junqueira, ambos bastante preservados, parece que esses lugares resistem às mudanças dos tempos, e que guardam ou testemunham a memória de seus habitantes. As crianças e os casais de namorados ainda andam de charrete; as noivas são fotografadas no pergolado do jardim; a banda ainda toca no coreto todo final de semana e, ao redor dela, casais de idosos ainda dançam; a fonte luminosa ainda brilha e baila ao som de músicas clássicas; os jovens marcam encontros na praça; as crianças ainda correm e brincam no parquinho; a Charanga dos artistas ainda anima os carnavais na praça. Além disso, a Praça Pedro Sanches e o Parque Affonso Junqueira abrigam vários lugares e eventos em um só espaço: o bosque; o bondinho; uma casa de café; o jardim de azaleias; o Hotel Palace; o Palace Cassino; a Thermas Antônio Carlos; o calendário e o relógio floral; a mostra de carros antigos nos meses de agosto; os mais variados shows e feiras; as mais diversas manifestações públicas, dentre outros eventos. A área central da cidade, hoje, parece resguardar não só experiências de sociabilidade de outrora, de uma memória afetiva do lugar, mas, também, tem se mostrado como um espaço flexível, potencialmente favorável e aberto para novas experiências de convívio e, portanto, foi o

principal ambiente/cenário onde aconteceram os encontros do projeto “Sacudindo a Memória”.

Além do cenário da cidade, é preciso ampliar o quadro para entender que coexistem outros cenários, menos visíveis, mas que fundamentaram e justificaram a construção do Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”.

2.4 Os Diversos Cenários

2.4.1 O Cenário do Envelhecimento

No cenário contemporâneo e mundial, o fenômeno da longevidade é uma realidade que, segundo Veras (2009), atinge todas as classes sociais em todos os países. A expectativa de vida humana aumenta progressivamente em todo o mundo, fato esse que as estimativas acerca do número total de idosos nos países em desenvolvimento apontam para um aumento de 200% no período compreendido entre 1996 e 2025. Em geral, o aumento da expectativa de vida está associado à melhoria da indústria farmacêutica; aos níveis de informação; aos avanços nos serviços de saúde e nas condições de vida; à queda da taxa de fecundidade e mortalidade; aos hábitos alimentares mais saudáveis; às mudanças culturais; ao estilo de vida; ao viver em cidades mais saudáveis, dentre outros fatores.

No Brasil, seguindo essa tendência mundial, desde a década de 40 até os dias atuais, a população idosa brasileira mais do que dobrou sua porcentagem na representação total no número de indivíduos brasileiros, passando de 4% para 9%, que corresponde a um acréscimo de 15 milhões de idosos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo de 2010, a expectativa é de que no ano de 2025 teremos um contingente de idosos de, aproximadamente, 32 milhões de pessoas e, a partir de 2039, teremos uma total inversão da pirâmide etária, ou seja, a população de idosos será maior que a de jovens (IBGE, 2010). No estado de Minas Gerais, a população de idosos atinge a marca de 11% e, na região sul do estado, onde se localiza o município de Poços de Caldas, 12% da população são de pessoas com mais de 60 anos de idade, sendo o município que tem a maior expectativa de vida (78,2 anos) do estado (IBGE, 2015).

Para Kalache (2014), essa transição demográfica significa uma “Revolução da Longevidade” com implicações que transcendem a dimensão individual, pois acarretam repercussões nos âmbitos: da saúde, do social, do cultural, do setor econômico, da seguridade social, implicando na criação de políticas públicas, leis e alterações no perfil das relações

sociais. Assim, o maior desafio dessa realidade consiste em agregar qualidade de vida ao aumento da expectativa de vida e promover dignidade, inclusão social, bem-estar físico, social e psicológico à pessoa idosa.

Em 2003, a Organização das Nações Unidas (ONU), no seu Plano de ação internacional sobre o envelhecimento, alerta para a necessidade dos países desenvolverem políticas de saúde e assistência social de caráter preventivo, orientadas para atender às demandas do acelerado processo de envelhecimento da população mundial. Dois anos após, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005, p. 13) apresenta o documento intitulado “Envelhecimento Ativo: uma política de saúde”, que preconiza intervenções de prevenção, tratamento e, sobretudo, ações educativas orientadas para qualidade de vida de todas as gerações, pois “a criança de ontem é o adulto de hoje e o avô ou a avó de amanhã.” O documento propõe uma perspectiva de curso de vida que reconheça a importante influência das experiências de vida para a maneira como os indivíduos envelhecem, e compreende como campo intergeracional um processo de (re)educação e (re)significação social em relação ao processo de envelhecimento.

2.4.2 Cenário Intergeracional

Essa necessidade de construir um campo intergeracional vem ao encontro do que aponta Netto (2002), ou seja, a sociedade atual encontra-se diante de uma situação contraditória, pois, de um lado, defronta-se com o crescimento demográfico da população idosa e de outro lado, adota atitudes preconceituosas e excludentes diante dessa população. Os idosos nas sociedades primitivas eram venerados e obtinham respeito, sendo considerados como transmissores da cultura, dos valores, guardiões do saber e da memória, responsáveis em instruir, os mais jovens ao contrário do quadro que é presenciado na contemporaneidade. Assim, a OMS (2005) chama atenção para educar os jovens sobre as questões do envelhecimento, pois significa garantir os direitos das pessoas mais velhas. Estas são algumas das proposições do paradigma do envelhecimento ativo que ajudam a reduzir e eliminar a discriminação e o abuso.

Sanchez e Diaz (2005) salientam a necessidade de conceituar o campo intergeracional e, dentro dele, construir-se os programas intergeracionais como uma forma de responder à proposta de uma “sociedade para todas as idades”, conforme propõe o documento da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005). Como definição desses programas, os autores utilizam o conceito empregado pelo Consórcio Internacional para Programas Intergeracionais,

qual seja: "Eles são veículos para a troca intencional e contínua de recursos e aprendizagem entre as gerações, mais jovens e mais velhos, a fim de obter benefícios individuais e sociais." (SANCHEZ E DIAZ, 2005, p.393). Mas, a partir de que momento surge essa necessidade de se pensar programas intergeracionais? Quais as condições sócio-históricas que fizeram emergir esta preocupação com uma "sociedade para todas as idades"?

Os Programas Intergeracionais (PI) surgem a partir do reconhecimento do valor do convívio entre gerações e como possibilidade de inclusão do idoso como cidadão da sociedade. Esse reconhecimento do papel do idoso, no contexto de sua cultura, irá se refletir na elaboração de documentos nacionais e internacionais, que servirão de base para ações e para construção de Programas Intergeracionais. Assim, segundo Ferrigno (2012), a partir dos anos 90 surgiram várias políticas de integração e de participação das pessoas idosas, empreendidas por organismos internacionais como as Nações Unidas, a União Europeia, além de governos de vários países, que deram um importante impulso a essas iniciativas. No ano de 2002, em Madri, ocorreu a Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), que enfatizou "a necessidade de fortalecer a solidariedade entre as gerações e as associações intergeracionais, tendo presentes as necessidades particulares dos mais velhos e dos mais jovens, e de incentivar as relações solidárias entre as gerações." (ONU, 2003).

No Brasil, tem-se como referência legal, para pensar a intergeracionalidade, a própria constituição de 1988, no artigo 229, que aborda o conceito de solidariedade intergeracional na relação de cuidado intrafamiliar declarando: "Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade." Entretanto, a preocupação com a solidariedade intergeracional, fora do âmbito familiar, só apareceu com a promulgação da Lei nº 10.741, que estabeleceu o Estatuto do Idoso em outubro de 2003, onde são garantidos aos idosos aspectos referentes à intergeracionalidade. O Título I, artigo 3º, parágrafo único, item IV, dispõe sobre a prioridade na "viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações." Posteriormente, no Título II, dos direitos fundamentais, artigo 21, § 2º: "Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais." (BRASIL, 2003).

Segundo Côrte e Ferrigno (2016), os programas intergeracionais no contexto brasileiro são muito recentes e as iniciativas ainda são desconhecidas, faltando uma sistematização e divulgação das experiências. Aliás, os autores apontam para a necessidade de se fazer um

mapeamento dessas ações. Entretanto, uma grande dificuldade para se mapear os programas nacionais é devido a alguns fatores: a não sistematização desses programas; a não continuidade, devido à carência de verbas para manutenção de projetos e programas; a falta de informação e sensibilidade dos gestores; a não capacitação das pessoas que atuam nos programas; a ausência de políticas públicas específicas que incentivem tais iniciativas intergeracionais, dentre outros (CÔRTE E FERRIGNO, 2016).

Sobre a presença do estado em políticas que incentivem os programas intergeracionais nacionais, é ainda muito precária, e a temática da solidariedade intergeracional não aparece explicitamente como um tema a ser desenvolvido. Em termos de políticas públicas, a questão das relações intergeracionais e da solidariedade intergeracional aparece como um apêndice dentro de outras políticas. Na área social, por exemplo, podem ser citados os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), equipamento estatal que atua no âmbito municipal e integra o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que desenvolve um Programa de Atenção Integral à Família (PAIF), promovendo atividades de convivência e sociabilidade intergeracionais, principalmente nas áreas do lazer, da cultura, das práticas esportivas e de práticas de estímulo da memória. Na área da saúde, não há nenhum programa específico e, o que aparece são apenas orientações e recomendações em prol de um envelhecimento saudável que incluem o convívio com as demais gerações. Na área da educação, o tema do envelhecimento ou da longevidade não aparece como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tampouco nos fluxogramas curriculares dos cursos de graduação, o que é uma situação contraditória diante do crescente envelhecimento populacional. Aliás, no ambiente das instituições de ensino, em todos os níveis, tanto na esfera pública quanto particular, as ações intergeracionais ainda são poucas e episódicas. A título de exemplo, na área da educação, podem-se citar, como uma iniciativa intergeracional, as Faculdades Abertas para a Terceira idade (FERRIGNO, 2011).

Em relação às iniciativas intergeracionais não governamentais brasileiras bem sucedidas, pode-se citar como referência um programa desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) que trabalha com atividades socializadoras e de lazer intergeracionais. Em 2003, o SESC-SP fez o lançamento do programa intergeracional: “SESC Gerações”. Trata-se de um programa que realiza atividades nas áreas de arte, lazer, cultura, esportes, turismo e voluntariado com pessoas de todas as idades que têm a oportunidade do convívio intergeracional e que se espalhou pelas diversas unidades do SESC-SP, na capital e no interior, e inspirou muitos outros projetos e programas intergeracionais dentro das diversas unidades do SESC em todas as regiões do País.

2.4.3 O cenário da Extensão Universitária

A universidade brasileira é compreendida pela dinâmica da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A própria Constituição Federal de 1988, no Artigo 207, afirma que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (BRASIL, 2004). Cabe salientar que esse princípio não é uma mera formalidade legal, mas deve ser buscado nos projetos pedagógicos de todos os cursos universitários, pois contribui com a formação integral dos estudantes. Assim, no que diz respeito à extensão universitária, enquanto um dos pilares da universidade, deve-se transformá-la numa possibilidade de aprendizagem, que, de acordo com as Políticas Nacionais de Extensão (2012), constitui-se o eixo transversal para as atividades acadêmicas de ensino, de pesquisa e de extensão, responsável principalmente pela articulação entre teoria e prática e promotora da integração entre universidade e sociedade (SÍLVERES, 2013).

Aliás, em 1987 correu a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), quando se iniciou a discussão mais aprofundada do papel da extensão universitária, definindo-a “como parte de processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.” (FORPROEX, 2001, p.29). A partir de 2006 a extensão universitária ganha maior cunho acadêmico e passa a ser entendida como:

Ação integrante do processo formativo acadêmico, que ocorre por meio de vivências que provocam trocas e relações numa realidade social. É espaço de reflexão crítica para repensar ações acadêmicas frente às demandas sociais e à formação de profissionais protagonistas de transformações sociais. (FORPROEX, 2006).

A Extensão Universitária nas Instituições de Ensino Superior (IES) deve ser pensada como um espaço de aprendizagem ético-político do processo ensino-aprendizagem, que se origina na relação entre teoria e prática. Daí a proposta de implementação do Projeto de Extensão Intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações, que se justificou também com base na Política de Extensão da PUC-Minas (2006), que reforça a premissa de que os saberes produzidos devem estar a serviço da dignidade humana e a universidade deve contribuir para a compreensão dos problemas que afetam a sociedade, com atenção às suas dimensões éticas. Além disso,

tem como referência a Política Nacional de Extensão universitária (2012, p.16) no item interação dialógica que ressalta:

A diretriz Interação Dialógica orienta o desenvolvimento de relações entre a universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. (PNEU, 2012, p.16).

Desse modo, um tipo de projeto como o “Sacudindo a Memória” se justifica, pois tem grande relevância social ao propiciar ações e reflexões destinadas aos indivíduos idosos, que representam cada dia mais uma boa parcela da população e, muitas vezes, excluídas socialmente. Além disso, no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da PUC-Minas, é enfatizada a importância da extensão universitária como parte do fazer acadêmico e um dos lugares do exercício da função social da universidade, favorecendo a integração da sua missão tecno-científica, sua vocação humanizadora, seu compromisso social e, sobretudo, seu lugar como produtora de um conhecimento novo. Daí a indissociabilidade entre a extensão, a pesquisa e o ensino, conforme veremos nos capítulos subsequentes.

Ademais, o projeto proposto segue as diretrizes do projeto pedagógico do curso de Psicologia do *campus* de Poços de Caldas que, por sua vez, adota o mais proximamente possível, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (Resolução nº 8, de 7 de maio de 2004) e das diretrizes do Departamento de Psicologia da PUC-Minas. Essas diretrizes apontam que o curso deve reinventar-se a cada momento histórico e responder, de maneira competente e diversificada, às novas exigências colocadas pela sociedade à profissão. Entre as modalidades de formação e habilitação previstas pelas diretrizes, o curso de Psicologia da PUC-Minas em Poços de Caldas, optou pela de psicólogo, considerando as demandas e as particularidades do mercado de trabalho da região. O curso, no seu início, “oportunizou aos alunos a possibilidade de escolha em duas ênfases: uma relacionada à prevenção e promoção da saúde, em especial à terceira idade; e outra voltada aos processos educacionais e ao lazer, particularmente o cultural.” (CAMPOS; PEREIRA e GOTO, 2009, p.104).

Isso posto, a extensão universitária, em especial o projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”, foi um caminho para encontrar soluções para essas demandas de formação acadêmica e social. Desse modo, o projeto esteve de acordo com as políticas da

extensão universitária supracitadas, na medida em que as atividades de extensão ampliaram o espaço da sala de aula, permitindo a construção de um saber que se fizesse dentro e fora da academia, contribuindo com o processo pedagógico na medida em que possibilitou o intercâmbio e participação entre as comunidades interna e externa à vida universitária e, conseqüentemente, acabou se tornando uma importante estratégia de transformação social.

O “Sacudindo a Memória” coincidiu não só com o objetivo da extensão Universitária, mas, sobretudo, com o perfil do profissional a ser perseguido pelo referido curso de Psicologia, ou seja, um profissional “preparado para o uso crítico e criativo dos saberes psicológicos à disposição, atento à necessidade de articulação entre a teoria e prática, entre teorias psicológicas e seus pressupostos filosóficos e entre práticas psicológicas e suas dimensões e conseqüências sociais.” (CAMPOS; PEREIRA e GOTO, 2009, p.105).

A partir de todo o panorama apresentado é possível entender a complexidade, a multidimensionalidade do Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo à Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações. Trata-se de uma proposta de recuperação da trajetória pessoal e social de idosos da cidade de Poços de Caldas, tornando-se, também, uma importante ação de educação patrimonial, cultural, de (co)educação entre gerações e que se abre como um espaço potencialmente favorável de aproximação e de convívio intergeracional. Além disso, na área da saúde, esse tipo de projeto se justifica porque atende à proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) através do documento “Envelhecimento Ativo: uma política de saúde”, pois preconiza intervenções de prevenção e promoção de saúde, principalmente no que diz respeito a ações educativas orientadas para qualidade de vida de todas as gerações.

2.5 O Projeto “Sacudindo a Memória” em movimento

O primeiro momento do projeto foi o de seleção e recrutamento dos bolsistas e voluntários que participariam do projeto. As seleções aconteceram em fevereiro de 2016 e de 2017, ambas realizadas por meio de edital unificado de seleção pela PROEX. Trata-se de um edital geral no qual todos os universitários que desejam ter uma experiência extensionista se inscrevem, participando de uma breve capacitação, durante a qual são mostradas a importância da extensão para a formação e quais projetos de extensão serão ofertados pela Universidade. A partir dessa breve exposição, os alunos interessados preenchem uma ficha colocando os nomes dos projetos de seu interesse, devendo elaborar, sucintamente, uma carta de intenção, manifestando o desejo e o porquê do seu interesse em participar do projeto. Os

coordenadores dos projetos, uma vez de posse dessas cartas, cada um ao seu modo, prosseguem com a seleção dos interessados. No caso do projeto intergeracional “Sacudindo a Memória”, a professora/coordenadora selecionou da seguinte forma: primeiramente, agendou uma data e horário para fazer uma roda de conversa com todos os interessados a fim de explicar melhor o projeto e sanar possíveis dúvidas. Na sequência, fez uma entrevista individual com os interessados, a fim de conhecer cada um dos candidatos e saber qual o real interesse em participar do projeto.

No primeiro ano do projeto, em 2016, de 12 inscritos, foram selecionados 10 jovens universitários, sendo oito do curso de Psicologia e dois do curso de Publicidade e Propaganda. No ano de 2017, no segundo ano do projeto, o projeto ganhou 10 novos integrantes, sendo mais uma aluna do curso de Publicidade e Propaganda; seis alunas e um aluno do curso de Psicologia e duas alunas do curso de Arquitetura de Urbanismo. Além disso, no primeiro semestre de 2017, o projeto contou com a participação de mais dois extensionistas, que já tinham participado no ano anterior e quiseram dar continuidade, um aluno do curso de Psicologia e uma aluna do curso de Publicidade de Propaganda.

Em uma das nossas primeiras reuniões com os extensionistas selecionados, a coordenadora aplicou um questionário que ela mesma havia elaborado, a que denominou questionário de pré-intervenção, a fim de investigar, dentre outras coisas: Qual o olhar que cada um tinha a respeito do envelhecimento? Qual a visão acerca do papel do idoso na sociedade? Qual a representação que cada um tinha acerca do ser idoso? Qual o valor que as histórias/memórias dos idosos, na visão deles, tem para a sociedade? Qual o nível de contato e interação que cada um tinha com pessoas idosas? Quais as motivações e expectativas de cada em relação ao projeto? Essas perguntas iniciais foram um modo que a coordenadora do projeto encontrou não só de conhecer melhor as representações sociais de cada um a respeito da velhice, do envelhecimento e das expectativas de cada um acerca do projeto, mas também serviram como elementos norteadores para a primeira roda de conversa e para a primeira oficina de capacitação, dentre as várias que seriam realizadas, com o grupo que viria a seguir.

Assim, em um segundo momento do projeto, ainda em 2016, todos os extensionistas selecionados tiveram, nos primeiros dois meses (março e abril), seis oficinas de capacitação e de preparação técnica, a saber: 1ª) Sensibilização em relação à velhice e ao processo de envelhecimento; 2ª) O que é memória autobiográfica e memória coletiva; 3ª) Linguagem do cinema documental; 4ª) Linguagem fotográfica e utilização de equipamentos para edição de imagens; 5ª) Discurso e Narrativa; 6ª) História da cidade de Poços de Caldas. As duas primeiras oficinas foram ministradas pela própria professora/coordenadora do projeto, mas as

demais foram ministradas por professores e/ou profissionais convidados por ela e aconteceram em uma das salas de aula disponíveis da Clínica Escola de Psicologia. Ao término de cada oficina, a coordenadora do projeto pedia uma espécie de “para casa”, ou seja, solicitava aos extensionistas que fizessem um relato livre sobre o aprendizado que foi se construindo em cada oficina e com isso ela foi aos poucos introduzindo a sistemática de elaboração de um diário de campo do projeto. Podemos ilustrar, com alguns relatos dos extensionistas, o valor e o aprendizado construído nessa etapa do projeto.

(...) em relação aos conhecimentos aprendidos na oficina, os que me marcaram foram: que na construção de um documentário a verdade pode ser vista de várias perspectivas, desde as escolhas dos personagens, enquadramentos da câmera e luz. A construção da realidade do documentário será sob as perspectiva de quem constrói. A partir desses ensinamentos despertou em mim o contato com a responsabilidade que temos no projeto, pois está em nossas mãos a construção de temas como a imagem da velhice, a história da cidade, quebra de estereótipos e muitos outros, pois esses documentários serão vistos por um grande número de pessoas. (Yago, 36 anos, estudante de Psicologia, relato sobre a oficina de elaboração de documentário).

O professor disse uma frase de Paul Ricoeur que, para mim, foi de muita importância: “A vida é uma narrativa a espera do narrador, toda vida merece uma narrativa.” A partir da frase é possível concluir que os idosos que irão narrar suas histórias durante o projeto, terão a oportunidade de falar sobre suas vidas, suas experiências, seus medos, enfim, suas histórias, podendo ressignificar esses discursos, podendo ter acesso a alguns momentos talvez “deixados de lado” que poderão dar um novo sentido a sua existência. (Daniely, 22 anos, estudante de Psicologia, relato sobre a oficina de narrativa).

(...) Decidimos que a história da cidade será o nosso “pano de fundo”. Como é envelhecer na cidade? Pensamos em pessoas com alguma identidade local, relacionada à cultura da cidade. É bom trabalhar em equipe. Pensar junto. Conhecer veteranos, pessoas de outros períodos, com outras perspectivas sobre a cidade. (Valquíria, 21 anos, estudante de Psicologia, sobre a oficina de memória autobiográfica e memória coletiva).

Esses relatos mostram o quanto as oficinas foram enriquecedoras e de muito aprendizado. Um momento importante de preparação do olhar, da escuta e, também, para compreender o compromisso social do projeto e começar a dimensionar o valor e o impacto que o mesmo poderia exercer, no sentido de deixar um legado para os idosos e seus familiares, para os jovens participantes e, também, para cidade. Aliás, esta questão da cidade ficou evidenciada na sexta oficina sobre história da cidade ministrada por Jussara Marrichi, que é uma historiadora e moradora da cidade, cuja dissertação de mestrado se transformou em um livro referência da história da cidade. A autora relata a origem da cidade de Poços de Caldas, resgatando o valor da mesma para o cenário nacional e internacional por ser o primeiro estabelecimento termal construído na América Latina em 1931. Esta última oficina

foi intencional para despertar o interesse principalmente dos jovens em conhecer o cenário/ambiente em que iria se desenrolar o projeto, ou seja, na cidade de Poços de Caldas. Podemos, mais uma vez, ilustrar com a fala de dois extensionistas, quando eles dizem:

Para mim essa oficina foi riquíssima, pois fez com que criássemos mais amor e interesse pela nossa linda cidade de Poços de Caldas. (Karina, 20 anos, estudante de psicologia).

Essa oficina foi especialmente boa, pois pudemos conhecer mais sobre a história da nossa própria cidade e perceber o quanto as emoções das pessoas estão impregnadas nas memórias coletivas e individuais, não somente dos cidadãos, como também da cidade de Poços de Caldas e região. (Victor, 21 anos, estudante de Psicologia).

Depois das oficinas, partimos para o terceiro momento do projeto que foi o de conhecermos a cidade, em especial a paisagem termal de Poços de Caldas e a constituição da poética urbana decorrente do uso de suas águas termais. Nesse momento do projeto, a coordenadora sugeriu um olhar e um andar *flâneur* sobre a cidade. Ela propôs não só aprender a ver a cidade, mas era preciso ir mais além, era necessário apreender e a ouvir como as pessoas, principalmente as mais idosas, vivenciavam a cidade. Assim, o andar, o flunar pela cidade representava experimentá-la, como alguém que percorre as ruas e os lugares atento à história dos lugares, observando, ouvindo as pessoas e os espaços urbanos. A ideia foi de recuperar o sentido que o filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin (1892-1940)⁴ retomou a partir da poesia de Charles Baudelaire para descrever o *flâneur* como a figura essencial do espectador urbano moderno, um investigador da cidade, que “despreza a história convencional que afasta do concreto, mas fareja na história a cidade e a cidade na história.” (ROUANET, 1992, p.50). Além disso, o flunar pela cidade, seja no século XIX ou no século XXI, significa ter um olhar para diversos tempos ao mesmo tempo. As temporalidades se cruzam no espaço, um tempo interno de redescoberta de um si mesmo, um tempo externo de redescoberta do outro e um tempo histórico e comum da cidade de hoje e de outrora. Segundo Rouanet (1992, p.50), o *flâneur* é considerado o “alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado.”

Cabe esclarecer que lugar e espaço não são a mesma coisa. Embora sejam termos que possam ser confundidos, de acordo com Speller, citado por Cavalcante e Nóbrega (2011), espaço e lugar são termos diferenciados, sendo que o primeiro engloba o aspecto físico do

⁴ Walter Benjamin (1892-1940) filósofo, sociólogo, crítico literário judeu alemão. Benjamin, baseando-se no conjunto de poemas “Quadros Parisienses”, que integra a obra “As Flores do Mal” publicada em 1857 do poeta francês Charles Baudelaire, destaca a figura do *flâneur* como o retrato de um tipo social que vive no limiar entre a experiência da tradição (*Erfahrung*) e a vivência da modernidade (*Erlebnis*).

ambiente, e o segundo faz referência aos sentidos atribuídos pelo usuário ao espaço físico. É a relação estabelecida pelo ser humano com o espaço que o transformará em um lugar. Tuan, citado por Cavalcante e Nóbrega (2011), discorrem que “A criação do lugar é um processo de troca entre a pessoa e o ambiente que supõe percepção, vivência, significação, apego, um envolvimento emocional e físico, uma afecção do corpo pelo lugar (...)” (TUAN *apud* CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p.186).

Uma vez feita essa diferenciação, partimos para caminhar pela cidade. Então, em algumas tardes das últimas semanas do mês de abril e nas duas primeiras semanas do mês de maio foram realizadas as primeiras caminhadas exploratórias. Percorremos vários lugares da cidade: o memorial do colégio Dom Bosco; o complexo hidrotermal composto pelo parque Afonso Junqueira, pela praça Pedro Sanches e pelas *Thermas* Antônio Carlos; o Museu Histórico e Geográfico; a praça D. Pedro II, popularmente conhecida como praça dos Macacos. Através dessas visitas, o olhar sobre o espaço urbano foi mudando, as questões patrimoniais foram ganhando outro significado, houve uma apropriação do espaço na medida em que foram sendo vistos e ouvidos repletos de história e de significado, foram, então, se transformando em lugares. Alguns depoimentos ilustram bem o impacto que teve esse caminhar pela cidade:

Fomos ao museu histórico de Poços de Caldas. Confesso que moro aqui há 20 anos e nunca havia frequentado este espaço (...). Quero levar a minha mãe neste museu e outros amigos poços caldense que, assim como eu, não conhecem este espaço enriquecedor. Este local proporciona conhecer um pouquinho da história da cidade é a sensação de como seria viver naquela época. Um espaço de aprendizado e viagem no tempo. De possibilidades de criação e reflexão. Tiramos algumas fotos. Claro, devíamos deixar registrado este momento não apenas em nossas memórias, mas em um registro fotográfico. Foi muito interessante conhecer o museu com o projeto. (Valquíria, 21 anos, estudante de psicologia).

Sobre a cidade, eu não sou daqui de Poços, sou de Guaxupé e vai fazer três anos que eu estou em Poços e desde o momento que eu vim para cidade, já senti que aqui é uma coisa diferente e eu sou apaixonado pela cidade, e como o projeto foi possível que a gente conhecesse ainda mais a história de Poços de Caldas e ver que tem lugares, principalmente os pontos turísticos que não estão lá por acaso, aquela pintura é daquele jeito não por acaso, a estátua não está naquele lugar por acaso. Tudo tem uma história, tudo tem um porquê. (Leo, 21 anos, estudante do curso de Publicidade e Propaganda).

Essas falas remetem a esse processo de apropriação do espaço urbano enquanto um lugar. Essa apropriação se relaciona com a identidade do lugar. Os lugares passaram a ter uma significação tanto coletiva e comum a todos do grupo quanto singular, pois cada um se apropriou do espaço de acordo com sua subjetividade. Essas caminhadas serviram para

descobrirmos juntos, que há uma imbricação “homem-cidade” e que as fronteiras da história individual com a história do coletivo estão muitas vezes diluídas no espaço urbano.

O caminhar pela cidade não teve somente a função de conhecer o espaço da cidade, mas os extensionistas junto com a coordenadora/mediadora do projeto foram sendo incentivados a fazer uma espécie de apreensão sensível do lugar. A coordenadora mediava essa apreensão, pois estimulava que prestassem atenção, que olhassem e escutassem as pessoas. A partir daí, a paisagem da cidade foi se humanizando e, de cada lugar, foram “brotando” as “pessoas-referências”, ou seja, as pessoas idosas cuja história pessoal estava entrelaçada com a história do lugar.

Estabelecemos como critério para a escolha das pessoas idosas que iriam participar do projeto pessoas idosas e ativas com mais de 60 anos, de ambos os sexos, de diferentes classes sociais, residentes no município de Poços de Caldas e que pudessem representar diferentes aspectos/setores da cidade, tais como: o comércio; a educação; a saúde; a cultura; o esporte, dentre outros. Entretanto, a partir do caminhar pela cidade e do olhar e da escuta sensível das pessoas que encontramos pelo caminho, naturalmente, fomos “sacudidos” e surpreendidos pelas pessoas idosas, que foram surgindo pelo caminho e algumas dessas pessoas seriam convidadas para compor o projeto, pois representavam a memória viva do lugar.

Os nomes dos idosos, então, foram sendo sugeridos, naturalmente nas rodas de conversa semanais do projeto. Chegamos a um número de 12 pessoas idosas ativas, com idades que variavam entre 60 e 92 anos, de ambos os sexos, sendo que três das idosas escolhidas pertenciam a um mesmo grupo de senhoras, que se denominaram de “amigas inseparáveis” e só aceitaram o convite para participar do projeto com a condição de todas estarem juntas. A partir dos nomes indicados, passamos para a fase de escolha de quais extensionistas iriam fazer a entrevista com qual pessoa idosa. Neste momento, a coordenadora mediou às escolhas, respeitando tanto o interesse e sugestão de cada um dos extensionistas, quanto o jeito de cada um dos idosos. A coordenadora/mediadora dividiu o grupo de extensionistas do curso de psicologia em duplas de modo que cada dupla ficasse responsável por fazer um primeiro contato com o respectivo idoso para convidá-lo para participar do projeto. É importante salientar que a dupla de alunos do curso de Publicidade e Propaganda ficou fora dessa divisão, porque já estaria participando de todas as entrevistas, e seria responsável pelo registro fotográfico e audiovisual do projeto. Aliás, encontramos entre os alunos do curso de Psicologia um aluno fotógrafo amador, que também colaborou em muito com o registro imagético do projeto.

Uma vez escolhidos todos os participantes idosos e as suas respectivas duplas de entrevistadores, iniciamos a quarta etapa do projeto. A etapa mais aguardada por todos, o momento de escutar as memórias autobiográficas dos idosos e que representaria, também, os primeiros encontros intergeracionais entre jovens e idosos.

Antes de contar como transcorreram esses encontros, cabe salientar que a coordenação de extensão universitária (PROEX) tem como exigência que todos os discentes participantes dos projetos de extensão estejam sempre assegurados com de seguro de vida e contra acidentes pessoais, mas não há exigência para que os participantes assinem Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Entretanto, desde o início da execução do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”, houve, por parte da coordenadora/pesquisadora, um cuidado com a questão ética. Desse modo, foi elaborado e assinado, por todos os participantes, tanto idosos quanto discentes, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um termo de autorização de uso de imagem. Assim, todas as entrevistas e os registros audiovisuais foram devidamente consentidos e autorizados tanto para divulgação na página oficial do projeto no *facebook*, quanto para fins acadêmicos.

Além disso, desde o início da intervenção houve um cuidado ético não só no sentido da coleta de autorizações dos participantes, mas, sobretudo, um cuidado com o bem estar e saúde mental de todos os participantes, pois a coordenadora/mediadora esteve presente em todos os momentos de execução do projeto e sempre se colocou a disposição deles, oferecendo acolhimento e escuta, tanto nos espaços de encontro, ou seja, nos próprios locais da cidade onde acontecia o projeto, quanto na Clínica de Psicologia do *Campus*, caso um dos participantes necessitasse. No entanto, isso não aconteceu ao longo dos dois anos do projeto, pois todos os participantes relataram em seus depoimentos, sem exceção, que se sentiram bastante à vontade e acolhidos durante toda a execução do mesmo. É importante salientar que a coordenadora participava de todos os encontros, tanto de planejamento, quanto na execução do projeto, estabelecendo, desde o início, um processo de gestão coparticipativa, em que todos podiam dar ideias, trocar informações, compartilhar caronas e emoções.

Ademais, ao longo de todo o processo do projeto, a coordenadora vivenciou dinamicamente vários papéis, ora como gestora, ora como pesquisadora, mas o papel mais preponderante foi o de mediadora/facilitadora das relações interpessoais e intergeracionais, buscando respeitar as afinidades, habilidades e jeito de cada um, potencializando-os e, conseqüentemente, estabelecendo um canal de diálogo frequente e aberto. Podemos ilustrar

essa dinâmica adotada pela coordenadora do projeto através do registro de um dos extensionistas, no seu diário de campo, que diz o seguinte:

A professora sempre está junto com a gente, ela está visitando museu, ela está nas entrevistas, a gente vai trocando ideias, “linkando” as coisas. E isso agrega muito e tem um valor muito grande para o aprendizado. (Yago, 36 anos, estudante de psicologia).

A dinâmica do projeto acontecia da seguinte forma: todas as semanas tínhamos dois encontros que aconteciam, geralmente, às terças e quintas feiras de 13:00 às 17:00 horas, sendo que os encontros das terças-feiras eram, na maioria das vezes, para o planejamento das atividades da semana e realizados em uma das salas disponíveis da Clínica Escola de Psicologia dentro da universidade. Às quintas-feiras, comumente, eram destinadas para ida ao campo e realização das ações. Mas, como se tratava de um projeto orgânico e dinâmico, mudamos, algumas vezes, a ordem e os dias das reuniões.

O quinto momento do projeto, como já dito, foi o de escuta e registro audiovisual das histórias de vida dos idosos. A preparação para a coleta da história de vida se deu da seguinte maneira: primeiro foi feito um contato pessoal ou via telefone para agendar com cada idoso um dia e horário para que a dupla de alunos, responsáveis por aquele idoso, pudesse encontrá-lo pessoalmente para explicar o projeto e convidá-lo para participar. Uma vez aceito o convite, aproveitávamos a ocasião para agendar possíveis datas e horários para fazer a gravação do relato da sua história. Além disso, especialmente com alguns idosos, que não sabiam muito bem como era uma entrevista, neste mesmo dia, já iniciávamos uma espécie de entrevista preparatória para diminuir o receio e desmistificar um pouco sobre o conteúdo a ser abordado. Assim, a cada contato estabelecido pelas duplas de extensionistas com seus respectivos idosos, isso era relatado para o grupo nas reuniões semanais de supervisão do projeto, de modo que todos do grupo já começavam a se aproximar de cada pessoa idosa. Uma vez realizado esse momento de pré-entrevista, elaboramos juntos uma escala de datas, locais e horários e listávamos quais equipamentos do laboratório de comunicação iríamos utilizar para registrar as entrevistas. Então, agendávamos uma ou até mesmo duas entrevistas semanais, sendo que realizávamos uma entrevista por dia que eram realizadas na parte da tarde no local que o idoso se sentisse mais a vontade e confortável.

Além disso, aconteceu algo muito interessante e espontâneo, pois algumas das duplas de extensionistas foram além, ou seja, perguntavam para o idoso da possibilidade de acompanhar sua rotina de trabalho e/ou participar das atividades deles por pelo menos um dia. O que ocorreu foi que esses extensionistas se dispuseram a viver a experiência de conhecer e

estar com cada idoso em seu contexto social, tais como: caminhar 20 km pela cidade com o idoso catador de papelão; participar dos ensaios de dança da catira; acompanhar todo o ritual preparatório da festa da cultura popular de São Benedito; participar da cerimônia religiosa da festa de São Benedito; acompanhar a troca das datas do calendário floral no jardim da praça e acompanhar um dia de trabalho na barraca de doces na feira de artesanato no domingo. Esses encontros foram importantes porque se constituíram em oportunidades de conhecimento mútuo, de maior proximidade entre esses jovens e os idosos e, conseqüentemente, ajudaram a construir maior confiabilidade entre eles.

A coleta das narrativas foi realizada nos lugares que, a partir da pré-entrevista, foram diagnosticados como marcantes e relevantes dentro da história de vida dos sujeitos narradores. A escolha desses lugares se deu considerando os aspectos físicos, sociais e psicológicos que pudessem favorecer a narrativa, respeitando a escolha dos entrevistados. Por exemplo, o narrador que é o líder do grupo de Folia de Reis escolheu um dos cômodos da sua casa com grande valor afetivo e simbólico. Desse modo, a narrativa foi filmada neste cômodo escolhido que teve ao fundo o altar com imagens de representações religiosas e bandeiras com símbolos do grupo de Folia de Reis. Outro exemplo que podemos ilustrar aconteceu com o narrador jardineiro, pois o local escolhido para a coleta da narrativa do jardineiro foi o jardim da Praça, ao lado dos canteiros de flor modelados pelo próprio jardineiro narrador. Assim, os lugares escolhidos para realização da entrevista carregavam as marcas da história de vida de cada um. A dinâmica das entrevistas aconteceu da seguinte forma: na semana anterior a cada entrevista, os extensionistas do curso de Publicidade e Propaganda agendavam, junto ao Laboratório de Convergências (Labcom) do curso de Publicidade e Propaganda, a retirada dos equipamentos de filmagem. Uma vez feito o agendamento, nos organizávamos entre os que possuíam carro quem teria a responsabilidade de levar os equipamentos ao local da entrevista, bem como devolvê-los ao Labcom. No dia da entrevista, a equipe do projeto chegava um pouco antes do horário marcado com os idosos para se familiarizar com o local e, principalmente, os responsáveis pelas fotografias e filmagem tinham a tarefa de visualizar qual seria o melhor local para a gravação. As entrevistas com os idosos geralmente duravam, em média, uma hora. Quando as filmagens aconteciam em locais mais distantes do centro da cidade, a coordenadora marcava um ponto de encontro no centro da cidade, na Praça Pedro Sanches, para que todos se encontrassem e dividissem carona e, assim, seguíamos todos juntos para a entrevista. Importante lembrar que antes de começarmos as gravações propriamente ditas, enquanto preparávamos os equipamentos, a dupla responsável pela entrevista se dirigia ao idoso para solicitar a assinatura do TCLE e a autorização do uso de

imagem.

Depois de cada entrevista, a coordenadora, ainda no local da entrevista, fazia uma breve reunião com os extensionistas para perguntar quem do grupo poderia fazer a ata de registro do encontro daquele dia. Essa sistematização foi importante não só para o monitoramento do projeto de extensão, mas representou momento de aprendizado, pois, ao final dos dois anos de projeto, tínhamos não só o registro de todos os encontros, mas todos os alunos haviam passado pelo exercício de elaboração de atas. Além disso, era pedido, também, que cada um colocasse em seu diário de campo o que significou aquele dia de encontro. Todos os diários de campo eram digitados e colocados em uma pasta virtual, que havia sido criada para cada um dos participantes dentro do disco virtual do projeto. Então, para orientar e organizar a elaboração dos diários de campo, a professora/coordenadora elaborou um modelo-referência de diário de campo, que continha as seguintes perguntas: o que te chamou atenção neste dia? Quais reflexões surgiram? Quais sentimentos despertaram em você? Qual imagem e/ou quais imagens representam este dia de encontro para você?

Em termos de logística do projeto, criamos um disco de armazenamento virtual, ao qual todos podiam ter acesso e, nesse disco, foram armazenados: o acervo fotográfico produzido pelo projeto; as atas das reuniões; os diários de campo dos alunos; os textos que foram indicados pelos palestrantes nas oficinas de capacitação e os termos de consentimento livre e esclarecido e de autorização de imagem de todos os participantes (extensionistas e idosos). O único material que não foi armazenado no disco virtual foi o material audiovisual das entrevistas, pois como se tratava de arquivos muito pesados, optamos por colocá-los em um HD externo, que facilitaria, mais tarde, o processo de edição a ser realizado no segundo semestre de 2016. Portanto, no final do primeiro semestre de projeto, em 2016, já tínhamos quase todas as entrevistas narrativas dos idosos gravadas, restando apenas uma para ser realizada no início do segundo semestre. Além disso, o projeto já tinha uma identidade visual (um elefantinho azul) e todo o *layout* da página do *facebook*, mas que só estaria disponível para divulgação no segundo semestre do mesmo ano.

Então, logo no início do segundo semestre de 2016, terminamos a coleta da narrativa que faltava e iniciamos a sexta etapa do projeto. Essa etapa pode ser caracterizada como uma fase de organização de todos os materiais coletados para a elaboração do produto final do projeto no ano de 2016: um documentário. Nesta fase, formávamos realmente uma equipe, que se reunia semanalmente para organização de todo o material coletado e, a cada semana, colocávamos uma determinada tarefa a ser cumprida, por exemplo: cada dupla responsável pela entrevista com um determinado idoso teria como tarefa transcrever todo o áudio da

mesma e organizar todo o acervo fotográfico referente àquele idoso. Importante salientar que coube aos alunos do curso de Publicidade e Propaganda, juntamente com o técnico e monitor do Labcom, contratado pelo projeto, a tarefa de organizar, selecionar e editar os materiais audiovisuais gravados para confecção tanto do documentário quanto dos *teasers* de cada idoso, que seriam disponibilizados na página do *facebook* do projeto. Aliás, foram feitas várias reuniões com todos os extensionistas nesse processo de construção de roteiro do documentário, sendo, na medida do possível, um processo de construção e edição coparticipativa. Nessa etapa do projeto, nos deparamos com alguns percalços de ordem técnica: perdemos parte de algumas filmagens, porque um dos cartões de memória havia corrompido; alguns áudios haviam ficado muito ruins, devido à falta de microfone apropriado a ser disponibilizado pelo Labcom, não sendo possível utilizar este material na edição; na parte de edição tivemos dificuldades e atrasos, pois como a maioria dos alunos não sabia trabalhar com os programas de edição de vídeos, então, dependíamos quase que totalmente do responsável técnico para edição e, como ele tinha outras demandas do próprio laboratório, isso acabou gerando algumas dificuldades, principalmente, em relação aos prazos.

Enquanto o documentário e os *teasers* estavam sendo editados, a coordenadora do projeto fazia reuniões com os demais integrantes da equipe, para preparar o evento de lançamento do documentário, que seria exibido em uma importante instituição de cultura da cidade e parceira no projeto: a Casa da Cultura do Instituto Moreira Sales (IMS). Estabelecemos que a data para exibição do documentário para o público em geral seria no sábado dia 05 de novembro de 2016, às 19 horas. Esta data foi escolhida por ser, justamente, na véspera do dia em que se comemora o aniversário da cidade, ou seja, no dia 06 de novembro. Concordamos que seria uma boa data para apresentar o documentário, uma data estratégica para a divulgação, pois os jornais locais estariam interessados em matérias, que tratassem da comemoração do aniversário da cidade. Ademais, a exibição do documentário nesta data seria uma forma simbólica de homenagear não só a cidade, mas principalmente lembrar a ela que seus idosos representam os verdadeiros patrimônios imateriais da cidade.

Entretanto, antes de lançarmos o documentário para o público em geral, fizemos uma pré-estreia, uma sessão especial e reservada para nossos protagonistas idosos e seus familiares, juntamente com a equipe do projeto. Pensamos que seria um momento muito especial de (re)encontro da equipe com todos os idosos e uma oportunidade de conhecimento e encontro dos idosos com todos os outros ao mesmo tempo. Seria uma grande oportunidade deles se conhecerem pessoalmente, de conversarmos sobre o que acharam do documentário e da sua participação no projeto. Seria um grande encontro intergeracional e, também, uma

ocasião importante para fazer um *feedback* do projeto junto com eles. Então, na quinta-feira dia 03 de novembro de 2016, em um final de tarde, fizemos a sessão de pré-estreia.

Para a pré-estreia, preparamos um convite individualizado e especial que entregamos pessoalmente para cada idoso. Importante destacar que uma das nossas idosas entrevistadas é deficiente visual, então, tivemos o cuidado em confeccionar um convite em Braille para ser entregue a ela. Como alguns dos idosos não conheciam a Casa da Cultura e/ou tinha alguma dificuldade de chegar ao local, combinamos entre os membros da equipe quem entre nós poderia ficar responsável por qual idoso de modo a garantir sua chegada até o local em que seria exibido o documentário. Para este dia, confeccionamos um material gráfico que continha o resumo da história de cada um e que seria entregue, ao final da exibição, para cada idoso. Fizemos o agendamento de uma descritora profissional para ler as imagens do documentário para a idosa deficiente visual. Além disso, em reunião, decidimos que confeccionaríamos camisetas para todos da equipe, pois seria interessante que todos nós estivéssemos vestidos e devidamente identificados como membros do projeto. Cabe salientar que a confecção das camisetas era um desejo de todos os extensionistas que, literalmente, queriam vestir a camisa do projeto e ter a identidade visual estampada no peito para depois guardá-la como uma lembrança.

O dia da pré-estreia foi um dia tenso para a equipe, principalmente em relação à exibição do documentário, pois o técnico que estava responsável pela edição não havia conseguido disponibilizar o documentário antes para a equipe assistir, portanto, foi um momento surpresa para todos. Em relação ao comparecimento dos idosos apenas três dos idosos não compareceram: a freira que avisou que estaria participando de um evento da sua congregação religiosa fora da cidade e os outros dois idosos foram o idoso jardineiro e o lavador de automóveis, ambos muito tímidos e envergonhados disseram depois que não se sentiram à vontade para ir.

Logo após a exibição, a coordenadora do projeto propôs que fizéssemos uma roda de conversa com todos os presentes, cujo intuito foi de conversarmos abertamente a respeito do que tinham visto no documentário. As perguntas que nortearam a conversa foram: Como foi se ver na tela? O que acharam? Gostariam que fosse acrescentado algo? Como foi ter participado do projeto?

Em suma, todos os idosos ficaram muito agradecidos, disseram que gostaram do documentário e de se ver na tela. Alguns pontuaram que em alguns momentos do filme o som havia ficado um pouco baixo e que algumas falas haviam ficado incompreensíveis, o que a equipe também havia observado e já levaria esses apontamentos para o responsável técnico

para devida correção antes do dia do lançamento. Importante destacar que este momento da pré-estreia acabou se transformando em uma oportunidade de agradecimento de ambas as partes, pois ao final do “bate papo” entregamos um envelope para cada um dos idosos presentes, no qual continha um breve resumo da história de vida de cada um deles e uma espécie de certificado de agradecimento por terem participado do projeto.

No sábado da mesma semana, aconteceu o lançamento do documentário. Tivemos lotação esgotada e compareceram cerca de 125 pessoas (número máximo de pessoas que comporta a sala de exibição). Das pessoas que compareceram ao evento foram: sete dos idosos entrevistados com seus respectivos familiares e amigos; amigos e familiares dos extensionistas; colegas de trabalho; familiares e amigos da coordenadora do projeto e pessoas da comunidade em geral que ficaram sabendo do lançamento do documentário pelas redes sociais, página do *facebook* do projeto que havia entrado no ar apenas uma semana antes da estreia. Neste dia, queríamos coletar o máximo das impressões do público em relação ao filme, então distribuímos pequenos papéis para todas as pessoas que chegavam e pedíamos que, caso desejassem, deixassem algum comentário sobre o documentário. A coordenadora do projeto, antes da exibição do documentário, agradeceu a presença de todos e fez uma contextualização do projeto para a plateia e também do que seria exibido. Ao término da exibição, ela agradeceu a presença de todos e pediu aplausos para alguns dos protagonistas idosos ali presentes. Este momento foi, sem dúvida, um momento muito especial e emocionante, tanto para os idosos, quanto para a equipe do projeto. Importante lembrar que, neste dia, tivemos a cobertura de reportagem da rede de televisão local.

Após o lançamento, chegamos à sétima e última etapa do projeto no ano de 2016, em que foram realizadas reuniões para organização e encerramento do projeto. Foram organizados: os breves depoimentos que foram coletados no dia da pré-estreia e da estreia do documentário; os materiais e matérias que seriam disponibilizados na web; os materiais de todo o projeto no disco virtual dentre outras coisas. Além disso, preenchemos a planilha de monitoramento do projeto na plataforma da PROEX; propusemos para a equipe de edição alguns ajustes no documentário como, por exemplo, colocar legenda antes de entregarmos o DVD para cada um dos idosos e disponibilizarmos na internet. E, por fim, fizemos uma reunião de avaliação do projeto com todos os extensionistas, encerrando esta reunião com um grande um almoço.

Cabe salientar que, ainda no segundo semestre de 2016, a coordenadora reapresentou o projeto para a PROEX, ressaltando a importância da continuidade e acrescentando novas propostas para sua execução no ano seguinte. O projeto foi, então, submetido e aprovado, com

verba total, pelo novo edital da PROEX para 2017. Dentre as novas propostas do “Sacudindo a Memória” para o segundo ano, estava a inclusão da parceria com o curso de Arquitetura e Urbanismo. Então, em fevereiro de 2017 fizemos a seleção dos novos extensionistas via edital da PROEX. Neste ano, tivemos um total de 14 extensionistas, sendo 2 extensionistas do curso de Arquitetura e Urbanismo; 2 extensionistas do curso de Publicidade e Propaganda e 10 extensionistas do curso de psicologia, sendo 9 novos e 1 veterano.

Em 2017, a proposta do projeto continuava ser a mesma, ou seja, promover o encontro entre gerações; mas, agora, o objeto que mediaría o encontro não seria mais narrativa da história de vida dos idosos. Neste segundo ano, daríamos um enfoque diferente, pois o objetivo seria de (re)conhecer a cidade e sua memória coletiva a partir da memória individual dos idosos e, principalmente, saber como eles perceberam as mudanças nos modos de convívio com o processo de urbanização da cidade. Na realidade esses aspectos já haviam aparecido nos depoimentos dos idosos no ano anterior, mas pela questão de tempo e de enquadramento do documentário não havíamos dado o devido destaque a esta questão. Então, em 2017, voltamos aos nossos idosos, a fim de saber como cada um percebia e representava a cidade de antes e de agora.

Assim, o projeto, em seu segundo ano, já tinha uma trajetória, uma história, ou melhor, um acervo de várias histórias para contar. A experiência do primeiro ano e as avaliações dos primeiros extensionistas tornaram-se importantes referências para orientar as etapas e/ou ações que aconteceriam no segundo ano do projeto. Então, no primeiro semestre de 2017, reproduzimos boa parte do que havia acontecido no primeiro semestre do ano anterior, principalmente em relação à fase preparatória de capacitação dos extensionistas. Resolvemos repetir algumas das oficinas preparatórias acrescentando mais duas novas e, também, refazer as caminhadas de (re)conhecimento da cidade. Então, nos meses de março e abril realizamos as oficinas de preparação técnica da nova equipe, que foram as seguintes: 1ª) Sensibilização em relação à velhice e ao processo de envelhecimento; 2ª) A trajetória do Projeto “Sacudindo a Memória”, esta oficina foi ministrada por ex-integrantes do projeto de 2016 com a exibição do documentário; 3ª) O que é memória autobiográfica e memória coletiva; 4ª) Discurso e narrativa; 5ª) Linguagem fotográfica e utilização de equipamentos para edição de imagens; 6ª) História da cidade de Poços de Caldas e 7ª) Oficina de Mapas Mentais, que foi dada pela professora do curso de Arquitetura e Urbanismo participante do projeto.

A nova oficina sobre a trajetória do Projeto “Sacudindo a Memória” foi fundamental para os novos extensionistas não só para conhecerem o projeto, mas, também, para os extensionistas fazerem uma espécie de “passagem de bastão” para a nova geração do projeto.

Essa oficina foi ministrada por três extensionistas veteranos, sendo que dois deles já eram, também, ex-alunos do curso de Psicologia, pois haviam se formado no final de 2016 e apenas um deles ainda poderia continuar no projeto por mais um semestre. Aliás, essa oficina foi muito motivadora e esclarecedora para os novos ingressantes, além de ter sido preparada com muita competência e emoção. Eles contaram toda a trajetória e funcionamento do projeto e deram emocionados depoimentos sobre sua participação reforçando a ideia de que estavam deixando um legado muito precioso para a nova geração de extensionistas. Em suma, essa oficina encantou a todos os novos extensionistas e trouxe um sentimento de corresponsabilidade pela continuidade do projeto. Em relação à questão do legado, isso era naturalmente lembrado através da presença do extensionista veterano, Yago, que iria se formar no meio do ano, que pôde continuar no projeto até o primeiro semestre de 2017. A sua presença representava, juntamente com a coordenadora, o próprio sentido de continuidade do projeto, dava um senso de direção, uma espécie de referencial, pois eram representantes da memória viva do projeto para os novos extensionistas. Durante o processo de execução do mesmo isso se evidenciou quando, em uma ocasião de brincadeira interna do grupo, os novos extensionistas começaram a chamar espontaneamente e carinhosamente o aluno veterano e mais velho da equipe de “pai”, e a coordenadora de “mãe” do projeto, essa forma de se dirigir aos dois apareceu em vários momentos no projeto. Até que um dia, no segundo semestre, todos já haviam criado laços suficientes entre si e passaram a se chamar também de irmãos. Então, a partir desse momento, passamos a ser uma espécie de família “Sacudindo a Memória”.

A outra nova oficina foi a de Mapas Mentais, uma proposta que trabalhou a representação social e imagética do espaço da cidade. A professora da Arquitetura foi quem propôs esta oficina de desenho livre sobre a representação de cidade que cada um tinha na sua memória. Essa oficina se baseou no conceito de Mapas Mentais do urbanista americano Kevin Lynch (1918-1984) que diz que a nossa percepção e representação do espaço urbano é formada por um conjunto de sensações experimentadas ao observar e viver em um determinado ambiente, que detalharemos no próximo capítulo. Após essa oficina, na semana seguinte, começamos a caminhar pela cidade e repetimos algumas visitas em alguns dos locais da história e da memória da cidade, e que já havíamos mapeado em 2016. Entretanto, agora, depois da oficina, o nosso olhar estava mais atento não só para a paisagem urbana, mas para as sensações e percepções que emergiam em cada um de nós ao transitar naqueles espaços e, assim, fomos nos apropriando dos espaços e transformando-os em lugares com muitos significados.

Ainda no mês de março, os novos extensionistas tiveram como tarefa ajudar a terminar a transcrição das falas de alguns dos idosos que apareciam no documentário, que não tinham sido concluídas pelo grupo de 2017. Essas transcrições seriam fundamentais para acrescentarmos a legenda no documentário e, assim, poder finalizá-lo. Então, no final de março já tínhamos todas as falas transcritas e, no mês de abril, já tínhamos todas as cópias do documentário em DVD para entregar para cada idoso e, então, finalizamos essa etapa preparatória e seguimos para a fase dos encontros com os idosos.

Nesta etapa de encontros, dividimos novamente o grupo de alunos da psicologia em duplas e cada qual ficou responsável por entrar em contato com determinado idoso e agendar o encontro para a entrega da cópia oficial do documentário para cada um deles. A necessidade de entregar o DVD foi o motivo, a “desculpa”, a estratégia para o (re)encontro com os idosos e, obviamente, provocar uma primeira aproximação intergeracional entre novos extensionistas com os nossos velhos protagonistas do projeto. Além disso, foi uma importante oportunidade para convidá-los para continuarem a participar do projeto em 2017. Então, no final do mês de abril retomamos os contatos e passamos a encontrar com cada um deles, não só para entregar o documentário, mas para retomar com eles algumas questões sobre o viver na cidade. Perguntávamos a eles, por exemplo: Como é viver na cidade de Poços de Caldas? Quais as lembranças mais vívidas, que eles guardavam na memória, sobre como era viver na cidade de outrora? Quais foram as principais mudanças que aconteceram na cidade ao longo desses anos?

Sendo, um dos objetivos principais do projeto promover o encontro intergeracional, então, ainda no primeiro semestre de 2017, reservamos uma tarde inteira para um grande encontro intergeracional. Neste dia faríamos uma oficina de desenho, na qual eles deveriam desenhar os lugares mais significativos da cidade que habitavam a cidade da memória de cada um dos idosos. O local para realização dessa oficina foi o salão de eventos de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), localizada na área central da cidade, que foi especialmente cedida por uma de nossas idosas entrevistadas, já que era ela a pessoa que coordenava a ILPI.

Assim, conseguimos agendar esse “encontrão intergeracional” com quase todos os idosos participantes do projeto em 2016. Entretanto, ficaram faltando dois deles, pois de um ano para o outro algumas coisas haviam acontecido. Não conseguimos, por exemplo, contatar via telefone e muito menos encontrar com o Sr. Gerson, o lavador de automóveis da praça. A outra pessoa que não conseguimos mais contatar foi uma das senhoras do grupo das “amigas inseparáveis” a Sra. Ethelvina que, após ter sofrido uma queda em casa, não se recuperou mais, tendo que ficar acamada e com graves perdas de memória. Essas duas pessoas, por

motivos óbvios, não puderam mais participar do projeto em 2017. Além disso, é preciso destacar que encontramos duas outras senhoras participantes do projeto em processo de demência e com elas tivemos que fazer algumas adaptações, recorrendo à ajuda da família, para garantir a participação delas no projeto durante o ano de 2017.

Então, no dia 7 de junho de 2017, às 14 horas, fizemos o encontro intergeracional tão esperado e programado: a oficina de desenhos da cidade. Estavam presentes todos os 14 extensionistas, os 9 idosos, a coordenadora do projeto e a professora do curso de Arquitetura e Urbanismo, que iria ministrar a oficina. Além disso, estiveram presentes o esposo da idosa deficiente visual, igualmente deficiente visual, e, também, o neto de uma das idosas que já estava apresentando um processo de demência. Cabe salientar que a Sra. Oscarina, a idosa capitã de Congo, por questões de mobilidade não pôde participar da oficina neste dia, então, na semana seguinte, a equipe se organizou para ir até a sua casa e, juntamente com sua neta e filha, fizemos uma oficina adaptada de desenho com elas. Importante ressaltar que na semana que antecedeu a oficina, todos os extensionistas tiveram a tarefa de telefonar para os idosos para lembrarem com eles a data e o horário da atividade.

No dia da atividade, nos programamos para chegar ao local com uma hora de antecedência para organizar o espaço em três ambientes para receber os idosos. No primeiro ambiente, logo na entrada, dispusemos as cadeiras em um formato circular e, na medida em que as pessoas iam chegando, eram convidadas a se sentar para aguardar a chegada dos demais e, enquanto isso, os extensionistas conversavam com os idosos. O segundo ambiente foi o local programado para realização da atividade do desenho. Nesse ambiente, já havíamos unido as mesas de madeira, disponíveis no local, construindo uma grande mesa e nela já estavam dispostos vários materiais que seriam utilizados na oficina, tais como: lápis, canetas, tintas, pincéis e folhas de papel *Canson* A3 na cor branca. E, por fim, no terceiro ambiente, havia uma mesa posta com água, chá, sucos, café e bolachinhas para quem quisesse se servir.

A dinâmica do encontro/oficina aconteceu da seguinte maneira: os idosos chegavam, eram recepcionados no primeiro ambiente, convidados a se sentar e começávamos a conversar com eles, enquanto aguardávamos a chegada dos demais. Então, depois da chegada de todos fizemos as devidas apresentações e esclarecimentos sobre o objetivo do encontro e da atividade. Em seguida, a professora da Arquitetura convidou a todos para se dirigirem ao segundo ambiente e lá foi pedido a cada um deles que fizesse um desenho livre de algum lugar da cidade que quisesse desenhar; poderia ser algum lugar que tivesse algum significado para eles ou que remetesse a alguma lembrança na vida deles. A princípio, alguns idosos ficaram meio apreensivos e falavam que não sabiam desenhar, mas aos poucos foram se

soltando com o incentivo dos jovens extensionistas, que ficaram o tempo todo ao lado de cada um dos idosos. Enquanto, os idosos tentavam desenhar, iam conversando com os jovens sobre diversos assuntos e lugares de memória. Aliás, um dos idosos, espontaneamente, trouxe para oficina uma serie de fotos antigas da cidade, de seu acervo pessoal. Então, na medida em que iam terminando seus desenhos, registrávamos através de fotografias cada um dos desenhos com seus respectivos autores e encaminhávamos cada um deles para a mesa de café. Depois que todos já haviam finalizado seus desenhos e tomado seu café retornamos ao ambiente inicial da roda de conversa para compartilhar os desenhos e as respectivas histórias associadas a eles. Esse momento foi muito precioso, pois cada desenho continha não só a história da pessoa que havia desenhado, mas também abria espaço para o outro, ou melhor, os outros contarem outra história e, assim, as histórias e memórias foram se cruzando, se encadeando e acabamos construindo um mapa mental coletivo, melhor dizendo, construímos uma cidade da memória do grupo.

No segundo semestre de 2017, a proposta inicial foi de elaborarmos pelo menos mais um encontro intergeracional, outra oficina, mas infelizmente não foi possível de ser realizada por diversos motivos, principalmente, dificuldades no agendamento da data de modo que todos pudessem participar. Então, nos dedicamos a planejar, elaborar e confeccionar mais um produto cultural do projeto: uma exposição que contasse a trajetória do projeto e em que pudessemos mostrar a cidade da memória dos nossos idosos. Então, fizemos várias reuniões de equipe para o planejamento da exposição e definimos que uma boa época para isso seria, novamente, em novembro, próximo à data de comemoração do aniversário da cidade.

A exposição estava programada para ocorrer dentro da sala de exposições do Museu Histórico e Geográfico da cidade, mas, devido à mudança de gestão da instituição, isso não foi possível. Então, a coordenadora, em conjunto com alguns alunos, preparou uma espécie de dossiê do projeto para ser apresentado ao secretário de Turismo e de Cultura da cidade, a fim de obter autorização necessária para expor em um dos lugares mais simbólicos e centrais da cidade: nas Termas Antônio Carlos. Obtivemos o aceite e autorização das respectivas secretarias para realização da exposição e ficou combinado que teríamos apenas uma semana para expor. Então, nas reuniões que se seguiram, fomos construindo coletivamente a exposição e cada detalhe era discutido em grupo. Decidimos que faríamos um painel dedicado a cada idoso que conteria uma breve história da pessoa e em cada painel teria dois desenhos: um dos desenhos seria aquele feito pelo próprio idoso na oficina de desenho, e o outro seria confeccionado pelas extensionistas do curso de arquitetura, a partir de uma releitura dos lugares de memória que o grupo associava a cada idoso. No total, foram organizados 12

painéis para a exposição, sendo que 9 deles foram referentes a cada um dos idosos que participaram da oficina de desenhos. Além disso, foram confeccionados: um painel teve o formato de mapa memória do projeto “Sacudindo a Memória”; um painel de abertura da exposição que apresentava os organizadores e, por fim, o último painel apresentava, de forma breve e ilustrativa, os depoimentos dos jovens sobre sua participação no projeto. O painel que exibia o mapa da memória do projeto foi construído a partir da superposição de dois mapas mentais, tanto dos lugares da memória, narrados pelos idosos, quanto dos lugares da cidade, percorridos pelos extensionistas do projeto. Cabe salientar, que gostaríamos de ter feito mais mapas, mas, por questões de logística, foi possível elaborar apenas um mapa.

O título da exposição foi “*Recontando Histórias, Ressignificando a Cidade e Aproximando Gerações*”. A exposição teve a duração de uma semana, do dia 10 de novembro ao dia 17 de novembro, nas Termas Antônio Carlos. Para esta semana, criamos uma escala de horários e dias, inclusive no final de semana, para que todos os extensionistas pudessem estar presentes durante a exposição para explicá-la aos visitantes que desejassem. Além dos painéis confeccionamos, também, camisetas; um *teaser* convite da exposição para ser veiculado nas redes sociais, na página oficial do projeto no *facebook*; mandamos imprimir alguns adesivos com o símbolo do projeto, para quem assinasse nosso caderno de presença na exposição; confeccionamos alguns pequenos bilhetes com a logomarca do projeto, para quem quisesse deixar algum recado. Quanto à divulgação da exposição, foi feita não só pelas redes sociais, mas, também, pelas duas emissoras de TV locais. Aliás, uma delas fez um programa especial, de uma hora, dedicado ao projeto.

No dia da abertura da exposição, já havíamos agendado com os idosos um horário especial, duas horas antes da abertura oficial da mesma, para apresentar, em primeira mão, a exposição só para eles. Então, assim que terminaram de ver a exposição, encaminhamos todos os idosos para uma sala nas Termas Antônio Carlos, especialmente reservada e preparada pela equipe, para fazer uma roda de conversa com todos (equipe e idosos) para apresentarmos o *teaser* preparado para a exposição e, após a exibição do *teaser*, podermos falar sobre o que haviam achado da exposição. Ainda em tempo, importante destacar que a voz que narra o *teaser* da exposição foi de uma das idosas do projeto, a locutora e radialista aposentada, Sra. Verônica.

Não sabemos precisar quantas pessoas viram a exposição. O que conseguimos contabilizar foram 54 recados escritos endereçados ao projeto e 145 assinaturas de pessoas de diferentes lugares e idades que compareceram e assinaram o livro de presença da exposição. Na semana seguinte ao encerramento da exposição, agendamos duas tardes inteiras no

Labcom para gravar a entrevista/o depoimento de todos os participantes sobre a sua experiência ao longo dos dois anos de projeto. Em uma das tardes, dos 10 participantes idosos, apenas 7 puderam comparecer para dar entrevista/depoimento acerca do projeto. Duas das idosas justificaram o não comparecimento devido a problemas de saúde (pneumonia) e o outro idoso, com quem não conseguimos gravar o depoimento, foi o idoso jardineiro da cidade, pois não se sentiu à vontade para ir até a universidade gravar seu depoimento e, infelizmente, não conseguimos gravar o depoimento dele, devido a questões burocráticas do Labcom. A outra tarde foi dedicada à equipe e, quase todos, individualmente, relataram sobre sua experiência no projeto naquele ano. Então, dos 14 extensionistas apenas 2 não puderam comparecer por questões pessoais, mas justificaram suas ausências. Nas semanas subsequentes, enquanto o técnico do Labcom organizava a edição do material das entrevistas/depoimentos, o restante da equipe se reunia para avaliação dos resultados da exposição e da execução do projeto como um todo; organização de todos os materiais produzidos pelo projeto naquele ano; o preenchimento das planilhas de monitoramento do projeto na plataforma online da PROEX, dentre outras atividades.

No final do ano de 2017, encerramos oficialmente o projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações. Terminamos apenas oficialmente porque, até hoje, boa parte do grupo de extensionistas de 2017, se mantém conectado via aplicativo de mensagens (*WhatsApp*) e, de vez em quando, um alimenta o grupo postando algo referente aos idosos, por exemplo, que encontrou e conversou com um deles e que envia lembranças a todos do projeto; notícias que de alguma forma evocam lembranças de algum dos aspectos trabalhados no projeto e alguns simplesmente verbalizam a saudade do grupo e manifestam o desejo de (re)encontro para continuar a alimentar as relações.

3 A PESQUISA – Vidas e Histórias em Movimento

(...) O Sacudindo a memória é muito importante porque ele lida com pessoas e com história de pessoas que é uma coisa muito delicada porque você não pode tratar a história como uma coisa banal porque não é. A história de cada pessoa é o que a pessoa se tornou e isso não tem preço e conhecer tantas histórias faz com que a gente perceba a nossa história de uma forma diferente, que a gente consegue ouvir o que os idosos falavam, coisas que eles fizeram, que eles se arrependiam de ter feito e a gente perceber que podemos evitar algumas coisas. (Leo, 21 anos, depoimento do estudante do curso de Publicidade e Propaganda e extensionista do Projeto “Sacudindo a Memória”).

A gente aprendendo com jovens e o jovem aprendendo com a gente sabe? É bom, a gente fica muito contente, sabe? Da presença de vocês “conversar” com a gente uns assunto tão “bão” assim, assim que é bom, ver vocês (...) (Marcel, 60 anos, idoso jardineiro, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

É costume iniciarmos capítulos de tese com epígrafes de autores renomados e/ou reconhecidos como pessoas dotadas de um saber, os chamados especialistas, quando não por privilegiados que possuem o dom narrativo, como os poetas e escritores. Contudo, não são somente essas pessoas que possuem a capacidade de narrar, de contar histórias, pois todos nós, em qualquer que seja a etapa da vida que estivermos atravessando, seja na velhice ou na juventude, possuímos a capacidade de narrar, de retirar da própria experiência, ou da relatada pelos outros, aquilo que nos torna singulares e comuns.

Começar o capítulo com os depoimentos de dois participantes do Projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações tem uma dupla função, tanto serve dar o tom que se quer empreender no presente capítulo, quanto serve para mostrar a força da oralidade testemunhal. Os depoimentos concentram uma potencialidade que está para além das palavras transcritas, pois eles guardam olhares, expressões faciais, entonações de voz e emoções que transbordaram das experiências vividas através desse projeto. Conforme Leo nos diz: “O Sacudindo a memória é muito importante porque ele lida com pessoas e com história de pessoas que é uma coisa muito delicada (...)” Esse jovem extensionista ilustra bem o que os demais participantes aprenderam com o projeto, ou seja, que narrar a própria história de vida é uma arte e uma “*coisa muito delicada*”, que requer certa delicadeza e sensibilidade para ouvi-la. Ele aprendeu que ouvir as histórias de vida dos idosos se assemelharia a enxergar “*o que a pessoa se tornou*”. Além disso, entendeu o valor dessas histórias ao dizer que “*isso não tem preço*” e percebeu que ao entrar em contato com essas histórias/testemunhos de vida, narradas pelos

idosos, fez com que ele ressignificasse a sua própria história, ele diz: “(...) conhecer tantas histórias faz com que a gente perceba a nossa história de uma forma diferente (...)”.

O depoimento de Leo nos convoca a pensar na delicada relação entre ouvinte e narrador que Walter Benjamin (1892-1940) tão bem aponta, quando ele diz: “(...) Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (...)” (BENJAMIN, 1936/1985b, p. 205). E foi isso que aconteceu com Leo e com a maioria dos extensionistas do projeto, pois as histórias de vida das pessoas foram profundamente gravadas em cada ouvinte. Aliás, ter um ouvinte atento, ter alguém que deseje conversar e conservar as histórias narradas parece que está faltando hoje em dia. Talvez seja, justamente, por isso que o Sr. Marcel tenha agradecido inúmeras vezes a nossa presença e o nosso interesse em conversar com ele, como podemos ilustrar com uma de suas falas, em tom de agradecimento, ele diz: “É bom, a gente fica muito contente, sabe? Da presença de vocês “conversar” com a gente uns assunto tão “bão” assim, assim que é bom, ver vocês (...)”.

Antes de continuarmos a tecer várias considerações teóricas a respeito dos relatos acima, é preciso lembrar que temos o desafio de fazer “a travessia” da extensão universitária para a pesquisa, como diria Guimarães Rosa. E foi voltando ao início da tese que encontramos o fio condutor para o presente capítulo, pois encontramos o caminho da pesquisa no espaço da tessitura entre a extensão e a pesquisa, já que esta foi sendo “tecida junto” com o fazer cotidiano do Projeto “Sacudindo a Memória”. Entendemos que para ocorrer algo no **entre** é preciso, conforme Romagnoli (2009, p.169) nos alerta a “(...) desestabilização das “certezas” de cada disciplina, apostando ainda na criação de uma relação de intercessão com outros saberes/poderes/disciplinas, pois é nesse “entre” que a invenção acontece (...)”. E foi justamente nesse espaço de intersecção entre saberes de diversas áreas, nessa terceira via, nesse **“entre”** que esta pesquisa aconteceu. Aliás, o “Sacudindo a Memória”, desde seu início, apontou que se tratava de uma pesquisa que ocorreria em campo, **“entre”**, devido à natureza do próprio campo investigativo - o campo intergeracional - pois se trata de uma área de estudo interdisciplinar complexa que comporta o entrelaçamento de diversos: saberes; olhares de pessoas de diferentes faixas etárias; práticas e cenários.

Isso posto, entendemos a pesquisa como um processo. Esse caráter processual de construção e de delimitação do campo de pesquisa foi se evidenciando na medida em que o projeto de extensão se desenrolava. Aliás, essa processualidade aponta para um rompimento com a lógica positivista, que acredita que o fenômeno independe do observador e que seria uma atividade planejada e controlada. Nesse sentido, concordamos com Spink (2003) quando aponta que o campo de pesquisa não é algo que é dado e que se mostra ao pesquisador, após

realizar seu trabalho, mas consiste em algo fortemente produzido na interação. Aliás, Spink (2007) nos adverte para a diferença entre pesquisar **o** cotidiano e pesquisar **no** cotidiano, pois pesquisar **o** cotidiano significa consideramos o objeto de pesquisa como algo externo a nós e observável, passível de uma descrição detalhada. Enquanto que, pesquisar **no** cotidiano sugere uma presença implicada e atenção sensível na investigação, pois "fazemos parte do fluxo de ações; somos parte dessa comunidade e compartilhamos de normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações." (SPINK, 2007, p. 7, grifos nossos). Desse modo, a prática de pesquisa não é dada a priori, mas é construída no caminhar e, nessa forma de produzir conhecimento não há dicotomia entre sujeito e objeto e muito menos entre teoria e prática.

Assim, conforme já havíamos mencionado na introdução do presente trabalho, a nossa perspectiva de pesquisa tem caráter qualitativo, processual, interventivo e é inspirada pelo referencial da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. Trata-se de um modelo de clínica que representa uma das clínicas possíveis. Conforme Moreira; Romagnoli e Neves (2007), é um tipo de fazer clínico que não se caracteriza pelo local em que se realiza - o consultório - mas pela qualidade da escuta e a acolhida. Tal forma de pensar reitera a possibilidade da aplicabilidade da psicanálise "extraconsultório" em diversos contextos e, no nosso caso, a utilizaremos no contexto da pesquisa científica como método de análise, sobretudo, por ser um modelo investigativo que está orientado pela dimensão ética e pela busca da compreensão e não da explicação.

Não podemos deixar de mencionar que o caráter científico da psicanálise foi, desde o seu início, bastante debatido e que a vontade de Freud em adequar a psicanálise às exigências da metodologia científico-positivista de sua época não se realizou a contento, devido ao fato do modelo positivista ambicionar encontrar um conhecimento verdadeiro passível de comprovação e de explicação, que é dado *a priori*. Entretanto, o método psicanalítico buscava um conhecimento, que é construído *a posteriori*, que está orientado para a compreensão e não para a explicação. Trata-se de um método de pesquisa, conforme salientam Rosa e Domingues (2010, p.184), "que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, com a prática e pesquisa."

Importante evidenciar que o presente estudo não se trata de uma tese puramente psicanalítica, pois não estamos preocupados em compreender quais eram as motivações inconscientes presentes nos indivíduos que participaram do projeto. Contudo, há uma inspiração em um modo de fazer da psicanálise enquanto método da associação livre e que considera a relação intersubjetiva na construção da pesquisa. Nesse sentido, cabe ressaltar o

que Rosa e Domingues (2010) apontam como aspecto fundamental das pesquisas ao ter uma referência psicanalítica, que é a questão da subjetividade do pesquisador, pois “o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação.” (ROSA e DOMINGUES, 2010, p. 182). Aliás, essa perspectiva de considerar a subjetividade do pesquisador não acontece somente no modelo da pesquisa de orientação psicanalítica. A perspectiva processual nos aproxima muito de um modelo teórico metodológico cartográfico que, conforme Romagnoli (2009, p.171) nos aponta, nesse tipo de pesquisa há sempre implicação do pesquisador, pois “É a partir de sua subjetividade que afetos e sensações irrompem, sentidos são dados, e algo é produzido” e que, por sua vez, inaugura “(...) uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo.” (Mairesse, 2003, citado por Romagnoli, 2009, p.170).

Desse modo, em ambos os modelos de pesquisa, seja de orientação cartográfica ou de orientação psicanalítica, o dado de pesquisa não é algo a ser coletado, a ser observado, buscado ou revelado, pois este é construído através de um processo de cocriação, que acontece na interação entre pesquisador e seu interlocutor, no encontro entre o eu e o outro, ou seja, na relação transferencial. A transferência é a pedra de base, que aparece em todas as relações interpessoais, é o fundamento comum que acontece tanto ao tratamento clínico analítico, quanto à situação de pesquisa de orientação psicanalítica. Segundo Caon (1994), citado por Rosa e Domingues (2010, p.185), “(...) A diferença entre essas duas situações está no manejo da transferência: enquanto no tratamento a transferência deve ser diluída, na situação de pesquisa deve ser instrumentalizada para produção do texto metapsicológico”. Sobre a transferência instrumentalizada podemos dizer, segundo Iribarry (2003):

(...) é o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores e relaciona seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que fornecem suas contribuições na forma de dados coletados. (IRIBARRY, 2003, p.129).

Assim, neste segundo capítulo, procuraremos compreender os efeitos produzidos pelo projeto, sobretudo, a partir das “impressões dos participantes que fornecem suas contribuições na forma de dados coletados”, em especial das pessoas diretamente envolvidas com o projeto de extensão: os extensionistas; os idosos que narraram suas histórias/memórias de vida e a própria pesquisadora. Contudo, nessa travessia da extensão para a pesquisa, temos um desafio

a mais a ser enfrentado: o que levar na bagagem? Ou, dito de outro modo, quais dados escolher para analisar? Quais serão os critérios de escolha? Isso se transformou em um verdadeiro desafio, porque ao longo dos dois anos de projeto muito material empírico foi produzido e se constitui em um verdadeiro acervo com materiais diversos: gravações em áudio e vídeo; fotografias; diários de campo; entrevistas; depoimentos e anotações assistemáticas da própria pesquisadora. É justamente essa relação de manejo com os dados coletados nas entrevistas, nos depoimentos, nos diários de campo e nas impressões da pesquisadora que encontramos os desafios desse capítulo: quais materiais escolher para analisar? Como analisar? Quais referenciais teóricos e/ou quais os autores que farão parte dessa análise? E, principalmente, o que nos interessa investigar e por quê?

No capítulo anterior, apresentamos linearmente e didaticamente todo o enredo do projeto de extensão “Sacudindo a Memória”, mostrando-o em movimento e destacando os quatro principais cenários que se entrelaçam no projeto: a cidade, o envelhecimento, a intergeracionalidade e a extensão. Neste capítulo, como já dissemos, construiremos um caminho mais analítico e reflexivo sobre o projeto, que partirá do próprio processo de intervenção. Portanto, este capítulo, diferentemente do primeiro, será apresentado de maneira mais dinâmica, menos descritiva e não linear em que o pesquisador, na posição de analisante, com sua atenção flutuante e sensível, terá a tarefa de buscar, no conjunto de materiais produzidos pelo projeto de extensão, aquilo que é relevante e significativo para compreensão da pesquisa. A escolha dos materiais que serão analisados se baseia em nosso interesse de saber sobre as relações que foram construídas e quais os significados atribuídos pelos sujeitos em relação às suas experiências pessoais e sociais que tiveram no “Sacudindo a Memória”. Interessa-nos saber se através do projeto foi possível: construir um lugar no qual as narrativas da memória autobiográfica do sujeito idoso funcionaram como dispositivo de mediação relacional entre gerações; construir um espaço comunicacional geracional verdadeiro para acontecer o fenômeno da transmissão intergeracional e em que medida esta tem o potencial de resignificação de trajetórias de vida e de quebra de estereótipos.

Para a grafia do presente capítulo, nos inspiramos no método de escrita de Freud. Conforme descreve Enriquez (2005):

(...) o trabalho de Freud se apresenta sempre sob o modo de *fragmentos*, de documentos, de quebras, de idas e vindas, de hipóteses avançadas (...) pode-se dizer que Freud não tentou escrever obras construídas logicamente fazendo referência a uma *demarche* indutiva e dedutiva, mas quis, ao contrário, nos fazer sensíveis ao seu trabalho de descoberta, às suas associações espontâneas, às suas contradições, à expressão do seu entusiasmo (...) ele nos faz saber que mesmo onde ele estuda o

campo social, ele permanece um psicanalista (...) um homem descobrindo o sentido, se deixando levar, apanhar por ele (...) (ENRIQUEZ, 2005, p. 160, grifo nosso).

A forma de escrita Freudiana serve de inspiração para a composição do presente capítulo, pois temos como proposta nos deixar guiar pelos fragmentos dos diários de campo e das entrevistas/depoimentos e pelas associações espontâneas de imagens e de falas, que foram construídas nos encontros intergeracionais ao longo dos dois anos de execução do projeto. A escolha por esta forma de escrita se deve ao fato de estarmos diante de um trabalho de pesquisa que nasce de um campo empírico, complexo e em movimento, que é próprio da extensão universitária. Desse modo, pensamos em uma escrita em que a preocupação primeira não seja a construção lógica e linear, pois isso significaria certa “traição” para com o modo dinâmico e livre associativo que se construiu no próprio processo da pesquisa. Portanto, neste capítulo, de caráter mais reflexivo e analítico, buscamos uma escrita que possa provocar no leitor uma vontade de querer saber mais, que desperte uma vontade de dialogar e que mantenha, sobretudo, o sentido de descoberta.

Destacamos que nessa perspectiva de pesquisa, segundo Moreira; Oliveira e Costa (2018, p.122), o pesquisador se aproxima muito da posição de analisante “como alguém que é movido pelo não saber, mas que produz efeitos em si e no próprio ato de pesquisar”. O pesquisador, nesse sentido, é um sujeito que tem uma presença implicada e uma atenção flutuante e sensível diante do outro (objeto de pesquisa) e “os instrumentos coletados devem possibilitar esse encontro com o novo, e a análise pode seguir o modelo do trabalho clínico”. Cabe lembrar que o método do trabalho clínico característico da psicanálise é o da livre associação de ideias, que significa deixar falar livremente, ou seja, é um falar fluído sem o estabelecimento de um caminho prévio, sem se preocupar com estabelecimento de uma linearidade. Nesse método de trabalho não há uma preocupação com o ordenamento lógico e linear, que busca explicações que apontem para verdades, como habitualmente encontramos nas pesquisas acadêmicas de base positivista, pois, conforme já dito, nessa forma de pesquisa a produção de conhecimento se dá por meio de uma relação que se estabelece entre sujeitos que vivem uma interação. Trata-se, portanto, de um processo dialógico de produção de conhecimento e é justamente isso que muda o eixo de pesquisa, pois passa de um modelo explicativo para outro mais compreensivo, que busca a produção de sentidos. Assim, a própria tríade do processo da análise: o recordar, o repetir e o elaborar poderá ser utilizado no sentido metafórico para análise do “Sacudindo a Memória”, pois entendemos que na medida em que recordamos, lembramos (voltamos ao passado do que aconteceu no projeto) revivemos e reencenamos, no presente, as cenas vividas, tal como acontece no método de análise

individual, em que a própria tarefa de recordação já implica em trabalho de elaboração ou de compreensão.

Encontramos no próprio Sigmund Freud (1856-1939) o que fundamenta nossa proposta de análise quando o autor, em seu brilhante artigo “Recordar, repetir e elaborar” ([1914]1980), descreve fenômenos que são centrais no pensamento psicanalítico, especialmente ao dizer que a pessoa repete, no relacionamento com o analista, comportamentos e atitudes característicos de experiências de sua mais tenra idade. Freud ([1914]1980) assinala que “o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber o que está repetindo.” (FREUD, [1914]1980, p.196). Assim, o trabalho da análise/elaboração seria o de permitir que as fantasias e os pensamentos que não estavam no nível da consciência possam ser rememorados/recordados, criam-se, desse modo, condições para as representações simbólicas e compreensões de seus significados. O lugar ou o palco privilegiado onde são encenadas essas repetições é na transferência.

Sobre o conceito de transferência, ainda no mesmo artigo, o autor diz que “(...) à transferência como a um *playground* no qual lhe é permitido expandir-se em liberdade quase completa e no qual se espera que nos apresente tudo (...)” (FREUD, [1914]1980, p.201). Ele continua a dizer que na situação analítica é criado um espaço, “uma região intermediária entre a doença e a vida real.” (idem) em que é acessível a intervenção. O autor, mais adiante, diz sobre os fenômenos que aparecem no *playground* da transferência:

(...) trata-se de um fragmento da experiência real, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória. A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada. (FREUD [1914]1980, p.201).

Isso posto, nos arriscaríamos a dizer que o conceito de transferência nos ajuda a entender o que aconteceu no *playground* do projeto “Sacudindo a Memória”. Para nossa análise, vários “fragmentos da vida real”, várias cenas serão rememoradas e trazidas à consciência para elaboração. As cenas aconteceram durante a execução do projeto de extensão e acreditamos que, ao serem recordadas, promovem “o despertar de lembranças” cheias de representações simbólicas e de significados à espera de elaboração. A nossa intenção trazer situações transferenciais onde os encontros intergeracionais aconteceram e “que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis” proporcionadas pelo próprio manejo do “Sacudindo a Memória”.

Para nos guiar no caminho elaborativo, precisamos recuperar, recordar os objetivos da investigação. Portanto, cabe aqui lembrar os objetivos que desenhamos para percorrer o presente percurso investigativo e que, por sua vez, poderão nos nortear nos caminhos de compreensão que iremos trilhar na presente tese. Delineamos como objetivo geral: investigar em que medida as experiências narrativas da memória autobiográfica do sujeito idoso funcionam como dispositivo relacional entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos. Além disso, construímos mais outros três objetivos específicos, que foram: 1) Compreender em que medida o projeto de extensão, enquanto estratégia de aproximação intergeracional, pôde proporcionar a ressignificação das trajetórias pessoais tanto dos idosos quanto dos jovens; 2) Compreender em que medida o projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória” contribuiu para a possível alteração da percepção dos jovens sobre o processo de envelhecimento e, também, para ressignificação do convívio intergeracional; 3) Investigar as articulações e entrecruzamentos possíveis entre as narrativas da memória autobiográfica dos sujeitos idosos, no sentido da preservação de sua história como sujeito, como membro de uma comunidade e seu legado para as futuras gerações.

Ademais, escolhemos a linguagem teatral como linguagem figurada, para nos ajudar a organizar didaticamente este capítulo, não só por suas semelhanças com o texto narrativo, pois esta também se constitui de fatos, personagens e história (onde o enredo é representado), mas, sobretudo, pelo fato de ser uma linguagem que está mais próxima da história em si, em que as falas dos atores/participantes do projeto assumem um papel de destaque no trabalho. Assim, no presente capítulo, o “Sacudindo a Memória” passa a ser apresentado em “atos temáticos” e, em cada ato, destacaremos algumas “cenas” cujas falas e/ou depoimentos dos participantes/atores do projeto nos convocam ao diálogo e à reflexão, e que possam nos ajudar a responder aos objetivos da pesquisa. Além disso, para empreender essa tarefa reflexiva e dialógica, encontramos alguns autores, de diferentes áreas do conhecimento, que nos ajudam a compreender o porquê dos efeitos que projetos como esse produzem na vida das pessoas. Se no capítulo anterior, apresentamos o projeto de extensão em movimento, no presente capítulo, temos o intuito de mostrar o trabalho de pesquisa em movimento. Para fins de organização didática, conforme já mencionamos, apresentaremos em três grandes atos com “cenas”/momentos-chaves para serem analisados e esses nos servirão para responder ao objetivo principal da pesquisa que é de investigar em que medida as experiências narrativas

da memória autobiográfica do sujeito idoso funcionam como dispositivo relacional entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos.

O primeiro ato representa o início dos encontros intergeracionais. A cena inaugural serve tanto para começar a responder ao objetivo principal da pesquisa, quanto para mostrar a importância de se construir um espaço de transferência, ambiente facilitador, um *setting* adequado e confiável. Enfim, um espaço comunicacional que seja suficientemente favorável para que a recordação e o intercâmbio intergeracional aconteçam. Do ponto de vista Winnicottiano, chamamos de “Espaço Potencial”, que permite o sujeito se desenvolver criativamente ou restabelecer em si mesmo “uma área para brincadeira”, um *playground*. A partir do momento em que temos um ambiente confiável, abre-se, então, a possibilidade de ampliação desse espaço comunicacional, cria-se uma espécie de idioma inter-humano entre duas gerações distintas, no qual se pode recordar (contar histórias de vida), repetir (atuar) e elaborar (analisar). Tem-se um palco privilegiado e possível, com grande potencial de transmissão, de ressignificação de trajetórias de vida e de quebra de estereótipos.

No segundo ato/momento, temos como finalidade trazer mais uma cena com grande potencial simbólico e de análise, que ratifique não só o objetivo geral, mas que possa ser elucidativa no sentido de tentar responder aos dois primeiros objetivos específicos, ou seja, mostrar o quanto as narrativas de memória do sujeito idoso funcionam, não só como estratégia de aproximação, mas, especialmente, de ressignificação das trajetórias pessoais tanto do sujeito idoso quanto dos jovens. Além disso, o quanto podem contribuir para alteração da percepção dos jovens sobre o processo de envelhecimento e ressignificação do convívio intergeracional.

No terceiro ato, tentaremos fazer entrecruzamentos possíveis entre as narrativas de memória dos idosos e suas contribuições como membros de uma comunidade, para pensar a memória da cidade e o valor da transmissão dela para futuras gerações. Aliás, quanto ao tema da herança para as futuras gerações, destinaremos o capítulo seguinte, no qual destacaremos a questão do legado e dos impactos do projeto de extensão e de pesquisa “Sacudindo a Memória”, principalmente nos jovens extensionistas, além de destacar o projeto enquanto uma importante ferramenta educativa para quebra de estereótipos, promoção de convívio e solidariedade intergeracional e, nomeadamente, de educação para o envelhecimento.

Antes de começarmos a apresentação dos atos e fazermos suas respectivas apreciações, cabe lembrar que a proposta de análise está norteada por um modo de fazer do pesquisador que tem o compromisso ético de se manter na posição de analisante, ou seja, de

ser movido pelo não saber, pois é justamente isso que o guiará diante da leitura de todo o material produzido. Esse posicionamento investigativo foi utilizado quando revisitamos todo material empírico produzido nestes dois anos de projeto. Aliás, nos utilizamos desse modo de olhar e de compreender, semelhante ao que acontece na situação clínica, para fazermos o recorte necessário do material a ser analisado na presente tese.

Nosso primeiro movimento foi de retorno ao que havia sido escrito nos diários de campo dos extensionistas, ao que tinha sido transcrito, ou seja, material produzido a partir das entrevistas narrativas com os idosos, bem como dos depoimentos/entrevistas de ambos ao final do projeto e anotações assistemáticas da própria pesquisadora. Assim, durante a releitura desses materiais não nos preocupamos em fazer a contabilidade de quantas vezes os nomes de alguns idosos e/ou jovens apareciam. Contudo, cuidamos para manter um olhar atento, ético e uma atenção flutuante e qualificada o suficiente para deixar que algumas cenas e pessoas naturalmente emergissem. Somente depois, em um segundo momento, é que nos demos conta de que as cenas/situações e os nomes, especialmente das pessoas idosas, que eram frequentemente recordadas e relatadas com maior intensidade emocional pelos extensionistas, eram praticamente as mesmas. É importante lembrar, como já havíamos assinalado, que nos propusemos a fazer uma análise que é inspirada no estilo de trabalho de Freud, que se baseia em situações ilustrativas advindas da clínica que, por sua vez, evidenciam algo a ser investigado. O que equivaleria dizer que, no nosso caso, as situações ilustrativas a serem investigadas advém do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”. Desse modo, para nos ajudar a entender como escolhemos para fazer esta tese, recorro à descrição de Enriquez (2005), quando diz:

(...) no lugar de teses fortemente argumentadas e afirmadas, eles nos contam histórias, lendas, forjam mitos, nos transmitem considerações, convidam a imaginação e nos propõem um esquema explicativo geral que tem sua coerência mesmo que possamos numa primeira leitura ter um sentimento de ler um discurso descosturado embora muito sugestivo. (ENRIQUEZ, 2005, p. 161).

Portanto, antes de começarmos a apresentar os três atos é preciso deixar claro que a nossa intenção não é de trazer as falas de todos os idosos e extensionistas para serem analisadas, o que seria inviável, principalmente pelo estilo de análise que escolhemos fazer, pois precisaríamos de muito mais tempo e atos, o que é incompatível com o tempo/prazo e o tamanho/lugar de uma tese. Sabemos que, para fazermos um adequado trabalho de análise, é preciso entrar na situação para tentar explicitar, circunscrever, evidenciar a recordação, de modo que a mesma esteja o mais consciente possível e que permita a elaboração. Então, foi

preciso selecionar especialmente algumas cenas que consideramos as mais emblemáticas e com grande potencial evocativo, de simbolização e, portanto, de análise. Acreditamos que essas cenas não só atendem aos objetivos da tese, mas, também, fornecem o recorte necessário, que nos permite aclarar ideias e abrir caminhos de compreensão do presente estudo.

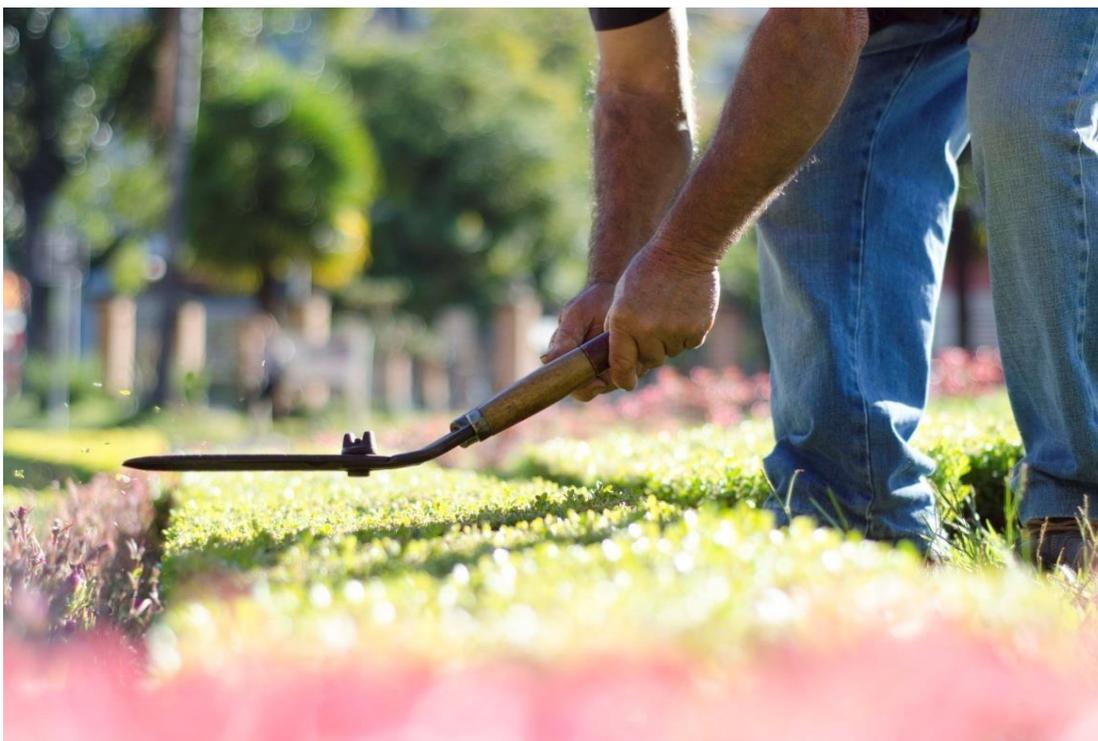
Ademais, as cenas e os fragmentos das falas escolhidas dos participantes são bastante ilustrativas para pensarmos diversas questões, e suscitam o diálogo com diferentes campos do saber. Cabe lembrar, como já havíamos mencionado no início da tese, que o palco da intergeracionalidade é um “campo entre campos”, “um lugar de encontros”, tanto de pessoas e grupos de distintas gerações como de uma variedade de abordagens teóricas e que comporta conhecimentos advindos principalmente das áreas da: sociologia, antropologia, gerontologia, psicologia e educação. Segundo os especialistas como Bernard e Ellis (2004), citados por Côte e Ferrigno (2016), essas áreas podem se organizar de modo a fomentar: teorias, práticas, pesquisas e políticas. No nosso caso, poderíamos dizer que a prática extensionista foi o “projeto-semente”, um lugar favorável, um solo fértil, para que pudéssemos cultivar encontros intergeracionais, que fizeram “brotar” em nós o interesse pela pesquisa.

Assim, na busca por orientações teóricas para nossa jornada investigativa, encontramos não só com diversos campos de conhecimento, mas acabamos transformando a circunstância da pesquisa em uma grande oportunidade de descobertas e de bons encontros, pois na medida em que buscávamos caminhos para a compreensão da pesquisa vários autores novos e antigos foram surgindo. Começamos a leitura pelos autores contemporâneos, pelos jovens, ou seja, começamos a ler os artigos científicos mais atualizados, entretanto, na medida em que líamos os atuais, percebíamos que estes sempre utilizavam como referência principal os autores clássicos, os antigos. Assim, os autores ditos clássicos, os velhos, passaram a ser considerados como os geradores do saber e sempre serviam de orientação, de referência para o trabalho de releitura, de atualização dos autores contemporâneos, os mais jovens. Estes, por sua vez, poderiam realizar a tarefa ou de refutação, ou de ratificação, ou mesmo de resignificação de um conceito, transformando-o em algo novo. Assim, no processo de investigação, fomos promovendo uma aproximação “teórico-geracional”, um intercâmbio intergeracional de ideias e de saberes, que é o próprio processo de investigação. Por fim, é importante dizer que mesmo que os autores vivam em temporalidades diferentes e sejam oriundos de culturas diversas, quando são apresentados no palco da intergeracionalidade, são trazidos para o “Espaço Potencial”, para área intermediária da experiência de estudo e pesquisa o que possibilita não só um agir criativo, que é próprio da extensão universitária,

mas, também, de um pensar criativo, que é próprio da pesquisa, que poderá retornar para um aprender fecundo, e foi exatamente isso que aconteceu no palco do “Sacudindo a Memória”.

Então, abram-se as cortinas. Começemos logo o primeiro ato!

3.1 Primeiro ato - a primeira entrevista a gente nunca esquece...



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa.

E chegou o grande dia. Dia de estreia. Neste primeiro ato, escolhemos uma imagem, que diz muito sobre a atividade laboral do nosso primeiro personagem idoso e, também, nosso primeiro entrevistado. Trata-se do Sr. Marcel, o idoso jardineiro da cidade que, com suas mãos talentosas, cuida não só do jardim, mas, também, é a pessoa responsável por trocar todos os dias a data do calendário floral da cidade. Assim, em uma tarde, no início do mês de junho de 2016, inauguramos com ele o processo de escuta das narrativas das histórias de vida e das histórias da cidade. Recordo-me bem da expectativa e da curiosidade ansiosa de todos nós para conhecer o nosso primeiro participante idoso. Além disso, essa primeira entrevista se tornaria referência, uma espécie de entrevista piloto, para as demais que viriam a seguir. Tínhamos inicialmente uma preocupação com relação ao *setting*, ao ambiente da entrevista, pois a mesma ocorreria em algum lugar no jardim da praça, em um espaço público bastante movimentado e localizado na área central da cidade. A ideia era de transformar o *setting* em

qualquer lugar comum que proporcionasse o encontro inter-humano entre o narrador e ouvinte ou ouvintes, não importando as condições desse lugar. Aliás, é importante dizer que os locais onde foram realizadas as entrevistas/as escutas das histórias de vida sempre foram “lugares-ambientes” escolhidos pelos próprios idosos, em geral, lugares providos de certo “conforto” ambiental, não no sentido concreto do termo, mas especialmente no sentido simbólico, pois se tratava de um lugar familiar, íntimo e identitário. Sobre a importância dos “lugares-ambientes” para ocorrência dos encontros intergeracionais, falaremos mais adiante.

Depois de meses de oficinas de preparação técnica, finalmente chegou o dia tão esperado. Organizamos cada detalhe, fizemos até uma lista do que deveríamos levar na bagagem para esse primeiro encontro. Uma vez confirmado o horário e local com a dupla de extensionistas da psicologia, encarregada de conduzir a entrevista, partimos para a realização da nossa primeira entrevista, que acabou se tornando nosso primeiro momento de encontro intergeracional. Antes de prosseguir, cabe mencionar que para cada idoso-narrador foi escolhida uma dupla de jovens-ouvintes, que estariam cuidando de todo o processo: o primeiro contato; o acolhimento do idoso; o agendamento e a condução da entrevista e a devolutiva de todo o processo ao idoso. Agora, *a posteriori* percebo que, do ponto de vista metodológico, o método da associação livre já estava presente desde o início, pois deixamos livre a escolha dos extensionistas para formação das duplas que iriam fazer a entrevista e com quais idosos. A coordenadora do projeto não interferiu nas escolhas, pois buscou respeitar as motivações subjetivas e inconscientes (processos identificatórios) de cada participante ao eleger o idoso que gostaria de acompanhar. Desde o início, já sabia, ainda que intuitivamente, que o sucesso da entrevista estaria associado muito mais à construção de uma relação de confiança, de um vínculo. Encontramos em Salles; Araújo e Carvalho (2019, p.112) a correspondência do que pensávamos, principalmente quando eles dizem que:

A experiência com o método de história de vida inicia-se com a angústia em querer recolher uma narrativa e saber que seu sucesso independe do mero planejamento da pesquisa e delineamento de seus objetivos. É a formação de vínculo a condição primordial para o trabalho com este método. (SALLES; ARAÚJO E CARVALHO, 2019, p.112).

Neste primeiro dia de escuta da história de vida, ainda não tínhamos clareza da questão do vínculo. Então, o que levamos para este encontro, além dos equipamentos fotográficos e de filmagem, foi muita expectativa e anseio para que tudo desse certo, que a entrevista fosse um sucesso. Chegamos ao local combinado, o nosso ponto de encontro, nas Thermas Antônio Carlos, meia hora mais cedo e com os equipamentos de que precisávamos

para realizar o registro audiovisual nas mãos. Além disso, havíamos preparado, durante meses, nossas principais ferramentas para a coleta das histórias de vida, que eram nossos olhares e ouvidos atentos, que foram trabalhados durante as oficinas preparatórias. Neste dia, trazíamos uma tensão a mais, pois se tratava da primeira vez que todos os jovens estariam não só realizando a entrevista, mas, também, seria nosso primeiro momento de encontro intergeracional. Lembro-me bem deste dia, pois estávamos todos ansiosos para encontrar com o nosso primeiro narrador. Tínhamos uma preocupação com relação ao manejo do *setting*, não somente porque a entrevista estaria acontecendo em um local público e aberto, mas também porque, além da dupla de entrevistadores e da dupla responsável pela filmagem e registro fotográfico, todos os demais extensionistas estariam presentes, pois queriam muito conhecer o nosso primeiro personagem idoso. Havia um clima de curiosidade no ar, pois se tratava de um idoso, que, para a maioria das pessoas, era quase uma pessoa idosa “invisível”, que cotidianamente cuidava dos jardins das praças, do relógio floral e do calendário da cidade. Essa curiosidade em conhecê-lo foi despertada pelo desejo de saber da própria coordenadora do projeto, pois durante as reuniões de preparação ela havia partilhado sua curiosidade de desvendar o mistério: Quem é a pessoa que atualiza todos os dias o calendário da cidade?

Esse desejo por conhecer essa pessoa nos levou a pensar que esses espaços, pontos turísticos, centrais e visíveis da cidade, paradoxalmente, eram cuidados e mantidos por pessoas “invisíveis”. Era como se houvesse outra camada de pessoas, composta por vários senhores parecidos com o Sr. Marcel, que trabalham na invisibilidade da cidade para salvaguardar, cuidar, manter, enfim preservar esses lugares de referências de memória da cidade. Cabe salientar, que essa foi uma das intencionalidades iniciais da investigação, ou seja, de conhecer pessoas idosas, como o nosso idoso jardineiro narrador, que são ativas e que exercem um importante papel de preservação do patrimônio material e imaterial da cidade.

Iniciamos nossa entrevista com o Sr. Marcel e, ao longo da conversa, houve uma dupla revelação: desvelou-se o segredo sobre como era realizada a troca do calendário floral e desvelou-se o anonimato daquela pessoa que, até então, estava nos bastidores da cidade. Portanto, o nosso primeiro narrador idoso foi justamente essa pessoa, que imaginávamos que existia, mas que “não era visto” e que só foi possível de “ser visto”, pelos jovens extensionistas, na medida em que tomaram consciência, através do projeto, da existência de uma invisibilidade de pessoas idosas de camadas mais populares e menos favorecidas economicamente e socialmente. Dito de outro modo, neste primeiro ato, a intenção foi de abrir os olhos, ampliar a capacidade de enxergar e de escutar para além do que se mostra visível e audível. Esse foi o passo inicial em direção a uma tomada de consciência,

especialmente dos mais jovens, em relação ao “não ver” o outro. Pensamos que o caminho para o reconhecimento da alteridade, da existência de um outro, diferente de mim, é o do reconhecimento de sua existência através do estabelecimento de uma relação intersubjetiva, e esta foi justamente a razão que nos levou ao encontro desses idosos para conhecê-los. Assim, nos organizamos para o encontro, sobretudo em relação à construção de um vínculo de confiança inicial entre os jovens entrevistadores principais e o idoso narrador. E para ilustrar como foi este processo de preparação, escolhemos um fragmento do diário de campo de uma das alunas entrevistadoras, pois a extensionista elucida o quanto foi imprescindível um contato prévio com o idoso-narrador para a construção de certa confiabilidade, necessária para o estabelecimento de um *setting* interpessoal favorável para que o entrevistado se sentisse à vontade e estimulado a narrar sua história de vida. Sobre a importância de um encontro prévio, ela diz:

Nesse dia eu e a Karina fomos responsáveis por entrevistar o Sr. Marcel, então, entramos em contato com ele alguns dias antes e conversamos sobre a possibilidade de gravar, ele concordou e marcamos de nos encontrar com toda a equipe.(...)O fato de termos nos encontrado antes e a forma como ele foi receptivo comigo e com Karina, nos permitiu ter uma afinidade e liberdade com ele durante a entrevista que colaborou para que fosse um dia maravilhoso. (Daniely, 22 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Parece haver um consenso, entre os pesquisadores que trabalham com as histórias de vida e com as metodologias orais que utilizam as narrativas, de que a qualidade da entrevista depende mais do vínculo estabelecido entre pesquisador e sujeito pesquisado, pois quando pedimos que o outro conte sua história o narrador precisa sentir que pode confiar e não importa a quantidade de pessoas para ouvirem as histórias, o que influi é a atitude de respeito, de interesse genuíno e disponibilidade interna do pesquisador para ouvi-los. E foi justamente isso que aconteceu, nesta primeira entrevista, como podemos constatar através de mais um fragmento do diário de campo da mesma jovem entrevistadora. A presença da equipe não foi um fator intimidador para o idoso-narrador, muito pelo contrário, pois ele se sentiu ainda mais valorizado e pareceu estar muito à vontade com a presença de toda a equipe. Ela diz:

O que mais me chamou atenção esse dia foi o brilho no olhar do Sr. Marcel quando foi me agradecer por ter permitido que ele contasse sua história, a alegria estampada em seu rosto por estar sendo reconhecido pela nossa equipe formada por estudantes e uma professora que ele não conhecia, o fato foi ele perceber o valor que demos em sua experiência de vida contada e ainda mais com o amor que ele trata o seu trabalho, a praça da cidade e as pessoas, foi muito cativante. (Daniely, 22 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Aliás, essas impressões da entrevistadora se confirmaram ao final da própria entrevista quando Sr. Marcel fala sobre essa experiência narrativa de contar sua história de vida e sua relação com a história da cidade, ele diz:

cê sabe que me alegra assim, “eu falo que foi os dia mais gostoso encontra vocês aqui a gente, “vocês encontra aqui e indagando essas coisas assim é muito bom, tô muito contente com vocês aqui “fia”, assim que é bom, fico muito contente, os momentos bons, eu ontem... eu fui embora pra casa fui pensando nisso, mas que coisa, que bom, eu nunca vi uma coisa assim, e agora vocês junto com a gente conversando assim é muito bom, parece que dá mais animo pra gente trabalha e vive mais, muito bom isso aí, gostei mesmo. (Marcel, 60 anos, idoso jardineiro, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

A fala do Sr. Marcel, ao final da entrevista, nos permite perceber que o afeto, a sensibilidade, a escuta atenta e interessada foram imprescindíveis para o desenvolvimento do vínculo necessário para o recolhimento da sua história de vida. Concordamos com Bosi (2003, p.60) quando diz que a qualidade da entrevista depende da qualidade do vínculo estabelecido entre ouvinte (pesquisador) e o narrador (sujeito pesquisado) sendo que “a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera”. E isso aconteceu no caso do nosso primeiro idoso-narrador, pois até hoje, mesmo depois de dois anos de finalização do projeto, tanto os ex-extensionistas, quanto o Sr. Marcel quando se encontram na praça fazem questão de “prosear” e os jovens, na maioria das vezes, fazem questão de tirar fotos e fazer *selfies* para postarem no grupo de *WhatsApp* do projeto, que ainda continua ativo.

Desse modo, essa primeira entrevista se tornou emblemática em vários aspectos. Por ser a entrevista inaugural, serviu de referência para as outras entrevistas nos seguintes aspectos: no sentido do manejo em relação à organização do tempo destinado a cada entrevista, pois percebemos que tínhamos que destinar uma tarde inteira para cada idoso; necessidade de buscarmos um ambiente menos ruidoso, pois o local escolhido era muito próximo de uma rua com grande circulação de veículos, o que interferiu muito na captação do áudio dificultando o entendimento de algumas falas e prejudicando a transcrição de partes do áudio da entrevista; necessidade de oferecer um espaço de tempo, ao final de cada encontro, para que o grupo de extensionistas pudesse expor suas impressões daquele dia ainda no calor do encontro. Contudo, o momento que tornou esse primeiro encontro intergeracional mais significativo, de muito valor simbólico e inesquecível, aconteceu depois de finalizada oficialmente a entrevista, quando o Sr. Marcel nos conta sobre um espaço de memória da

cidade bastante significativo localizado nas imediações da praça central, no parque José

Afonso Junqueira, conforme segue:

O parquinho na época era posto de gasolina, chamava Posto do tuio... lá eis lavava carro, uns já morreram e ainda tem uns...Mas assim fia,o parquinho também pouco tempo foi mudado de 2000 pra cá que reformou o parquinho e antes tinha roda gigante, tinha 3 roda gigante, tinha essas 3(...) (Marcel, 60 anos, idoso jardineiro, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

Esse relato começou a despertar uma curiosidade nos jovens por conhecer um pouco mais desses lugares e/ou vestígios de lugares portadores de memória da cidade. Neste momento, percebemos que a memória é tanto um fenômeno individual, próprio da pessoa, quanto um fenômeno coletivo e social, e que os elementos constitutivos, tanto da memória individual, quanto da coletiva são: acontecimentos vividos; pessoas que conhecemos e lugares que elegemos de apoio para nossas lembranças (POLLAK, 1992). Assim, o Sr. Marcel, ao fazer uma espécie de reconstituição imaginária do que foi o contexto urbano do passado, recuperou a memória de um lugar – o “posto do Tuio”, que hoje não existe mais e que no lugar do posto foi construído “o parquinho” para as crianças. Ao recuperar essa lembrança, fez questão de mostrar que ainda existem vestígios materiais desse lugar e convidou a todos para irem com ele conhecer uma das tampas dos tanques de armazenamento de gasolina existente na entrada do parquinho. Acompanhamos até o local e pudemos constatar resquícios de uma cidade que ainda existia na memória desse idoso narrador e isso despertou uma ampla curiosidade no grupo, uma vontade arqueológica de querer encontrar mais pistas de uma cidade de outrora, uma cidade que ainda existe na lembrança de nossos narradores, enfim, despertou grande interesse que ecoou para além do espaço do projeto. Aliás, isso fica claro no relato do diário de campo da jovem entrevistadora, que descreve sobre os efeitos que o primeiro dia de projeto havia despertado nela; ela diz:

Durante a fala dele foram surgindo reflexões espontaneamente na minha escuta de suas histórias, por exemplo, ele comentou sobre o primeiro posto de gasolina da cidade, que era localizado na esquina onde estávamos gravando, fez questão de mostrar depois a tampa das primeiras bombas de gasolina que permanecem lá no chão. Me chama atenção o fato de ser um lugar que a maioria das pessoas passam, literalmente em cima, e provavelmente não sabem que lá era um posto, por mais que pareça uma reflexão simples, me faz valorizar ainda mais a importância de contar histórias e ainda mais, escutá-las. Cheguei em casa e contei para a minha família sobre esse posto e vi que minha reflexão estava certa, pois todos em casa são poços-caldenses e não sabiam do posto, além do fato de uma informação sobre alguma história ter o poder de causar uma conversa, como aconteceu na minha casa, meus pais começaram a contar histórias da praça, do parquinho. (Daniely, 22 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Ademais, esse lugar provocou outro momento evocativo, recuperando mais uma lembrança no Sr. Marcel de quando era a pessoa responsável pelo controle das filas da roda gigante do parquinho, e foi justamente essa lembrança que despertou a vontade em todos nós de adentrarmos o espaço do parquinho, que um dia foi local de trabalho do Sr. Marcel. Ao entrarmos no parquinho, não só encontramos balanços, escorregadores, tanques de areia e a miniatura de um carrossel, mas nos deparamos com muito mais coisas, pois este lugar evocou em todos nós lembranças de infância, especialmente dos “parquinhos de nossas infâncias”. Era como se cada um de nós tivesse acessado a sua criança interna e estivesse convidando-a para brincar. Então, quando estávamos diante do carrossel, o Sr. Marcel nos revela que ele já havia girado muita gente e foi neste momento que todos nós (idosos, jovens e a própria pesquisadora) passamos a revisitar memórias de nossas infâncias e voltamos no tempo. Nesta ocasião, alguns dos jovens, principalmente, aqueles que nasceram na cidade, passaram a olhar de um modo diferente para Marcel, pois aquele jardineiro idoso e depoente ganhou outro *status* identitário, ou seja, passou a ser visto como aquela pessoa que havia proporcionado os mais prazerosos giros no carrossel dos tempos de infância. Este momento foi muito significativo, pois se pode perceber que uma espécie de duplo registro estava acontecendo, Marcel estava sendo visto não só como um idoso narrador, mas, agora, havia sido resgatado diretamente das lembranças particulares do parque de diversões da infância de alguns dos jovens, especialmente de uma das jovens, como podemos constatar pelo seu relato:

Durante suas histórias ele relatou que cuidava da fila das crianças que iam à roda gigante do parquinho no centro da cidade, no qual eu brinquei muitas vezes na minha infância, então, me lembrei da sua fisionomia e que ele já havia cuidado de mim quando brincava, e isso me fez gostar ainda mais de tudo que o projeto estava me proporcionando nesse momento.(Daniely, 22 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Neste dia, criamos uma espécie de território do brincar, um espaço em que compartilhamos histórias e memórias de infância, um ambiente em que não havia separação geracional. Aliás, foi possível enxergar que dentro daquele idoso havia uma criança, que também desejava voltar a brincar. Lembramo-nos do seu relato, pois o território de brincar da sua meninice havia sido bem diferente daquele parquinho, pois nele os brinquedos e brincadeiras eram bem diferentes. Ele nos havia contado que:

(...) Brincava com os brinquedo nosso era tudo de escorregar em folha de coqueiro, né? E os balanço nosso era no cipó, balançava no cipó, sabe? E rodava pneu, tudo aquilo. (...) as brincadeira...era muito bom eu gostava, sabe? E não tinha, igual tem aqui hoje no parquinho os brinquedo direitinho... nós subia até na... pra marca bambu, subia lá em cima discia lá em baixo. Assim, foi nossa brincadeira, a gente

divertia, sabe? Corria atrás dos passarim com estilingue também, maior judiação eles fazia tamém, sabe?... A gente já foi divertido cê, entendeu? (Marcel, 60 anos, idoso jardineiro, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

E foi de modo espontâneo e empático que convidamos o Sr. Marcel para reencenar, reviver o girar o carrossel e não paramos por aí, pois propusemos, logo em seguida, que ele mudasse de lugar e participasse conosco da brincadeira do carrossel. Agora, nós quem iríamos colocá-lo dentro do brinquedo e iríamos girar todos juntos com nossas crianças interiores, e assim o fizemos. Ele, a princípio meio reticente, não demorou muito para entrar na brincadeira e este momento, sem dúvida, se transformou em um dos momentos mais emblemáticos e significativos do projeto. Como podemos ilustrar com alguns dos depoimentos e com uma imagem a seguir:

Após a entrevista fomos junto com o entrevistado para conhecer o Parquinho Darcy Vargas, onde ele trabalhou muitos anos, conversamos com ele dentro do carrossel, rimos muito. Foi uma entrevista emocionante, para ambas as partes. Sr. Marcel se emocionou lembrando fases importantes de sua vida, chorou algumas vezes, inclusive. Essa entrevista em específico foi como nos transportar de volta ao passado, à nossa infância. (Vitor, 21 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Depois da entrevista fomos ao parquinho. Quando eu era criança meu pai me levava muito lá. É um lugar muito lindo. Lembra-me o gosto da infância. Tudo era tão grande. Os brinquedos, os adultos. Marcel trabalhava lá desde quando eu era criança. Não me lembro dele. Empurramos ele no carrossel. Ele ficou tão feliz! Até se emocionou! E nós entramos também. Pensei que iria quebrar. Estou acostumada e não ser permitido mais brincar nestes brinquedos, sempre há vigias olhando as “crianças crescidas” querendo brincar. Mas desta vez havia o idoso e mais uns 4 jovens lá dentro! Rodando no carrossel! Acredito que todos se lembraram de sua infância. Este foi o assunto por alguns momentos. O senhor Marcel também disse ter rememorado disto. Emocionei-me depois deste momento, quando descemos deste carrossel dos sonhos, desta viagem de volta no tempo. Emocionei-me ouvindo-o, “entrando em sua história”. (Valquíria, 21 anos, extensionista do curso de Psicologia).

É possível perceber que vários sentimentos foram despertados deste dia, mas os mais gritantes foram as sensações nostálgicas e alegres, que foram aspectos transbordantes da fala do Sr. Marcel. Vale ressaltar também um dos melhores momentos do dia, que me fez sentir gratidão por participar do projeto, foi quando nós subimos no carrossel do parquinho com o Sr. Marcel, ambiente no qual ele sempre cuidava das crianças, mas como ele mesmo disse “Nunca subi no brinquedo e alguém cuidou de mim”, e então algumas pessoas da nossa equipe empurraram o carrossel, Sr. Marcelinho se emocionou com a sensação de troca e gratidão que essa atitude lhe proporcionou. (Daniely, 22 anos, extensionista do curso de Psicologia).



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa

Agora, *a posteriori*, ao analisar este momento, percebo que construímos juntos, de modo espontâneo e genuíno um ambiente facilitador, uma base positiva para que as relações intergeracionais realmente pudessem acontecer. Para tentar compreender o significado desse momento, recorro ao autor Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, estudioso da natureza humana, que diz que em qualquer etapa da vida humana, necessitamos de certa provisão de cuidados oferecidos por um ambiente facilitador para que possamos nos sentir vivos. Em última instância, ele relaciona a saúde à criação de uma área que permita ao sujeito brincar. Aliás, é importante destacar que o autor deu tanta importância ao aspecto do brincar, que dedicou um livro inteiro e o mais original a esta temática - “O Brincar e a Realidade” ([1971] 1975) no qual, partindo do trabalho clínico com crianças, viu no brincar a expressão da vida imaginativa do sujeito, uma atividade simbólica, um ato de criação.

Winnicott ([1971] 1975) nos aponta que os significados são criados através das relações e das interações entre o sujeito e o mundo que o cerca. E que a experiência criativa não ocorre no campo intrasubjetivo somente, mas é criada num campo entre campos, num encontro entre duas ou mais subjetividades, que, por sua vez, ocorre em um espaço, uma área relacional, que permite ao sujeito brincar e constituir uma relação com o outro. Portanto, esse campo, área ou lugar Winnicott denominou de “Espaço Potencial”, ele diz:

(...) sugiro que a área disponível de manobra, em termos de uma terceira maneira de viver (onde há experiência cultural ou brincar criativo) é extremamente variável entre indivíduos. Isso se deve ao fato de que esta terceira área é um produto das *experiências da pessoa individual* (bebê, criança, adolescente, adulto) no meio ambiente que predomina... a extensão desta terceira área pode ser mínima ou máxima, de acordo com a soma das experiências concretas. (WINNICOTT ([1971] 1975d, p. 148).

Para Winnicott ([1971] 1975), a via da criatividade torna-se uma possibilidade de saída do humano para seus conflitos psíquicos, uma forma de conciliação entre os dois princípios de funcionamento psíquico, conforme descreve Bittencourt (1997, p.107) “o brincar, assim como a arte, operam num novo tipo de realidade efetiva que se destaca, tanto na realidade psíquica (regulada pelo princípio do prazer), como da realidade externa (regulada pelo princípio da realidade).” O brincar não se aplica só às crianças, mas é intrínseco ao humano, pode-se observar em indivíduos de qualquer idade, ou seja, “brinca-se a vida inteira ou, melhor dizendo, só há vida quando se brinca.” (BITTENCOURT, 1997, p. 108).

Podemos dizer que o “Espaço Potencial” deve ser considerado como o espaço do possível, não do evento certo, área onde ocorre o brincar criativo e, sobretudo, a experiência de encontro inter-humano. É um lugar que funciona como centro de afeto, de pertencimento, de autonomia, de encontro consigo no outro e foi justamente isso que aconteceu nesse encontro intergeracional entre Sr. Marcel e nós. Quando entramos na realidade do parquinho, já sabíamos que se tratava de um lugar de afeto e de pertencimento, especialmente para o Sr. Marcel, pois ele já havia trabalhado ali, conforme descreve o extensionista Vitor: “o Parquinho Darcy Vargas, onde ele trabalhou muitos anos.” Compreendíamos, também, que se tratava de uma realidade externa a todos nós e regulada pelo princípio de realidade, um espaço com regras de funcionamento, conforme aponta a extensionista Valquíria: “Estou acostumada a não ser permitido mais brincar nestes brinquedos, sempre há vigias olhando as „crianças crescidas“ querendo brincar.” Assim, todos nós sabíamos que se tratava de um parquinho real pertencente ao mundo externo a nós, um objeto objetivamente percebido, entretanto, isso não impediu que cada um de nós olhasse para aquele ambiente, simultaneamente, como uma realidade subjetivamente percebida, ou seja, pertencente à vida da realidade psíquica pessoal de cada um. Encontrávamo-nos em um lugar entre mundos, uma área intermediária da experiência humana, uma área em que foi possível estabelecer uma ponte entre o fora (mundo externo) e o dentro (mundo interno), enfim, um lugar que estava fora de linhas divisórias demarcadas, uma situação paradoxal, conforme o próprio Winnicott diz “(...) uma separação que não é uma separação, mas uma forma de união.” (WINNICOTT, 1975e, p.136). Mas como se entra nessa área intermediária, nesse espaço potencial?

Winnicott responde que a condição de paradoxo nos convoca a agir criativamente sobre o mundo e isso se dá através de um impulso criativo, que independe da idade que se tenha, pois essa condição é inerente a uma pessoa saudável, ele diz:

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa - bebê, criança, adolescente, adulto ou velho - se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa (...) de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele (WINNICOTT, ([1971] 1975b, p. 100).

Safra (1999), em seu trabalho clínico, enfatiza a importância da ação e do gesto espontâneo na promoção de um acontecimento. Segundo o autor, a ação deve ser “(...) vista como parte da espontaneidade dos seres vivos e, particularmente, do homem.” (SAFRA, 1999b, p.92). É justamente essa ação humana e espontânea em direção ao diferente que aproxima o eu do outro, que abre a possibilidade para que o encontro inter-humano aconteça e este, por sua vez, se desdobra em outros desvelamentos e conhecimentos de si mesmo e do outro. É o impulso criativo que abre a possibilidade de uma ação que pode ser tão transformadora que é capaz de inventar um ambiente potencialmente favorável, uma área de manobra e estratégica para que a experiência de encontro intergeracional ocorra, e transformar o parquinho em uma realidade compartilhada.

Foi justamente esse “impulso criativo” que aconteceu no momento em que os integrantes do projeto (jovens extensionistas e a professora/mediadora) se entreolharam e, de forma espontânea, convidaram Sr. Marcel para brincar no Carrossel, conforme relata a extensionista Valquíria: “desta vez havia o idoso e mais uns 4 jovens lá dentro! Rodando no carrossel!” Foi neste instante que aconteceu uma conexão intergeracional.

Estabelecemos uma conexão baseada na horizontalidade, em que não havia demarcações hierárquicas, de classe social e muito menos de diferenças etárias. A sensação foi de estarmos em outro lugar e tempo, em uma espécie de cena onírica, conforme narra a mesma extensionista, ao dizer: “quando descemos deste carrossel dos sonhos, desta viagem de volta no tempo. Emocionei-me ouvindo-o, entrando em sua história.” Aliás, sensação semelhante é descrita pelo extensionista Vitor quando diz: “foi como nos transportar de volta ao passado, à nossa infância.”

Comprendemos, naquele momento, que o parque havia se transformado em um importante lugar evocativo tanto das nossas lembranças particulares de infância (memória individual) quanto das infâncias de todos nós (memória coletiva). Aliás, importante dizer que

os parques infantis costumam se constituir em um ambiente acolhedor e com grande potencial evocativo, especialmente de memórias de cuidado materno. Nesse sentido, concordamos com o psicanalista Christopher Bollas quando diz que há uma organização inconsciente de lugares em uma cidade e que alguns são mais evocativos que outros, onde “os objetos experienciados durante a infância conterão partes da experiência do *Self*, que serão projetadas nos objetos, como se fossem recipientes mnêmicos da experiência vivida.” (BOLLAS, 2000, p. 33).

Diante disso, é possível compreender porque esse primeiro encontro se tornou tão inesquecível. A princípio seria apenas uma entrevista em que escutaríamos a história de vida de um dos nossos personagens idosos. Contudo, o que não sabíamos e não tínhamos como saber é que essa primeira entrevista se tornaria tão memorável, simbólica e ilustrativa a ponto de responder todos os aspectos apontados no objetivo geral da presente investigação. Assim, no primeiro momento foi possível perceber que ao pedirmos para que o Sr. Marcel contasse sua história, essa experiência do contar, do narrar suas memórias autobiográficas funcionaram como um dispositivo inicial de aproximação intergeracional. Após, essa aproximação inicial, aos poucos fomos mudando de posição, de ouvintes passivos para uma escuta ativa, implicada e, quando fomos conhecer o parquinho junto com o Sr. Marcel, entramos e tivemos a possibilidade de ir conhecendo um pouco mais um ao outro e entrar na sua história, que acabou se tornando a nossa história. A partir do momento em que fomos nos conhecendo com mais profundidade, foi possível uma modificação na maneira de um enxergar o outro, sem tanto preconceito, a tal ponto que já não enxergávamos um idoso, mas sim uma pessoa como nós, que havia sido uma criança um dia, como nós e que, também, gostava de brincar. Criamos uma brincadeira, brincamos juntos, criamos um idioma e estreitamos laços. As crianças que guardávamos em nós se encontraram na brincadeira do Carrossel e foi justamente naquele momento que houve a criação de um espaço para a ressignificação das histórias de vida de todos nós e o melhor aconteceu de modo espontâneo e genuíno. Criamos uma área propícia para construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos, que se configurou como “uma forma de união”, como diria Winnicott. Podemos constatar isso através do fragmento do depoimento da extensionista Daniely, registrado no final do primeiro ano de projeto, quando ela diz: “Então com seu Marcel eu vi que eu estava lá de coração mesmo e ele também. Aí eu vi essa troca do intergeracional acontecendo mesmo.”

Saímos dessa nossa primeira experiência de encontro com a percepção de que uma troca intergeracional muito genuína havia acontecido. Esse encontro nos permitiu ter a sensação de termos criado um ambiente favorável para que as relações entre gerações fossem construídas e isso fez com que criássemos mais expectativas para os próximos encontros com

os outros idosos narradores. Saímos desse primeiro ato com muitas indagações: Será que algo semelhante aconteceria em outros encontros com outros idosos? Será que poderíamos atribuir somente ao ambiente físico do parquinho a criação desse espaço entre dois? Em que medida a proposta do projeto “sacudindo a memória” permite a criação de uma espécie de *setting* social suficientemente favorável que se abre para a comunicação intergeracional? Em que medida as narrativas de memória autobiográfica podem ser um elemento de mediação comunicacional de transmissão e de ressignificação das trajetórias pessoais, tanto de jovens, quanto dos idosos? A partir desse primeiro ato muitas perguntas surgiram e, como se trata de uma pesquisa cujo caráter é processual, então, estes questionamentos iniciais foram reelaborados e se transformaram nos objetivos da presente tese, conforme já mencionamos.

Assim, a partir do segundo ato/momento, já tínhamos todos os objetivos traçados. Precisávamos, então, achar a cena e/ou as cenas que pudessem elucidar o quanto as narrativas de memória do sujeito idoso funcionam tanto como estratégia de aproximação e de ressignificação das trajetórias pessoais tanto do sujeito idoso quanto dos jovens, e o quanto podem contribuir para alteração da percepção dos jovens sobre o processo de envelhecimento e ressignificação do convívio intergeracional.

3.2 Segundo ato – recicle sua mente... conte histórias e ressignifique memórias.



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa

Começamos o segundo ato. Escolhemos essa imagem de abertura porque ela congela um dos momentos mais significativos que tivemos no projeto. Temos no primeiro plano a imagem de um carrinho de um catador de papelão da cidade e, se prestarmos mais atenção na imagem perceberemos que não se trata de um carrinho de materiais recicláveis qualquer. Andávamos pela cidade e ao vermos esse carrinho estacionado, cheio de caixas e sacos empilhados e organizado, guardado pelo olhar atento de uma expressiva e fiel cadela e que continha a inscrição da seguinte frase - “Recicle sua mente”. Diante dessa cena, paramos. A nossa primeira sensação foi o despertar de um senso estético e, de alguma forma, sabíamos ou intuímos que havia algo de singular, de belo e de muito simbólico ali. Segundo Safra (1999), podemos chamar essa sensação de intuição, ou seja, uma capacidade que uma determinada pessoa tem para apreender e articular formas estéticas e simbólicas, os símbolos de *Self*, da outra pessoa e a partir daí capturar o modo de existir e o estilo singular de ser da mesma. Os símbolos de *Self* seriam “símbolos-estéticos que se organizam na sensorialidade, por meio de processos identificatórios.” (SAFRA, 1999a, p.26-27). Desse modo, estávamos diante de uma cena que provocou todo nosso campo sensorial, despertando nossa curiosidade em conhecer a pessoa que estaria por trás daquela cena e nos perguntamos: quem será a pessoa que conduz esse carrinho? Além disso, a linguagem discursiva e provocativa contida na frase desenhada no carrinho - “recicle sua mente” - foi tão expressiva e representativa, que acabamos transformando-a na “frase-lema” de abertura deste segundo ato.

Reciclar é preciso, talvez dissesse o poeta Fernando Pessoa. Reciclar é um verbo que evoca uma ação, o ato de transformar algo que não tem mais serventia em algo novo. Reciclar se transformou na palavra de ordem do mundo contemporâneo, pois se trata de um dos princípios fundamentais da sustentabilidade e esta, por sua vez, entoa a necessidade urgente de criarmos uma relação mais harmônica e sustentável entre o ser humano e o meio ambiente. A ação do verbo reciclar, a reciclagem, indica processo de transformação de algo que foi descartado, considerado sem utilidade, em outra coisa que é novamente colocada em um novo ciclo. Dito de outro modo, significa dar uma nova vida a esse algo. Além disso, reciclar enquanto um verbo transitivo direto e nominal aponta outro tipo de ação, não se trata mais de uma atuação sobre um objeto externo, mas de uma ação sobre si mesmo, significa atualização de saberes de uma pessoa, uma requalificação. O processo de reciclagem, nesse sentido, se assemelharia ao processo psicológico de ressignificação, que representa mudança na forma de perceber as coisas que, por consequência, implicaria uma modificação na forma de agir, que tanto pode ser um processo individual/singular quanto coletivo/social. Reciclar, portanto, é uma ação emergente, necessária e transformadora. E quando complementamos com a

expressão “sua mente”, não só construímos uma frase, mas agregamos ainda mais valor à mesma e a transformamos em uma “frase-legenda” deste ato.

Assim, “recicle sua mente” serve para apresentar um dos personagens principais deste ato - o Sr. Ézio, um de nossos idosos narradores e proprietário do carrinho de coleta de recicláveis acima. Além disso, o “recicle sua mente” também pode ser utilizado em um sentido figurado e servir para representar a necessidade de uma atualização, de renovação de pensamentos, de abertura para novas possibilidades, sobretudo para aquilo que já era considerado sem utilidade e dando-lhe uma nova vida. Neste ato partimos da premissa de que assim como o reciclar é uma ação emergente e urgente, o envelhecer também o é. Aliás, “reciclar a mente” em relação ao idoso em nossa sociedade é uma ação emergente e urgente, pois significa atribuir a ele um novo papel, tirando-o da condição de descartável, sem utilidade. Além disso, significa quebrar estereótipos e criar novas possibilidades de convívio e dar novos sentidos para o envelhecer. Portanto, no presente ato podemos fazer vários usos do “recicle sua mente”, que tanto pode significar o chamar atenção para questões de sustentabilidade humana, quanto pode significar a ação de reciclar, de renovar, de transformar a maneira de pensar e, no nosso caso, o envelhecimento e o convívio intergeracional.

No primeiro ato, descobrimos que o território do brincar não é exclusivo da criança, mas que todos nós, crianças de qualquer idade, podemos adentrar o território do brincar em qualquer etapa da nossa vida. Além disso, percebemos a capacidade das pessoas de serem sujeitos vivos e criativos e agirem como tais, e que a experiência criativa não ocorre no campo intrasubjetivo somente, mas é criada num campo entre campos, num encontro entre duas ou mais subjetividades em um campo intersubjetivo e, no nosso caso, em um lugar que estamos denominando de “Espaço Potencial Intergeracional”.

Neste segundo ato, estávamos em busca dos outros idosos, à procura de outras histórias e de novas experiências de encontro e estas poderiam acontecer nos mais diversos lugares da cidade. Neste ato, escolhemos cenas ou fragmentos de falas que nos chamaram mais atenção e que pudessem ser potentes o suficiente para pensarmos o quanto as narrativas de memória do sujeito idoso podem funcionar não só como estratégia de aproximação intergeracional, mas, principalmente, servir como uma oportunidade de ressignificação das trajetórias pessoais, tanto dos idosos, quanto dos jovens. Além disso, que pudessem servir de ilustração para mostrarmos o quanto projetos como o estes produzem mudanças na percepção, especialmente dos jovens, sobre si mesmos e a respeito do processo de envelhecimento, além de possuir um grande potencial de ressignificação do convívio intergeracional para ambos.

No primeiro parágrafo começamos a dizer que muito provavelmente haveria uma pessoa interessante por trás da cena do carrinho de recicláveis. Deixamos uma pergunta no ar: quem será a pessoa que conduz esse carrinho? Não respondemos propositalmente no parágrafo seguinte, pois gostaríamos de criar um clima de suspensão, de provocar no leitor, mesmo que por poucos segundos, a mesma curiosidade gostosa que vivenciamos ao nos depararmos com aquele cenário. Aliás, tivemos a oportunidade de vivenciar essa sensação algumas vezes, pois vários de nossos personagens idosos surgiram assim, de modo espontâneo e surpreendente. Aliás, frequentemente, utilizávamos a expressão “parece que os idosos brotam” justamente para nos referir à forma espontânea, algo que se assemelharia a uma associação livre de pessoas. Contudo, é importante dizer que isso só pôde acontecer dessa forma, porque o que nos movia era o não saber, caminhávamos pela cidade com uma atenção flutuante, um olhar atento, uma escuta aberta o suficiente para nos deixarmos ser surpreendidos pelo outro e, foi exatamente assim que o Sr. Ézio, o idoso catador de recicláveis, “brotou” para nós.

Eis que surge a pessoa por trás do carrinho: um senhor de cabelos brancos, sorriso largo e cativante que convida para aproximação. Então, nos aproximamos e fizemos o convite se gostaria e/ou se poderia participar do projeto, contar sua história, o que foi aceito instantaneamente por ele. Então, quando chegamos para a reunião semanal de planejamento de nossas ações, o aluno Yago e a aluna Valquíria, ambos extensionistas do curso de psicologia, logo manifestaram o desejo de serem a dupla responsável pela entrevista, ou melhor, os ouvintes principais do idoso narrador - Sr. Ézio. É importante salientar que o modo como esse narrador havia “brotado” foi tão surpreendente que todos os extensionistas manifestaram uma grande curiosidade e desejo de conhecer e de ouvir a sua história de vida. Após esse encontro inesperado, agendamos a entrevista para a semana seguinte.

Marcamos o encontro com o Sr. Ézio no mesmo local que o achamos - na praça - ou seja, o mesmo ambiente, o mesmo cenário, pois se tratava de um lugar conhecido tanto para o Sr. Ézio quanto para nós. Escolhemos esse ambiente, pois ainda tínhamos dúvidas se haveria alguma interferência do espaço físico na condução da entrevista e na aproximação intergeracional. Aliás, cabe aqui um pequeno parêntese elucidativo, essa suspeita de que o ambiente físico, onde ocorriam as entrevistas, era o que menos importava foi sendo esclarecida ao longo dos encontros e chegamos à seguinte conclusão: o que determina se um lugar é mais adequado e favorável para a experiência do contar e do ouvir histórias e/ou para a troca intergeracional não é o espaço físico propriamente dito. Encontramos no conceito Winnicottiano de *setting* o entendimento que buscávamos sobre a questão do espaço enquanto

ambiente favorável para o convívio geracional. Para o autor, o *setting* se constitui como um espaço transicional, um ambiente de *holding* (sustentação) suficientemente confiável que torna possível o compartilhamento e a vivência emocional e, conseqüentemente, a construção de relações. O *setting* tanto pode ser um espaço que contenha procedimentos que organizem e viabilizem o processo, no nosso caso, o encontro intergeracional, como pode ser a construção de um ambiente psíquico confortável que possibilite que fenômenos vinculares ocorram, ou seja, que promova o estabelecimento de uma relação entre narrador-ouvinte.

Desse modo, o *setting* é uma ferramenta conceitual da clínica psicanalítica winnicottiana e pode ser traduzida, segundo Green (2008, p.54), por enquadre e este, por sua vez, teria uma “matriz ativa” que é “(...) composta pela associação livre do paciente, da atenção e da escuta flutuante, marcadas pela neutralidade benevolente formando um par dialógico onde se enraíza a análise (...)” Dito de outro modo, no projeto “Sacudindo a Memória” construímos um lugar entre mundos, um lugar transicional de comunicabilidade interpessoal e intergeracional, um local onde as histórias funcionaram como objetos transicionais, como elementos mediadores e facilitadores na construção de relações. Podemos aclarar como ocorre o processo de construção do *setting* ou do espaço transicional de encontro através de um dos relatos do diário de campo da extensionista Valquíria, na ocasião do encontro com o Sr. Ézio, ela diz:

(...) ali estávamos em uma situação que demandava improviso, simplicidade, humanidade. Como realizar uma entrevista para o projeto ali? Neste espaço que não é pior que nenhum outro? É apenas diferente para nós. Para mim e para o Yago. Por um momento pensei como é bom poder entrar em contato com outras realidades. Como faríamos? Como eu falaria para ele as palavras “difíceis” do termo de consentimento? De que adiantaria ler para ele todas as instruções, será que ele entenderia? Conversamos com ele um pouco e depois o Yago disse o que realizaríamos naquele dia. Como seria feita a entrevista, uma simples conversa sobre a sua vida, a qual pedimos permissão para gravarmos. E ainda, a gentileza de assinar alguns documentos e fornecer as informações solicitadas em um formulário. Pedi para ele as informações, ele ia contando histórias entre elas. Eu não me apressei. Quis viver o momento presente. Escutá-lo. Para que a pressa de preencher um formulário? Ele teve a gentileza de preparar um espaçinho, limpar uma muretinha, limpou-a, colocou jornal para que eu apoiasse a folha e pudesse escrever. Disse que não precisava se incomodar. Depois apresentei para ele o formulário. Resolvi ler e explicar, traduzir as “palavras difíceis” e enfatizei que a participação é voluntária, porém um convite “de coração”. Ele foi muito solícito conosco. Mostrou-se muito aberto. Apresentou-nos sua cachorrinha, a Fiel. Em seguida mostrou-nos também seu carrinho (...) (Valquíria, 21 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Nesse relato, podemos perceber que a extensionista “improvisou” ou “humanizou” o modo de fazer a entrevista, pois ela percebeu que não deveria ser uma mera coleta de dados, uma relação sujeito e objeto, mas tratava-se de um momento oportuno para o estabelecimento uma relação sujeito-sujeito, no qual o mais importante não era coletar a história de vida, mas

aquela seria uma oportunidade de entrar em contato “com outras realidades”. Essa perspectiva nos remete ao pensamento do filósofo da alteridade, Emmanuel Lévinas (1906-1995), cuja concepção de subjetividade é atravessada pela existência do outro, da alteridade, da diferença, ou seja, o sujeito só é sujeito na e pela relação com o outro. É na experiência concreta de encontro de um rosto humano com outro rosto humano que nos humanizamos. Trata-se da concepção de humanismo de Lévinas que preconiza a escuta da diferença e que faz emergir uma concepção de ética que significa ter responsabilidade com o outro. Conforme apontam Moreira e Moro (2010):

Assim, a ética em Lévinas é mais que uma relação, é uma experiência. E, na minha experiência relacional com os outros entes, o rosto dos mesmos se destaca, revelando a luz de suas almas e a epifania do divino. O rosto é o modo em que o outro se apresenta a mim, pois o Bem se manifesta através do rosto. O encontro face-a-face, o rosto que me vê e o rosto que eu vejo revelam que o sujeito se encontra para além da essência, exatamente na passagem para o outro ser. (...) um movimento que retira o eu de sua solidão e une os sujeitos no tempo e na história humana. (MOREIRA e MORO, 2010, 69).

Desse modo, pode-se dizer que o encontro face-a-face entre o Sr. Ézio e Valquíria não foi só revelador da existência de um outro, mas se constituiu em um posicionamento ético e responsável diante do outro. Ela percebeu o valor do momento e a importância do processo de estar ali naquela relação, pois ela mesma diz: “Eu não me apressei. Quis viver o momento presente. Escutá-lo.” Na verdade ela havia assimilado e processado muito bem o que havíamos trabalhado durante as oficinas preparatórias do projeto de extensão: ter uma postura ética; manter uma escuta atenta e interessada; ter um cuidado com a escolha e o manejo das palavras a serem utilizadas com cada idoso e, sobretudo ter uma conduta acolhedora, afetiva e humanizadora. Não é por acaso que Valquíria faz “*um convite de coração*”, pois se trata de um jeito mais afetuoso e, também, sedutor de pedir para o Sr. Ézio contar sua história. Esse jeito gerou uma resposta quase que imediata, pois o narrador prontamente aceitou o convite. Contudo, do mesmo modo que Valquíria ofereceu esse espaço de escuta, o Sr. Ézio também forneceu a ela um ambiente um pouco mais confortável, conforme descreve Valquíria: “Ele teve a gentileza de preparar um espaçinho, limpar uma muretinha, limpou-a, colocou jornal para que eu apoiasse a folha e pudesse escrever.” Do ponto de vista Winnicottiano, esse fragmento ilustra bem o que significa *setting*, ou seja, não é algo dado, mas é construído pelos dois, é um espaço transicional, uma superposição de duas áreas tanto do narrador quanto do ouvinte; é, portanto, um espaço relacional. Essa vinheta, também, é elucidativa no sentido de assinalar que todas as entrevistas realizadas durante a execução do projeto de extensão adotaram como critério fundamental um posicionamento ético e humanizador, privilegiando a

construção de uma relação dialógica durante as entrevistas. Importante salientar que, mesmo privilegiando a escuta e a construção de relação e não a mera coleta da informação, isso não implicou em prejuízo quanto à obediência de todos os elementos legais exigidos para realização de uma entrevista para fins de pesquisa, tais como: assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido, autorização de uso de imagem e de áudio. Esses elementos do enquadre, disposições materiais reguladoras da relação, sempre estiveram presentes e foram manejados cuidadosamente pelos entrevistadores, respeitando a singularidade de cada relação. Assim, a dupla narrador-ouvinte criou uma espécie de campo relacional confiável e um idioma inter-humano que dispensa qualquer manual de tradução, uma linguagem que é comum e compreensível a todos em qualquer idade, um idioma que comunica algo que vem do “coração”.

E assim se deu nosso contato com Ézio, um senhor aposentado de 76 anos, que há mais 15 anos trabalha com recicláveis, como forma de complementação da renda familiar, pois só havia conseguido se aposentar com um salário mínimo. A princípio, o Sr. Ézio era mais um a integrar a lista de personagens narradores, o que não sabíamos e não tínhamos como saber, é que se tornaria um dos nossos mais admiráveis narradores, especialmente no sentido que Walter Benjamin (1892-1940) coloca no seu ensaio “*Experiência e Pobreza*” de 1933 quando se questiona: “(...) Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? (...) Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1933/1985a,p. 114).

Descobrimos no Sr. Ézio o narrador que Benjamim procurava, mas, também, o que boa parte dos jovens deseja encontrar em uma pessoa idosa, ou seja, uma pessoa que tenha sabedoria e que saiba dar conselhos. No entanto, esses desejos, só foram revelados ao final do projeto quando perguntamos aos extensionistas qual ou quais idosos os havia marcado e por que. Podemos ilustrar isso em relação ao Sr. Ézio através do depoimento de uma das extensionistas, pois a mesma já nutria vontade e curiosidade por conhecê-lo, ela diz:

(...) o idoso que me marcou muito, foi o Seu Ézio... todos eles me marcaram, mas quando eu ouvi da boca do Seu Ézio que “catar reciclagem, pra mim não era um trabalho, era uma missão com o meio ambiente” aquilo pra mim foi que bom que eu to aqui porque o sr. Ézio era um ser que eu via na rua e perguntava: Quem é esse sujeito? Quem é o ser por detrás dessa historia? E eu via ele e a cadelinha Fiel dele. Uma vez cheguei a mexer com ela, mas ela me ignorou completamente, e eu via ele e falava: Quem é esse ser por trás desse carrinho? Qual é a historia dele? (...) E quando ele falou isso, eu agradei por estar no projeto, por ter conhecido o Seu Ézio, a humanidade do seu Ézio, a sensibilidade, a simpatia, a alegria e a lição de vida que ele traz... Caminha todo dia 20km com um sorriso no rosto, tem um amor pela companheira dele, Fiel, que é o nome da cachorrinha dele . Ele ajuda a gente a ter esperança na humanidade, que ainda há pessoas boas, preocupadas com o planeta,

com a sustentabilidade, com a ecologia. (Adelita, 30 anos, extensionista do curso de Psicologia).

O depoimento de Adelita serve não só para ilustrar a questão da curiosidade e do desejo em conhecer o Sr. Ézio, mas, também, descreve o modo como ele chegou até nós “*com um sorriso no rosto*” e “*com um amor pela companheira dele, Fiel*”. Além disso, conforme intuíamos, ele trouxe algo a mais no meio daquelas caixas: simplicidade, alegria, amor pela natureza, ensinamento e uma dimensão utilitária para a vida. Trouxe um ensinamento importante como bem disse Adelita: “catar reciclagem, pra mim não era um trabalho, era uma missão com o meio ambiente.” Esse fragmento nos permite ilustrar uma situação interessante que nos parece invertida, ou seja, comumente atribuímos aos jovens as preocupações com causas ambientais, com a ecologia, com a sustentabilidade. E, ordinariamente, associamos ao idoso preocupações mais morais e conservadoras, um jeito de ver e viver a vida arraigada a formas mais tradicionais e cristalizadas no tempo pretérito. Dito de outro modo, é como se uma pessoa ao se tornar idosa tivesse estacionada no tempo do passado, não pudesse caminhar todos os dias, como o Sr. Ézio, no tempo do agora, não sendo capaz de se reinventar, de se reorientar, enfim, de se reciclar para o futuro. E foi justamente isso que aconteceu com o Sr. Ézio na ocasião de sua aposentadoria, ele nos conta:

Eu trabalhava na casa carneiro, aposentei na casa carneiro com um salário mínimo né, ai o dono de lá que era o Hélio Carneiro, ele era patrão mais a gente tinha muita liberdade para conversar, conversa uma coisa ou outra, e ele falava assim para mim, ele tinha 68 anos, e ele falou se eu fosse uns 10 anos mais novo eu ia mexer com recicláveis, com o lixo Brasileiro reciclado, porque o nosso lixo Brasileiro é muito milionário, eu fui pondo aquilo na cabeça, né? Eu falei nossa... Ai eu aposentei e comecei a mexer com reciclados. Ai eu peguei uma bicicletinha, amarrei um carrinho pequeno atrás e comecei a correr assim a cidade, mexer com reciclado é a mesma coisa que ser político, é um bichinho que corroe a gente, começa a mexer com isso não para mais, é uma coisa muito boa eu gostei da coisa (...) Eu comecei na bicicleta, dai já ficou pequeno porque o povo é muito bom, ai eu já fui dando um jeitinho de melhorar, dai eu arrumei esse carrinho, até um sujeito de uma firma, um rapaz, um amigo meu estava vendendo um carrinho, esse carrinho era de encostar barco na represa, para pescar, sabe? O homem tinha largado mão de pescar, pegou e queria vender o carrinho, eu fui lá para negociar para comprar, porque para a gente servia, dava certo. Ele acabou me dando o carrinho eu peguei e modifiquei ele em alguma coisinha e tenho o carrinho até hoje. O carrinho é um braço direito, esse carrinho é muito importante para mim. (Ézio, 76 anos, idoso catador de recicláveis, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

Em uma leitura mais imediata poderíamos dizer que a questão principal do Sr. Ézio está ligada à subsistência, à própria sustentabilidade de sua família, mas não era só isso pois, como dissemos, tinha algo a mais, ele trazia no seu carrinho a força e a potência da sua capacidade de se reinventar, de se transformar através do trabalho, de continuar sua trajetória

de vida na vida. Diferentemente de muitos idosos que após se aposentarem, literalmente, vão para os aposentos, se recolhem em seus lares e desengajam da vida. O Sr. Ézio, ao contrário, encontrou na “pós-aposentadoria” uma possibilidade de se reinventar, de não parar, enfim uma oportunidade de se tornar um cidadão idoso ativo e participativo e não é a toa que ele diz: “comecei a correr assim a cidade, mexer com reciclado é a mesma coisa que ser político, é um bichinho que corroe a gente, começa a mexer com isso não para mais, é uma coisa muito boa eu gostei da coisa.” Esse fragmento da fala do Sr. Ézio serve também para mostrar o quanto ele havia se tornado uma pessoa muito popular e conhecida na cidade, tal qual um político, e ele gostou “*da coisa*”. Isso se confirma na sequência da entrevista quando ele fala sobre o significado do trabalho, ele diz:

O trabalho é vida, é saúde, é alegria, porque a gente estando trabalhando... uma porque nós estamos ocupando a cabeça, já está sendo muito importante e outra que Poços de Caldas é uma coisa, a população de Poços até para falar a verdade, eu tenho até medo de morrer de repente, eu queria morrer devagarzinho para agradecer a população o tanto que eles são bom para mim. Eles se interessam por mim assim... eu vou passando assim e eles vão chamando. O Sr. Ézio! Tem um reciclado aqui! Oh Sr.Ézio..., Oh Fiel então isso para gente é uma alegria, é a melhor alegria que tem na vida da gente, eu para falar a verdade, que me perdoe as pessoas feliz de Poços de Caldas, que me perdoe, mas eu me considero um dos mais feliz de Poços de Caldas, porque eu estou desfrutando disso aqui. (Ézio, 76 anos, idoso catador de recicláveis, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

Antes de prosseguirmos, é importante dizer que a maioria dos idosos que encontramos pode ser considerada artesã da arte de narrar, pois aprendemos com eles que não basta ser idoso ou ter vivido mais tempo de vida para adquirir histórias e sabê-las contar. É preciso mais, é preciso ter a arte da narrativa, o dom de narrar histórias do jeito que elas devem ser contadas, principalmente quando essas invocam a força da experiência e mergulham na vida do narrador, pois são essas histórias que possuem a força de transmissão geracional. Conforme nos assinala Walter Benjamin (1936/1985b), que diz:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1936/1985b, p. 198-199).

Então, quando nos referimos aos idosos que se tornaram emblemáticos no projeto, queremos salientar que foram especialmente esses narradores anônimos, de que fala Benjamin, que ganharam “honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas

histórias e tradições”. Não por acaso, que idosos como o Sr. Marcel, no primeiro ato, e o Sr. Ézio, neste segundo ato, foram bastante citados nas entrevistas realizadas ao fim do projeto. Cabe salientar que tivemos, também, mulheres idosas que foram referenciadas como boas contadoras de histórias, dentre elas podemos destacar duas: a Sra. Oscarina e a Sra. Verônica. Aliás, é importante dizer que esses idosos elencados não são as pessoas com o maior grau de escolaridade do projeto, ao contrário tinham baixa escolaridade, alguns analfabetos e outros com três ou no máximo quatro anos de estudo, pessoas simples de uma classe socioeconômica mais baixa, exceto a Sra. Verônica que tem nível superior completo e pertence à classe média. A partir disso, foi possível constatar que a arte de narrar não está relacionada nem ao gênero, nem à classe socioeconômica e, muito menos, ao grau de escolarização, pois esses aspectos não devem ser considerados como fatores preponderantes para saber contar história, especialmente quando se trata da história de vida de uma pessoa. Para contar essas histórias, não precisamos de escolarização formal, pois se trata de outro tipo de conhecimento, que se adquire nas experiências vividas, nas viagens realizadas, nas relações sentidas e nas lições aprendidas ao longo do viver. É justamente aí que encontramos a matéria de que são feitas a maioria das histórias, que merecem ser contadas.

Para pensarmos no valor da experiência do contar, do narrar e do ouvir as memórias, sobretudo das pessoas mais velhas na contemporaneidade, recorreremos ao conceito de “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman (2007). Para o autor, atualmente, estamos diante de vários desafios, pois temos convivido com relações cada vez mais fluídas, dinâmicas, com um tempo acelerado, fragmentado e com um mundo de informações instantâneas. Ao que parece, não há tempo para assimilação e espaço para lembranças e experiências compartilháveis, o que ficou no lugar da narrativa foi a informação, que necessita ser sempre nova, plausível e, rapidamente, verificada. Nesse sentido, Bauman ratifica o que Benjamin já havia dito na década de 1930 em seus dois ensaios: “Experiência e Pobreza” (1933/1985) e “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936/1985). Nesses escritos, Benjamin já assinalava que a arte de contar, de narrar histórias e compartilhar experiências estava ficando cada dia mais apartada da vida, e que estaríamos perdendo o valor da experiência narrativa de contar histórias. Ele diz:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. [...] Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações [...]. O extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação

não é mais imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, [1936] 1985, 203).

O que impressiona é a atualidade de Benjamin; “o hoje”, ao qual o autor se fere, é a década de 1930 e o contexto é da modernidade que, conforme bem descreve Giddens (1991), “(...) refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” (GIDDENS, 1991, p.11). Agora, estamos situados no contexto da pós-modernidade que, de um modo geral, representa a ruptura com os antigos modelos de pensamento social, linear e evolucionista, baseados na razão e na ciência. De acordo com Jean François Lyotard (1924-1998), um dos mais importantes filósofos a conceituar a pós-modernidade, a condição pós-moderna significa dizer que as grandes narrativas entraram em crise, ou seja, que as explicações sobre o que versa a vida e o futuro passaram a ser incertas. A propósito, Giddens (1991) resume bem o que seria a condição pós-moderna para Lyotard, quando diz: “a condição da pós-modernidade é caracterizada por uma evaporação da grand narrative – “o enredo” dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo passado definitivo e um futuro previsível.” (GIDDENS, 1991, p.12). Para o autor, o que passa a existir são descontinuidades, desencaixes, uma permanente falta de certezas que nos impossibilita prever o futuro e, paradoxalmente, passamos a eternizar o presente, o “aqui e o agora”. Assim, a ideia atual de temporalidade, conforme afirma Brandão (2008b, p.24), “é o do instante, um ciclo que permanece inacabado, com a valorização do efêmero, que também propicia a fragmentação” e esta, por sua vez, somada à sobrecarga de informações e à aceleração sentida do tempo “embaça os conteúdos, pontos de referência e muitas vezes as identidades.” (idem, p. 24).

Gagnebin (1999) assinala que esses dois ensaios de Benjamin discorrem justamente sobre o declínio da experiência, isto é, da experiência no sentido da transmissão da tradição compartilhada por uma comunidade humana, que é passada de geração em geração. Assim, a perda da experiência acarreta outro desaparecimento, o das formas tradicionais das narrativas, que tem sua fonte na comunidade e nessa transmissibilidade. Gagnebin (1999), em sua análise do ensaio “Experiência e Pobreza” de Benjamin, chama atenção para a temporalidade contida na experiência (*erfahrung*) que é transmitida de geração em geração. A autora destaca que Benjamin, logo no início do seu texto, utiliza a fábula do “Fazendeiro e seus filhos”, uma das fábulas de Esopo (620-560 a.C.), para ilustrar que esse tipo de narrativa dava um sentido exemplar, pois eram ensinamentos transmitidos de geração em geração e que serviam de

orientação para o pensamento e para a vida. Assim, desde o início da história da humanidade as fábulas, assim como os provérbios, são formas narrativas de se falar das experiências, uma forma de ensinamento em que se conserva uma tradição de muitos séculos. Gagnebin (1999) diz:

Essa primeira página de “Experiência e Pobreza” nos fornece já algumas referências essenciais para entendermos a noção de *erfahrung* em Benjamin. Primeiro, a experiência se inscreve em uma temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho; continuidade e temporalidade das sociedades “artesanais” diz Benjamin em “O narrador”, em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno. (GAGNEBIN, 1999, p.57).

Assim, Gagnebin (1999) discorre sobre a experiência (*erfahrung*) de Benjamin como sendo uma temporalidade comum a várias gerações contidas nas experiências de vida e destaca o modo artesanal de transmissão entre várias gerações com funções de continuidade e de temporalidade. A autora, ao analisar a obra “Experiência e Pobreza” de Benjamin, aponta para o esfacelamento das narrativas e a ausência de palavras comuns entre gerações que vai significar a perda das referências coletivas principalmente da burguesia do fim do século XIX e que continua nos tempos atuais. Esse movimento, conforme explica Gagnebin (1999), acompanha o surgimento de um novo conceito de experiência nomeada por Benjamin de vivência (*erlebnis*). Assim, a experiência (*erlebnis*) se torna algo privado, individual que se opõe a uma experiência coletiva (*erfahrung*) social. Trata-se de um movimento de interiorização psicológica do homem que caminha para o particular e para solidão. Ela diz:

Benjamin situa nesse contexto o surgimento de um novo conceito de experiência, em oposição àquele de *Enfahrung* (Experiência), o de *Erlebnis* (vivência), que reenvia a vida do indivíduo ao particular, na sua inefável preciosidade, mas também na solidão. Essa interiorização psicológica é acompanhada por uma interiorização especificamente espacial. A casa particular torna-se uma espécie de refúgio contra um mundo exterior hostil e anônimo. (GAGNEBIN, 1999, p.59).

No Projeto “Sacudindo a Memória”, podemos perceber que a perda das referências coletivas da experiência (*Enfahrung*) não está acontecendo somente com os jovens, mas, também, com boa parte dos idosos entrevistados, pois eles olhavam para suas experiências de vida como algo privado, individual e como uma experiência solitária. A maioria das histórias de vida estava individualizada e não fazia parte da grande trama do tecido social. Então, na medida em que os idosos começaram a contar as memórias de suas vidas, não só se sentiram mais valorizados, mas, também, se perceberam como parte de uma coletividade, conforme veremos no terceiro ato. Podemos notar isso quando, em um primeiro momento do projeto, os

idosos foram procurados individualmente para contar suas experiências de vida. Quase todos ficaram muito surpresos, pois achavam que não tinham mais valor ou não tinham nada para contribuir com alguém, principalmente com os mais jovens. Conforme podemos ilustrar com as seguintes falas de dois idosos:

(...) eu fiquei muito contente, eu achei que eu não era nada, e eu não sou mesmo. E isso aí é muito importante pra mim, de ser procurado, de ser convidado (...) Eu senti que pra mim não tinha sentido nenhum, mas quando os jovens começou a me procurar pra tirar informação de muitos, muitos trabalhos meu, tirar informação, eu me senti muito bem, eu acho que o que eu sei não valia nada, e tá servindo pra alguém, pra ajudar alguém e pra mim também outra parte importante (...) (Antônio, 81 anos, idoso participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

(...) foi um surpresa por ter sido uma das pessoa escolhidas para fazer parte do projeto da professora (...) (Verônica 72 anos, idosa participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

Os idosos também não sabiam que ao contarem sobre suas trajetórias estavam fornecendo um grande ensinamento em sabedoria de vida para os jovens. Sobre esse tipo de aprendizagem, concordamos com Oliveira (1999, p.21) quando diz:

Tais ensinamentos não se aprendem na escola, muito menos no dia-a-dia fragmentado da vida familiar, cadenciado por relógios, cansaços e velocidade, muita velocidade (...) Sem pressa, a cultura oral, fundada no ato de conversar, produz e preserva muita sabedoria. (OLIVEIRA, 1999, p.21).

Percebemos, através do projeto, que os jovens desejavam conselhos para vida. Aliás, isso fica claro em um depoimento de um dos extensionistas, pois sintetiza o que ele e os demais colegas aprenderam com o Sr. Ézio e com os demais idosos do projeto:

Então acho que pra mim, pra cada jovem que participou do projeto, ele modificou os jovens também. Ele modificou um pouco a minha perspectiva de vida, sabe?! Então, a história oral de vida ela proporciona pro jovem que tá ouvindo uma perspectiva de quem já andou um pouco um caminho. E o jovem ele tem um olhar assim do começo, sabe?! Essa segurança de ouvir quem já passou... ele dá um afago ali pro jovem, ele dá uma segurança assim pros jovens, sabe?! É essa perspectiva de vida assim, mexe muito com a gente, sabe?!. (Yago, 36 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Para compreender essa fala de Yago, pedimos ajuda para o antropólogo Le Breton (2017) principalmente quando ele se refere à juventude de hoje. O autor aponta para uma problemática na construção identitária, pois há uma falta de ritualização para simbolizar a passagem entre os mundos da infância para a juventude e da juventude para vida adulta. Segundo o autor, na medida em que a ritualização foi abandonada, passamos a viver uma crise na transmissão, cabendo a cada indivíduo traçar seu próprio caminho de construção da sua

identidade. Tal fato não acontecia nas sociedades tradicionais, pois a transmissão das responsabilidades sociais ao jovem era feita pelos mais velhos, sobretudo dentro das famílias. Os mais velhos faziam a inscrição dos mais jovens coerentemente dentro de um número limitado de papéis sociais que definiam a identidade social. Dito de outro modo, os idosos nas sociedades tradicionais eram mais respeitados, sendo considerados transmissores da cultura, dos valores, genuínos guardiões do saber, responsáveis em inscrever os mais jovens na família e na sociedade. Entretanto, para Le Breton (2017) “os adolescentes de hoje crescem em um mundo social inédito, bem distante daquele no qual seus pais transitavam na mesma idade; eles não são mais educados como as gerações anteriores” (p.100). Para o autor, a transmissão se horizontalizou, a identificação com os pares substituiu a identificação com as figuras parentais e/ou com os mais velhos; desse modo, os jovens estão sob uma maior influência de modelos advindos de outros jovens e ambos estão sob influência de uma cultura midiática, consumista, na qual a forma de comunicar (via redes sociais na internet, mídias) tem acentuado a cada dia o afastamento entre gerações. Nesse contexto de sociedade individualista, os jovens têm que inventar por si mesmos, e a imagem é o ponto central do sentimento de identidade. Le Breton (2017) diz:

A imagem, se validada pelos pares, é a via do reconhecimento. Não se trata mais de ser a si mesmo pelo que se faz, mas pelo que se mostra (...) A estima de si não vem mais da adesão de valores unânimes que estruturam o laço social, ela não se alimenta mais do espelho dos mais velhos ou dos pais ancestrais, mas no dos pares. (LE BRETON, 2017, p. 108).

Nesse sentido, para o autor, estamos vivendo um contexto de “adolescências líquidas” onde não existem mais alicerces seguros e consensuais da existência, o que gera muita angústia e incertezas, pois cada um terá que buscar por si mesmo a sua forma de passagem para a vida adulta. Por outro lado, Le Breton (2017) aponta que está acontecendo certo apagamento ou inversão de fronteiras entre gerações, em que a idade se tornou intolerável e os mais velhos querem permanecer jovens não querendo assumir uma posição de geração que envelhece e que tem a responsabilidade de instruir ou mesmo fazer oposição aos mais novos, o que é lamentável, pois “os jovens se constroem apoiando-se nos mais velhos, mesmo que seja para sobrepujá-los ou se contrapor a eles.” (LE BRETON, 2017, p. 101).

Para que uma criança ou o adolescente se firme, é necessário que ele se confronte, no reconhecimento da sua pessoa, com a lei, com interditos, com uma oposição, ou seja, com o normal de uma transmissão encarnada pela presença sólida dos pais ou de mais velhos que indicam o caminho, explicando-lhes os usos e deixando-o situar-se como um dentre outros. (LE BRETON, 2017, p. 102).

O que descobrimos nesses encontros intergeracionais foi que os jovens, embora não soubessem, desejavam essa “transmissão encarnada pela presença sólida dos mais velhos que indicam caminhos”. Eles queriam conhecer “o lado épico da verdade” - a sabedoria - e desejavam conselhos para vida, conforme aponta Benjamin:

(...) o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem a outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. (BENJAMIN, [1936] 1985b, p. 200-201).

Esse fragmento do texto de Benjamin nos convoca a refletir sobre várias questões que encontramos no “sacudindo a Memória”. Primeiro Benjamin diz que o “narrador é um homem que sabe dar conselhos”, e este “é tecido na substância viva da existência e tem um nome: sabedoria” e ainda aponta que essa forma de narrativa das experiências de vida “estão deixando de ser comunicáveis”, pois são consideradas “antiquadas”. A partir da perspectiva Benjaminiana, podemos pensar o quanto projetos intergeracionais, como o “Sacudindo a Memória”, se justificam, principalmente, no contexto contemporâneo, pois nos fazem lembrar o valor da transmissão das experiências biográficas como um modo de aconselhamento de vida para os jovens e mostrar o quanto isso ajuda para o estabelecimento de um sentido de continuidade geracional. Assim, quando o idoso narra sua história de vida, isso permite ao jovem estabelecer a percepção de seu próprio ciclo de vida, ou seja, ajuda o mesmo a construir e a reconhecer os tempos de muda da infância, da adolescência, da vida adulta e a velhice como etapas, não só sequenciais da trajetória da vida humana, mas aponta para o caráter transitório das mesmas. Desse modo, o jovem compreende, não só que há um encadeamento de gerações, mas isso dá a ele a noção de pertencimento tanto social quanto psíquico, possibilitando-lhe a construção de relações intergrupais e intergeracionais. Segundo Novaes (2005, p. 12), “a pessoa torna-se multigeracional quando transita por várias gerações.” Para ouvir as histórias de vida sentávamos em roda e este formato favoreceu a troca de olhares e aproximações interpessoais entre os integrantes do grupo de modo que a cada encontro íamos co-construindo um lugar de maior comunicabilidade e cooperação entre nós. Assim, acabamos estabelecendo um modelo de entrevista mais coletivizado, onde todos os extensionistas faziam questão de estar presentes e se que transformaram em encontros

intergeracionais para ouvir histórias. Estes, por sua vez, representavam uma espécie de “oásis”, uma pequena região fértil e refrescante no meio da aridez do cotidiano, um momento de parada diante da correria dos afazeres diários e dos aborrecimentos da vida, um momento quando o dia ficava “bem melhor”. Conforme as palavras de uma extensionista presente neste dia da entrevista:

Quando começamos a entrevista eu fiquei muito emocionada de ver tanta sabedoria e tanto amor pelas coisas simples e que fazem total sentido que o Sr. Ézio possui. Cada fala, na sua simplicidade, nos ensinava muitas coisas... Neste dia eu estava um pouco triste com algumas coisas que tinham acontecido anteriormente, mas ao ver o Sr. Ézio contando sua história com tanto entusiasmo e nos ensinando tantas coisas, meu dia ficou bem melhor! E certamente, existem palavras que ele disse que vou levar pra sempre comigo! (Andrea, 25 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Esse momento “oásis” é paradoxal, pois significa simultaneamente tempo de desconexão e de conexão. Dito de outro modo, representa, especialmente para os jovens, uma desconexão da realidade virtual das redes sociais, que prescinde de corpos. Experimentávamos outro tipo de conexão, outro tipo de rede social onde há mais interações face a face, uma realidade em presença. Entendemos que essas interações só puderam acontecer porque foi criado um tempo e lugar para esse acontecimento. Trata-se de um processo de construção de uma área intermediária, algo muito similar ao que acontece em um contexto clínico que denominamos de campo transferencial que, segundo a perspectiva winnicottiana, é o campo da transicionalidade onde acontecem os fenômenos e objetos transicionais; no nosso caso, as histórias de vida funcionaram como esses objetos transicionais, ou seja, como elementos mediadores da relação, que acontece no campo transferencial. Esse campo é propício para interações face a face entre idosos narradores e jovens ouvintes. Trata-se de um tempo e lugar favorável para vivenciar a experiência do contar e do ouvir histórias que, paradoxalmente, já existiam, mas, também, precisavam ser criadas por nós.

Através do projeto “Sacudindo a Memória” descobrimos que o campo da intergeracionalidade é um campo transferencial passível de construção de relações que são constituídas a partir de processos identificatórios. Esses, por sua vez, definem as fronteiras entre o interno e o externo, entre o individual e o coletivo que estão em permanente construção, pois se modificam a partir de um contexto relacional e dialógico. Concordamos com Menezes (2014, p. 70) quando diz que “os significados produzidos pelas representações tornam possível a produção de sentidos sobre as nossas experiências e sobre aquilo que somos, estabelecendo identidades individuais e coletivas.” Aliás, o processo identificatório

enquanto demarcação de fronteiras entre o individual e o coletivo pode ser uma experiência de pertencimento e foi justamente isso que aconteceu neste momento de encontro com o Sr. Ézio, como podemos ilustrar através de alguns fragmentos dos diários de campo dos extensionistas:

(...) me vi extremamente encantada com tanta sabedoria, amor ao que faz e alegria de viver daquele Sr. Uma visão de mundo que contagia e nos coloca em uma posição de reflexão acerca da nossa própria vida e como lidamos com tudo o que nos cerca. Esse encontro, particularmente, foi um dos que mais me identifiquei, fiquei a todo momento tomada por emoção e minha vontade era de “colocar aquele Sr. em um potinho para carregar comigo”. São nesses encontros que me sinto extremamente grata pelo projeto, não só pelo que me traz em âmbito acadêmico, mas também enquanto desenvolvimento pessoal. (Juliana, 20 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Estar ali sentada e ouvindo suas histórias foi um momento muito prazeroso, pois sua fala era calma e saudosa, me encantou a valorização que o senhor Ézio tem pela natureza, o qual depois de aposentando tornou-se reciclador para fazer sua parte e cuidar ao seu modo do mundo que habita. Durante sua fala foi evidente o prazer que ele estava sentindo em poder compartilhar conosco suas histórias e não digo somente elas, mas principalmente sua sabedoria que na simplicidade dele emergia naturalmente em suas palavras. (Flaviana, 24 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Com a história de Ézio reflito a mensagem estampada em seu carrinho, “recicle sua mente”. Ele também nos contou sobre a visibilidade de seu trabalho e os títulos que recebeu ao longo dos anos pelas mídias locais e todos os materiais impressos e fotografias que guarda e apresenta com muito orgulho e carinho. (Brício, 22 anos extensionista do curso de Psicologia).

Para mim foi o encontro mais emocionante, pois assim como eu me emocionei pude ver a emoção do Seu Ézio ao participar do projeto. Ver que ele se sentiu valorizado e que também valoriza participar disso. Foi extremamente gratificante ver como o grupo interagiu bem com Seu Ézio e como sua história de vida é bonita e cheia de surpresas. (Natália, 21 anos, extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo).

Ao lermos os diários de campo, encontramos alguns que nos chamaram atenção pelo fato de apontarem que havia um clima de encantamento no ar ou, melhor dizendo, uma atmosfera emocional propícia para o estabelecimento de relações. Era como se todos estivéssemos entre o sono e a vigília, tal qual uma criança que, próxima à hora de dormir, cria uma expectativa pelo que está por vir e se prepara para ser embalada pelas histórias. No caso do Sr. Ézio, sua história de vida foi contada com tanta vivacidade que se tornou inesquecível, especialmente devido a processos identificatórios, conforme explicita Juliana no seu relato: “Esse encontro, particularmente, foi um dos que mais me identifiquei”; e em seguida ela fala do seu desejo de guardar dentro dela “colocar aquele Sr. em um potinho para carregar comigo.” Esse fragmento nos permite dizer que Juliana se identificou, estabeleceu uma relação de afeto e de desejo de ser como o outro. Além disso, ela se refere a este encontro

como um momento de transmissão de um testemunho de vida, um tesouro para ser guardado em um “potinho” para carregar ao longo da vida. Assim, o Sr. Ézio fez jus ao nome do projeto, pois, literalmente, “sacudiu” a todos de alguma maneira, levando o Brício a refletir sobre “a mensagem estampada em seu carrinho, “recicle sua mente”. “Encantou Flaviana pela sua sabedoria, como ela mesma diz: “sua sabedoria que na simplicidade dele emergia naturalmente em suas palavras.” Fez o dia angustiado e triste de Andrea melhorar: “meu dia ficou bem melhor!” Emocionou Natália com a beleza de sua história “o encontro mais emocionante, pois assim como eu me emocionei pude ver a emoção do Seu Ézio ao participar do projeto.” e percebeu que ele também estava feliz e emocionado por estar ali, quando ela diz: “ele se sentiu valorizado e que também valoriza participar disso.”

Descobrimos que os relatos das histórias de vida dos idosos são na verdade testemunhos de uma vida inteira que, quando partilhados, passam a pertencer tanto à realidade subjetiva individual da pessoa que narra quanto passam a fazer parte da realidade objetivamente percebida e externa a ela. As histórias partilhadas, agora, são os objetos transicionais e pertencem ao espaço transicional, ao espaço entre narrador-ouvinte, ou seja, a “realidade compartilhada”. Contudo, é preciso dizer que nenhum e nem outro estão passivamente contando e escutando as histórias, mas ambos estão simultaneamente ressignificando essas histórias, a partir de suas próprias subjetividades, recriando novos significados e sentidos, que tanto podem ser orientados para valores do coletivo quanto para um contexto individual, ao ponto de dar vontade de armazená-las dentro de “um potinho para carregar” consigo. Assim, este momento “oásis” é fecundo para criação de memórias, as quais passam a fazer parte do acervo biográfico dos sujeitos ou mesmo da matriz identitária, especialmente dos mais jovens, sobretudo se estabelecem uma relação de afeto e de desejo de ser como o outro. O desejo de armazenar, de guardar ou de reter em “um potinho” se assemelha muito ao processo de memória, principalmente se entendermos memória como uma capacidade humana de guardar fatos e experiências do passado para retransmiti-los às novas gerações; isso é algo que todos nós carregamos. Daí, a alusão ao “pontinho” nos parece ser bem interessante, principalmente por constituir-se enquanto base de nossas lembranças e referência identitária que comporta tanto uma dimensão individual quanto coletiva. Sobre a dimensão individual do “potinho” nos remete ao seguinte trecho de Bosi (1979/2016), quando ela diz que :

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos

surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. (BOSI, 1979/2016, p.407).

No “Sacudindo a Memória”, identificamos que a memória é a mãe da narrativa e da arte de contar histórias. Que a experiência narrativa é importante para constituição do sujeito e para manutenção da coletividade. Percebemos também que a memória precisa de apoios, pois a capacidade de lembrar se beneficia, sobretudo, de três apoios: da memória dos velhos, dos objetos e dos lugares. Os objetos e os lugares, quando encontrados, trazem de volta toda a história tanto coletiva quanto individual. Entendemos que, ao trabalharmos com a memória dos velhos, estamos fazendo uma espécie de mediação entre a geração atual e as testemunhas do passado. Assim, quando os idosos contam histórias, na verdade eles se recordam e trazem os acontecimentos sob a forma de um drama do passado. No entanto, para adquirir a arte de contar uma história é preciso primeiramente se dedicar à arte de lembrar. Não é à toa que quando pedimos aos idosos participantes do projeto para contar a sua história de vida, em um primeiro momento, eles diziam que não sabiam e que não tinham o que dizer, mas quando falávamos me conte suas memórias, suas lembranças, aí sim as falas “brotavam” naturalmente.

Ademais, descobrimos que narrar é diferente de descrever acontecimentos. Narrar é criar-se por meio da linguagem e é criar experiências. Além disso, compreendemos que o ciclo da experiência só se completa com a transmissão e testemunho para o outro, tal qual quando fazemos uma viagem ou uma longa caminhada que só se completa quando voltamos e contamos para outras pessoas porque, quando contamos, partilhamos e nos apropriamos do que aconteceu e, ao contar, transformamos e/ou ressignificamos.

Essa analogia da caminhada se enquadra perfeitamente no acontecido com Yago, um dos extensionistas do projeto, em relação ao Sr. Ézio, pois o estudante se dispôs a passar um dia de trabalho com o idoso, ou seja, percorrer 20 km da cidade a pé, empurrando o carrinho de recicláveis. A princípio, Yago queria viver na pele a realidade do Sr. Ézio e se colocar no seu lugar para construir uma relação mais empática com o idoso. Ele queria mergulhar na coisa em si, queria fazer a travessia. Seguem alguns trechos do diário de campo de Yago, que dizem muito sobre o percurso:

No dia 16 de Junho de 2016, às 08h00min da manhã acompanhei Sr. Ézio durante o seu trabalho. Esse dia foi especial para mim, pois pude conhecer uma visão de mundo da qual jamais imaginaria que existisse. Encontrei Sr. Ézio na esquina da sua casa, onde ele me aguardava juntamente com sua cachorrinha a Fiel e o seu carrinho de coletar recicláveis (...)

(...) Sr. Ézio, empurrando seu carrinho, foi andando pela cidade, percebi que as pessoas que encontrávamos no trajeto conheciam Sr.Ézio e que de alguma forma Sr.Ézio estava inserido em seus cotidianos e também atua de forma direta junto a essas pessoas em relação à conscientização sobre como lidar com o lixo (...)

(...) Percebi que ao pegar o lixo Sr.Ézio faz uma descrição sobre as pessoas que deixaram o lixo para ser recolhido, atribuindo características de comportamento e de valores a essas pessoas, tais como: “Essa sempre deixa separadinho o lixo, ela tem educação”; “Esse sempre desperdiça olha só mostrando o desperdício”; “Esses funcionários enganam o patrão eles jogam material fora para não precisar limpar, veja essa forma” (...)

(...) algumas pessoas também doam ração e comida para cachorrinha Fiel, sendo que alguns lojistas possuem até mesmo uma vasilha para poder alimentar a cachorrinha, também nesse dia ele recebeu uma doação de fraldas, material esse utilizado por sua mulher (...)

(...) percebi que a cidade de Poços de Caldas tinha a sua história entrelaçada com sua história pessoal ao ir caminhando pela rua foi me contando sobre sua visão de Poços de Caldas antiga, relatou sua infância, adolescência e juventude na cidade, tais como suas pescarias no rio da Avenida João Pinheiro, seus treinamentos e competições de corrida da qual as ruas de Poços de Caldas era o cenário. Relatou também as pessoas que de alguma forma contribuíram com sua vida e que nutre admiração, dessas destaco a de um farmacêutico que cobrava o remédio de acordo com o que a pessoa podia pagar, e se não pudesse ele doava. Sr.Ézio também descreveu a cidade atual manifestando um descontentamento em relação ao trânsito e manifestando saudade da tranquilidade que encontrava na cidade de Poços de Caldas dos anos 50 e 60 (...)
(Yago, 36 anos, extensionista do curso de Psicologia)

Esses pequenos fragmentos do diário de campo de Yago já nos dão o ritmo da caminhada e como ela foi rica de aprendizados, encontros, descobertas, de quebra de estereótipos, enfim repleta de sentidos. Yago percebeu que, durante esse trajeto, várias ressignificações foram acontecendo com ele e que acabaram transformando sua forma de pensar, sentir e agir, ou seja, foi um grande processo mutativo, produzindo efeitos significativos na subjetividade. Aliás, foi uma experiência marcante para ambos e foi construtora de laços de afeto para além do projeto, pois se tornaram amigos conforme o depoimento do Sr. Ézio, ao final do projeto, ao dizer:

Até hoje a gente tem muita intimidade porque o Yago foi o meu braço direito em Poços de Caldas (...) Ele me favoreceu em tudo, me ajudou em tudo. Olha foi um companheiro! Foi até um irmão meu! E hoje a minha maior felicidade foi quando eu cheguei na porta da PUC e a segunda pessoa que eu vi foi o Yago pra eu poder dar um abraço nele (...) (Ézio, 76 anos, idoso catador de recicláveis).

Portanto, gostaríamos de finalizar esse segundo ato com o próprio relato de Yago, pois é bastante ilustrativo e esclarecedor no que diz respeito a tudo que já dissemos ao longo desse ato. Além disso, mostra como ele e tantos outros jovens extensionistas adquiriram o dom narrativo e construíram memórias significativas a partir das experiências vividas no projeto. Estas, por sua vez, poderão ser guardadas em um “potinho” imaginário, tal qual um acervo de

memória, e ficarão lá como lembranças a serem evocadas. Contudo, para outros como Yago foram oportunidades ímpares de quebra de estereótipos em relação aos idosos e, especialmente, de ressignificação de trajetórias de vida. Yago diz:

(...) Enfim, para mim essa experiência foi marcante, pois tive o privilégio de compartilhar uma perspectiva de vida pela qual jamais imaginei que existisse. Essa experiência me engrandeceu como ser humano e ampliou minha visão de mundo. Nesse dia, senti que não era só o lixo que coletamos que iria ser transformado e reutilizado, mas também a minha “mente” tinha passado por um processo de transformação, sendo que mudei minha percepção em relação ao trabalho e, também, de visão de mundo, pois, tinha um ideal de que a felicidade estava atrelada a trabalhos que possuem um “valor social” e um valor monetário. A partir dessa experiência, percebi que o sentido do trabalho é singular a cada indivíduo e que o de reciclador é um trabalho digno e que tem uma função muito importante para o meio ambiente e que de alguma forma contribui para deixar um mundo melhor. Estamos em um momento que estamos presenciando comportamentos da humanidade principalmente dos poderosos e dos que tem suas memórias reconhecidas uma verdadeira produção de lixo humano onde percebemos que alguns direitos humanos sofrivelmente conquistados estão sendo retirados. E nesse dia percebi que a história do Sr.Ézio tem muito a contribuir não só para minha formação e para minha existência, mas também pode contribuir para muitas transformações de “mentes mais humanas”. (Yago, 36 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Esse encontro para Yago significou uma experiência que o “engrandeceu como ser humano” e ampliou sua visão de mundo. Podemos nos arriscar a pensar que esse encontro intergeracional entre Yago e o Sr. Ézio produziu, simbolicamente, uma “experiência de realização” transformando-se em um significativo registro mnêmico para Yago. Ele percebeu que sua mente também “tinha passado por um processo de transformação”, principalmente, sua “percepção em relação ao trabalho” valorando-o de outra forma. Além disso, significou um encontro relacional que se inscreveu no campo da alteridade. Um momento onde o outro se tornou familiar, onde houve um reconhecimento entre os sujeitos, instaurando uma situação dialógica. Contudo, para que este reconhecimento tenha ocorrido foi preciso certa familiaridade com o mundo circundante, se sentir pertencente a uma cultura e linguagem comum (MOREIRA, 2002). Por fim, para Yago esse encontro com Sr. Ézio foi humanizador, produzindo no extensionista uma experiência de realização de se sentir humano ao encontrar com a dimensão humana representada na pessoa do Sr. Ézio. Yago diz: “E nesse dia percebi que a história do Sr.Ézio tem muito a contribuir não só para minha formação e para minha existência, mas também pode contribuir para muitas transformações de “mentes mais humanas.”

3.3 Terceiro ato - Desenhando, redescobrimo, recriando a cidade viva da memória



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa.

Em uma tarde do mês de junho de 2017, no segundo ano do projeto de extensão, promovemos um grande encontro intergeracional. É justamente esse momento que escolhemos para apresentar neste terceiro e último ato. Neste dia havia uma enorme expectativa pelo que estava por vir, pois se tratava de um momento há muito tempo esperado, imaginariamente desenhado e compartilhado pela idealizadora do projeto com os extensionistas. Então, para este grande dia de encontro, preparamos cuidadosamente cada detalhe, como uma boa anfitriã que prepara uma festa para seus convidados de honra, planejando toda a logística do evento, a fim de garantir conforto, segurança, acesso e, principalmente, acolhimento aos seus convidados. E assim fizemos. Começamos pelo agendamento de uma data e horário que fosse acessível a todos. Em seguida, escolhemos o local - o salão de festas de uma instituição de longa permanência da cidade que, especialmente foi autorizado e cedido por uma das idosas participantes do projeto, uma vez que ela é coordenadora dessa instituição. Importante salientar que a escolha por este local foi, sobretudo, por estar localizado em uma área central da cidade e de fácil acesso. Entretanto, para aqueles que teriam maior dificuldade de transporte, nos disponibilizamos para fazer o traslado de ida e de volta, pois queríamos garantir ao máximo a presença de todos os convidados (os idosos) para o grande encontro intergeracional.

Preparamos o cenário com três ambientes distintos. No primeiro ambiente, ordenamos as cadeiras em formato circular não só para recepcionar os convidados, mas para criarmos um ambiente de “roda de conversa” que facilitasse uma maior interação face a face entre todos os

participantes. No segundo ambiente, montamos uma mesa na qual disponibilizamos: água, café, chás e biscoitos para oferecer aos nossos convidados. E, por fim, na terceira área do salão, preparamos uma grande mesa e sobre ela dispusemos uma série de materiais: canetas coloridas, lápis, borracha, tintas, pincéis e papéis; enfim, uma gama de recursos que utilizaríamos para confecção de desenhos. Sim, iríamos desenhar, e por que não?

Antes de prosseguirmos, vale salientar que, no momento que convidamos os idosos para este dia, mencionamos apenas que se tratava de uma reunião com todos os participantes do projeto para falar sobre aquele lugar comum a todos e que guarda muitas histórias que é a cidade de Poços de Caldas. O convite foi para que participassem de uma “roda de conversa” na qual cada um poderia falar sobre a cidade, a partir de seu olhar e de sua relação com ela, ou seja, a partir de sua individualidade. Interessava-nos saber como cada um enxergava e imaginava a sua cidade da memória e, ao mesmo tempo, ter uma experiência compartilhada de reconfigurar uma cidade da memória com os olhos de hoje e que comportasse olhares e histórias outras. O que estamos chamando de cidade da memória é o que bem descreve Passavento (2002), ao dizer:

Os traços do passado lá estão, na sua materialidade, na sua presença visual e passível de reproduzir uma experiência sensível, mas é pelo olhar de quem rememora que se pode dar a ver uma ausência, converter o *velho* em *antigo*, ou seja, fazer de um espaço transformado, destruído ou mesmo vazio, uma construção no tempo, portadora de vida, porque é reconhecível como tal. É só pelos olhos da memória que é possível ver, mesmo na ausência material do traço ou resto do passado, a presença daquilo que já foi. Nesse sentido, ao passar por uma rua, ou parar diante de um prédio, é possível enxergar não a concretude daquilo que se oferece à vista, mas a presença daquilo que não mais ali está. Nesta medida, construir uma cidade da memória é, sobretudo, uma experiência de vida, onde o trabalho de lembrar pode ser mais importante que a própria lembrança. (PASSAVENTO, 2002, p. 27).

Gostaríamos de destacar o final dessa citação, quando a historiadora Passavento (2002, p.27) diz que “construir uma cidade da memória é, sobretudo, uma experiência de vida, onde o trabalho de lembrar pode ser mais importante que a própria lembrança.” Importante dizer que o que se lembra não é exatamente o que aconteceu, mas o que se quer ou se pode lembrar. O lembrar indica um trabalho a ser feito sobre a memória, o “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho.” (BOSI, 1994, p. 55). Esse fragmento de Passavento (2002) nos convidou a trazer para nossa “roda de conversa” a psicóloga social Ecléa Bosi (1936-2017) que mostrou, na sua tese de livre docência: “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos” (1979/2016), como a história de uma cidade, no caso a de São Paulo, pode ser contada pela memória pessoal e social de oito pessoas idosas que viveram desde a infância na referida

cidade. Aliás, essa obra merece destaque, dentre outras coisas, porque a autora nos convoca a pensar não só na construção de uma cidade pela memória, mas para a construção de uma sociedade. A autora aponta, em sua obra, que uma sociedade se desenvolve com dignidade quando estabelece uma relação contínua do passado com o futuro, graças à mediação no presente que é feita pela memória dos velhos. Voltando a Passavento (2002), ela complementaria dizendo que “uma cidade guarda memórias formadas (...) por traços do meu percurso individual, cidade que é tanto construída pelos vestígios materiais remanescentes do passado, que eu identifico e reconheço, quanto pelo imaginário das minhas lembranças.” (PASSAVENTO, 2002, p.27).

A partir dessas duas autoras, entendemos a cidade da memória como sendo uma cidade do passado, mas que está sempre sendo pensada no presente, que se atualiza continuamente no tempo do agora e que o trabalho de lembrar comporta tanto uma dimensão individual quanto social. Além disso, a cidade da memória é um espaço urbano relacional, onde as pessoas se identificam e se reconhecem e conseguem tecer relações umas com as outras, com seu meio ambiente, com as suas experiências passadas conjuntamente com as de outros membros da comunidade. É isso que conecta a pessoa ao outro e ao lugar. Esse é o ponto de intersecção que acontece neste terceiro ato quando sugerimos a confecção de desenhos neste dia de encontro intergeracional.

Propusemos para os idosos uma tarefa muito peculiar, lúdica e interativa: desenhar. Não se tratava de um desenho livre qualquer, mas de desenhar mapas mentais. A proposta era de que cada idoso pudesse representar graficamente um lugar da cidade que fosse portador de suas memórias. Desse modo, pensamos no desenho como um recurso lúdico, projetivo e comunicativo, que pudesse funcionar como elemento mediador da relação entre o eu e o outro, como uma forma de expressão e de comunicação gráfica que acontece em um espaço compartilhado. Sem dúvida seria um encontro muito especial, pois todos os participantes do projeto estariam reunidos para brincar de desenhar, recriar e redescobrir a cidade, que estava viva na memória de cada um. Nossa intenção foi de utilizar o desenho dos mapas mentais não somente como um recurso lúdico e representacional, mas como ferramenta metodológica que pudesse aproximar e promover a interlocução entre os participantes dentro de uma realidade compartilhada e, a partir daí, provocar os entrecruzamentos possíveis entre as memórias individuais e as memórias coletivas sobre a cidade. Mas o que são mapas mentais?

No presente trabalho estamos nos referindo ao conceito de mapa mental introduzido pelo urbanista Kevin Lynch (1918-1984) que empregou desenhos para revelar a imagem que as pessoas possuem do espaço urbano. A representação do espaço é formada a partir de

observações sensíveis da experiência humana. As imagens produzidas resultam da relação entre o observador e o seu habitat e o sentido que ele dá para o que vê. Os sentidos variam muito, pois partem da subjetividade, dos conhecimentos, das aprendizagens, das referências sociais e culturais de cada observador. Em suma, a percepção mental apreendida pelo observador é tanto de caráter subjetivo quanto sociocultural. Contudo, se os indivíduos compartilham situações semelhantes no tempo e no espaço e vivenciam as mesmas experiências perceptivas, tendem a formar imagens mentais semelhantes. Dessa forma, os mapas mentais fornecem “as imagens públicas, as figuras mentais comuns que um grande número de habitantes que uma cidade possui.” (LYNCH, 1980, p.17). Essas figuras mentais comuns são símbolos que ajudam a manter a identidade cultural local e cria uma espécie de elo que liga as pessoas ao lugar. A identidade das pessoas com os lugares se forma com a vivência cotidiana, ou seja, constrói-se com o tempo. Em suma, há uma memória individual que se relaciona com o social e que dão sentido à cidade.

Escolhemos duas ilustrações dos diários de campo de duas extensionistas para mostrar o quanto a confecção dos mapas mentais pode ser uma importante ferramenta metodológica para construção de relações entre as pessoas, com os lugares, com a memória individual e coletiva. No fragmento abaixo, temos o relato de uma extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo, que fala da sua experiência em participar da oficina de elaboração de mapas mentais, realizada na fase preparatória da intervenção, somente com os extensionistas. Ela diz:

Essa oficina foi muito importante para o grupo se unir, trocando experiências de uma maneira dinâmica. Antes já havia um sentimento de familiaridade devido ao propósito que nos unia, mas depois passamos a conhecer através dos mapas, um pouco sobre a vida de cada um: desafios, alegrias, momentos e lugares. Foi uma forma de integração, na qual nós pudemos estabelecer relações uns com os outros, como exemplo: que legal, "também aconteceu isso comigo", ou, "nós temos um lugar em comum no mapa" (...) Fiquei encantada com a diversidade que as folhas coladas na parede mostraram ao final da atividade. Cada um expressou de uma maneira única sua história; e nós ficamos empolgados ao tentar entender o significado dos desenhos ou frases dos mapas de nossos colegas. Achei muito inspirador o desenho de uma das participantes que usou um carrinho para demonstrar a trilha de sua vida, e conforme ele se ligava às imagens/lugares, uma mala era acrescentada no carro. A simbologia é de que cada fase nos traz uma nova bagagem. (Ingrid, 21 anos, extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo).

Na sequência, temos outro fragmento, que ilustra com precisão e sensibilidade o que aconteceu durante a grande oficina intergeracional para confecção dos mapas mentais. Escolhemos o relato da extensionista responsável pelo registro fotográfico desse dia, pois ela nos oferece tanto uma visão panorâmica e, portanto, mais ampla e coletiva dessa experiência,

como uma ótica mais detalhista e individualizada. Além disso, ela consegue enxergar e narrar às sensações, os sentidos e aprendizados obtidos ao ver a interação geracional acontecendo ao vivo e em cores durante a oficina. Antes de apresentarmos a vinheta é importante salientar que ambas as situações são ilustrativas para afirmar o quanto a confecção de mapas mentais são um importante instrumento mediador para construção de relações no interior dos grupos sejam eles intergeracionais ou não.

Na hora de desenhar os mapas mentais, foi um momento de curiosidade e expectativa da minha parte, eu estava fotografando e queria tirar fotos que representassem bem aquele dia, vi todos concentrados em seus papéis, buscando desenhar algo; vi meus colegas doarem sua paciência e sua entrega para ajudar aqueles idosos; vi um neto ser a personificação do amor e ajudar sua avó em seu desenho, ao tentar ajudar a resgatar a memória afetada dela, que gradualmente tem sido afetada pelo Alzheimer. Para mim, o desenho dela foi o mais bonito, mais colorido, mais vivaz. Foi lindo ver um neto ajudar a avó a desenhar, ver o amor deles, ver ela chamá-lo de “meu tesouro”, ver ela com toda sua dificuldade de pintar, ser criança outra vez. Foi assim que eu vi aqueles idosos, todos eram crianças novamente, frente a uma nova descoberta, a possibilidade de desenhar suas memórias tão preciosas numa simples folha de papel. (...) eu queria uma imagem que retratasse bem esse encontro, e a encontrei, quando fotografei a mão enrugada e cansada do senhor Antônio desenhando suas memórias, fiquei impressionada com a beleza de ver uma mão idosa, repleta de história desenhando suas memórias numa folha em branco. Aquilo pra mim foi o registro essencial do encontro, a partir dali tentei fazer o mesmo com os demais, passei a tentar focar meu olhar nas mãos deles sobre as folhas, segurando lápis, canetinhas e pincéis, foram detalhes belíssimos de apreender, mãos repletas de história trazendo-as para uma folha em branco repleta de possibilidades (...) Outra preciosidade que eu percebi foi a alegria da dona Olívia, a todo momento ela sorria, parecia uma menina num parque de diversões, percebi também sua doação para ajudar o senhor Marcel em seu desenho. Ela também olhou o desenho de todos participantes, e comentou sobre todos com eles, sempre de forma gentil e alegre. Outro participante que ganhou minha atenção foi o senhor Ézio. Ele trouxe consigo diversas fotografias de seu passado e queria exibi-las com orgulho para nós e falar novamente sobre seu passado. Ficamos extasiados com aquelas imagens, novamente foquei nas mãos segurando fotos antigas perante uma folha em que haviam sido desenhados seus importantes espaços de memória. (Adelita, 30 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Importante salientar que não vimos os desenhos dos mapas mentais apenas como ferramenta metodológica para mediar relações. Desde o início da elaboração desses mapas, já tínhamos uma curiosidade quanto a sua concepção, ou seja, quais imagens da sua cidade da memória cada idoso projetaria no papel, especialmente uma das idosas que é deficiente visual - a Sra. Lourdes. Aliás, ela nos desafiou a enxergar a cidade de outro jeito, não apenas com o sentido da visão propriamente dito, mas utilizando outros sentidos e, foi justamente isso que aprendemos com a Sra. Lourdes neste dia, para a configuração do desenho, tivemos que nos adaptar e criar uma alternativa para que ela pudesse participar. Então, a coordenadora do projeto designou uma das alunas do curso de arquitetura para auxiliá-la na confecção dos desenhos. Esse momento foi sem dúvida uma experiência muito rica de interação

intergeracional e inclusiva, a qual não poderíamos deixar de trazer, principalmente a partir da fala da própria extensionista, que nos conta:

Então ela me pediu para desenhar aquilo que ela lembrava, e com a sua narração tentei passar para o papel todos os seus sentimentos e lembranças. Ela me pediu primeiro para desenhar a Praça Pedro Sanches, local onde ela ia muito passear e tem forte ligação com a sua história de vida. Então, desenhamos os bancos e as árvores, não sendo fiel a realidade, mas aquilo que ela queria passar. Fizemos os bancos coloridos, como ela queria e muitas árvores. Em seguida ela pediu para desenhar o “Bar e Restaurante Maracanã” e a “Casa Jeca Tatu”, locais que também foram muito marcantes na sua juventude. Do restaurante ela falou lembrar-se muito das mesas que ficavam do lado de fora, que ela também escolheu fazer coloridos, e da Casa Jeca Tatu lembrava-se das cestas de presentes amarelas com papéis em vermelho. Eu me emocionei muito em poder ajudá-la na realização dos desenhos. Foi algo que eu nunca havia feito e nem pensado em fazer. Para mim, desenhar é algo que sempre foi natural na vida, e poder ajudar alguém que não consegue ver com o pouco que eu sei, foi muito gratificante. Me senti muito conectada a Dona Lourdes, e acho que isso foi essencial para os desenhos. Ela pareceu estar muito contente, e ter gostado muito de ter participado. Além disso, fiquei responsável por ajudá-la, na apresentação dos desenhos para os outros idosos. Porém pude sentir o clima de descontração e alegria que contagiou o local, com todos os idosos interagindo com os alunos e entre eles. Após a realização dos desenhos, sentamos novamente em roda, onde cada idoso falou sobre aquilo que havia desenhado. Os desenhos ficaram muito interessantes e podemos ver a emoção de cada idoso ao falar sobre aquilo que fez. Poder participar deste encontro foi muito enriquecedor e gratificante para mim, como estudante e principalmente como pessoa. Nunca havia feito nada parecido e realmente achei muito interessante ver como é a visão das pessoas sobre os lugares e suas ligações com eles. (Natália, 21 anos, extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo).

Esse fragmento do diário de campo traz, portanto, uma cena muito especial, que aconteceu durante a elaboração dos desenhos. Trata-se de um momento em que conseguimos ver acontecendo uma espécie de conexão intergeracional e inclusiva. Primeiro traço é dado pela extensionista Natália que empresta “*algo que sempre foi natural na vida*” que é sua habilidade manual para o desenho e sua capacidade imaginativa para representar graficamente o que Sra. Lourdes iria oferecer em forma de palavras. Assim, o segundo traço é dado pela Sra. Lourdes que, oferece sua capacidade de lembrar e de imaginar para representar a sua cidade da memória. O seu traço, em formato de palavras, descreve os locais que eram bastante frequentados pelos jovens de sua época. Nessa hora de elaboração dos desenhos percebe-se o empenho e a preocupação da jovem em tentar ser o mais fiel possível à descrição da Sra. Lourdes, Natália diz: “Então, desenhamos os bancos e as árvores, não sendo fiel a realidade, mas aquilo que ela queria passar. Em seguida ela pediu para desenhar o “Bar e Restaurante Maracanã” e a “Casa Jeca Tatu”, locais que também foram muito marcantes na sua juventude.” Aliás, interessante pensarmos no porque da Sra. Lourdes ter ofertado como lembranças justamente os lugares marcantes de sua juventude. Era como se ela quisesse fazer certa conexão atemporal entre a jovem Lourdes de ontem com a jovem Natália de hoje; era como se

as duas estivessem se encontrando no tempo do agora. Ao assistirmos essa cena, víamos um desenho sendo construído a dois, idosa e jovem se posicionando lado a lado, quando ambas aceitaram experienciar e compartilhar esse momento de criação. Agora, ao revisitarmos esse momento percebemos o quanto elas estavam se divertindo e brincando de desenhar e isso se assemelha muito ao recurso projetivo criado por D. W. Winnicott denominado “jogo do rabisco”. Embora o “Jogo do rabisco” seja uma técnica projetiva, comumente utilizada no contexto de atendimento clínico com crianças, trata-se de um “jogo de desenhar” que pode ser utilizado em qualquer faixa etária, pois ele acontece quando há uma superposição de duas áreas do brincar tanto a do terapeuta quanto a do paciente, no nosso caso, da extensionista e da idosa. Trata-se de um jogo em que ambas brincam e dividem a superfície do papel, que é o próprio campo transicional. Segundo Prochet (1993, p. 52), o desenho significa “tradução gráfica de uma comunicação transicional - que surge apenas dentro do espaço compartilhado.” Prochet (1993), em sua dissertação “O Jogo do Rabisco: um espaço compartilhado reflexões sobre a contribuição de Winnicott ao diagnóstico psicológico”, nos apresenta um situação clínica com um adolescente com uma grave deficiência visual e motora, na qual foi possível jogar o Jogo do Rabisco e criar uma comunicação significativa entre ambos. Aliás, essa situação clínica nos parece ser bastante ilustrativa não só para compreendermos essa comunicação significativa que aconteceu entre Natália e Sra. Lourdes, mas, também, para pensarmos que o Jogo do Rabisco pode ser jogado por qualquer pessoa em qualquer idade. Prochet (1993, p.113) nos conta:

A partir desse adolescente, em particular, pude compreender de que não é o estímulo apresentado, em si, seja ele rabisco, desenho, traço ou borrão que é capaz de eliciar na criança respostas tão profundas. É algo muito mais amplo que envolve a maneira de olhar suas comunicações com atenção, com interesse, para que a criança se sinta acolhida como está podendo ser, no momento. Este “olhar” a que me refiro transcende o aspecto perceptual físico e se configura através de uma forma subliminar de comunicação transmitida por gestos, atitudes e indícios verbais e não verbais. O grande mérito do Jogo do Rabisco é o de corporificar graficamente uma mudança de perspectiva na abordagem dos fenômenos ocorridos nesta relação: a valorização da mutualidade. (PROCHET, 1993, p.113).

O estabelecimento dessa comunicação transicional emociona Natália e ela diz: “Eu me emocionei muito em poder ajudá-la na realização dos desenhos.” Além de ter sido gratificante e emocionante poder ajudar, a jovem desvenda algo que descobrimos ser essencial para que os encontros entre jovens e idosos se transformem em relações intergeracionais. É preciso haver algo a mais que ligue um ao outro, que conecte empaticamente com o outro conforme a própria Natália relata: “Me senti muito conectada a Dona Lourdes, e acho que isso foi

essencial para os desenhos.” Aliás, essa conexão lúdica não serviu apenas para confecção dos desenhos, mas foi essencial para que, neste dia, se estabelecesse uma boa, proveitosa e significativa interação intergeracional, conforme a própria extensionista relata: “sentir o clima de descontração e alegria que contagiou o local, com todos os idosos interagindo com os alunos e entre eles.”

Neste terceiro ato, temos como cenário o que denominamos de “cidade-ambiente”, um espaço urbano habitável e aberto para descobertas. Esse espaço urbano é uma cidade hidrotermal e turística ao sul de Minas Gerais, de porte médio, conforme descrevemos no capítulo anterior. Essa “cidade-ambiente-cenário” onde se passa todo o enredo é complexa, pois se trata de uma cidade viva não só pela materialidade das edificações, das malhas viárias cada dia mais adensadas, mas, sobretudo por ser constituída por imagens, discursos, sociabilidades e sensibilidades. Nesse sentido, concordamos com a descrição de cidade de Passavento (2002) quando ela diz:

Cidade é, sobretudo, materialidade erigida pelo homem, é ação humana sobre a natureza. Cidade é, pois, sociabilidade: comporta atores e relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição. Marcas que registram uma ação social de domínio e transformação, no tempo, de um espaço natural. (...) Mas a cidade é, ainda, sensibilidade. É construção de um ethos, que implica na atribuição de valores ao que se convencionou chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam; é percepção de emoções e sentimentos, é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo, que se realizam na e por causa da cidade. (PASSAVENTO, 2002, p. 24).

A partir da descrição de Passavento (2002), passamos a enxergar a cidade não somente como pano de fundo ou cenário onde se passa o enredo, mas “Ela” (a cidade) ganhou destaque passando a compor a trama do projeto. Isso aconteceu, justamente, no segundo ano do projeto de extensão, quando o mesmo ganhou a participação do curso de Arquitetura e urbanismo, pois ampliamos e apuramos nosso olhar sobre o espaço e o transformamos em um lugar. Um lugar que foi construído gradativamente quando passamos a caminhar e, nesses percursos a pé, fomos vivendo a cidade. Estabelecemos encontros face a face com as pessoas, conhecendo as ruas e lugares suportes de memória da cidade e, também, escutando histórias contadas sobre pessoas e lugares. Contudo, para sentir a cidade, precisamos desacelerar e isso se torna cada dia mais necessário, pois o ritmo do homem da cidade está suprimindo a necessidade de andar, porque a dinâmica urbana tornou-se muito veloz exigindo um deslocamento cada dia mais motorizado que impede que olhemos para as pessoas. Aliás, concordamos com Lima e Kozel (2009) quando dizem:

O homem de carro não tem face, pois ela está escondida sob a película protetora dos vidros. Não há encontro, o corpo-a-corpo, não há vivência efetiva, porque o tempo da cidade é rápido e não há tempo, porque as distâncias encurtaram devido ao movimento rápido - das comunicações e dos deslocamentos. Na cidade de hoje, o fato de não encontrar rostos, de não andar entre a multidão, nega a percepção e reconhecimento do próprio rosto; também nos nega a vida na cidade com uma congregação de faces humanas originadas da vivência e da combinação de todos os caminhos da vida. Para haver esse encontro, o espaço construído precisa ser favorável, precisa ser cúmplice das pessoas, assim, o encontro acontece. (LIMA e KOZEL, 2009, p.230).

Essa prática do caminhar pela cidade, estimulou nosso senso de observação e apreensão sensível e simbólica da cidade. E, quando nos demos conta, havíamos construído uma ação que acabou se transformando em prática social do projeto. Até então não sabíamos que o caminhar seria uma ação social, mas ao lermos Lima e Kozel (2009), percebemos que sim, pois as autoras colocam o andar a pé enquanto uma prática social necessária para construção da imagem pessoal do lugar. As autoras dizem que, assim, “o lugar é desvendado por mapas: o meio ambiente construído é um misto de objetos, espaços, sensações e memórias remotas e atuais.” (LIMA e KOZEL, 2009, p. 228). E foi justamente isso que aconteceu no “Sacudindo a Memória” quando nos propusemos a caminhar pela cidade. Além disso, criamos uma prática social que nos permitiu estabelecer outra relação com o espaço da cidade, transformando-o em um lugar.

Descobrimos que, do ponto de vista da geografia humanista cultural, há uma grande diferença entre o conceito de espaço e de lugar. O espaço é algo mais amplo e menos conhecido, já o lugar é o vivido, é onde acontece a vida. É da vivência do lugar que surgirão as imagens que ficarão guardadas na memória, pois ali foram produzidos significados e história. Segundo Lima e Kozel (2009, p. 210), “o lugar é vivido a partir das experiências individuais e coletivas com os que partilham os mesmos signos e símbolos, é estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos.”

Descobrimos que se trata de uma cidade viva que tem características de espaço rural, urbano e turístico. Que não está imune às transformações próprias da urbanização das cidades contemporâneas. É uma cidade onde é possível se perceber características de um espaço urbano moderno com a construção de edificações verticais cada vez mais altas; com bairros periféricos cada dia mais adensados e homogêneos; com aumento de congestionamento de veículos, dentre outras características, que apontam para uma experiência espacial urbana que proporciona, muitas vezes, a sensação de se estar vivendo em uma “cidade-mundo” (uma metrópole). Entretanto, mesmo diante das várias transformações na paisagem urbana de Poços

de Caldas, esta ainda preserva uma aura pitoresca e romântica, principalmente na área central da cidade, o jardim da Praça Pedro Sanches e do Parque Affonso Junqueira, ambos bastante preservados e que são verdadeiros cartões postais e que conservam a vocação turística da cidade. Aliás, parece que esses lugares resistem às mudanças do tempo e guardam ou testemunham a memória de seus habitantes. Assim, a área central da cidade, hoje, parece resguardar experiências da sociabilidade de antigamente, como, por exemplo, as pessoas ainda marcam encontros e dançam em frente ao coreto da praça e as crianças ainda brincam no parquinho e correm pelo jardim e assim vão construindo experiências de pertencimento e de memórias afetivas do lugar. Há ainda, na região central, uma aragem camponesa, pois ainda temos cavalos e charretes circulando pela cidade e, na tradicional feirinha que acontece aos domingos, são comercializados produtos provenientes da zona rural: compotas de doces, queijos, dentre outros produtos. Vale dizer que essa brisa rural tanto serve ao setor de turismo quanto ao de comércio local, garantindo o sustento de muitas famílias da região. Contudo, é importante comentar que essa cidade do passado está sempre sendo pensada através do presente, que a ressignifica continuamente no tempo do presente, pois esse lugar central tem se mostrado como um espaço bastante flexível e potencialmente favorável e aberto para antigas e novas experiências de convívio. Tanto que a maioria dos eventos, shows e programações culturais acontecem nesta área. Diante disso, a área central da cidade se transformou no principal ambiente onde aconteceu a maioria dos encontros e “brotou” boa parte dos personagens idosos que compõem a história do projeto “Sacudindo a Memória”.

Depois de confeccionados os desenhos de lugares de memória, feitos pelos idosos, momento de recordações particulares, é chegada a hora de compartilhar. Sentamo-nos todos, jovens e idosos, intercalados em uma grande roda. Os idosos estavam de posse de seus desenhos e os exibiam com muito orgulho. Começamos o momento mais esperado, momento de possíveis entrecruzamentos entre os lugares de memórias de cada um dos idosos com os lugares de memórias coletivos, ou seja, composto de imagens públicas comuns. Havia muita expectativa pelo que estava por vir. Não sabíamos e não tínhamos como saber qual cidade da memória nasceria daquele encontro. Que histórias brotariam a partir da fala coletivizada e que interlocuções e entrecruzamentos seriam possíveis?

O mais interessante é que vimos surgir outra cidade e diferente daquela que descrevemos no parágrafo acima. Nesta cidade da memória foram trazidos tanto lugares comuns pertencentes à memória coletiva, mas, também, apareceram outros mais particulares, que não fazem parte do roteiro oficial de memória urbana. Naquela tarde, portanto, havíamos construído outra cidade, composta por figuras mentais comuns e simbólicas, que ajudam a

manter a identidade cultural local. Encontramos em muitos desenhos da cidade imagens de: igrejas, praças, ruas, prédios antigos e extintos, coreto, dentre outros símbolos. Contudo, surgiram outros elementos com muita carga simbólica e ligados às memórias particulares, tais como: uma grande árvore; uma casa simples construída pelas mãos de um dos idosos; uma rua íngreme, popularmente conhecida pelos mais velhos como rua dos agachados; uma barraca de feira vermelha para vender doces; um banco de praça no meio do jardim. Enfim, todos esses elementos simbólicos, tanto os comuns e pertencentes à memória coletiva, quanto os particulares, ligados à memória individual, mostram o quanto a apreensão do espaço é afetiva e relacional. Essa relação é formada a partir da convivência cotidiana com o espaço, que se constrói com o tempo. As pessoas vão estabelecendo, aos poucos uma afinidade com o espaço tanto no sentido físico/corpóreo quanto simbólico, até que se apropriam dele transformando-o em um lugar para habitar no mundo. Estabelece-se aí uma espécie de elo identitário que liga a pessoa ao lugar. E foi justamente isso que constatamos, através dos relatos e dos desenhos: que a identidade de cada um é constituída pelos lugares em que habitam na cidade.

A título de ilustração, podemos citar o Sr. Marcel, o idoso jardineiro, que enxerga e habita a cidade através das plantas e dos jardins que cuida. Ele, com suas mãos habilidosas e talentosas, literalmente desenha a urbe com plantas e flores. Não por acaso, quando pedimos a ele que projetasse no papel o que lhe viesse à mente sobre a cidade, ele desenhou uma grande árvore. E, quando pedimos que comentasse sobre seu desenho, ele começou a compartilhar conosco conhecimentos que carrega consigo sobre o cuidado com as plantas, por exemplo, ele nos disse:

A roseira tem o tempo dela, da poda dela, então a poda dela aqui na prefeitura “nos” “começa” em julho, por que a lua pra podar a roseira é... seria a lua... é minguante, é três dias antes da lua contando três dias antes, ou contando três dias depois, mas o certo para mim eu acho três dias antes, por que pega a força da lua, e assim a gente “fazemos” a poda das roseiras aqui na prefeitura na minguante de julho. (Marcel, 60 anos, idoso jardineiro, participante do Projeto “Sacudindo a Memória”).

Do ponto de vista da psicologia, especialmente da psicanálise, o autor que mais se preocupou com o ambiente enquanto elemento fundamental para compreensão do amadurecimento do indivíduo foi D. W. Winnicott. O autor aponta que os processos maturacionais herdados pelo indivíduo são potenciais, que necessitam de um ambiente facilitador para se desenvolver. No começo da nossa vida, o nosso primeiro ambiente, nosso primeiro habitat é humano, é o *self* da mãe que nos fornece abrigo em formato de colo e os cuidados primários necessários ao nosso amadurecimento. Se esses cuidados iniciais são

suficientemente bons, isso provê ao ser humano a ideia e a sensação de habitar um mundo-ambiente-casa acolhedor e favorável. Isso faz com que criança se identifique com o ambiente e, como objeto-subjetivo, o ambiente fornece a mesma possibilidade de identificação de si. Assim, uma das principais tarefas maternas, é ir apresentando o mundo aos poucos, ou melhor, dando pedacinhos de realidade e de conhecimento sobre o mundo para que a criança possa amadurecer. Depois, essa mãe-ambiente vai se ampliando para a casa-ambiente, por exemplo, que passa a ser um espaço para abrigar a criança. Até que mais tarde, quando adulto, possa fazer dessa experiência inicial de se sentir abrigado, a sua própria morada. Portanto, quando o ser humano é lançado no mundo e começa a desenvolver um senso de si mesmo, de *Self*, ele vai precisar criar formas próprias de se integrar no espaço e no tempo. Para viver, ele precisará habitar no mundo, precisará se instalar. Essa instalação constitui-se em uma situação paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que o ser humano precisa de um ambiente de conforto e favorável, que foi previamente criado para abrigá-lo, ele também precisará criar um lugar para si mesmo. Essa ideia de criar um ambiente para si mesmo para habitar o mundo, particularmente, atrai nossa atenção, pois coloca no indivíduo a responsabilidade de criar o seu próprio mundo, a partir de seu modo de ser, de como cada um organiza seu tempo e suas atividades no mundo (CERVINI, 1988).

Essa responsabilidade de criar o seu próprio mundo para nele habitar pode ser ilustrada através da fala de um dos idosos, ao dizer:

(...) eu andei por toda essa cidade, montando clínica dentária, eu procurei escolher uma cidade para eu morar, fora de Poços de Caldas eu não achei outra igual, igual a Poços de Caldas, igual a nossa cidade aqui não tem, nem a minha que é a minha cidade natal não é igual aqui Poços de Caldas é Rei de Minas, é uma cidade rainha de Minas, então quem não conhece estranha mesmo porque é muito diferente para mim por todos esses tempo, só uma que eu achei que dava para eu morar, mas pelo calor eu não quis, é São Carlos, sem ser essa não achei nenhuma que imita Poços de Caldas. (Antônio, 81 anos, organizador do grupo de folia de Reis e Catireiro).

Então, quando nos referimos à ideia de “cidade-ambiente”, estamos analogamente querendo dizer que se trata de um lugar que tanto é construído a partir da subjetividade de cada um, levando-se em consideração o como essa pessoa foi inserida no mundo, mas, também, trata-se de uma “cidade-ambiente” que é co-construída com outros que, também, estão buscando um lugar de refúgio para habitar no mundo. Portanto, o que percebemos nesta tarde de encontro intergeracional foi que a cidade de Poços de Caldas não era mais a mesma para todos nós. Havíamos transformado em nossa “cidade-ambiente-casa”, um lugar compartilhado com outros e isso dá uma sensação de pertencimento, de enraizamento, enfim uma sensação de sentir-se em casa. E quando nos sentimos em casa, significa dizer que

encontramos lugar de confiabilidade, de segurança, um ambiente favorável, não só para que as experiências de encontro aconteçam, mas, especialmente, para que as relações se estabeleçam. Segundo Prochet (2002), conservar um sentido de “Ser” e, ao mesmo tempo, estabelecer para este “Ser” um lugar próprio significa ter uma identidade.

O estabelecimento da identidade humana é processo cultural e simbólico a ser realizado a partir de diversos enraizamentos. Os membros de um grupo particular como aqueles ligados por gênero, faixa etária, estrato social, etnias, religião, possuem uma extensa rede de articulações tanto na linguagem como nas histórias e memórias partilhadas. Tal processo permite que o indivíduo se vincule a um grupo que, por sua vez, se vincula a outro num encadeamento de gerações, o que dá a noção de pertencimento e permite a construção da própria subjetividade. Para Rabinovich (2004), a constituição do ser como sujeito passa, necessariamente, pela vivência do espaço público como experiência de constituição da sua própria subjetividade, em que o outro tem participação efetiva nas trocas vivenciais e constituição da identidade.

Além disso, descobrimos naquela tarde que a cidade de Poços de Caldas tanto “pode ser considerada uma forma viva e continente para sua população.” (BOLLAS, 2000, p.28), quanto paradoxalmente, também, pode ser uma cidade cemiterial, conforme Bollas (2000) diz:

Nossas cidades contêm centenas e milhares de construções que, embora façam parte da cultura local e estejam vivas como objetos evocativos, são também cemiteriais. Refletindo sobre a vida inconsciente de uma cidade, observamos que estão lá, como uma espécie de presença muda, uma voz silenciada, quem sabe evidência no cotidiano da morte da voz do construído. Sabemos que até mesmo as mais simples construções têm histórias para contar. (BOLLAS, 2000, p. 29).

Em quase todas as falas dos idosos, podemos notar esses dois aspectos em relação à cidade que, tanto é capaz de abrigar vida e boas e pitorescas histórias para contar, quanto é portadora de saudades doídas, de perdas, de tristeza, enfim uma cidade cemiterial. Podemos ilustrar esse paradoxo nas falas do Sr. Antônio considerado como patrimônio imaterial de Minas Gerais pelo seu grupo de Folia de Reis e de dança Catira. Ele nos conta histórias de uma cidade continente, que se alegra com a sua dança, mas, também, de uma cidade não tão cordial, e dura, que ele ajudou a construir com o suor de seu trabalho. Podemos ilustrar esses dois aspectos da cidade da memória do Sr. Antônio pelo que ele nos conta:

(...) Porque aqui nas nossas Minas Gerais tem muitos grupos, mas aqui na nossa Poços de Caldas, só tem o meu, meu não do povo, porque onde a gente é chamado, a gente vai de coração, vai com todo prazer para apresentar e secretaria da cultura

também tem dado muita força para gente, o que eles pode fazer eles fazem (...) (Antônio, 81 anos, organizador do grupo de folia de Reis e Catireiro).

(...) Abri muita valeta de pá e picareta, trabalhei sete anos na pá e na picareta, abrindo valeta nessas ruas todas do centro, Rua Assis, Rio de Janeiro, Prefeito Chagas, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, ali onde é Praça da Matriz a gente cavoucava 80 cm dava água, e tirava pedaço de osso, ali já foi cemitério, tirava pedaço de osso ali. Então, tudo isso é uma lembrança para mim que não vai acabar (...) (Antônio, 81 anos, organizador do grupo de folia de Reis e Catireiro).

Quando se fala na experiência em compartilhar lembranças, entrecruzamentos entre tempos individuais e tempos coletivos e que dão sentido para trajetória humana, não se pode deixar de mencionar o sociólogo francês Maurice Halbwachs⁵ e a psicóloga social Ecléa Bosi (1979/2016), que dedicaram seus estudos à construção da memória coletiva. A questão central na obra “Memória Coletiva” de Maurice Halbwachs (1950/2004) é a sua afirmação de que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo coletivo. O autor aponta que a construção do “Eu” se situa no ponto de encontro de um coletivo e esclarece que o acionamento das lembranças permite situar o indivíduo nos quadros sociais existentes ou que não existem mais, mas que estão ligados ao indivíduo pelo acesso à lembrança. Nessa perspectiva, a memória individual apoia-se nas percepções produzidas pelas vivências e experiências de vários grupos desde a infância e é isso que estaria na base da formação de uma memória pessoal ou na memória autobiográfica. Segundo Halbwachs (1950/2004), quando resgatamos as narrativas dos sujeitos, trabalhamos com a lembrança única, a experiência solitária da qual o informante é a única testemunha. Entretanto, Brandão (2008a) salienta “mas, não podemos esquecer que o “eu” faz parte de uma comunidade afetiva que contém e traz todo o contexto das situações sociofamiliares partilhadas, por e com outros membros do grupo.” (HALBWACHS, [1950]2004, p.6).

Podemos ilustrar como ocorre esse entrecruzamento entre memória individual e coletiva, a partir de um fragmento do diário de campo de uma das extensionistas, no momento da roda de compartilhamento das lembranças; ela nos conta:

O que mais me chamou a atenção foi sobre a história das Thermas ter um apito semelhante ao trem. Na época da dona Olívia apitava as 7h da manhã e na época da dona Lourdes apitava as 8h da manhã. Dona Olívia disse que a partir desse apito as pessoas abriam comércio e saíam para trabalhar. Apesar de ser algo que parece

⁵ Maurice Halbwachs (1877-1945) Suas principais obras em relação à Memória são: “*Le Cadres Sociaux de la Mémoire*” (1925) e sua obra póstuma “*La Mémoire Collective*” (1950). A questão central na obra de Maurice Halbwachs é a sua afirmação de que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

causar um grande impacto sobre a sociedade poços-caldense, dona Verônica diz não se lembrar do apito. Ou seja, nós, participantes do projeto assistíamos aquela roda de conversas como se fosse um filme retratando a perspectiva de cada um, e isso foi incrível! (Ingrid, 21 anos, extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo).

Para Halbwachs (1950/2004), a principal função da memória é a de promover a coesão social entre grupos e que só é mantida pelo seu passado coletivo, que o autor denomina de “quadros sociais da memória”, que seria um sistema de valores que confere identidade ao grupo. Ele diz:

Certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. [...] Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio a uma variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (HALBWACHS, [1950]/(2004), p.14).

Para Halbwachs (1950/2004), toda a lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, está ligada de alguma forma ao contexto social mais amplo. Desse modo, lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente, é uma lembrança consciente. Aliás, Ecléa Bosi (1979/2016) concorda com Halbwachs e confirma que o modo de lembrar é tanto individual quanto social, pois, segundo a autora, a memória tem uma função decisiva no processo psicológico, a memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. Assim, “O grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o “recordador” ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique.” (BOSI, 2016, p. 31).

Aliás, essa possibilidade de reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente foi aplicada com maestria por uma de nossas idosas, a Sra. Verônica, conforme podemos exemplificar nos seguintes fragmentos:

Eu nasci aqui mesmo em Poços de Caldas no dia 20 de fevereiro de 1943, dois anos antes da segunda guerra mundial acabar. A infância foi uma infância normal, feliz em uma época que a gente só queria um presentinho de natal uma boneca de natal. Hoje tem dia da criança, naquela época era mais simples, a gente vivia feliz né... Acho que bem mais feliz que a meninada de hoje, não vivia alienado com internet, com celular, a gente conversava mais, ria mais, as brincadeiras eram cara a cara, pique, amarelinha, bola, casinha enfim cada época é sua época, as crianças de hoje devem estar felizes do jeito que vivem, né? (Verônica, 73 anos, professora e radialista aposentada).

A adolescência é uma delícia né, é uma delícia muito bom, foi a época da cintura apertadinha, da saia rodada. Nos bailes de época, dos anos 50, anos 60, era assim, pegar na mão do namorado era um colapso cardíaco, batia o coração até na testa. Agora vocês façam uma ideia da diferença que aconteceu de lá para cá, a gente ia

muito à avenida, não sei se vocês sabem o que é avenida. Avenida era ali na Praça Pedro Sanches, os rapazes ficavam encostadinhos nos hotéis e a gente andava para lá e para cá, flertando, sabe o que é flerte? É quando a gente via o escolhido ali, o coração batia, se ele se decidisse aí ele vinha. Posso dar uma volta com você? Nossa as pernas nem funcionavam, sabe, era uma emoção danada (...) (Verônica, 73 anos, professora e radialista aposentada).

Os relatos da Sra. Verônica apontam um caminho interessante de narrativa no sentido de construção identitária que é assinalada por Brandão (2008a), através da utilização da narrativa de memória autobiográfica, ela diz:

Esse processo, apoiado na memória autobiográfica, aponta para a identidade como categoria dinâmica - construída, múltipla e passível de ser atualizada - e a maneira como ela acompanha a construção de um sentido para trajetória de vida narrada como uma história. Entendemos por trajetória de vida ou trajetória identitária o processo de apreensão da realidade da qual cada indivíduo, mergulhado numa cultura (social ampla e familiar), abstrai, a partir de sua percepção única, reordena e transforma em um projeto, profissão, modo e estilo de vida. O indivíduo é influenciado e influencia, formando um elo numa corrente sem fim, o que chamamos “saber”, que constrói e dá sentido à trajetória humana. A memória estabelece, pois, nossa identidade e, como diz Izquierdo, “somos quem somos porque nos lembramos... a memória estabelece nossa individualidade”. (BRANDÃO, 2008a, p. 6).

Para a autora, os idosos, ao relatarem suas histórias e suas memórias, reconstróem os fatos vividos, que dão sentido na e a sua trajetória individual, mas que, somados aos outros olhares, especialmente de gerações mais novas, geram uma teia de significados que se entrelaça com as trajetórias coletivas que realimentam a cultura, asseguram uma continuidade no tempo e ajudam na construção identitária das gerações. Conforme aponta Rousso (1996, *apud* Brandão 2008b, p.29), a continuidade no tempo “possibilita aos indivíduos confrontar incertezas, as mudanças e as rupturas inerentes à existência humana, ampliando a “percepção de si e dos outros”, constituindo-se, assim a raiz das identidades.” Além disso, pode-se dizer que as identidades são atravessadas pela temporalidade, pela narrativa e pela história, e o elo entre os três aspectos é a memória.

Portanto, conforme afirma Izquierdo (2004), citado por Brandão (2008b), as memórias se formam por meio das experiências. Nessa perspectiva, tanto a memória individual quanto a memória coletiva são construídas a partir da soma das experiências vividas, com algum grau de emoção, armazenadas e passíveis de recuperação. Segundo o autor, o que nos é indiferente não deixa marcas duradouras, mas muito do que construímos como “nossa” história são registros das emoções pessoais e, geralmente, misturadas com histórias vividas e contadas por outros, e que passam a fazer parte das nossas histórias. A emoção e a frequência do “recontar” são determinantes na incorporação do vivido, ouvido, imaginado, e podem ser lembrados

com a mesma intensidade dos fatos reais. Izquierdo (2017) usa a linguagem metafórica para refletir sobre o papel dos sentimentos, das emoções e significados das experiências pessoais na formação da memória; ele diz:

Um computador tem que ser ligado na tomada ou a uma bateria para funcionar; nós, não. Um computador grava suas memórias em circuitos integrados; nós, não. Nós formamos, guardamos e evocamos memórias com fortes componentes emocionais e sob intensa modulação hormonal; os computadores, não. Nós seres vivos utilizamos processos bioquímicos localizados em diferentes células de nosso sistema nervoso para fazer ou evocar memórias; os computadores não têm bioquímica. (...) As analogias entre memória e história ou entre memória e formas de funcionamento dos computadores ou outros sistemas não significam que uma coisa seja explicável pela outra. São só metáforas; convém não esquecer isso. A memória humana ou animal se refere àquilo que se armazena, conserva e evoca de sua própria experiência pessoal. (IZQUIERDO, 2017, p.14).

Sabe-se que, na contemporaneidade, estamos diante do panorama complexo de relações fluídas, dinâmicas, de um tempo acelerado, fragmentado e instantâneo. Assim, a ideia atual de temporalidade, conforme afirma Brandão (2008b, p.24), “é o do instante, um ciclo que permanece inacabado, com a valorização do efêmero, que também propicia a fragmentação.” Essa fragmentação somada à sobrecarga de informações e à aceleração sentida do tempo “embaça os conteúdos, pontos de referência e muitas vezes as identidades.” (Idem, p.24).

Portanto, parece que esse cenário não tem favorecido o reconhecimento de que a trajetória de vida de cada um é tecida partir de contatos intersubjetivos que, por sua vez, formam redes de relações e que irão formar a base constitutiva de nossa humanidade. É uma ilusão pensar que nós nos constituímos como sujeitos somente a partir de nossa história individual, que é possível se viver de forma totalmente separada, individualizada e independente do outro. Parece ser cada dia mais importante encontrar “algo” que faça uma ponte que ligue um indivíduo ao outro, que construa sentido de continuidade, de sustentação ao longo da vida, que permita a inserção do sujeito no tempo e que favoreça sua construção de memórias e de identidade.

Estamos caminhando para o final do terceiro ato que, também, coincide com o final do presente capítulo/da peça. Conceber um final ou um *grand finale* para nossa história nos parece ser a parte mais difícil deste trabalho criativo. Pensamos em um final que não precisa ser a solução de questões colocadas ao longo da trama, nem tão pouco precise corresponder a um fechamento lógico de um drama que foi desenvolvido nas cenas anteriores. Diante da dificuldade de finalizar este ato, pensamos em algo que possa representar ao mesmo tempo

um momento de fechamento e de continuidade, pois foi exatamente isso que vimos acontecer no “Sacudindo a Memória”.

É sabido que utilizamos, ao longo do capítulo, a alegoria do teatro para nos ajudar a organizar didaticamente o texto. Nesse sentido, em cada ato buscamos destacar algumas cenas, que consideramos como emblemáticas, cujas falas/depoimentos dos atores/participantes do projeto nos convocaram ao diálogo e à reflexão. Nessa perspectiva, queremos trazer, para essa cena final, mais uma vez as vozes dos nossos atores. Cabe lembrar que foi exatamente a nossa intenção neste capítulo, ou seja, de valorizar a cada cena as narrativas, as impressões, as sensações, as reflexões geradas em nós a partir da fala e da vivência dos sujeitos. Portanto, para finalizar, pode-se ilustrar com a fala de um dos extensionistas que resume bem essa experiência; ele diz:

(...) Então, esse acesso que a gente tem a essa memória que tem um poder integrador, ela agrega as gerações, as pessoas. (Yago, 36 anos, estudante de Psicologia).

Esse poder integrador de que fala Yago, nos remete ao que Boff (1998) diz de estarmos enredados em uma grande trama relacional, ele diz:

Todos estamos enredados num jogo de inter-retro-relacionamentos, em cadeia, pelo qual vamos construindo, com o desenrolar do tempo, nosso ser. Neste jogo, tudo tem a ver com tudo, em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Existir e viver é inter-existir e con-viver. Numa palavra, relacionar-se. (BOFF, 1998, p.17).

Por fim, conforme salienta Boff (1998), estamos todos “enredados num jogo de inter-retro-relacionamentos” que vamos construindo ao longo do tempo. O autor transmite a ideia de um homem enquanto ser histórico, que é constituído a partir do entrelaçamento dos relacionamentos interpessoais que acontecem no presente, no aqui e agora, mas, também, nos relacionamentos com outros em outros tempos no passado e no futuro. E foi justamente isso que ocorreu no Projeto “Sacudindo a Memória”, pois jovens e idosos se entrelaçaram com histórias diversas e tempos diversos, criaram uma espécie de ponte que liga um indivíduo ao outro na cadeia do tempo.

4 EDUCAR PARA SER E ENVELHE-SER

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1996, p. 77).

Paulo Freire nos diz que o mundo humano é feito de palavras, de comunicação e de diálogo. Dialogar não é uma mera transferência de informações, mas um encontro de sujeitos em busca de significados e de conhecimentos. É um exercício de comunicação, e uma comunicação potente é feita de “palavras verdadeiras”, que são capazes de transformar o mundo, pois estão alicerçadas na práxis. Esse modo de pensar está alinhado com o fazer da extensão universitária que, segundo Cruz *et al.* (2011), trata-se de uma prática de ensino e aprendizagem baseada na pedagogia crítica Freireana. Esta entende que o processo de conhecimento é construído por meio de uma interação dialógica entre educador e educandos, ambos engajados na formação de futuros cidadãos. Sobre a extensão universitária, Freire (2010, p.27) nos diz: “O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade, demonstra uma busca constante, implica invenção e reinvenção.”

Importante salientar que a extensão universitária tem se destacado nesse contexto, justamente por estabelecer um diálogo potente entre a universidade e a sociedade, especialmente em relação ao enfrentamento dos problemas sociais. Desse modo, a extensão tem desenvolvido projetos e programas que visam promover uma transformação social que melhore a qualidade de vida da comunidade (RIBEIRO, 2011). E foi justamente esta busca por uma ação transformadora da realidade e promotora da qualidade de vida das pessoas envolvidas o que nos levou à invenção do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”.

Para prosseguirmos, cabe lembrar que os princípios que regem, atualmente, a extensão universitária brasileira, segundo Paula (2013), são:

(...) i) a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; ii) a interação dialógica com a sociedade; iii) a inter e a transdisciplinaridade como princípios organizadores das ações de extensão; iv) a busca do maior impacto e da maior eficácia social das ações; v) a afirmação dos compromissos éticos e sociais da universidade. (PAULA, 2013, p. 21).

A partir desses princípios, as Instituições de Educação Superior (IES) devem estar dinamicamente comprometidas com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ao assumirem esse acordo de integração dessas três dimensões do processo formativo do universitário, as acima mencionadas instituições devem capacitar o educando para a atuação no mundo do trabalho, para a construção de saberes e para o exercício da cidadania. Na prática, existem diversas ações para atingirmos essas finalidades educativas. Dentre as ações, destacamos a aprendizagem que ocorre por meio de projetos, estando estes alinhados ao projeto político-pedagógico das IES e capacitados para “despertar a potencialidade e a capacidade de aprender dos sujeitos aprendentes, tanto nas vivências diárias nos distintos tempos e espaços de aprendizagem, quanto no fortalecimento da ação e da reflexão nos diversos processos.” (SÍVERES, 2013, p.28).

Essa forma de pensar o espaço universitário enquanto um lugar privilegiado de formação de um profissional cidadão está alicerçada na proposta educativa de Paulo Freire (1921-1997), bem resumida por Costa (2015) no trecho a seguir:

(...) para Paulo Freire, a educação é um processo constante de criação do conhecimento. Esse processo seria um modo de intervenção na realidade e um elemento basilar para recriá-la. Em tal processo, haveria a busca contínua da transformação da realidade por meio da ação-reflexão humana. Esta criaria o conhecimento, o qual seria um processo social. Desse modo, a educação freireana teria dois objetivos básicos: a criação do conhecimento e a transformação-reinvenção da realidade. Com efeito, o conhecimento seria produto ou resultado da ação-reflexão humana para a transformação ou reinvenção da realidade. O processo constante de busca da transformação reinvenção da realidade por meio da ação-reflexão humana seria o próprio ato de criação do conhecimento, isto é, a educação. (COSTA, 2015, p. 78).

Assim, a perspectiva Freireana de educação nos ajuda a refletir sobre o “Sacudindo a Memória” não somente como um projeto de extensão e de pesquisa, conforme já dissemos nos capítulos anteriores, mas, também, como um projeto de ensino-aprendizagem. Desse modo, no presente capítulo, passamos a compreendê-lo como um projeto que comunica, dialoga e que, sobretudo, constitui-se numa práxis em que jovens e idosos aprendem e ensinam reciprocamente, ou seja, é ao mesmo tempo “a criação do conhecimento e a transformação-reinvenção da realidade” por meio da “ação-reflexão humana”. Propomos pensar o “Sacudindo a Memória” como um processo educativo que privilegia a unidade da prática-teoria, a criatividade, o diálogo, a expressividade humana, a valorização da experiência de vida como construção de sentido dela mesma, a ressignificação do tempo e do ambiente e, especialmente, a aprendizagem que ocorre entre gerações.

No primeiro capítulo, apresentamos o “Sacudindo a Memória” como um projeto de extensão intergeracional e destacamos quatro principais cenários que se entrelaçaram, quais sejam, a cidade, o envelhecimento, a intergeracionalidade e a extensão. No segundo capítulo, organizamos, didaticamente, três atos e para cada um deles escolhemos cenas de encontro intergeracional com grande potencial de significação para que pudéssemos ilustrar o processo de reflexão da ação, ou seja, o processo de análise. Assim, nos dois primeiros capítulos, o enfoque está no movimento de “criação do conhecimento e a transformação-reinvenção da realidade” por meio da práxis que acontece no espaço extramuros da universidade. Aliás, nos dois primeiros capítulos fizemos um movimento de ampliação do espaço da universidade para cidade, fomos ao encontro das pessoas e dos espaços. Neste terceiro capítulo, faremos um movimento de retorno ao espaço acadêmico, buscando tanto integrar o conhecimento que advém das experiências dos encontros, quanto saber em que medida produziram efeitos na formação dos jovens universitários. Destacaremos alguns depoimentos de jovens extensionistas a fim de ilustrar a herança de aprendizados que levaremos na bagagem, depois de ter passado pelo “Sacudindo a Memória”.

O projeto “Sacudindo a Memória” está em consonância com algumas das principais diretrizes da ONU apresentadas no relatório tanto da UNESCO - “Educação: um tesouro a descobrir” (1996/2010), quanto no Plano de ação internacional da OMS - “Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde” (2002). Assim, na área da educação, o relatório denominado “Educação: um tesouro a descobrir” (1996), organizado por Jacques Delors, aborda de forma bastante didática os novos objetivos da prática educativa em busca de uma nova concepção de educação, que deve fornecer vias de compreensão de um mundo complexo e em constante transformação. O Autor discute as principais consequências de uma moderna sociedade do conhecimento, que entende serem a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida e a promoção de uma sociedade educativa baseada na aquisição, atualização e utilização dos conhecimentos. Delors (1996/2010) diz:

O conceito de educação ao longo da vida aparece, portanto, como uma das chaves de acesso ao século XXI. Ele supera a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente, dando resposta ao desafio desencadeado por um mundo em rápida transformação; tal constatação, porém, não constitui uma novidade já que relatórios precedentes sobre a educação sublinhavam a necessidade de um retorno à escola para enfrentar as novas situações que ocorrem tanto na vida privada quanto na vida profissional (...) e para superá-la, impõe-se que cada um aprenda a aprender. (DELORS, 1996/2010, p 12-13).

Para Delors (1996/2010), a educação em uma sociedade do conhecimento deve ser pensada e estar fundamentada em quatro pilares: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o

aprender a viver juntos e o aprender a ser, que estão intrinsecamente interligados para um fim único, qual seja, a formação integral ou holística do ser humano. Trata-se de uma concepção educativa que enfatiza a experiência/vivência dos acadêmicos no processo ensino-aprendizagem, que se preocupa não apenas com a preparação de um bom profissional para atuação no mercado de trabalho, mas com a preparação de um profissional capaz de enfrentar os desafios de seu tempo de forma responsável, competente, criativa e ética. Trata-se de um processo de aprendizagem ao longo da vida, que se fundamenta, sobretudo, no aprender a conviver. Aliás, esse pilar foi destaque no relatório pelas próprias palavras de Delors (1996/2010, p.13), mencionadas no trecho abaixo:

(...) a Comissão a conferir relevância a um dos quatro pilares que apresentou e ilustrou como as bases da educação: trata-se de *Aprender a conviver*, desenvolvendo o conhecimento a respeito dos outros, de sua história, tradições e espiritualidade. E a partir daí, criar um novo espírito que, graças precisamente a essa percepção de nossa crescente interdependência, graças a uma análise compartilhada dos riscos e desafios do futuro, conduza à realização de projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos (...) A Comissão, na verdade, sonha com uma educação criativa e que sirva de suporte a esse novo espírito; nem por isso, ela menosprezou os outros três pilares da educação que fornecem, de certa forma, os elementos básicos para aprender a conviver. (DELORS, 1996/2010, p. 13).

A citação de Delors (1996/2010) aponta na direção do “Sacudindo a Memória” na medida em que mostra a relevância do “Aprender a conviver”, embora esteja intrinsecamente relacionado ao aprender a fazer e ao aprender a conhecer, objetivando o aprender a ser. Contudo, para que isso se efetive, é preciso criar modos diferentes de educar, sendo justamente esse item o que nos ajudou a organizar essa grande experiência de aprendizagem no projeto “Sacudindo a Memória”. Primeiro, trata-se de uma experiência complexa de aprendizagem em que a extensão, a pesquisa e o ensino estão indissociavelmente interligados, estando, esta mesma aprendizagem, alinhada aos quatro pilares de Delors, anteriormente mencionados. Assim, todos esses aspectos estão conectados para um fim único, qual seja, a formação integral ou holística do ser humano; no nosso caso, a formação dos jovens universitários para um convívio intergeracional em uma sociedade cada dia mais envelhecida. E, com foco no ato de conviver, essência e eixo central do projeto “Educar para Ser e Envelhe-Ser”, traremos um fragmento do depoimento de uma das extensionistas do projeto para mostrar o desejo que muitos dos universitários têm de aprender a conviver e de fazer algo de significativo dentro do contexto universitário. Segundo a extensionista:

Foi um respiro pra mim nesse último ano de faculdade vir pro projeto, me trouxe alegria... um respiro mesmo, ufa! Não tenho que ler agora, não tenho que escrever agora, eu posso ter um lazer, eu posso me doar, eu posso ser humana, sabe?! Eu sinto falta disso na faculdade, dessa possibilidade de estar com o outro. Como eu disse, eu estou no último período e eu sinto falta dessa sensibilidade, dessa possibilidade da gente usar da nossa criatividade pra fazer as coisas, eu sempre senti falta disso no curso. E eu estando no projeto eu posso vivenciar tudo isso porque eu sou uma pessoa extremamente criativa, extremamente sensível e eu não achava dentro do curso um lugar pra eu expressar a minha sensibilidade, a minha criatividade. (Adelita, 30 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Escolhemos o relato da extensionista Adelita, pois neste transparece o resultado vivenciado pela maioria dos extensionistas no processo de aprendizagem na extensão. O referido relato nos chama atenção ao apontar um processo de ensino-aprendizagem no ambiente universitário repleto de conteúdos e de formalismos que, na maioria das vezes, gera muita desmotivação, falta de interesse de boa parte dos estudantes, principalmente por não ter envolvimento com o mundo, sem interação com o outro e sem espaço para compartilhamento de experiências e saberes. A extensionista aponta para o que Carvalho e Síveres (2013) dizem a respeito da motivação para um aprendizado que esteja alinhado à formação ética, humana e prática dos educandos. Os autores, em sua pesquisa, perceberam que a maioria dos estudantes se sente motivada a participar de projetos de extensionistas, porque consideram a extensão como sendo o lugar onde a teoria e a prática se encontram e, também, por reconhecerem como sendo uma importante fonte de conhecimento aliado ao valor ético, à prestação de serviço a comunidade e, sobretudo, como um conhecimento transformador da realidade. Esses são fatores motivadores para participação, bom desempenho e envolvimento dos educandos no processo ensino-aprendizagem na extensão.

Encontramos, portanto, no espaço da extensão universitária o ambiente favorável para o exercício desse tipo de processo ensino-aprendizagem, pois se trata de um espaço no qual experiência/vivência ganha um lugar de destaque na experiência formativa dos acadêmicos. Aliás, a extensão desenvolve um modo peculiar de aprender, a saber: ao ampliar o espaço da sala de aula para além-muros da universidade; ao desenvolver uma temporalidade própria que, muitas vezes, atravessa o tempo acadêmico e, especialmente ao produzir experiências diferenciadas, em realidades distintas, com grande potencial de significação. Concordamos com Síveres (2013) quando este assinala que a extensão tem um modo específico de aprender, no trecho a seguir:

O processo na extensão, situado nas fronteiras institucionais e sociais, abre horizontes para um conhecimento mais criativo e inovador, fortalecendo um percurso mais compreensivo que informativo, mais reflexivo que transferidor de conhecimentos, mais produtivo que armazenador, mais invenção que

enquadramento, mais possibilidades que certezas, mais sentido que direção, mais interdisciplinaridade que disciplinaridade, mais complexidade que simplificação, mais sujeitos que expectadores, mais vivências que exigências. (SÍVERES, 2013, p.30).

Outro aspecto que nos chama atenção no depoimento de Adelita e que aparece na maioria dos depoimentos dos extensionistas é: “eu não achava dentro do curso um lugar pra expressar a minha sensibilidade, a minha criatividade.” Esse tipo de fala nos remete à ideia de um lugar que é favorável à criatividade, à expressão, à comunicação, à demonstração de sensibilidades, enfim onde se pode ser no fazer. Do ponto de vista Winnicottiano, tanto o lugar quanto o ato de criar proporcionam muito prazer e alegria, como a própria extensionista expressa: “me trouxe alegria... um respiro mesmo, ufa!” Trata-se de lugar para estar no mundo, um território onde se pode brincar de criar. Isso nos remete novamente à visão Winnicottiana, na qual brincar e criar são conceitos indissociáveis. Aliás, é preciso relembrar que nessa perspectiva o brincar não se refere à utilização de jogos e brinquedos infantis e nem é algo exclusivo da criança, pois o adulto também brinca quando cria, ou melhor, quando inventa. Então, enquanto adultos, precisamos encontrar um espaço, um *playground*, onde seja possível vivenciar a nossa capacidade criativa, um lugar que o autor denominou de área intermediária de experiência, ou de espaço potencial, ou área de ilusão. A título de curiosidade, cabe relembrar que etimologicamente a palavra ilusão vem do latim *ludere*, que significa brincar. Desse modo, entendemos bem quando Adelita fala “dessa possibilidade da gente usar da nossa criatividade pra fazer as coisas”, pois ela está se referindo à possibilidade de brincar ou de um agir criativo sobre o mundo, de deixar sua marca pessoal, seja através de um “*fazer coisas*”, ou mesmo de ter ideias, ou de estabelecer diálogos, ou de se expressar verbalmente ou gestualmente; enfim, fazer uso da sua imaginação simbólica.

Cabe relembrar que, no capítulo anterior, enfatizamos que o projeto “Sacudindo a Memória” constituiu-se em um espaço potencial, em um espaço para brincar, um lugar de encontro intergeracional. Enfocamos que o projeto ocorreu na superposição de duas áreas do brincar tanto do idoso quanto do jovem extensionista. Neste momento, queremos ampliar a ideia de que a extensão, dentro do contexto do processo de ensino-aprendizagem no ambiente universitário, tem se mostrado como um lugar favorável para criar, para brincar e, no nosso caso, para oportunizar que a experiência de encontro e de construção de relações intergeracionais aconteça, principalmente, quando consideramos que uma das principais maneiras de fazermos com que as gerações se aproximem é o desenvolvimento de atividades que permitam a todos exercitarem sua capacidade criativa/lúdica e de caráter social como, por exemplo, o dia da confecção dos mapas mentais. Contudo, não basta apenas desenvolver

atividades de caráter criativo/lúdico, pois, conforme França, Silva e Barreto (2010) apontam, é preciso que essas atividades sejam complementadas com reflexões, discussões, troca de vivências, percepções e que sejam facilitadas por um mediador, pois, desse modo, poderão se transformar em oportunidades de aprendizado significativo e construtor de atitudes intergeracionais mais solidárias e cidadãs.

Dessarte, quando se fala da importância de que a experiência seja mediada por alguém, lembramo-nos imediatamente do papel do professor como mediador do conhecimento. Nesse sentido, concordamos com Loyola e Veríssimo (2010) ao dizerem que o professor não é apenas um transmissor do conhecimento, mas influenciador dos processos de produção subjetiva dos estudantes. Entendemos que o professor é um mediador/facilitador de processos e que, ao estabelecer um encontro dialógico, ético e alteritário com seus alunos, auxilia-os na produção de sentidos. Assim, o processo ensino-aprendizagem não se restringe apenas a uma experiência objetiva de aquisição de conhecimento, mais que isso, transforma-se numa experiência subjetiva e intersubjetiva, conforme apontam Loyola e Veríssimo (2010):

O professor oferece sua relação com o conhecimento; o encantamento do mestre com o seu peculiar aprender revela sua própria caminhada em direção a conhecer e a conhecer-se como sujeito da aprendizagem. Isso não significa tornar-se um modelo de aprendizagem para o aluno, mas pode servir de instigação para o aluno perceber seu próprio desejo de conhecer. Atento à alteridade, o professor cria uma abertura para receber o modo como o aluno aprende, encantando-se com a singularidade de seu aprender e favorecendo, assim, o encantamento do aluno com seu próprio aprender. O professor aprende ensinando e ensina aprendendo – sobretudo aprende e ensina a partir da perspectiva de que é um permanente aprendiz de si mesmo, do outro e do modo como este aprende a conhecer. (LOYOLA e VERÍSSIMO, 2010, p. 591).

Aliás, esse jeito de exercer a docência aconteceu no “Sacudindo a Memória” e fica muito claro, em outro momento da entrevista da própria Adelita e do extensionista Yago, quando ambos destacam nos seus depoimentos o quanto foi importante a presença e o manejo feito pela professora mediadora na condução do projeto, conforme os trechos a seguir:

E se eu fosse definir o meu sentimento pelo projeto numa palavra, é gratidão. Gratidão por ele existir, por ter sido criado pela professora, gratidão por poder fazer parte, por acreditar na gente, nos alunos, por se doar junto com a gente. Por ser humana e ensinar a gente a ser humano e não reprimir as nossas emoções. (Adelita, 30 anos, extensionista do curso de psicologia).

Então, a extensão foi uma soma de olhares e uma ampliação da sala de aula. A professora sempre está junto com a gente, ela está visitando museu, ela está nas entrevistas, a gente está trocando ideias, “linkando” as coisas. E isso agrega muito e tem um valor muito grande para o aprendizado. (Yago, 36 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Esse modo de “fazer” e ao mesmo tempo de “poder ser” na extensão universitária ganha ainda mais sentido quando descobrimos que esse lugar é parte da totalidade e da missão da universidade. A extensão, assim como a pesquisa, é um ambiente em aberto onde se pode criar e elaborar metodologias de interação entre o saber técnico-científico e as pessoas, ou seja, podem-se desenvolver recursos e processos metodológicos que aproximam pessoas e transformam a realidade.

Do ponto de vista do discurso acadêmico, muito se fala da indissociabilidade entre teoria e prática e/ou dos três pilares da formação universitária: ensino, pesquisa e extensão. Contudo, a fala inicial de Adelita denuncia a existência de certa dicotomia entre teoria e prática e da não integração entre ensino, pesquisa e extensão no contexto acadêmico. Importante dizer que a extensionista não está sozinha ao verbalizar: “Eu sinto falta disso na faculdade, dessa possibilidade de estar com o outro.” Aliás, boa parte dos extensionistas não percebe que a extensão faz parte da formação e apontou para uma “falha” de interação e de comunicação entre essas três dimensões constitutivas da universidade. Essa “falha” também é apontada por Paula (2013, p.6) ao dizer que “as atividades de extensão não têm sido adequadamente compreendidas e assimiladas pelas universidades.” Talvez, se revisitarmos a história e, principalmente, o contexto de surgimento da extensão nas universidades brasileiras, possamos entender o porquê desta “falha na interação”.

Do ponto de vista histórico, a extensão universitária está prevista desde a legislação de 1931 que, mediante o Decreto nº 19.851, de 11/4/1931, estabeleceu as bases do sistema universitário brasileiro. Contudo, não só no Brasil, mas em alguns outros países latino-americanos, o processo de institucionalização da extensão universitária continua incompleto, principalmente devido ao seu viés emancipatório e por sua ligação histórica com os movimentos de luta pela transformação social e pelas reformas estruturais da sociedade brasileira, principalmente nos anos de 1950 até 1964. Aliás, os anos 1950 no Brasil foram de intensa mobilização política e social. Surgiram as ligas camponesas ligadas à luta pela reforma agrária e vários movimentos em defesa da Escola Pública como um instrumento para o desenvolvimento econômico e social. Além disso, mesmo com uma série de críticas, tivemos a aprovação do projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi sancionada pelo presidente João Goulart, em 1961. Ainda na década de 1960, surge na Universidade de Recife o Serviço de Extensão Universitária dirigido por Paulo Freire que, juntamente com os estudantes, atentou para o compromisso da universidade com as grandes lutas nacionais, principalmente pela luta da Reforma Universitária.

(...) De fato, é com Paulo Freire que a universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares, tanto mediante a ação concreta de alfabetização, quanto mediante a elaboração de metodologias de interação entre o saber técnico-científico e as culturas populares, de que é exemplar manifestação o livro “Extensão ou Comunicação?”, de 1969, escrito no Chile, onde Paulo Freire discute as bases de uma comunicação efetiva entre o saber agrotécnico e os camponeses chilenos, em que certo conceito de extensão é criticado por suas implicações unilaterais e invasivas para dar lugar a uma prática, a uma cultura, necessariamente, dialogal, educativa e comunicacional. (PAULA, 2013, p. 17).

Ademais, podemos pensar a extensão universitária para além da sua trajetória histórica. Pode ser pensada a partir de sua própria natureza interdisciplinar, por estar voltada para demandas de conhecimentos diferentes e em contextos diversificados e, talvez, este seja mais um motivo do porque das atividades de extensão ainda não estarem adequadamente compreendidas e assimiladas por boa parte dos graduandos e, também, por outras instâncias dentro da própria universidade. Paula (2013) nos esclarece:

De fato, as dificuldades conceituais e práticas da justa compreensão e implementação da extensão universitária decorrem, em grande parte, do fato de a extensão se colocar questões complexas, seja por suas implicações político-sociais, seja por exigir postura intelectual aberta à inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade. Para dizer de forma simples, a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias (PAULA, 2013, p.6).

A partir do exposto, devemos a Paulo Freire a nossa atual forma de pensar a extensão universitária e, também, a produção de conhecimento na universidade. Esta deve ser pensada enquanto um espaço para compartilhar, dialogar, interagir e criar. E, por isso, não foi à toa que escolhemos como abertura deste capítulo o pronunciamento de Paulo Freire no seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1968/1996): “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.” Desse modo, toda a ação educativa, assim como a existência humana, é um ato dialógico e vivencial. Então, essa experiência de sermos com os outros, de nos relacionarmos com os outros, apesar dos outros, de aprender com os outros e para transformação dos outros, tudo se consubstancia na essência do ofício de educar, caminho que decidimos percorrer ao optar pela profissão de educador.

Sendo a educação um processo contínuo de mudança vivido pelo ser humano ao longo de toda a sua vida, ela está além dos limites institucionais. Dito de outro modo, é importante considerar que o espaço institucional universitário é apenas um dos ambientes possíveis para se aprender. Relembrar esse princípio é reafirmar que existem diversos lugares, contextos,

possibilidades de aprendizagem, mesmo em diversas idades. Aliás, Freire (1996/2002), no seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa”, nos lembra e ao mesmo tempo nos inspira, ao mencionar:

No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se tivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas nos pátios dos recreios (...). Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (...) A universidade, por meio da extensão, pode ressignificar o tempo linear ou o cíclico e proporcionar momentos alternativos de aprendizagem. (FREIRE, 1996/2002, p.24).

Freire (1996/2002) nos faz refletir sobre espaços, pessoas e sobre experiências informais que acontecem no cotidiano. Ele nos faz pensar sobre a aprendizagem que acontece “nas experiências informais do cotidiano”, que acontece nos mais diversos lugares “nas ruas, nas praças, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios”. E considerá-los como “momentos alternativos de aprendizagem”. Do mesmo modo, no decorrer da execução do projeto de extensão intergeracional levamos muito em consideração essas “experiências informais de aprendizagem”, sobretudo as vivências de encontros intergeracionais que aconteceram nos mais diversos locais. Acreditamos que foi justamente a valorização dessas experiências que produziu aprendizagem significativa e transformadora, especialmente nos educandos, tanto no nível pessoal, quanto no profissional. Foi isso que ouvimos em todos os depoimentos dos participantes do projeto, conforme bem descreve o extensionista Vitor, ao mencionar:

(...) Foi uma delícia participar do projeto porque uma das coisas que a gente sempre comentava é que foi um projeto leve, não foi aquela coisa intensa, foi uma coisa tranquila, porque a gente aprendeu muito durante esse ano. Digo a gente porque foi uma coisa bem unânime com o pessoal também, porque ou a gente estava entrevistando pessoas que até então a gente não fazia ideia de nada da história delas, não sabíamos quem eram elas nem que elas existiam inclusive, ou a gente estava aqui na PUC, aprendendo mais, tendo oficina com vários professores (...) como eu já participei de outros projetos de extensão, esse foi o que mais teve o poder de transformação, deu um maior sentido para mim e que me modificou mais. Foi muito importante, é que eu pude não só aprender muita coisa com muita gente, escutar muitas histórias e também conhecer um pouco mais da história da minha cidade que até então eu não sabia. Então, eu posso dizer que Sacudindo a Memória entrou para minha história e vai deixar saudade. (Vitor, 21 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Ademais, o “Sacudindo a Memória”, sob a ótica freireana, constituiu-se também como experiência de criação de conhecimento e de transformação-reinvenção da realidade por meio da “ação-reflexão humana”, transformando-se em uma experiência de pesquisa, especialmente

ao fomentar estudos e projetos de pesquisa tanto no âmbito da graduação, inspirando um trabalho de conclusão de curso, quanto no âmbito de pós-graduação, inspirando o presente trabalho na esfera de doutoramento. Nesse sentido, o projeto intergeracional “Sacudindo a Memória” se configura em uma “soma de olhares”, sendo capaz de integrar a extensão, a pesquisa e o ensino, conforme bem descreve o extensionista Yago, ao mencionar no trecho abaixo:

Então, a extensão foi uma soma de olhares e uma ampliação da sala de aula. O que agregou muito para mim foi em pesquisa, porque de alguma forma despertou esse interesse em mim. Desse interesse interno eu escolhi fazer meu TCC nesse tema, assim buscar mais conhecimento disso, porque hoje é o que realmente eu estou sentindo. (Yago, 36 anos, extensionista do curso de psicologia).

Desse modo, o projeto “Sacudindo a Memória” abarcou o tripé da universidade, encontrando um espaço entre a prática extensionista, o ensino e o pensar investigativo da pesquisa; dito de outro modo, encontrou uma forma articulada de interação entre teoria e prática. Podemos compreender essa intrincada rede de relações que se estabeleceu no projeto utilizando como linguagem figurada a imagem símbolo da “Banda de Möebius⁶”.

A “Fita e/ou Banda de Möebius” é uma figura topológica muito estudada por matemáticos e por psicanalistas lacanianos. Trata-se de uma fita torcida que se assemelha ao símbolo do infinito e que representa um caminho sem começo e sem fim, um caminho ora percorrido internamente, ora externamente. Dentro da perspectiva psicanalítica é utilizada como um importante recurso metafórico para explicar o modo de funcionamento do aparelho psíquico, pois que estamos sempre em contato com o interno e o externo do nosso psiquismo, de modo que não há começo nem fim. Essa analogia é frequentemente utilizada como metáfora que ilustra a ideia de que não há desvinculação entre o externo e o interno, entre o indivíduo e o social, entre os idosos e os jovens e entre a teoria e a prática. Assim, o que

⁶ A banda de Möebius - modelo topológico inventado em 1858, pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Möebius que, também, é chamada de fita ou laço numa estrutura espacial. É na verdade o símbolo do infinito, que representa um caminho sem começo e sem fim. Pode-se percorrer toda a superfície da fita que aparenta ter dois lados (bilátera) mas, quando torcida, percebemos que na verdade tem um só lado (unilátera). O psicanalista Jacques Lacan, desde a década de 1950, encontrou na banda de Möebius um importante recurso metafórico para interpretar a estrutura do aparelho psíquico apresentando uma reflexão psicanalítica sobre o sujeito, o espaço e configuração. Em realidade, para mostrar que o inconsciente freudiano subverte o sujeito, coloca-o do avesso. “A banda de Möebius é representante do irrepresentável, ela não tem avesso nem direito, é o tempo que faz a diferença entre as duas faces. É um objeto unilátero, manipulável, desconstruível e reconstruível (...). A banda de Moebius permite subverter a relação significante/significado, pois seu avesso e seu direito são contínuos, por isso o significado de um significante num momento dado, logo já não será mais o mesmo” (MONTEIRO, 2014, p.134) (MONTEIRO, Marli Piva. A topologia de Lacan. In: Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte-MG. n. 41. 2014, p. 133–140).

descobrimos através do “Sacudindo a Memória” que no início, aparentemente, tínhamos duas superfícies uma interna (a pesquisa/teoria) e outra externa (extensão/prática) e/ou idosos e jovens e não percebíamos com clareza da vinculação/relação de um com o outro. Então, quando nos aproximamos e nos propusemos a investigar, percebemos uma dimensão apenas da extensão/pesquisa, na qual o que existe é uma íntima vinculação entre o campo teórico e a dimensão prática.

Sabemos que a perspectiva psicanalítica comporta uma teoria que na verdade é uma grande rede conceitual que sustenta a prática, ou seja, os conceitos não são elementos que explicam o que se passa na prática. Os conceitos são elementos balizadores que norteiam a práxis de tal maneira que não há como pensar no avanço desta se não tivermos uma rede de sustentação conceitual. Desse modo, a escuta e a forma operacionalizadas nas intervenções, as atividades praticadas pelo professor/mediador e o seu ritmo de trabalho de análise, tudo está entrelaçado com as respectivas formações teórico-conceituais. Em essência, teoria e prática se retroalimentam num ciclo virtuoso de formação profissional, de evolução e expansão do conhecimento. É essa complexidade que nos instiga um novo olhar e a tessitura de novas tramas entre a prática e teoria, sendo este o mote principal na idealização do projeto “Sacudindo a memória”.

Do projeto de extensão nasceu a vontade de conhecer mais, de modo que se tornou um espaço de formação para os participantes do projeto e, não sendo por acaso, ajudou a despertar no extensionista Yago a escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso, quando menciona em seu relatório final do projeto de extensão: “eu escolhi fazer meu TCC nesse tema, assim buscar mais conhecimento.” Com o intuito de estabelecer uma relação dialógica com a comunidade, do projeto nasceram produtos culturais, quais sejam um documentário (com uma hora de duração) e uma exposição de fotografias. Além disso, foram confeccionados outros materiais interessantes, que serviram tanto como divulgação do projeto quanto como acervo de memória dos participantes, originando a produção de 5 *teasers*, 4 reportagens para TV aberta, 1 canal no *Youtube* e 1 página no *facebook*, ainda ativos e que levam o nome do Projeto. Nesse sentido, o projeto de extensão intergeracional se transformou num “locus privilegiado da produção e difusão do conhecimento”, conforme as diretrizes das políticas de extensão da universidade (PUC, 2006, p. 4).

Concordamos inteiramente com França; Silva e Barreto (2010, p. 527) quando dizem que “(...) a universidade, ao adotar um programa intergeracional, além de promover os inúmeros benefícios para a comunidade, poderá cumprir a função social da academia, possibilitando a captação de recursos e investimentos, e o aprofundamento de pesquisas

futuras nesta área.” Diante disso, podemos pensar na relevância de projetos intergeracionais como o “Sacudindo a Memória” que, apesar de ser apenas um projeto que foi desenvolvido ao longo de dois anos, tem um grande potencial para se transformar em um programa intergeracional de formação de jovens cidadãos para estarem mais conectados e preparados para enfrentar o desafio da longevidade.

Quando falamos da necessidade de “Aprender a conviver” ao longo da vida e em uma sociedade cada dia mais longeva, isso nos leva a pensar em uma proposta educacional que leve em consideração o convívio, por mais tempo, com pessoas das mais diversas faixas etárias. Assim, no ano de 2002, em Madri, ocorreu a Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), que enfatizou o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e menos preconceituosa em relação ao envelhecimento, aos velhos e, especialmente, reforçando a necessidade de uma solidariedade intergeracional. Na ocasião, foi proposto um Plano de Ação Internacional de Madri, que teve como lema - uma sociedade para todas as idades.

Segundo a ONU, o mundo está passando por um processo de transição demográfica única e irreversível, cujo desafio será de lidarmos cada dia mais com o incremento populacional dos idosos mundialmente. Dados da ONU apontam que a população com 60 anos ou mais está crescendo mais rápido que todos os grupos etários mais jovens e as pessoas com 80 anos e mais são as que deverão triplicar em 2050, de 137 milhões em 2017 para 425 milhões em 2050 (ONU, 2019). Sabemos que as preocupações deste organismo internacional em relação ao envelhecimento não são apenas de ordem demográfica, mas são, sobretudo, em relação ao reconhecimento de direitos dos idosos. Nesse sentido, a ONU vem trabalhando há muito tempo propondo diversos tratados internacionais em relação às questões do envelhecimento e, mais recentemente, às questões da aprendizagem ao longo da vida.

Em curta análise de documentos considerados como marcos históricos para as questões relativas ao envelhecimento, constatamos que estes começaram a ser elaborados em 1982 pela ONU, especialmente na primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, denominada “Plano de Ação Internacional do Envelhecimento de Viena”. Em 1991, foi redigida uma carta de “Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas”, de modo a encorajar os governos a incorporar aos seus programas nacionais o direito à independência, à participação, ao cuidado, à realização pessoal e à dignidade da pessoa idosa. Em 1999, a Organização Mundial de Saúde (OMS) celebrou o dia e o ano Internacional do Idoso. Contudo, somente vinte anos mais tarde, em 2002, a ONU, em parceria com a OMS, apresentou de forma mais objetiva uma política de ação internacional para o envelhecimento

no século XXI. Trata-se de um plano de ação internacional para o envelhecimento que ganhou o nome de “Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde” (2002), que é até hoje considerado como um respeitável marco político internacional sobre essa temática. O Plano alerta para a necessidade dos países desenvolverem mudanças de atitudes, políticas e práticas em todos os níveis a fim de melhorar as condições de saúde e o bem-estar na velhice. Então, a partir desse momento, “Envelhecimento Ativo” passa a ser não somente um plano, mas um conceito que permeia os princípios da OMS para Unidades de Atenção Básica à Saúde e serve de fonte para o “Guia da cidade amiga do idoso”, cujo objetivo é tornar cidades, comunidades, estados e nações mais inclusivos para a pessoa idosa e para todas as faixas etárias ao longo da vida (OMS, 2003).

O Plano de Madri de 2002 tem se mostrado um marco político, especialmente para promoção de cidadania, e uma referência para pensarmos uma sociedade mais intergeracional e solidária. Ele preconiza a necessidade de termos ações educativas, orientadas para qualidade de vida de todas as gerações, pois “a criança de ontem é o adulto de hoje e o avô ou a avó de amanhã.” O documento propõe uma perspectiva de curso de vida que reconhece a influência das experiências e do estilo de vida para a maneira como os indivíduos envelhecem. Então, em 2015, depois de 13 anos, um grupo de trabalho liderado por Alexandre Kalache, propôs atualizar esse marco político do envelhecimento ativo de 2002, lançando um novo relatório denominado “O Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade” (2015).

Nessa atualização, os pesquisadores perceberam que algumas questões se tornaram ainda mais relevantes, tais como os direitos dos idosos, o prolongamento da vida profissional, a aprendizagem ao longo da vida, a importância da resiliência, a qualidade de vida de idosos frágeis, dependentes e que estão no final da vida. Os autores perceberam, sobretudo, a necessidade de acrescentar ao conceito inicial de envelhecimento ativo a aprendizagem ao longo da vida. Assim, a partir de 2015 conceituamos o envelhecimento ativo da seguinte forma: “é o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem.” (KALACHE, 2015, p. 44). Desde então, a política para o envelhecimento ativo está baseada em quatro grandes pilares: a saúde, aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança/proteção.

Para a OMS, educar jovens para o envelhecimento significa garantir os direitos das pessoas mais velhas e daqueles no futuro, o que pode ajudar a reduzir e eliminar a discriminação e o abuso em relação à pessoa idosa. O relatório - “O Envelhecimento Ativo:

Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade” (2015), conforme já dissemos, detalha e amplia as recomendações a serem desenvolvidas dentro de cada uma das quatro áreas da política de envelhecimento ativo. Dentre tantas recomendações, identificamos algumas que se encaixam com as ações que foram desenvolvidas no projeto “Sacudindo a Memória”, principalmente, as que se referem aos dois grandes pilares, quais sejam o da aprendizagem ao longo da vida e o da participação dos idosos ativamente na sociedade. No eixo de recomendações de participação, identificamos dois aspectos que foram desenvolvidos no projeto: 1) melhorar a imagem do envelhecimento, combatendo estereótipos e preconceitos e 2) cultivar a solidariedade intergeracional.

No eixo de recomendações, ligado à aprendizagem ao longo da vida, identificamos três aspectos que foram desenvolvidos no projeto: 1) Promover oportunidades inovadoras para a aprendizagem ao longo da vida; 2) Promover o intercâmbio entre gerações como forma de aprendizagem ao longo da vida; 3) Valorizar o conhecimento de outras gerações (KALACHE, 2015).

Dito isso, percebemos que o projeto “Sacudindo a Memória” está alinhado com algumas das principais proposições da política do Envelhecimento Ativo, sendo que algumas delas já foram abordadas ao longo da tese. Entretanto, faltou falar da primeira e, talvez, mais importante ação a ser feita, nesta direção educativa de educar para o processo de “envelhecer”, que diz respeito à quebra de estereótipos em relação ao próprio processo de envelhecimento e aos velhos. Não é por acaso que se trata da primeira recomendação do relatório quando se propõe a pensar em uma sociedade mais inclusiva e para todas as idades.

Segundo Houaiss (2009), estereótipos são formados por ideias preconcebidas, alimentadas pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão; é uma ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações; banalidade; modelo; lugar-comum. Para Martins e Rodrigues (2004, p. 249), é uma “generalização”, uma simplificação de crenças de um grupo de pessoas que “contribui para o não reconhecimento da unicidade do indivíduo, a não reciprocidade, a não duplicidade, o despotismo em determinadas situações.” As autoras ainda apontam que os estereótipos em relação aos idosos podem ser de natureza positiva ou negativa. Sendo o estereótipo positivo, aquele no qual atribuímos características positivas aos objetos e pessoas de uma categoria particular, por exemplo, no nosso caso, “todos os idosos são sábios” ou, de modo contrário, o estereótipo negativo, quando atribuímos características negativas, o que equivaleria dizer que “todos os idosos são ranzinhas” (MARTINS e RODRIGUES, 2004).

No projeto “Sacudindo a Memória”, percebemos esses dois tipos de estereótipos, por parte dos jovens, tanto o positivo quanto o negativo em relação aos idosos e ao envelhecimento. Podemos ilustrar o estereótipo positivo através do seguinte depoimento da extensionista Clara:

Eu acho que todo mundo vai passar por esse processo e acho também que é uma coisa muito bonita porque não é só porque você é velho que você deixou de ser alguém. Então, ser idoso é ser uma pessoa normal, é ser uma pessoa muito mais linda porque todos os velhinhos são bonitinhos. (Clara, 21anos, extensionista do curso de Publicidade e Propaganda).

Contudo, o que percebemos, pelo menos inicialmente, foi uma predominância de falas associadas a estereótipos negativos, tais como:

(...) eu tinha a visão de que envelhecimento seria algo triste, algo sombrio, que a pessoa ficava doente, que ela perdia o gosto pela vida, estava só aguardando a morte. (Karina, 20 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Segundo Ribeiro (2007), a partir dos estereótipos, podemos criar imagens acerca do ser velho e do envelhecimento e estas podem ter duas funções, quais sejam: fazer juízos (positivos ou negativos) e oferecer informações que poderão regular a interação com os outros. Para o autor, as imagens associadas ao envelhecimento e à velhice podem ser mentais, sociais e culturais; ou seja, são multidimensionais, complexas e a elas se juntam comportamentos, representações, emoções e crenças que se manifestam ao longo da vida. O autor classifica da seguinte forma: as imagens mentais, que incluiriam os estereótipos, percepções do eu e do nós e dos os outros; as imagens sociais, que envolvem as representações, comportamentos, discriminação, atitudes e preconceitos; e as imagens culturais, que estão relacionadas às crenças e tabus que se estabelecem após um determinado tempo, tornando-se um código. Assim, “as imagens mentais são uma forma de pensar, interpretar, perceber e de formar estereótipos.”(RIBEIRO, 2007, p.41).

Os estereótipos constituem uma imagem mental simplificada de alguma categoria de pessoas, objetos e/ou instituições, em que os acontecimentos são agrupados em características essenciais por um grande número de pessoas. São juízos que se vão desenvolvendo a partir das experiências e informação que se possui de pessoas ou grupos, podendo influenciar os comportamentos que se vão construindo ao longo da nossa vida. (RIBEIRO, 2007, p.41).

Dessarte, os estereótipos acabam criando mecanismos de discriminação que se manifestam através de atitudes preconceituosas e que não colaboram para construção de uma sociedade para todas as idades. Estas atitudes segregam e reforçam atributos negativos a

respeito do ser velho, o que acaba afastando os sujeitos da vida social e ensinando aos mais novos o desejo de uma vida longa, porém sem velhice. Diversos autores (MARTINS e RODRIGUES, 2004; RIBEIRO, 2007) apontam em seus trabalhos que a forma de combater preconceitos e a discriminação advindos da construção de estereótipos é por meio do conhecimento do processo de envelhecimento e concordam que é preciso construir práticas que quebrem a generalização da velhice e que valorizem e respeitem as diferenças da coletividade. Senão, incorreremos em um pensamento generalizador sobre a velhice, que pode se transformar em uma verdadeira fobia da velhice. Ribeiro e Sousa (2008), em seus estudos, revelaram que a experiência de trabalho com idosos tende a tornar as imagens mais positivas, pois é uma oportunidade de confrontar as imagens com a realidade, verificando que muitos dos idosos são autônomos, ativos e independentes. Os autores dizem que “a investigação tem indicado que, quer os jovens, quer os idosos que experienciaram elevado nível de contato com pessoas idosas, demonstram maior conhecimento sobre o processo de envelhecimento e menos estereótipos em relação a estes idosos.” (RIBEIRO e SOUSA, 2008, p.31).

E foi exatamente isso que vimos acontecer no projeto “Sacudindo a Memória”, quebra de estereótipos, de preconceitos, na medida em que os extensionistas se aproximavam dos idosos, conhecendo suas histórias de vida; enfim, estabelecendo um diálogo e convívio intergeracional. Desse modo, podemos dizer que essa prática não só rompeu um olhar generalizante sobre a velhice e o processo de envelhecer, mas também teve uma importante função educativa de ressignificação do envelhecimento e da velhice para cada um dos jovens, como podemos ilustrar por meio de várias falas como essas:

Esse projeto me fez ver o envelhecimento de outra forma. Consegui também ver meu futuro de uma maneira diferente, porque eu tinha a visão de que envelhecimento seria algo triste, algo sombrio, que a pessoa ficava doente, que ela perdia o gosto pela vida, estava só aguardando a morte, mas a partir do contato que eu tive com esses idosos, tudo foi mudando. Eu vi que eles têm alegria, mais disposição que a gente, mais coragem. (Karina, 20 anos, extensionista do curso de Psicologia).

Com os idosos, eu acho que o projeto ajudou bastante em quebrar estereótipos, porque sempre que falam em idosos vem aquela imagem de um velhinho, bonzinho, uma imagem mais passiva e com o projeto vendo as histórias de vida, a gente vê que o idoso não é só essa imagem, esse figura tão “paradinha”, eles têm uma história de vida, são pessoas que já tiveram várias experiências mais do que nós jovens. Então, é uma coisa construída assim, eles estão em movimento parece... e eles têm muito pra passar pra gente. Acho que falta muito na nossa cultura a dar valor para o idoso e o que ele tem pra passar... Acho que a gente vai idealizando uma figura de uma imagem mais assim... ah! não sei explicar! (Juliana, 20 anos, extensionista do curso de psicologia).

E esses idosos puderam acrescentar isso pra mim, de poder conhecer na prática essa fase do desenvolvimento humano e comeci a olhar o idoso de uma forma diferente, vendo que ele pode ser autônomo, vendo que ele pode se desenvolver mesmo nessa

fase onde a cognição tá um pouco mais devagar; o físico tá um pouco mais debilitado, mas nada que impeça. E a minha visão antes era de um idoso totalmente dependente que não conseguia ser um sujeito totalmente sozinho. (Fábio, 26 anos, extensionista do curso de psicologia).

Quando começou o projeto, eu acho que nunca tinha parado para pensar sobre o envelhecimento e eu nunca tinha parado para ouvir a história de pessoas mais velhas (...). Depois do projeto, vendo as entrevistas que a gente fez dos idosos, falando com a gente, eu consegui perceber que envelhecer não é de todo mal, é natural, é uma coisa natural e a gente tem que ir se adaptando e essa adaptação também é natural e de forma alguma a gente pode se deixar envelhecer porque enquanto a gente tem a vontade, tem a determinação que muitos idosos que a gente entrevistou têm, eu acho que a o envelhecer nunca vai ser ruim, se for dessa forma. (Leo, 21 anos, extensionista do curso de Publicidade e Propaganda).

Antes de finalizar, outro aspecto que gostaríamos de destacar do projeto é a transmissão dos saberes, o que nos remete a Erikson (1963/1998), considerado como o primeiro autor a desenvolver uma teoria do desenvolvimento psicossocial ao longo da vida. Segundo o autor, o desenvolvimento se processa em ciclos, os quais estariam divididos, didaticamente, em oito estágios consecutivos e que em cada um destes, teríamos tarefas evolutivas específicas para adaptação da pessoa à sociedade. No sétimo estágio da vida, Erikson introduziu o conceito de “generatividade” para contrapor à estagnação na meia idade. A generatividade é definida por ele como uma motivação e envolvimento com a continuidade e bem-estar das futuras gerações, ou seja, uma tarefa social importante na vida adulta e necessária para a transição bem-sucedida para a fase final da vida. Está associada com uma necessidade interna de garantir e manter a continuidade de existência pela ótica da imortalidade simbólica, que pode ser expressa por meio de seu legado pessoal, no sentido de passar seus conhecimentos, suas experiências e sua sabedoria para a próxima geração. Segundo Magalhães e Gomes (2005), citado por França, Silva e Barreto (2010), o sentimento de generatividade tem uma relação positiva com o comprometimento de carreira, assinalam a importância das atividades generativas situadas no contexto da vida profissional, que estimulariam relações de cuidado entre gerações e a promoção do bem-estar da próxima geração pelos mais velhos. No projeto, isso aconteceu e foi relatado de diferentes maneiras pelos extensionistas. No relato da extensionista Valquíria, a seguir, podemos perceber com nitidez essa relação de cuidado trocado, que promoveu essa sensação de bem-estar para ambos, tanto para a idosa quanto para a jovem. Valquíria relata:

(...) me chamou muito atenção o relato da dona Verônica, ela é radialista e no final ela deixou um legado. Ela dizia que nós precisamos colocar amor no que a gente faz, sem isso a gente não vive e eu achei muito interessante porque eu penso assim. Qual o sentido da vida se não for para gente colocar o amor nas coisas que a gente faz, nas pessoas que a gente convive? Porque eu acho que situações difíceis tiveram no projeto, tem na faculdade, em toda a formação, no trabalho, mas quando você faz

com amor, quando você é capaz de trabalhar em equipe, quando você é capaz de ouvir essa história, elas começam a fazer parte de você agora, eu acho que esse é o legado mais importante para mim, porque essas histórias não são só deles, mas são minhas agora, eu vou carregar essas história agora, vou carregar esse projeto para minha vida, em todo o meu aprendizado, eu acredito que eu coloquei um pouco do meu amor nesse projeto, nos momentos que eu tive interação com a professora, colegas e com o idoso. (Valquíria, 21anos, extensionista do curso de Psicologia).

A transmissão de saberes está alinhada ao pilar da aprendizagem ao longo da vida e ao convívio intergeracional, pois, como diz Novaes (2005), são “as lições de vida que aprendemos no tempo do viver.” Para a autora, os projetos intergeracionais ajudam as pessoas a refletirem sobre seu próprio percurso de vida, a atribuir significados às lições de vida que aprenderam vivendo, a refletir sobre seus sentimentos e emoções e também nos fazem prestar mais atenção nas relações inter-humanas que acontecem no cotidiano, já que as mesmas são oportunidades para o crescimento pessoal. Novaes (2005) diz:

Daí a importância das vivências intergeracionais, nas quais se dão as trocas de energia física, mental, emocional, estabelecendo, ao mesmo tempo, limites e possibilidades de cada um no seu tempo. Por outro lado, ao compreendermos comportamentos, atitudes e valores dos outros, somos levados a articular a função do tempo com uma visão mais humana, na qual todos tenham um lugar e papel significativos, além de sua história para relatar. (NOVAES, 2005, p.12).

No “Sacudindo a Memória”, a transmissão dos saberes teve grande importância de ressignificação, tanto em relação a trajetórias de vida no plano individual, quanto na compreensão de valores do coletivo. Esse tipo de transmissão reforça a importância da coeducação entre gerações. Aliás, esta é evidenciada por Oliveira (1999) e Ferrigno (2003), cujas premissas básicas são a igualdade de direitos e o respeito às diferenças. Aprendemos com os autores que a coeducação é algo que se constrói no cotidiano, que está em constante movimento, significando *fazer-se* em todo momento, ainda que os idosos tenham nascido em outro tempo, haja vista que habitam e vivem o tempo atual. Oliveira (1999) nos diz:

No *fazer-se*, ao contrário, a geração além de ser vista como depositária de uma época, e, portanto, banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas das gerações, umas às outras. Como se trata de um movimento, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam; além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações, nesta perspectiva, não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedorias dos velhos. (OLIVEIRA, 1999, p.26).

Ademais, quando pensamos em aprendizados a partir de vivências intergeracionais, geralmente pensamos que estas acontecem em dois sentidos, quais sejam idoso-jovem e/ou jovem-idoso. Contudo, identificamos com nitidez no projeto que existem muito mais possibilidades de aprendizado intergeracional, sobretudo o que acontece entre jovem-jovem e idoso-idoso. Percebemos nitidamente, por meio do projeto, que o convívio entre gerações, na verdade, é um convívio de pessoas, em que a idade é um detalhe, pois são pessoas em movimento de “*fazer-se*”, “de se desdobrar” e que “não comportam linearidade”.

Essa ideia de movimento de “*fazer-se*” nos remete à visão freireana, pois o mesmo sinaliza que o processo educativo acontece por meio da relação dialógica. Nesse sentido, a coeducação que aconteceu no “Sacudindo a Memória” superou a contradição entre aquele que aprende e aquele que ensina, pois nesse formato de processo educativo do projeto, que tem como base o convívio inter-humano, somos todos educandos e educadores. Para isso, basta nos mantermos em movimento e abertos à curiosidade sobre o mundo e sobre as pessoas que o habitam, posto que sempre temos algo a aprender com o outro e somos todos seres aprendentes neste mundo.

Ao longo do capítulo enfatizamos o percurso de aprendizado dos jovens extensionistas, pois tivemos oportunidade de observar e acompanhar mais de perto esse aprendizado, posto que não tivemos tantas oportunidades de encontros com os idosos quanto gostaríamos. Contudo, por meio dos depoimentos os idosos, ao final do projeto, foi possível perceber o quão importante foi este projeto para o aprendizado deles. Desse modo, gostaríamos de concluir esse capítulo com o relato da Sra. Verônica, umas das idosas do projeto, cujo depoimento apresentaremos na íntegra, pois ela consegue apresentar muito bem o que aprendeu a partir das histórias contadas e das vidas desenhadas pelo projeto. Ela diz:

O projeto sacudindo a memória foi uma surpresa por ter sido uma das pessoas escolhidas para fazer parte do projeto da professora. Foi muito interessante, muito interessante porque além de agregar pessoas de vários nichos da cidade, nichos culturais, sociais diferentes proporcionou um aconchego, uma aproximação, uma proximidade entre nós membros do grupo, cujos elementos a gente conhecia de vista, de longe. Então com esse projeto a gente se aproximou. Eu não sei porque, porque cargas d'água eu fiquei maravilhada quando eu conheci o senhorzinho que dá corda no relógio floral, eu achei... sei lá que talvez o relógio funcionasse sozinho, sei lá automaticamente. Eu fui conhecendo pessoas com habilidades várias, de vários setores, do campo da educação, do campo cultural, outras do artesanato, outras mantendo viva certas tradições, de dança como a Catira que eu acho muito interessante segurando para que não se esvaia no tempo as tradições, aquilo que faz parte da cultura interiorana do nosso país. Foi uma aproximação com pessoas diferentes, cada um com sua história, com suas vivências, experiências. Eu gostaria de me lembrar de alguns companheiros, não vou me lembrar de todos... aquele senhorzinho que não era moda se falar em lixo reciclável, o Senhor Ézio ele já fazia coleta de lixo, uma gracinha ele conhece todo mundo, já foi corredor da Caldense aqui em Poços de Caldas. Tem uma senhorinha que também mantém viva uma

tradição do Congo, da Congada D. Oscarina. Tem também a D. Branca que foi uma das iniciadoras da feirinha aqui em Poços, cujas bolachinhas se se perder a receita no tempo, nós nunca mais vamos ter o prazer de provar um quitute tão mineiro tão gostoso. Tem também a irmã Iracema que se lembra de Poços de Caldas quando o asilo São Vicente ficava fora do nível da cidade, trabalhando sempre com formação religiosa dos nossos jovens. Tem Olívia com sua experiência na educação sempre firme, sempre com certeza das coisas que iriam dar certo, com pulso firme, forte, orientador, quem mais? A D. Lourdes que foi massagista das Thermas, deficiente visual, quantas coisas bonitas aquela senhora tinha para contar também. Tem aquele Sr. Antônio que mantém a Catira viva aqui em Poços de Caldas típica do interior de Minas desde sei lá Brasil colônia talvez. Tem também o Sr. Marcel Jardineiro, que cuida do relógio floral. Então foi uma experiência muito boa a cada um de nós componentes do grupo e eu quero crer que pelas várias histórias de vida, experiências, coisas que nós visualizamos no passado e na cidade quando ela era bem interiorana, bem mais simplória. A gente foi passando isso, gravando e isso não vai se perder no tempo, pode se transformar num pequeno compêndio para futuras investigações, pesquisas de como era nossa cidade em tal tempo, então faz parte da história. Foi assim algo enriquecedor tanto para nós participantes quanto para aqueles que vão ouvir, vão ler, vão assistir os depoimentos. Espero que isso tenha continuidade, porque vai ser fonte de pesquisa futuramente para as novas gerações, inclusive os alunos que participaram das gravações, das entrevistas, eles arregalavam os olhinhos e falavam: mas era assim no seu tempo? Quer dizer que eles passaram a conhecer alguma coisa que eles não conheciam e assim será para as futuras gerações se isso for transformado num compêndio e se houver continuidade, espero que haja. Porque o ser humano é uma caixinha mágica de histórias, tem coisas maravilhosas para serem extraídas de cada um e é isso daí (Verônica, 73 anos, professora e radialista aposentada).

O relato da Sra. Verônica representa uma espécie de retrato, em formato de texto, que serve para ilustrar, ainda que sucintamente, a ideia de mantermos em nós, assim como fez essa idosa, uma atitude de curiosidade, de aprendente em relação ao outro, a si mesmo e à vida. O relato nos faz refletir acerca da necessidade de continuidade de projetos como este e que os mesmos possam ser fonte de pesquisas, conforme o desejo da idosa: *“Espero que isso tenha continuidade, porque vai ser fonte de pesquisa futuramente para as novas gerações”*. Por fim, o que a Sra. Verônica ainda não sabia e não tinha como saber é que a sua experiência e de tantos outros idosos, por ela aqui representados, iria se transformar em uma história em formato de tese.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o tempo de reflexão e das tessituras finais do presente trabalho de tese. Momento de olhar a trajetória, revisitar os traçados para ver como ficou a obra e como contamos a história. Iniciamos o desenho traçando a linha mestra em formato de objetivos e delineamos uma linha mestra em formato de objetivo geral: compreender em que medida as experiências narrativas da memória autobiográfica do sujeito idoso funcionam como dispositivo relacional entre gerações e seu potencial de ressignificação, de transmissão, modificação e de construção de relações intergeracionais entre jovens e idosos. A partir dela, delineamos linhas amplas, em formato de objetivos. Percebemos, desde o início, que se tratava de um trabalho complexo de tapeçaria em que trançaríamos muitos fios e faríamos muitas costuras. No conceito de complexidade de Morin (2001, p.20), encontramos a definição de nosso trabalho: “é um tecido *complexus*: o que é tecido em conjunto”.

Começamos nosso trabalho escolhendo os fios para serem dispostos num grande tear teórico: os relatos, os autores, as ideias, cada material pesquisado e recolhido ao longo de nossa tarefa. Encontramos, no método da associação livre, a inspiração e a orientação de que precisávamos para nos guiar na disposição dos fios narrativos escolhidos. Com eles, construímos uma trama, uma história a ser contada. Agora, ao final da produção percebemos que a metodologia adotada permitiu que as palavras e as histórias fossem “brotando” tanto da trajetória da pesquisadora, quanto dos registros das memórias das pessoas que participaram do projeto de forma muito espontânea.

As cenas, as falas foram emergindo com uma vitalidade incrível e nossa maior dificuldade esteve em fazer as escolhas necessárias. Foram muitas as histórias contadas, inúmeros registros nos diários de campo e vários textos lidos ao longo do processo. Diante das limitações dos prazos acadêmicos, opções foram feitas. Desde o início, a prioridade foi dada aos depoimentos, às histórias contadas a partir da potência dos encontros intergeracionais, ou seja, da interação entre as pessoas. Nosso trabalho de tapeçaria é uma obra tecida por muitos.

Numa outra analogia têxtil, talvez a imagem do “*quilting*” possa ser utilizada. Na América do Norte, até o final dos anos 30, os trabalhos com retalhos e junção de tecidos tinham um lugar importante na cena social da cultura americana, em especial nas áreas rurais. Eram ferramentas importantes de sobrevivência e socialização e, muitas vezes, segundo a Wikipédia, a única forma de expressão criativa e escape social das mulheres que viviam em lugares isolados. Cada pedaço de tecido tinha uma história, ofertado não só por cada uma das

mulheres que trabalhava na peça, mas muitos dos retalhos eram legados de mulheres de gerações anteriores. Assim, a colcha, feita com a técnica do *quilting*, conta uma história grupal e intergeracional, como nosso texto.

Ao revisitar a trajetória, vemos que no primeiro capítulo apresentamos todo enredo da história do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória”: os personagens, o ambiente da cidade e os diversos cenários, enfim os principais fios da trama. Fizemos questão de exibir o passo a passo do projeto de extensão da forma mais descritiva e objetiva possível para mostrar o processo de confecção - o fazer.

Percebemos a importância de mostrar o projeto em movimento, como fizemos o entrelaçamento dos fios, pois esse modo de fazer pode vir a se tornar referência metodológica para outros trabalhos intergeracionais não só no âmbito da extensão universitária. Mais do que os resultados, esperamos que a riqueza do percurso realizado, o que foi sendo recolhido ao longo do caminho, possa servir de inspiração e modelo para elaboração de novas propostas de pesquisa, para outros projetos e/ou programas intergeracionais e, também, servir de incentivo à construção de propostas intergeracionais semelhantes, que possam ser implementadas nas políticas públicas.

Pode-se pensar como uma proposição para as políticas públicas nas áreas da saúde, educação e assistência social. Na política da Assistência Social, esse tipo de projeto de intervenção pode agregar mais valor e contribuir ainda mais com a proposta de fortalecimento e desenvolvimento de laços e vínculos sociais geracionais e intergeracionais, por meio dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) já existentes, ou mesmo propor a criação de centros de convivência intergeracionais na cidade de Poços de Caldas, a exemplo, do que já acontece em outros países e que está sendo implementado na cidade de São Paulo desde 2016, contando já, com dezesseis centros.

A título de informação, a resolução 1056/2015 do Conselho Municipal de Assistência Social de São Paulo (COMAS-SP), dispõe sobre a integração desses Centros de Convivência Intergeracional (CCinter) aos outros equipamentos da Assistência, no âmbito da proteção social básica, como mais um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. Nesse sentido, podemos pensar que o presente trabalho tem grande potencial de ampliação na medida em que pode servir como mais uma ferramenta metodológica para trabalhos a serem realizados nos CRAS, mas, sobretudo, nos CCinter(s). Este tipo de proposta já está presente na caracterização do serviço dos CCinter(s) de São Paulo :

É uma forma de intervenção social planejada, que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e

vivências individuais e coletivas, na família e no território, de modo a ampliar trocas culturais e de vivência, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. (DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO, número 61 (82), 5/05/2016, p. 76).

Na área da saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) o “Sacudindo a Memória” pode inspirar as ações educativas intergeracionais para o desenvolvimento de habilidades pessoais favoráveis à saúde em todas as fases da vida. Isso sem falar no âmbito da educação. Justamente por isso, destinamos o terceiro capítulo inteiro, para destacar o papel educativo desse tipo de trabalho, não só preparando os jovens universitários, ou seja, os futuros profissionais que lidarão com as questões do processo de envelhecimento, mas estendendo essa proposta para as demais instituições de ensino, em todos os níveis, tanto na esfera pública quanto na privada. Acreditamos, portanto, que o projeto “Sacudindo a Memória” tem um grande potencial de replicabilidade para atender a públicos considerados prioritários - no nosso caso jovens e idosos - podendo se amplificar para outras gerações, inclusive influenciando modos de “oferecer ajuda e apoio mútuos” para gerações posteriores.

No capítulo dois, continuamos o entrelaçamento dos fios, enriquecendo sua tessitura com detalhes relevantes e colocando em alto relevo alguns pontos dessa tapeçaria. Dito de outro modo, apresentamos algumas cenas emblemáticas que serviram de ilustração para mostrar como aconteceram os encontros intergeracionais, como as histórias de vida foram contadas e em quais circunstâncias e lugares. Aliás, confirmamos o que nos aponta Bosi (2016, p. 55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”

Para os idosos, ao serem estimulados a repensar as experiências do passado, possibilitou neles um movimento de reconstrução e atualização de suas histórias. Estas experiências, por sua vez, levaram a outras transformações na forma de enxergar e localizar esses idosos dentro e fora da família, ou seja, suas memórias e narrativas ecoaram para além do que poderíamos imaginar. O simples fato de estarem participando de um projeto da universidade provocou uma grande curiosidade dos filhos e netos frente à notícia e fez despertar o interesse de saber mais sobre o que eles têm a dizer, conseqüentemente, gerando diálogos novos no interior das suas famílias, com os mesmos. O “Sacudindo a Memória” literalmente “sacudiu” a vida desses idosos dentro e fora das famílias, bem como “chacoalhou” o sistema de crenças e de valores dos jovens participantes do projeto fazendo-os refletir sobre seu próprio processo de envelhecimento e dos outros, conforme podemos ilustrar com depoimento da extensionista Karina, de 20 anos, do curso de Psicologia, quanto à sua

participação no projeto. Ela diz: *“sacudiu toda a minha vida (...) tive muitas experiências, desconstruí muitas ideias. Esse projeto me fez ver o envelhecimento de outra forma.”*

No que se refere à questão da velhice, foi possível perceber que a vida cotidiana desses idosos não se mobiliza em torno dessa questão, isto é, não há entre eles uma tentativa de compreender a velhice ou mesmo de negá-la. Além disso, os idosos do projeto revelaram velhices múltiplas e distintas, que tanto são particulares como fazem parte de um contexto social mais amplo que os atravessa. Destacamos a invisibilidade de algumas velhices, principalmente, de um catador de recicláveis e de um jardineiro para ilustrar o quanto esses idosos invisíveis têm muito a nos dizer não só sobre suas vidas singulares, mas servem para nos chamar atenção para a existência de muitas velhices invisíveis no contexto de uma cidade. Isso nos ajuda a colocar uma lente sobre essa questão, pois passamos a enxergá-los de uma forma menos preconceituosa. E, nesse momento, podemos reafirmar a não existência de uma velhice, mas de vários modos de ser velho em uma cidade.

No projeto, entrelaçamos as lembranças de velhos moradores, de diversos segmentos da cidade, com lugares da cidade. Através da oficina intergeracional dos mapas mentais, resgatamos lugares que estavam enraizados em um espaço e tempo fixo na memória dos idosos. A partir do momento em que passaram a contar as histórias relacionadas a esses lugares da cidade de outrora, não só revelaram as memórias particulares e coletivas da antiga cidade, mas, ao recontarem, no momento presente, ressignificaram esses lugares, fazendo o trabalho artesanal dos narradores no sentido Benjaminiano. Desse modo, esse encontro intergeracional produziu nos jovens sentimentos de pertencimento, pois passaram a pensar o espaço urbano como um campo relacional, como um lugar que “é estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos.” (LIMA; KOZEL, 2009, p. 210).

Ainda na tessitura do segundo capítulo, podemos perceber que essa tese é um entrelaçamento de histórias que estão interconectadas com outras histórias e com outros tempos. Descobrimos, com o “Sacudindo a Memória”, que a recuperação da história de vida das pessoas que vêm antes de nós tem uma dupla função tanto de restauração (para os idosos), quanto de instauração (nos jovens) de um sentido de continuidade de existência. Conforme assinala Prochet (2000):

Chegará o dia, onde outros narrarão a nossa história, e assim, como aqueles que nos antecederam, não mais estaremos aqui. Somos o futuro daqueles que se foram e o passado daqueles que virão. Somos nós e somos os outros - eternamente intermediários (...) (PROCHET, 2000, p.170).

Essa perspectiva de continuidade de um si mesmo ao longo do tempo nos remete a D. W. Winnicott, pois, para o autor, o amadurecer é um processo em permanente construção, ou seja, nunca estamos acabados. Assim, não importa que momento da vida em que se esteja, na infância, na juventude ou na velhice, o que importa é que em qualquer momento do processo do viver há possibilidades para aprender, recriar-se; enfim, para a construção de um *self* (de um si mesmo). Desse modo, entendemos que o “Sacudindo a Memória”, na medida em que ofereceu uma experiência de tempo e de lugar para os participantes, possibilitou a construção de um *self* que se dá através de um encontro com o outro diferente de mim, mas que, paradoxalmente, é um outro igual a mim. O idoso, através de suas histórias de vida, dá seu testemunho de que é possível viver, apesar das perdas e percalços da vida, é possível ser e continuar sendo. Ele transmite e instaura no jovem a esperança de que apesar dele não saber o que vai lhe acontecer no futuro, existe um futuro em aberto, um porvir. Assim, ambos, idoso e jovem, experimentam a possibilidade de pensar em uma continuidade de si no outro e que “são eternamente intermediários” nesta linha do tempo que chamamos de vida. Percebem que é possível criar uma história pessoal, criar laços de amizade e de afeto ao longo do viver, independentemente da idade que se tenha.

Desde o início do projeto, alguns fatores se conjugaram para justificar o porquê dessa iniciativa na cidade de Poços de Caldas, pois, conforme já mencionamos, por razões históricas, geográficas e socioeconômicas, a cidade apresenta um percentual de população idosa acima da média do Estado de Minas Gerais. Além disso, antes de propormos tal projeto, observamos, por parte das políticas públicas locais, a ênfase na atenção terciária para a população idosa, primordialmente, em programas de institucionalização e poucas ações voltadas para o estímulo à participação ativa da população mais velha na vida comunitária. A partir desse diagnóstico, propusemos um projeto que pudesse oferecer um espaço de participação e de valorização do idoso e de seu saber na vida comunitária – uma oportunidade privilegiada para trocas intergeracionais.

Assim, no terceiro e último capítulo, destacamos que um dos diferenciais do projeto de extensão intergeracional “Sacudindo a Memória” é a sua relevância social e, porque não dizer, seu caráter inovador no contexto da cidade. Assim, o “Sacudindo a Memória” saiu pelos portões da universidade, se estendeu e se espalhou pela cidade, foi conhecê-la de perto, andou por suas ruas, visitou espaços, fazendo uma espécie de mapeamento, especialmente dos seus patrimônios imateriais, ou seja, das memórias vivas - os idosos. A partir daí, construiu um espaço potencial, um espaço intermediário, de interlocução entre a universidade e a cidade. Criou um espaço cheio de sentidos e de afetos. Esse lugar criado por nós foi um espaço de

tanta troca que até mudamos a grafia de universidade para univercidade que, para nós, hoje, faz muito mais sentido ser escrita com C de cidade. Além disso, através do projeto, conseguimos efetivamente integrar as três dimensões da universidade: o ensino, a extensão e a pesquisa.

No âmbito da educação, acreditamos que “Sacudindo a Memória” possa ter continuidade e ainda servir de estímulo, orientação para fomentar projetos e/ou ações intergeracionais, que visem uma educação para a longevidade que, por sua vez, está alinhada com as proposições do Plano de Ação de Madrid para o Envelhecimento Ativo (OMS, 2003), que destaca a interdependência e a solidariedade entre gerações para se desenvolver qualidade de vida ao longo da vida.

Esta é a razão pela qual interdependência e solidariedade entre gerações (uma via de mão-dupla, com indivíduos jovens e velhos, onde se dá e se recebe) são princípios relevantes para o envelhecimento ativo. A criança de ontem é o adulto de hoje e o avô ou avó de amanhã. A qualidade de vida que as pessoas terão quando avós, depende não só dos riscos e oportunidades que experimentarem durante a vida, mas também da maneira como as gerações posteriores irão oferecer ajuda e apoio mútuos, quando necessário. (OMS, 2003, p. 13).

Chego ao fim deste trabalho ou do que nos foi possível dentro do contexto de sua produção. Todas as histórias, assim como todas as teses, precisam de um fim, ainda que transitório. Compreendemos que todo o saber produzido é apenas um modo de entendimento da realidade sobre a qual nos debruçamos, são construções e compreensões provisórias de conhecimento, pois estão relacionadas à forma como o ser humano apercebe a realidade e que está em constante processo de modificação. É, justamente, aí que reside toda a beleza e a riqueza do conhecimento sempre sujeito a constantes reinvenções humanas, conforme destaca Freud (1916[1915]/1980) no seu artigo “Sobre a transitoriedade”, quando diz:

(...) O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição (...) A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. Tampouco posso compreender melhor por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual deveriam perder seu valor devido à sua limitação temporal (...) (FREUD, 1916[1915]/1980, p. 345-346).

Encontramos nesse fragmento extraído do texto “Sobre a transitoriedade”, de Freud (1916 [1915]/1980), um fio poético que faltava para fazer o alinhavo final da trama dessa tese. Assim, Freud nos diz que o caráter de efemeridade, de transitoriedade, é que confere beleza, qualidade e valor às obras, às pessoas, enfim, à vida. Dentre as inúmeras possibilidades de

viver, de forma potente, a transitoriedade da vida pode ser, segundo o autor, através de “uma realização intelectual.” É assim que entendemos esta tese, como uma realização intelectual de caráter transitório, na qual a delimitação temporal dos prazos acadêmicos ao limitar “a fruição” nos convocou a vivenciar intensamente a experiência de construção do conhecimento, o que elevou ainda mais “o valor da fruição”. A partir daí, entendi que o valor de uma obra está na sua transitoriedade, e que seu valor reside, justamente, na sua incompletude, no seu inacabamento, pois isso a coloca como uma obra aberta e sempre sujeita a novas significações que poderão ser ampliadas e/ou recriadas por aqueles que a conhecerem.

Assim, como as histórias podem ser contadas de várias formas, as teses também. Esta tese é apenas um dos modos possíveis de contar a história. Ao final, percebo que o “Sacudindo a Memória” foi um convite, em forma de projeto, para estabelecimento de encontros potencialmente transformadores. Recordo-me da fala de Yago, 36 anos, um dos extensionistas, ao dizer “*o projeto tem o poder de mudar as pessoas.*” Ele tem toda razão, pois não sou mais a mesma e, certamente, os extensionistas e idosos que participaram dessa construção, também não são. O “Sacudindo a Memória” representou um importante tempo de tessitura na vida das pessoas que participaram do projeto. Foi um tempo de escutarmos e contarmos histórias; de andança e de descoberta da cidade; de brincarmos de desenhar mapas mentais, enfim, tempo de aprendizados diversos. Esta tese, portanto, representa o registro que gostaríamos de deixar desse tempo. Representa uma espécie de legado, uma herança e, também, uma forma de ligar nossas lembranças à esperança de que tenhamos, no futuro, mais oportunidades de construção de relações inter-humanas mais solidárias, repletas de sentido e de afeto.

Referências:

ALLENDE, Isabel. **Contos de Eva Luna**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1991.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de Narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, São Paulo, v.31, n. spe, pp. 97-126, Aug. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300006&\(ng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300006&(ng=en&nrm=isso) Acesso em: 8 maio 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>.

BAUMAM, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985a. Cap. 10, pp. 114-119 (obra original de 1933).

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985b. Cap. 14, pp. 198-221 (obra original de 1936).

BITTENCOURT, Ana Maria de Lemos. Brincar e área de ilusão. *In*: PODKAMENI, Angela; GUIMARÃES, Marcos Antônio Chagas. **Winnicott 100 anos de um analista criativo**. Rio de Janeiro: NAU, 1997. Cap. 11, pp. 105-114.

BLEGER, Jose. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOAVENTURA, Edvaldo M. **Metodologia da pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2004. Cap. 4, pp. 55-59.

BOFF, Leonardo. **O despertar da Águia: O Dia-bólico e o Sim-bólico na Construção da Realidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOLLAS, Christopher, **Forças do destino: psicanálise e idioma humano**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

BOLLAS, Christopher. Consciência Generacional. *In*: BOLLAS, Christopher. **Sendo um personagem**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1998.

BOLLAS, Christopher. A arquitetura e o inconsciente. *In*: **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol III, n.1. São Paulo: Ed. Escura, mar. 2000. pp 21-46.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (obra original em 1979).

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Memorial Acadêmico**. Texto apresentado para o ingresso no pós-doutorado. São Paulo, 2015.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Ambiente e educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 01-17, 2008a. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_1/art7vera.pdf Acesso em: 15 set. 2016.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da memória: Quem Sou?** São Paulo: Paulus, 2008b.

BRASIL. Estatuto do idoso. Brasília, Out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm Acesso em: 21/03/2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2004.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasil: Ministério de Educação e Cultura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&itemid=1107 Acesso em: 15 set. 2016.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Revista Kairós**, São Paulo, pp. 80-82, 11 jun. 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewfile/2512/1597> Acesso em: 01/03/2016.

CAMPOS, Ronny Francy; PEREIRA, Sibélius Cefas; GOTO, Tommy Akira. Curso de Psicologia da PUC Minas em Poços de Caldas (concepção e organização). *In: Revista comemorativa dos 50 anos do Instituto de Psicologia*, pp. 103-110, abr. 2009.

CARVALHO, Fabiola Gomide Baquero; SÍVERES, Luiz. A dinâmica Motivacional no processo de aprendizagem na extensão Universitária. *In: SILVERES, Luiz (org). A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber Livro, 2013. pp- 37-58.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. *In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (orgs). Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 14, pp. 182-190.

CERVINI, Esther, A casa-ambiente. Anotações sobre arquitetura e psicanálise de Winnicott. *In: Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol I, n.3. São Paulo: Ed. Escura, set. 1988. Pp. 21-46.

CÔRTE, Beltrina.; FERRIGNO, José Carlos; BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Programas Intergeracionais: Estímulo à integração do idoso às demais gerações. *In: FREITAS, Elizabeth Viana de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. E-book, Cap. 146, pp. 3399- 3639.

COSTA, José Junio Souza da. A educação segundo Paulo Freire: Uma primeira análise filosófica. **Theoria** - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. v. VII, n. 18, Ano 2015, pp. 72- 88. <http://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>

CRUZ, Breno de Paula Andrade; MELO, Willian dos Santos; MALAFAIA, Fernando César Benevenuto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Extensão universitária e responsabilidade social: 20 anos de experiência de uma Instituição de Ensino Superior **Revista de Gestão Social e Ambiental** - RGSA, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 03-16, set./dez. 2011.

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2010 (original foi publicado em 1996).

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1989.

DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. número 61 (82), 5/mai/2016, p. 76.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

ELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 32, n. 2, pp. 359-371, Ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022006000200011&lng=en&nrm=iso Acesso em: 17 Jun. 2019. ERIKSON, Erik Homburger. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, pp. 153-174, Dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982005000200001&lng=en&nrm=iso Acesso em: 18 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>.

FERRIGNO, José Carlos. Programas intergeracionais no Brasil. **Revista - A terceira idade**, São Paulo, v. 22, n. 50, pp. 74-91, mar. 2011. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/422_SEMINARIO+ENCONTRO+DE+GERACOES#/tagcloud=lista Acesso em: 17 nov. 2017.

FERRIGNO, José Carlos. O relacionamento entre as gerações na sociedade contemporânea. **Revista Portal de Divulgação**, n. 28, 2012, pp. 3-7. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/issue/view/31/showToc> Acesso em: 27 fev. 2017.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Brasília: MEC/SESu, 2006. Disponível em: https://www.unifalmg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_4_indissociabilidade.pdf. Acesso em: 22/06/2018.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. Coleção universitária v. 1.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária, 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf> Acesso em: 20 set. 2016.

FRANÇA; Lucia Helena de Freitas Pinho; SILVA, Alcina Maria Testa Braz; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, p. 521-527, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232010000300017&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 10 mar. 2018.

FRANK, Jean; LANDEIRA-FERNANDEZ, Jesus. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, pp.35-47, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652006000100004&lng=en&nrm=isso Acesso em: 27 fev. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. pp.77-95.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002 (original publicado em 1996).

FREUD, Sigmund S. A dinâmica da transferência (J. O. A. Abreu, trad.). In J. Salomão (org.), **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**, v. XII, Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1912), 1980. pp. 131-143.

FREUD, Sigmund S. Recordar, repetir e elaborar (J. O. A. Abreu, trad.). In J. Salomão (org.), **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**, v. XII, Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1914), 1980. pp. 191-203.

FREUD, Sigmund S. Sobre a Transitoriedade (J. O. A. Abreu, trad.). In J. Salomão (org.), **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1916[1915]), 1980. pp. 345-348.

FRIZZO, Kátia R. A investigação-ação-participante. In: SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo (org.). **Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010, Cap. XX, pp. 155-168.

GAGNEBIN, Jeane Marie. Não contar mais? In: **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. pp.55-72.

GAUER, Gustavo; GOMES, William Barbosa. Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 4, pp. 507-514, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722008000400014&lng=en&nrm=iso Acesso em: 27 fev. 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREEN, André. Enquadre-Processo-Transferência. *In*: GREEN, André. Orientações para uma Psicanálise Contemporânea. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP, Depto. de Publicações, 2008. Cap. 3. pp 53-64.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Ed. Centauro, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> Acesso em: 20 set. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO DA TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2016**. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior> Acesso em: 04 de março de 2018.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, pp. 115-138, Jun. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982003000100007&lng=en&nrm=iso Acesso em: 20 set. 2019.

IZQUIERDO, Ivan. Questões sobre memória. 2. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. As dimensões formadoras da escrita da narrativa de vida: da estranheza do outro à estranheza de si. *In*: **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002, pp.130-146.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócios-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. *In*: Souza, Elizeu Clementino de; Abrahão, Maria Helena Menna Barreto. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. pp. 21-39.

KALACHE, Alexandre. Respondendo à revolução da longevidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 19, n. 8, 2014.

KALACHE, Alexandre. **O Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade** / Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2015.

LAPLANCHE, Jean. Psicanálise extramuros. *In*: LAPLANCHE, Jean. Novos fundamentos para a psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp.11-12.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salete. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**. v. 18, n. 1, jan./jun. 2009. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/> Acesso em: 22/03/2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda.; CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. **Revista Educ. Públ.** Cuiabá, 2012, v. 21, n. 47, pp. 663-667. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/1766/1329> Acesso em: 28/03/2016.

MARRICHI, Jussara. **A cidade Termal: Ciência das Águas e Sociabilidade Moderna entre 1839 e 1931**. São Paulo: Annablume, 2015.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lurdes Martins. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. **Revista Millenium**, v.29, pp.249-254, jun. 2004.

MENEZES, Vitor. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. *In*: **Revista Intratextos**, 2014, v. 6, n. 1, pp. 68-81.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, SOUZA, Ednilsa Ramos de, CONSTANTINO, Patrícia, SANTOS, Nilton César dos. Métodos, técnicas e relações em triangulação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Ednilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, pp.71-105.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A Alteridade como experiência originária: o desamparo. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 36, pp. 107-123, 2004. pp. 07-123.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de

promoção da saúde. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 4, pp. 608-621, Dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400004&lng=en&nrm=iso Acesso em: 17 nov. 2019.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; OLIVEIRA, Nathiële Araujo; COSTA, Ethyene Andrade. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, pp. 119-142, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200007&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 17 nov. 2019.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico em pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.

NAÇÕES UNIDAS. **Informe da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento**. Nova York: Nações Unidas, 2002.

NEIVA, Kathia Maria Costa. O que é intervenção psicossocial? *In*: NEIVA, Kathia Maria Costa. **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. São Paulo: Vetor, 2010. Cap. 01, pp.13-24

NETTO, Matheus Papaléo. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição de campo e termos básicos. *In*: FREITAS, Elizabete Viana *et al.* (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: GUANABARA KOOGAN, 2002.

NOVAES, Maria Helena. **As Gerações e suas lições de vida: aprender em tempo do viver**. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Salles. **Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf Acesso em: 25 fev. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: OMS, 2015. Recuperado de <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> Acesso em: 14 mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Plano de Ação Internacional para o envelhecimento**. Madrid 2002; Brasília: Secretaria dos direitos Humanos, 2003.

PASSAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço. **Uberlândia- MG**. v. 4, n. 4, junho 2002. pp 23-35.

PASSEGI, Maria da Conceição; A Formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO,

Maria Helena Menna Barreto. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. pp. 203-218.

PASSEGI, Maria da Conceição. Memoriais Auto-Bio-Gráficos: A arte profissional de tecer uma figura pública de si. *In*: PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). **Memórias, Memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGI, Maria da Conceição; CUNHA, Luciana Medeiros da. Narrativas autobiográficas: a imersão no processo de autoria. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGI, Maria da Conceição. (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: questões de ensino e formação. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013. pp.43-57.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces. Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, pp. 05-23, jul./nov. 2013.

PETIT, Michèle. **A arte de ler** - ou como resistir à adversidade. São Paulo: 34, 2009.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. A orientação clínica como questão de método à psicologia, psicanálise e educação. *In*: PEREIRA, Marcelo Ricardo. (org.). **A psicanálise escuta a educação**: 10 anos depois. Belo Horizonte: FinoTraço/FAPEMIG, 2012.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (orgs.). **Tempos, Narrativas e Ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006. pp. 41-59.

PINK, Mary Jane P. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, pp. 7-14, Abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=en&nrm=iso Acesso em: 20 set. 2019.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1992.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Política de extensão da PUC Minas**. Belo Horizonte, Brasil, 2006.

POZZER, Carlos Eduardo. **Poços de Caldas**: a construção da paisagem urbana. Dissertação de mestrado, Campinas: FAU, PUCCAMP, 2001.

PROCHET, Neyza. **O Jogo do Rabisco**: um espaço compartilhado reflexões sobre a contribuição de Winnicott ao diagnóstico psicológico. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: Brasil, 1993.

PROCHET, Neyza. **Tempo de Criação**: Perspectivas Temporais na Clínica Winnicottiana. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2000.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Revista Educ. Soc. Campinas**, 2011, v. 32, n. 114, pp. 171-188. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 mar. 2016.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Barra Funda. São Paulo: as transformações na vida das crianças e na cidade - um estudo de caso. *In: GUNTHER, Hartmut. et al. Psicologia Ambiental*. Entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Alínea, 2004. Cap. 3.

RIBEIRO, Antônio Pedro Freire. **Imagens da velhice em profissionais que trabalham com idosos**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Portugal, 2007. p. 197.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Costa. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social, **Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária**. Brasília, v.15, n.1, jul, 2011. pp. 81-88.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Nova Fronteira: São Paulo, 2005.

ROSA, Mirian Debieux, DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Revista Psicologia & Sociedade**. 22 (1): 180-188, 2010.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. pp. 49-75.

SAFRA, Gilberto. Introdução. *In: SAFRA, Gilberto. A face estética do Self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999a. pp.13-30.

SAFRA, Gilberto. Da ação ao gesto. *In: SAFRA, Gilberto. A face estética do Self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999b. pp.91-106.

SALES, Mara Marçal; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; CARVALHO, Mauro Lucio Henrique de. Histórias da Vida: notas sobre o método narrativo e a história de vida. *In: GONÇALVES, Betânia Diniz; FIOR, Camila Alves; OLIVEIRA, Vilmar Pereira de. (orgs.). A Pergunta e os Métodos: percursos metodológicos em Psicologia*. Curitiba: CRV, 2019. pp. 101-118.

SÁNCHEZ, Mariano.; DÍAZ, Pilar. Los programas intergeneracionales. *In: PINAZO, Sacramento, SÁNCHEZ, Mariano (dirs.), Gerontología: innovación, actualización y propuestas*. Madrid: Prentice-Hall, 2005, pp. 393-430.

SILVERES, Luiz (org.). **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

SIMONEAU, Adriana; OLIVEIRA, Denize Cristina de. Programa universitário para pessoas idosas: a estrutura da representação social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 63, n. 1, 2011, pp. 11-21.

SOARES, Luciana Loyola Madeira; VERÍSSIMO, Luiz José. A formação do aluno de graduação em Psicologia pela pedagogia de Paulo Freire. **Psicologia Ciência e Profissão**, 30 (3), 2010, pp. 588-603.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. pp.135-147.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosangela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, pp. 119-126, 2003. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf> Acesso em: 10 de mar. 2016.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Ver. Saúde Pública**, v. 43, n. 3, 2009, pp. 548-54. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/RPS/v43n3/224.pdf> Acesso em: 09 de Fev. 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, Donald Woods. Desenvolvimento emocional primitivo. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 1945/2000a. Cap. 12, pp. 218-232.

WINNICOTT, Donald Woods. Objetos e fenômenos transicionais. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 1951/2000b. Cap. 18, pp. 316-331.

WINNICOTT, Donald Woods. A teoria do relacionamento paterno-infantil. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1960/1983. Cap. 3, pp. 38-54.

WINNICOTT, Donald Woods. Objetos e fenômenos transicionais. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1975a. Cap. 1, pp. 13-44.

WINNICOTT, Donald Woods. A criatividade e suas origens. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b, pp. 95-120.

WINNICOTT, D. A localização da Experiência Cultural. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975c, pp. 145-152.

WINNICOTT, Donald Woods. O lugar em que vivemos. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975d, pp. 145-152.

WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987/1994.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988/1990.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Idosos)**PUC Minas**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do trabalho: **Projeto Intergeracional “Sacudindo a memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações.**

N. registro PROEX: 2016/10888–1S.

Prezado(a) Senhor(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de um projeto cultural de extensão universitária, com o objetivo de promover a quebra de estereótipos sobre o processo de envelhecimento, a valorização da memória social e cultural do idoso, além das possíveis contribuições dessas pessoas para a história de crescimento e desenvolvimento geográfico e cultural da cidade de Poços de Caldas, em suas respectivas áreas de atuação.

O projeto será conduzido pela Profa. Kátia Maria Pacheco Saraiva, da referida universidade. A participação no projeto consistirá em conversas e gravações de imagem e áudio de entrevistas que serão destinadas a um vídeo-documentário. Vale ressaltar que a participação é voluntária. Afirma-se que o(a) senhor(a) não terá gasto e também não receberá pagamento por participar deste projeto.

A participação neste projeto é muito importante. Você tem o direito de não querer participar ou retirar o consentimento para a participação a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito em qualquer instituição.

Você receberá uma cópia deste termo no qual consta o telefone e o endereço do professor responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. (Professora responsável: Kátia Maria Pacheco Saraiva. Endereço: Avenida Padre Francis Cletus Cox, 1661. Poços de Caldas/MG. Telefone: (35) 37299288).

Poços de Caldas, _____ de _____ de 2016.

Declaro que li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar. Declaro que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo a qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar desse projeto.

Nome do participante (Letra de forma).

 - ___/___/___.

Assinatura do participante ou responsável legal e data.

 - ___/___/___.

Assinatura do pesquisador e data.

Obrigado por merecer sua atenção!

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Extensionistas)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do trabalho: **Projeto Intergeracional “Sacudindo a memória”: recontando histórias, ressignificando memórias e aproximando gerações.**

N. registro PROEX: 2016/10888–1S.

Prezado(a) Senhor(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de um projeto de extensão e pesquisa com o objetivo de promover a quebra de estereótipos sobre o processo de envelhecimento, a valorização da memória social e cultural do idoso, além das possíveis contribuições dessas pessoas para a história de crescimento e desenvolvimento geográfico e cultural da cidade em suas respectivas áreas de atuação.

O projeto de extensão e pesquisa será conduzido pela Profa. Kátia Maria Pacheco Saraiva, da referida universidade. A sua participação no projeto consistirá em estar presente nos encontros com os idosos e relatar sua experiência no projeto, que poderá ser filmada e destinada à realização de um vídeo-documentário. Vale ressaltar que a sua participação é voluntária e sigilosa.

Ressalta-se que o(a) senhor(a) não terá gasto e também não receberá pagamento por participar deste projeto de extensão e de pesquisa. Por sua vez, as informações obtidas nesse estudo são confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa.

A participação neste estudo é muito importante. Você tem o direito de não querer participar ou retirar o consentimento para a participação a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício ou cuidados a que tenha direito em qualquer instituição.

Você receberá uma cópia deste termo no qual consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. (Pesquisador responsável: Kátia Maria Pacheco Saraiva. Endereço: Avenida Padre Francis Cletus Cox, 1661. Poços de Caldas/MG. Telefone: (35) 37299288).

Poços de Caldas, 16 de abril de 2016.

Declaro que li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo a qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar desse projeto e estudo e ter os resultados obtidos utilizados com fins didáticos e de pesquisa.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, Kátia Maria Pacheco Saraiva, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data